

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**HIGIENE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL: o sujo e o limpo na
percepção de futuros professores de Ciências.**

Autora: Mercia Helena Sacramento

Brasília, 2009

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**HIGIENE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL: o sujo e o limpo na
percepção de futuros professores de Ciências.**

Autora: Mercia Helena Sacramento

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor.

Brasília, 11 de dezembro de 2009

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

HIGIENE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL:
o sujo e o limpo na percepção de futuros professores de ciências

Autora: Mercia Helena Sacramento

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Helena da Silva Carneiro

Banca: Prof^a. Dra. Elizabeth Tunes.....(UnB)
Prof^a. Dra. Angela Maria de Oliveira Almeida.....(UnB)
Prof^a. Dra. Carmen Jansen de Cárdenas(UCB)
Prof^a. Dra. Simoni Campos Dias.....(UCB)
Prof^a. Dra. Maria Liz Cunha de Oliveira.....(UCB)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração de professores, familiares, colegas e amigos. Dentre todos cabe agradecer, em especial:

- À Prof^a. Dra. Maria Helena da Silva Carneiro, orientadora e amiga, pelo seu apoio, incentivo, dedicação intensiva, paciência e confiança no acompanhamento deste trabalho;
- À Prof^a. Dra. Elizabeth Tunes, professora e amiga, pelo apoio e contribuição ao longo do desenvolvimento deste trabalho;
- À Prof^a. Dra. Angela Maria de Oliveira Almeida, brilhante professora, por seu exemplo de perseverança, pelo apoio demonstrado no convívio acadêmico e pelo suporte técnico fornecido durante as suas aulas;
- À Prof^a. Dra. Carmen Jansen de Cárdenas, amiga que admiro, pelo modelo de competência e esperança, tantas vezes demonstrado nas conversas e trocas de idéias que tivemos;
- À Prof^a. Dra. Simoni Campos Dias, amiga de todas as horas, pelas oportunidades de crescimento e pela confiança no trabalho desta autora como colaboradora e professora;
- À Prof^a. Dra. Maria Liz Cunha de Oliveira, pelas contribuições dadas na defesa deste trabalho;
- À M.Sc Weranice Mendes Brasil, amiga que admiro, pelas contribuições dadas e apoio constante, na vida profissional e neste trabalho;
- Ao meu esposo, Aristeu Sacramento, por ter incentivado e colaborado, continuamente, para o meu crescimento pessoal e profissional;
- Aos meus filhos, Aristeu, Angela e Adriana, aos meus genros, Cristiano e Jonatan, à minha nora Renata, pelo amor e entusiasmo demonstrado em cada etapa vencida nesta minha jornada;
- Aos meus netos, Leonardo, Lorena, Rafael e Gustavo (que ainda não nasceu, mas já é muito amado), na presença dos quais as emoções mais lindas afloram, provando que valeu a pena ter vivido.
- À minha mãe Zuleika Ferreira Miguel, a meus irmãos e, principalmente a meu tio Milton Martins Ferreira, que me incentivou e demonstrou extrema alegria quando iniciei o doutorado.

A todos, o meu muito obrigada!

DEDICATÓRIA

*"Naquela mesa ele sentava sempre,
e me dizia sempre o que é viver melhor.
Naquela mesa ele contava histórias,
que hoje na memória eu guardo e sei de cor.
Naquela mesa ele juntava gente
e contava contente o que fez de manhã...
E nos seus olhos era tanto brilho,
que mais que seu filho eu fiquei seu fã.
Eu não sabia, que doía tanto,
uma mesa num canto, uma casa e um jardim.
Se eu soubesse o quanto dói a vida,
esta dor tão doída não doía assim...
.....
Naquela mesa está faltando ele
e a saudade dele está doendo em mim."
(Trecho da música "Naquela Mesa" de Sérgio Bittencourt)*

Dedico este trabalho a meu pai, Jorge Miguel (*in memoriam*), sempre amado e inesquecível que, com amor, dedicação e carinho, colaborou, e muito, com a educação de seus filhos.

A vitória hoje alcançada merece ser compartilhada com aquele que me deixou como legado a esperança, o amor e a solidariedade.

Sua filha e eternamente amiga,

Mercia Helena

*" Eu imagino Deus como a fonte de toda a energia,
que criou e mantém o equilíbrio do Universo.*

*Vejo Deus na flor e na abelha que lhe
suga o néctar para produzir o mel,
no pássaro que devora a abelha,
no homem que devora o pássaro e
no verme que devora o homem.*

*Eu vejo Deus em cada estrela do céu,
nas minhas noites, nas pousadas.*

*E nos olhos tristes de cada boi,
ruminando na invernada...*

*Só não consigo ver Deus,
no homem que devora o homem,
por isso acho que ainda tenho muito
o que aprender nesses caminhos da vida..."*

(palavras de um peão boiadeiro)

A esse Deus descrito acima, nas palavras simples de um peão boiadeiro, agradeço por estar viva, pois é a vida que impulsiona os sonhos e nos dá força para realizá-los.

RESUMO

O presente trabalho busca contribuir para a discussão de questões relacionadas às representações sociais da higiene corporal, construídas por estudantes do início e do final de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, bem como verificar quais são as suas percepções sobre o sujo, o limpo e o corpo. O referencial teórico utilizado foi a Teoria das Representações Sociais de Moscovici e a abordagem estrutural de Abric. A pesquisa foi realizada em duas etapas: na primeira, com quarenta e nove iniciantes e cinquenta e oito concluintes do curso e, na segunda etapa, com dezesseis iniciantes e dezesseis concluintes. O instrumento de pesquisa utilizado na primeira etapa da pesquisa foi o questionário, contendo a técnica da associação livre de palavras e questões abertas. Na segunda etapa foi utilizada a técnica da triagem hierárquica sucessiva. Após a tabulação dos dados e a análise dos resultados, verificou-se que tanto os iniciantes, quanto os concluintes têm um campo de representação que contém, praticamente, os mesmos atributos, mas estes se organizam de maneira diferente. Os resultados demonstram que há uma relação entre a higiene corporal e as percepções sensoriais dos estudantes, com destaque para a visão e o olfato. Outra constatação foi que a percepção de sujo e de limpo está vinculada aos cuidados com o corpo, ou seja, com aquilo que é visto ou sentido por eles ou pelos outros. Ao final da pesquisa concluiu-se que as representações sociais da higiene corporal, do sujo e do limpo, sofrem transformações ao longo do curso de licenciatura.

Palavras – chaves: representação social, higiene corporal, sujo, limpo

ABSTRACT

This study aims to discuss issues related to social representations of bodily hygiene, built by students at the beginning and the end of a degree course in Biological Sciences, and to discover what are their perceptions about the dirty, the clean and the body. The theoretical framework was the Theory of Social Representations of Moscovici and structural approach of Abric. The survey was conducted in two phases: first, with forty-nine starters and fifty-eight graduates of the course and the second stage, beginning with sixteen and sixteen graduates. The survey instrument used in the first stage of the research was a questionnaire containing the technique of free association of words and open questions. In the second step we used the technique of successive hierarchical sorting. The analyses of the data showed that both beginners, as the graduates have a field of representation that contains virtually the same attributes, but these are organized differently. The results show that there is a relationship between the hygienic and sensory perceptions of students, especially sight and smell. Another finding was that the perception of the dirty and the clean is tied with the cares with the body, that is, with what it is seen or felt by them or the others. To the end of the research one concluded that the social representations of the corporal hygiene, from the dirty and the clean, suffer transformations throughout the degree course.

Words - words: social representation, hygiene, dirty, clean

RESUMÉ

Cette étude vise examiner les questions liées à les représentations sociales de l'hygiène corporelle, construit par les étudiants d'un cours de formation de professeur de biologie, et de découvrir quelles sont leurs perceptions le propre et le sale. Les données ont été interprété avec l'aide de la théorie des représentations sociales de Moscovici et de l'approche structurelle de proposé par Abric. L'enquête a été menée en deux phases: d'abord, avec quarante-neuf étudiants qui était au début du cours de biologie et cinquante-huit em phase final de formation. L'instrument utilisé dans la première étape de la recherche était un questionnaire portant sur la technique de l'association libre des mots et des questions ouvertes. Dans la seconde étape, nous avons utilisé la technique de Tri-teste. L'analyse des résultats a montré que tant les étudiants débutants comme les étudiants en phase finale de cours ont un champ de représentation qui sont pratiquement les mêmes, mais celles-ci sont organisés différemment. Les résultats montrent qu'il existe une relation entre les perceptions de l'hygiène et l'aspect sensorielles, en particulier la vision et l'odorat. Une autre constatation est que la perception du sale et du propre est en relation aux soins du corps, c'est à dire, avec les aspects visible où senti par eux ou par les autres. À la fin de l'étude ont peut conclure qu'il a eu des transformation dans les représentations sociales de l'hygiène, et propreté.

Mots - des mots: la représentation sociale, hygiène, sale, propreté.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura e organização da representação social da HIGIENE CORPORAL, na opinião de 16 estudantes do Grupo I que participaram do Tri – teste.....	170
Figura 2 – Estrutura e organização da representação social da HIGIENE CORPORAL, na opinião de 16 estudantes do Grupo C que participaram do Tri – teste.	171
Figura 3 – Estrutura e organização da representação social de SUJO, na opinião de 16 estudantes do Grupo I que participaram do Tri – teste.	179
Figura 4 – Estrutura e organização da representação social de SUJO, na opinião de 16 estudantes do Grupo C que participaram do Tri – teste.	180
Figura 5 – Estrutura e organização da representação social de LIMPO, na opinião de 16 estudantes do Grupo I que participaram do Tri – teste.	188
Figura 6 – Estrutura e organização da representação social de LIMPO, na opinião de 16 estudantes do Grupo C que participaram do Tri – teste.	189

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 –	Planilha para coleta de dados sobre a higiene corporal – Grupo I	79
QUADRO 2 –	Perfil dos estudantes iniciantes do curso de licenciatura em ciências biológicas. (Grupo I)	83
QUADRO 3 –	Perfil dos estudantes iniciantes do curso de licenciatura em ciências biológicas. (Grupo C).....	84
QUADRO 4 –	Indicação dos atributos de “Higiene Corporal” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo I (iniciantes).....	86
QUADRO 5 –	Categorização dos atributos de “higiene corporal” apontados estudantes do Grupo I (iniciantes).	89
QUADRO 6 –	Palavra que mais representa a higiene corporal na percepção dos estudantes do Grupo I (iniciantes).....	90
QUADRO 7 –	Indicação dos atributos de “Higiene Corporal” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo C (concluintes).	95
QUADRO 8 –	Categorização dos atributos de “higiene corporal” apontados estudantes do Grupo C. (concluintes).....	97
QUADRO 9 –	Palavra que mais representa a higiene corporal na percepção dos estudantes do Grupo C. (concluintes).	98
QUADRO 10 –	Indicação dos atributos de “Sujo ” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo I. (iniciantes)	110
QUADRO 11 –	Categorização dos atributos de “Sujo” apontados estudantes do Grupo I. (iniciantes)	113
QUADRO 12–	Palavra que mais representa o sujo na percepção dos estudantes do Grupo I. (iniciantes).....	115
QUADRO 13 –	Indicação dos atributos de “Sujo ” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo C. (concluintes).....	119
QUADRO 14 –	Categorização dos atributos de “Sujo” apontados estudantes do Grupo C. (concluintes).....	123
QUADRO 15–	Palavra que mais representa o sujo na percepção dos estudantes do Grupo C. (concluintes).	125
QUADRO 16 –	Indicação dos atributos de “Limpo” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo I. (iniciantes)	137
QUADRO 17 –	Categorização dos atributos de “Limpo” apontados estudantes do Grupo I. (iniciantes)	140
QUADRO 18 –	Palavra que mais representa o limpo na percepção dos estudantes do Grupo I. (iniciantes).....	142
QUADRO 19 –	Indicação dos atributos de “Limpo ” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo C. (concluintes).....	146
QUADRO 20 –	Categorização dos atributos de “Limpo” apontados estudantes do Grupo C. (concluintes).....	149

QUADRO 21 – Palavra que mais representa o limpo na percepção dos estudantes do Grupo C. (concluintes).	151
QUADRO 22 - Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “higiene corporal”, de acordo com estudantes do grupo I.(iniciantes)	161
QUADRO 23 - Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “higiene corporal”, de acordo com estudantes do grupo C.(concluintes)	162
QUADRO 24 - Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “sujo”, de acordo com estudantes do grupo I. (iniciantes)	162
QUADRO 25 - Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “sujo”, de acordo com estudantes do grupo C. (concluintes).....	162
QUADRO 26 - Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “limpo”, de acordo com estudantes do grupo I. (iniciantes)	163
QUADRO 27 - Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “limpo”, de acordo com estudantes do grupo C. (concluintes)....	163
QUADRO 28 - Atributos de higiene corporal, segundo estudantes do Grupo I (iniciantes), em freqüência simples e porcentagens.	164
QUADRO 29 - Atributos de higiene corporal, segundo estudantes do Grupo C (concluintes), em freqüência simples e porcentagens.....	166
QUADRO 30 - Quadro comparativo dos atributos mais destacados pelos estudantes dos Grupo I (iniciantes) e C (concluintes) para higiene corporal, obtidos no Tri-teste.	169
QUADRO 31 - Atributos de sujo, segundo estudantes do Grupo I (iniciantes), em freqüência simples e porcentagens.	173
QUADRO 32 - Atributos de sujo, segundo estudantes do Grupo C (concluintes), em freqüência simples e porcentagens.	175
QUADRO 33 - Quadro comparativo dos atributos mais destacados pelos estudantes dos Grupo I (iniciantes) e C (concluintes) para sujo, obtidos no Tri-teste.....	178
QUADRO 34 - Atributos de limpo, segundo estudantes do Grupo I (iniciantes), em freqüência simples e porcentagens.	182
QUADRO 35 - Atributos de limpo, segundo estudantes do Grupo C (concluintes), em freqüência simples e porcentagens.	185
QUADRO 36 - Quadro comparativo dos atributos mais destacados pelos estudantes dos Grupo I (iniciantes) e C (concluintes) para limpo, obtidos no Tri-teste.....	187

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Catadores de lixo	25
Ilustração 2: Morador de rua	26
Ilustração 3: Traje feminino do século XVI	51
Ilustração 4: Roupa de baixo do século XVIII	52
Ilustração 5: Escravos “tigres”	54
Ilustração 6: Festa com banheira	55
Ilustração 7: Cabelos empoados.....	57
Ilustração 8: Frascos de perfumes – Idade Média.....	58
Ilustração 9: Transtorno alimentar: anorexia	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	31
1.1 Origem e significado do conceito de Representação Social	31
1.2 Principais conceitos	37
1.3 As representações sociais na educação	42
1.4 Transformações das Representações Sociais	45
CAPÍTULO 2 – RESGATANDO O PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE	48
2.1 Um presente limpo com um passado sujo	48
2.1.1 A substituição da água pelo pó branco e pelo perfume	57
2.2 O corpo na história	64
2.2.1 A unicidade e a dicotomia corpo/alma	67
CAPÍTULO 3 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA	76
3.1 Explicitando os objetivos da pesquisa	76
3.2 Os instrumentos da pesquisa	76
3.3 Os participantes da pesquisa	80
3.4 Os procedimentos de análise da pesquisa	81
CAPÍTULO 4 – A HIGIENE E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL: RESULTADOS DA PESQUISA	82
4.1 1º ESTUDO	82
4.2 PERFIL DOS PARTICIPANTES	83
4.2.1 Perfil dos participantes do Grupo I (iniciantes)	83
4.2.2 Perfil dos participantes do Grupo C (concluintes)	84
4.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	85
4.3.1 Análise e discussão dos dados gerados a partir da aplicação do questionário	85
4.3.1.1 Bloco Temático: Higiene Corporal	86
4.3.1.1.1 Principais atributos para Higiene Corporal indicados pelos estudantes do Grupo I	86

4.3.1.1.2 Principais atributos para Higiene Corporal indicados pelos estudantes do Grupo C	94
4.3.1.1.3 Discussão dos Resultados – Grupo Temático: Higiene Corporal.....	102
4.3.1.2 Bloco Temático: Sujo	109
4.3.1.2.1 Principais atributos para Sujo indicados pelos estudantes do Grupo I.....	109
4.3.1.2.2 Principais atributos para Sujo indicados pelos estudantes do Grupo C	119
4.3.1.2.3 Discussão dos Resultados – Grupo Temático: Sujo.....	130
4.3.1.3 Bloco Temático: Limpo	136
4.3.1.3.1 Principais atributos para Limpo indicados pelos estudantes do Grupo I.....	136
4.3.1.3.2 Principais atributos para Limpo indicados pelos estudantes do Grupo C	145
4.3.1.3.3 Discussão dos Resultados – Grupo Temático: Limpo.....	155
4.4 2º ESTUDO: TRIAGEM HIERÁRQUICA SUCESSIVA.....	160
4.4.1 Identificando a estrutura e a organização da representação social da “higiene corporal”, “sujo” e “limpo” construídas por estudantes do curso de licenciatura em ciências biológicas.	160
4.4.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS – BLOCO TEMÁTICO HIGIENE CORPORAL	163
4.4.2.1 GRUPO I (iniciantes)	163
4.4.2.2 GRUPO C (concluintes)	165
4.4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: BLOCO TEMÁTICO: HIGIENE CORPORAL	168
4.4.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS Bloco Temático: Sujo.....	172
4.4.4.1 GRUPO I (iniciantes)	172
4.4.4.2 GRUPO C (concluintes)	175
4.4.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: Bloco Temático: Sujo	177
4.4.6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS – BLOCO TEMÁTICO LIMPO	181
4.4.6.1 GRUPO I (iniciantes)	181

4.4.6.2 GRUPO C (concluintes)	184
4.4.7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS – Bloco Temático: Limpo	187
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	191
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196
ANEXOS	203
ANEXO 1 – Questionário (1º estudo)	204
ANEXO 2 – Planilhas utilizadas no Tri-teste (2º estudo).....	207

INTRODUÇÃO

A escola existe tanto nas sociedades agrárias quanto nas megalópoles, nos regimes totalitários e nas democracias, nos bairros chiques e nas favelas e, apesar dos equipamentos desiguais, dos professores quase formados, dos alunos quase cooperativos, as semelhanças saltam aos olhos. (PERRENOUD, 2002: p.191)

A sociedade contemporânea, internacionalizada e com maiores facilidades de acesso aos meios de comunicação, ingressou no terceiro milênio com uma série de questionamentos a respeito do homem que ela está preparando para viver no século XXI. Isso tem exigido uma reflexão contínua quanto à existência humana, as novas formas de educação e uma redefinição dos conteúdos e estratégias a serem adotados nos cursos de graduação em geral e nos de licenciatura em particular. A educação, nesse contexto, procura expressar os anseios dessa sociedade, tanto nos aspectos cultural, filosófico, humanístico e histórico, quanto nos aspectos político, econômico e social. A escola, instrumento de sistematização da educação e uma das instâncias de transformação do conhecimento, busca refletir os ideais da comunidade onde está inserida, num determinado espaço de tempo.

Em uma sociedade em processo de rápidas e profundas mudanças é necessário a re-elaboração do ensinar e do aprender, adotando modelos diferentes dos conhecidos até agora. Ensinar e aprender, hoje, não se reduz a permanecer por certo tempo dentro de uma sala de aula com um professor ensinando e os alunos aprendendo (quando aprendem). Implica modificar o que se faz na sala de aula, organizando ações de pesquisa e comunicação que permitam aos professores e alunos continuarem aprendendo. A idéia central é ir, tanto professores quanto alunos, “para a universidade para ‘fazer’ conhecimento e nos educar” (DEMO, 2004, p. 36).

Para isso, é preciso perceber que as pessoas também aprendem se relacionando umas com as outras. Hoje estamos vivendo o nascimento de uma nova cultura. Uma cultura que nossas crianças e adolescentes vivem plenamente e que exige de nós uma

postura diferente diante das coisas, da realidade do outro. Uma postura dialógica, de convivência, de ser e estar com. O mundo hoje é um mundo de comunicação, de contatos, de relações constantes e, na maioria das vezes, novas. Temos, necessariamente, que nos entender, dialogar, negociar o tempo todo se quisermos compreender os outros e nos fazer entender.

A ampliação dos canais ou espaços de interação abre maiores possibilidades de efetivação dos relacionamentos e dos processos educacionais. Uma das marcas do nosso tempo é o grande desenvolvimento dos meios de comunicação. Tecnologias de comunicação associadas às de informação têm produzido novos espaços de aprendizagem e outras formas de interações. Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para a educação. E, sem dúvida, elas permitem ampliar o conceito de aula, de espaço, de tempo e de comunicação audiovisual. Elas nos ajudam a estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estarmos juntos e o estarmos conectados à distância. Mas, se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos encontrado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, sim, porém, não resolvem questões de fundo. Ensinar e aprender são os maiores desafios que enfrentamos em todas as épocas, mas particularmente agora, pressionados que estamos pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento.

É preciso caminhar para um processo de ensino e aprendizagem, que contemple todas as dimensões do ser humano. Para isso, precisamos de pessoas que possam integrar o sensorial, o racional, o emocional, a tecnologia e a ética. Que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão aprendendo. Educação deve rimar com criatividade, prazer, respeito e liberdade. Se interação e convivência são as condições sem as quais não acontece aprendizagem, o carinho e o respeito são as maneiras de se conviver, de estar presente, de acolher. Só quem convive é capaz de conhecer e marcar presença na vida do outro. Só quem estabelece uma relação de empatia e confiança com o outro e se mostra competente intelectual e emocionalmente consegue ser uma presença significativa para o outro.

Nessa sociedade em constante transformação, na qual o conhecimento se modifica rapidamente, é fundamental que a educação ao invés de objetivar a transmissão de conteúdos, que em pouco tempo se tornarão ultrapassados, preocupe-se em desenvolver a autonomia e habilidades no aprendiz. Habilidades como a criatividade, dinamismo, consciência crítica, expressão pessoal entre outros, darão condições ao estudante, não

apenas de acompanhar, mas de interferir na criação do conhecimento numa sociedade em acelerada transformação.

A experiência humana nos aponta que, diante de um desafio e na relação com os outros, aprendemos e nos desenvolvemos. Parece-nos que a cooperação e o desafio são elementos presentes no processo de aprendizagem e em nossa constituição enquanto seres humanos. Aprendemos quando o que conhecemos é problematizado por alguma situação. Então aprendemos a partir do que conhecemos e em busca do ainda não conhecido, já que o conhecido não consegue responder ao desafio colocado. O que nós conhecemos nos dá condições de conhecer mais, por vezes agregando simples aprendizagens e por vezes promovendo rupturas mais significativas com o que antes estruturava nosso pensamento.

A ideia deste estudo surgiu a partir da minha prática pedagógica. Como professora universitária há dezenove anos, atuando nos cursos de licenciatura com a disciplina Didática e no Curso de Ciências Biológicas com a disciplina Estágio Supervisionado e Prática de Ensino, tenho percebido que os alunos obtêm informações, mas não as transformam em conhecimento.

Também tenho observado, durante o estágio supervisionado, que os futuros professores continuam centrados na transmissão dos conhecimentos biológicos de forma dogmática, como se a produção do conhecimento científico não fosse um processo dinâmico, sem nenhuma contextualização histórica ou social. Ao se depararem, por exemplo, com temas controversos da Biologia, como evolução, o uso de células troncos, aspectos relativos à saúde, entre outros, os licenciandos limitam-se aos princípios, conceitos e procedimentos, ou seja, fazem uso de um discurso científico hermético, sem nenhuma discussão dos aspectos sociais do tema.

O estudo do corpo humano, por exemplo, como já foi amplamente discutido por vários autores (Aragão, Schnetzler, Cerri, 2000; Talamoni, Bertolli Filho, 2005; Souza, Camargo, 2009 e tantos outros) é feito de forma fragmentada desde a Educação Infantil até a Universidade. O ensino centrado na “dissecção didática” do corpo humano em sistemas, órgãos, tecidos e células, sem discutir com os alunos as interações entre as partes que formam o todo – corpo humano – e deste com o meio ambiente, privilegia a memorização das informações científicas, mas não garante a compreensão dos fenômenos biológicos que ocorrem no corpo. Não se trata, aqui, de desvalorizar a dimensão biológica do corpo, mas associá-la às outras dimensões.

Morriau (1977, p. 137) nos lembra que o homem estudado não pensa, não reflete, não é animado por sentimentos. É um ser frio, mecânico, submetido às leis

biológicas, que só possui a história biológica. Ao reduzir o estudo do corpo apenas a sua dimensão biológica, o ensino se dissocia da sua dimensão cultural. Acrescentamos ainda que se trata, também, de um corpo sexuado e situado no tempo e no espaço.

Como possibilitar “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” – artigo 35, item III, da LDBEN/96 – se não é dado ao aluno a oportunidade de analisar e posicionar-se diante das mesmas? Essa forma de ensinar não estaria, por exemplo, principalmente no caso do estudo dos aspectos relativos à higiene do corpo, induzindo o aluno a uma aceitação tácita de certos padrões de “comportamento” estabelecidos pela sociedade e pela ciência?

Esta concepção de ensino de biologia tem algumas implicações: primeiro, reforça uma concepção de ciência, bastante difundida entre os alunos, de que a produção do conhecimento científico é resultado do trabalho de alguns indivíduos iluminados e que, ao realizarem o seu trabalho, não sofrem nenhuma influência do contexto sócio-político e econômico da época; passa uma ideia do fazer científico que não corresponde à realidade, pode consolidar a supervalorização do conhecimento científico em detrimento dos outros saberes. Finalmente, esta forma de ensinar distancia-se de um dos principais objetivos do ensino de biologia, que é o “uso” do conhecimento como instrumento de reflexão.

Os futuros professores, ao se depararem com temas relacionados à higiene, seja ela corporal, ambiental ou coletiva, tendem a dar ênfase às normas de higiene estabelecidas pela sociedade, sem questionamentos, e também não estabelecem relações entre higiene e saúde (individual ou coletiva). Estas normas são simplesmente apresentadas aos alunos sem nenhuma discussão, por exemplo: “lavar as mãos antes do lanche”, “escovar os dentes após as refeições”, “lavar as mãos após usar o banheiro”, “tomar banho todos os dias”, entre outras. Essas normas, ainda hoje presentes no discurso do professor e nos livros didáticos, centra-se no indivíduo, como se ele fosse responsável pelas prováveis doenças que possa afetá-lo.

O futuro professor esquece, por exemplo, que a própria escola não oferece as mínimas condições para que essas referidas normas sejam praticadas. Nas escolas públicas de Ensino Fundamental do DF, o lanche é servido em sala de aula e os alunos não são autorizados a ir lavar as mãos antes dessa refeição. Isso porque, se cada professor permitisse a saída de seus alunos, geraria tumulto no pátio da escola, visto que

não haveria espaço suficiente para que todos os alunos do turno lavassem suas mãos ao mesmo tempo. Não se trata, aí, de uma contradição?

O Curso de Ciências Biológicas da Universidade em questão possui atualmente duas habilitações: licenciatura e bacharelado, sendo que os alunos podem optar pela dupla habilitação e a maioria deles o faz. A duração do curso é de sete semestres para a habilitação simples ou oito semestres para a dupla habilitação.

O Projeto Pedagógico do curso (2008, p. 23) traz como um dos seus princípios, que

(...) a aprendizagem não é um produto, mas um processo que requer e estimula capacidades amplas e integradas como: refletir, analisar, interpretar, comparar, criar, argumentar, concluir, processar, questionar, solucionar, etc. Portanto ao exigir que se vá além do decorar e repetir, a aprendizagem impõe a necessidade de estimular e desenvolver a “arte do pensar, do sentir e do agir” que é a partir dela que se constrói o saber e se aprende o que fazer com as informações.

Portanto, o próprio Projeto Pedagógico do curso estabelece a perspectiva de formação de um aluno crítico, cuja aprendizagem seja capaz de modificar as suas concepções iniciais, por meio da aquisição de novos conhecimentos e também que ele aprenda a utilizá-los em situações do cotidiano.

O licenciando em Ciências Biológicas, ao se formar, estará apto para lecionar a disciplina Ciências nas séries finais do Ensino Fundamental e a disciplina Biologia no Ensino Médio. Com isso, a faixa etária dos estudantes com os quais ele vai atuar varia entre, aproximadamente, 10 e 19 anos, no ensino regular.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN¹, embora não obrigatórios, trazem orientações para o desenvolvimento do trabalho pedagógico dos professores em sala de aula e indicam, como um dos objetivos para o Ensino Fundamental, que o aluno seja capaz de “Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva” (p. 7). Trazem também como sugestão de conteúdo para o 2º ciclo do Ensino Fundamental o “estabelecimento de relações entre a falta de higiene pessoal e ambiental e a aquisição de doenças: contágio por vermes e

¹Os PCN foram elaborados por educadores e publicados pelo Ministério da Educação – MEC em 1997 com a intenção de “ampliar e aprofundar um debate educacional que envolva escolas, pais, governos e sociedade e dê origem a uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro.” (p. 5). Com os PCN “pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania” (p. 5).

microrganismos” (p. 66), destacando os cuidados com o corpo e a higiene corporal como um dos aspectos responsáveis pelo desenvolvimento de hábitos saudáveis.

O livro número 4 dos PCN do Ensino Fundamental, relativo às Ciências Naturais, traz como um dos objetivos dessa disciplina “Compreender a saúde pessoal, social e ambiental como bens individuais e coletivos que devem ser promovidos pela ação de diferentes agentes” (p. 33), sendo que a higiene é um desses agentes promotores da saúde individual e coletiva. Os PCN trazem ainda indicações para o desenvolvimento de Temas Transversais, os quais devem ser trabalhados interdisciplinarmente. Um dos Temas Transversais é a Saúde, que aborda as condições necessárias para a melhoria da qualidade de vida pessoal, social e ambiental. Esse tema foi desmembrado em alguns conjuntos de conteúdos, sendo um deles o *autoconhecimento* e o *autocuidado*, que indica como um dos itens a ser abordado “a higiene corporal, que deve ser tratada como condição para a vida saudável” (PCN Saúde, 1998, p. 34).

Os PCN – Temas Transversais para o terceiro e quarto ciclos (1998, p. 262) aborda que, ao lidar com esses temas, não basta a mera informação ou a prescrição de regras de comportamento. Traz ainda:

Sem dúvida, a informação ocupa um lugar importante na aprendizagem, mas a educação para a Saúde só será efetivamente contemplada se puder mobilizar para as necessárias mudanças na busca de uma vida saudável. Para isso, os valores e a aquisição de hábitos e atitudes constituem as dimensões mais importantes. A experiência dos profissionais de saúde vem comprovando, de longa data, que a informação, isoladamente, tem pouco ou nenhum reflexo nos comportamentos. A escola precisa enfrentar o desafio de permitir que seus alunos reelaborem conhecimentos de maneira a **conformar** valores, habilidades e práticas favoráveis à saúde. Nesse processo, espera-se que possam estruturar e fortalecer comportamentos e hábitos saudáveis, tornando-se sujeitos capazes de influenciar mudanças que tenham repercussão em sua vida pessoal e na qualidade de vida da coletividade. (grifo nosso)

Como se pode observar, não é só o livro didático e o professor que centram a responsabilidade da higiene/saúde no indivíduo. Apesar de chamar a atenção para o aspecto multidimensional da Educação para a Saúde, o texto não destaca a importância do saneamento básico e das relações com a saúde da população. Também não faz referências quanto a responsabilidade do governo em relação à saúde coletiva.

Ora, como o professor vai discutir esses temas, que extrapolam a dimensão biológica, se durante a sua formação escolar e universitária, ele não teve oportunidade de analisar outras dimensões da higiene? Na verdade, esses futuros professores estão reproduzindo os modelos de ensino, construídos ao longo de sua escolaridade, e os cursos de formação de professores, inicial e continuada, parece que pouco contribuem para uma avaliação efetiva desses modelos de ensino.

Os conteúdos estudados, confinados em disciplinas específicas (anatomia, fisiologia, microbiologia, entre outras), não deixam muito espaço para extrapolar a dimensão biológica dos temas. Ora, em um momento em que se preconiza a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, a integração entre os diferentes conteúdos, os conceptores de currículos, de um curso de formação de professores, não valorizam a dimensão sociocultural dos conteúdos. Esta forma de abordar os temas relativos à higiene evidencia a importância de extrapolar a sua dimensão normativa. Na verdade, tenho dúvidas se, pelo menos, a dimensão biológica dessas normas é discutida com os alunos em sala de aula.

Os futuros professores de ciências, que vão trabalhar com esses temas, devem ensinar o conhecimento científico vigente, sem desvalorizar o conhecimento trazido pelos alunos, o que evidencia uma forma diferenciada de ver e pensar o mundo no qual eles vivem. Os conhecimentos científicos do universo reificado², apreendidos ao longo do curso de licenciatura vão ser incorporados ao universo consensual³, com as modificações provocadas pelas histórias de vida e experiências pessoais. Portanto, esses conhecimentos vão ser re-elaborados e cada estudante vai criar as suas representações sociais, coerentes com as idéias do grupo, mas com algumas diferenças individuais. Para Moscovici (2003, p. 95)

O senso comum está continuamente sendo criado e re-criado em nossas sociedades, especialmente onde o conhecimento científico e tecnológico está popularizado. Seu conteúdo, as imagens simbólicas derivadas da ciência em que ele está baseado e que, enraizadas no olho da mente, conformam a linguagem e o comportamento usual, estão constantemente sendo retocadas.

Moscovici (1978, p. 24) afirma também que a propagação da ciência e a sua penetração no cotidiano das pessoas ocorre por meio da comunicação que propaga o

² circunscrito, próprio das ciências e do pensamento erudito, com rigor lógico e metodológico, teorização abstrata, especialidades e estratificação hierárquica.

³ sem limites especializados, lógica natural, onde ocorrem as atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as representações sociais.

conhecimento em uma dada sociedade. Esse processo de socialização forma um novo tipo de conhecimento adaptado às necessidades de um grupo social. Não reproduz o conhecimento científico, mas o re-elabora, transformando-o de acordo com o contexto social no qual está inserido. Esse processo de “formação de um outro tipo de conhecimento, adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, num contexto social preciso” tem por pano de fundo uma mudança no senso comum. Essa transformação não se resume à incorporação de novas idéias, nem a difusão de conceitos científicos ou de informações, mas a um movimento em que as descobertas científicas são socializadas, transformando o meio ambiente e se transformando.

Concordando com Moscovici, Sacristán (1999, p. 117) ressalta que o conhecimento científico, “que, em princípio, não pertence ao âmbito do senso comum”, ao se infiltrar na vida cotidiana, trás múltiplas implicações nas mais variadas atividades humanas, tanto por meio das aplicações tecnológicas utilizadas e difundidas, quanto nas condições de elaboração do conhecimento pessoal e compartilhado, modelando a própria realidade e interferindo nas ações pessoais e coletivas.

Portanto, na dinâmica das representações sociais ocorrem mudanças e nos cursos de formação de professores espera-se que essas transformações aconteçam. Uma vez que as disciplinas específicas fornecem aos acadêmicos uma grande quantidade de novas informações, que podem modificar as concepções e percepções que eles têm sobre um determinado assunto, podemos pressupor que os licenciandos do curso de Ciências Biológicas, futuros professores de ciências e biologia na Educação Básica, a princípio, deveriam ter os conhecimentos básicos de sua disciplina e ter a consciência de que o conhecimento científico é uma das muitas formas de explicação dos fenômenos da natureza, condições necessárias para poder reapropriar e re-estruturar a realidade, visto que, segundo Abric (1998, pp. 27-28),

É esta realidade reapropriada e reestruturada que constitui, para o indivíduo ou o grupo, a realidade mesma. Toda representação é, portanto, uma forma de visão global e unitária de um objeto, mas também de um sujeito. Esta representação reestrutura a realidade para permitir a integração das características objetivas do objeto, das experiências anteriores do sujeito e do seu sistema de atitudes e de normas. Isto permite definir a representação como uma visão funcional do mundo, que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências; permitindo assim ao indivíduo de se adaptar e de encontrar um lugar nesta realidade.

Heller (1977, p. 323) confirma esse fato ao afirmar que os estudantes de ensino superior adquirem um nível científico que os introduz ao meio homogêneo das ciências, mas o que fica de tudo isso, se não continuarem a exercitar esses conhecimentos, são apenas informações científicas, que poderão usar, posteriormente, em um determinado meio social. Portanto, eles se apropriam de alguns conceitos do universo reificado, os reestruturam para poder utilizá-los no universo consensual, ou seja, na vida cotidiana, visto que “os conhecimentos científicos servem para modelar a conduta de vida”.

Sacristán (1999, p. 118) concorda com Heller ao afirmar que a penetração do conhecimento científico ocorre “em qualquer um dos âmbitos da vida cotidiana, afetando as compreensões sobre acontecimentos de ordem física e social”, portanto a percepção das pessoas sobre diversos aspectos da vida varia de acordo com o estrato social e o modo de utilização, visto que a apropriação do conhecimento não ocorre de maneira homogênea pelos sujeitos e pelos grupos.

A título de exemplo, podemos citar a mudança que houve na percepção da higiene corporal e na relação dos sujeitos com o sujo ou impuro, a partir do século XIX, com a descoberta dos organismos patógenos, que segundo Douglas (1976, p. 50), a partir daí, a sujeira, que ela denomina de impureza, se vinculou à transmissão de doenças. Com isso, houve uma transformação nas práticas higiênicas para evitar a contaminação e as epidemias. No universo consensual, que é o senso comum, a representação da sujeira e da limpeza pode assumir diferentes significados, ora referindo-se à higiene, ora a aspectos morais e a traços de personalidade ou pessoas, ora a ambientes.

Para a autora (p. 14) “a impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente para organizar o nosso meio”. Há toda uma pressão cultural para a eliminação do sujo, do impuro, que macula a ordem, desorganiza o ambiente e degrada o indivíduo. Douglas acrescenta ainda que, se abstrairmos a patogenia e a higiene, a sujeira representa tudo aquilo que está fora do lugar, ou seja, a sujeira representa a desordem, a desorganização, aquilo que subverte a ordem. A sujeira não é um fenômeno único, isolado, ela pertence a um sistema de classificação da matéria que ordena todas as coisas, repelindo aquelas que destoam ou são inadequadas. Esta interpretação da sujeira faz parte do domínio simbólico, visto que tanto a sujeira, quanto a limpeza são relativas e socialmente concebidas e pertencentes a um sistema ordenado. Por exemplo, as roupas usadas não são sujas em si mesmas, mas passam a ser se forem colocadas sobre a pia

da cozinha; uma panela com comida, deixada sobre a cama, subverte a ordem estabelecida. Portanto, nosso comportamento face à sujeira consiste em condenar ou repelir qualquer objeto, pessoa ou ideia que contradiz as nossas classificações.

Concordando com Douglas, Jodelet (2005, pp. 309-319), que estudou as representações sociais da loucura, em uma comunidade francesa que hospedava doentes mentais em casas de famílias, verificou que a preocupação com a higiene, que as hospedeiras tinham, escondia o receio da contaminação e da poluição, visto que “a limpeza elimina a sujeira, mas não a poluição ligada à doença”. Portanto, o doente era visto como fonte de poluição, que podia contaminar a própria água com suas secreções, podendo transmitir a doença. As secreções perigosas, segundo as hospedeiras, capazes de sujar a água, eram o suor e a saliva, sendo que esta última parecia ser dotada de um poder poluente superior, visto que deixava nas louças uma marca invisível que era perigosa e devia ser afastada do convívio familiar. Por isso, a louça usada pelos doentes era lavada separadamente, enquanto que a roupa podia ser lavada junto com a roupa da família, pois os produtos de limpeza eliminavam o perigo da contaminação.

A sociedade, com base em um sistema de classificação estabelecido, ao preconizar a igualdade, reforça a diferença, ressalta as desigualdades e procura, por meio do discurso, esconder a sua intolerância. Embora no discurso se propague a ideia de que “todos são iguais”, na prática isso não ocorre, visto que há uma clara rejeição a tudo aquilo que se mostra diferente das categorias estabelecidas e aceitas coletivamente. O diferente, seja uma pessoa, um ambiente ou um objeto, representa um elemento que destoa do todo e pode trazer perigo e desordem, o que é evitado.

Rosa (2006, p.4), em uma reflexão teórica sobre a limpeza e a pureza, também relaciona a limpeza com a ordem e vincula a sujeira com a desordem e o perigo. A autora coloca ainda que “a modernidade disciplinou o homem, fazendo com que ele aceitasse e buscasse os ideais de beleza, limpeza e de ordem”. Gauer (2005, p. 400) acrescenta que a partir do século XIX a busca por um modelo que retratasse a limpeza tornou-se uma obsessão, visto que a limpeza do corpo estava associada à beleza. Ressalta ainda que, em nome da ordem, procura-se eliminar a desordem, a impureza e o perigo. Eliminando o estranho, o diferente, o desigual impede-se que eles se tornem perigosos a ponto de ameaçar a integridade e a homogeneidade da sociedade. Para a autora (p.403)

a política da igualdade potencializa a violência de várias formas: eliminando todo e qualquer outro, o diferente, o sujo, o impuro, o anormal, o doente, enfim tudo o que cause estranheza, perigo, que lembra sujeira e desordem.

A autora aborda ainda que os procedimentos políticos, administrativos e jurídicos permitem a construção e manutenção de uma sociedade higienizada e imunizada.

Na contemporaneidade, o lixo, por exemplo, representa sujeira e perigo no imaginário social, por isso precisa ser afastado das cidades, fora da visão e colocado em locais pouco visitados e distantes do convívio social. O lixo está diretamente ligado com o que não serve mais, com o insalubre, o sujo, a contaminação e as doenças. No entanto, para uma grande quantidade de pessoas, a representação social do lixo é diferente, ele é visto como fonte de renda. É do lixo que muitas famílias sobrevivem, retirando dele materiais que podem ser vendidos para reciclagem e mesmo produtos para o consumo próprio. Poderíamos considerar como uma evidência de mudança de representação social da população?



Catadores de lixo – disponível em http://reciclato.files.wordpress.com/2008/12/no_lixo_brasil.jpg
Acesso em 17 nov. 2009.

Além disso, culturalmente classificam-se as pessoas pela aparência, habilitando-as ou não a frequentar certos lugares ou a pleitear um emprego e desprezando ou ignorando aquelas que estão fora do padrão estabelecido. Rodrigues (2006, p. 48) afirma que “o corpo humano é socialmente concebido”, pois as crenças, valores e sentimentos inerentes a um grupo social alteram a percepção que se tem do corpo. Os comportamentos individuais estão subordinados a códigos e simbologias estabelecidos

coletivamente e determinam as maneiras de agir, pensar e sentir de toda a sociedade. Mattos & Ferreira (2004), relatam a construção da identidade e a tipificação das pessoas em situação de rua, sendo que um dos estereótipos dessa parcela da sociedade associa-se ao sujo. Portanto, a sujeira, neste caso, está vinculada à ideologia e não à higiene.



Morador de rua – disponível em

http://correio24horas.globo.com/recursos/BancoImagens/%7BC9BC5F31-D9AD-40F5-A5C7-2E224F20B597%7D_rua%20-%20evandro%20veiga.jpg Acesso em 17 nov. 2009

Vigarello (1996, p. 3) coloca que “a limpeza se compõe, necessariamente, com as imagens do corpo; com as imagens, mais ou menos obscuras, do invólucro corporal; com aquelas, mais opacas ainda, do meio físico”. Rodrigues acrescenta a ideia que a sujeira pertence à área simbólica, “é gradativa e relativa” (1995: p. 91), ou seja, o que é limpo para uns, pode não ser para outros e o que é sujo hoje, em determinado contexto, pode não ter sido no passado, com outras mentalidades e sensibilidades. A sujeira, mais do que pertencente e estudada pela microbiologia, epidemiologia e higiene, se estabelece na área simbólica. Cada cultura e cada sociedade possuem uma representação para a sujeira e para a limpeza. Em sua pesquisa, Quintela, (2003) compara os banhos desenvolvidos em uma terma em Portugal e outra no Brasil, em termos de saúde, corpo e higiene. Ao fazer essa comparação, o autor mostra que em

Portugal as práticas termiais têm objetivo exclusivamente terapêutico, enquanto que no Brasil essas práticas são, simultaneamente, terapêuticas e higiênicas. Percebe-se assim, que cada país ou cada região estabelece seus códigos e símbolos para as questões do corpo e da higiene.

Os códigos e os símbolos relativos à higiene são estabelecidos social e culturalmente e são eles que vão classificar e organizar as barreiras entre a sujeira e a limpeza. De acordo com Rodrigues (1995, p. 98) em cada sociedade se estabelecem comportamentos que variam de acordo com os contextos. Para ilustrar podemos dizer que “as regras, liberdades e transgressões” que se fazem no domínio privado, como por exemplo, no banheiro, não se repetem no domínio público. “As pessoas manipulam os códigos, fazem coisas diversas, ou as mesmas coisas de modo diferente, segundo haja ou não outras pessoas no recinto”.

Correa (2003) faz um breve relato da história da limpeza corporal afirmando que essa história é também a história da limpeza social, visto que no século XVII quem determinava os critérios de referência eram os autores de livros de boas maneiras e de costumes e não os higienistas. A autora também faz referências a algumas pesquisas desenvolvidas pela Academia de Odontologia do Rio de Janeiro e por jornais de São Paulo e do Rio sobre a higiene do brasileiro mostrando que o brasileiro, ainda hoje, mantém hábitos inadequados de higiene.

Rodrigues (1995, p. 84) afirma que a representação da sujeira se estabelece por meio de categorias e linhas de classificação que determinam as regras em um dado contexto. Os limites dessa classificação são difusos, mas esses limites “são sujos por definição”, ou seja, merecem um cuidado maior. É por isso que “as roupas, as mãos, os pés, os orifícios corporais devem ser sempre lavados”, assim como “as periferias urbanas, que são cronicamente poluídas e poluígenas”, necessitando, sempre, de ações despoluidoras e merecendo também uma atenção especial. Portanto, as práticas higiênicas – limpeza do corpo, das roupas, das casas, das cidades – servem para controlar o avanço da sujeira e limitá-la em domínios específicos, geralmente longe da circulação e do olhar das pessoas.

Portanto, pensar a limpeza e a sujeira implica pensar em ordem e desordem e no ambiente escolar podemos estender esse conceito para a disciplina, que mantém a ordem e a organização das salas de aula e, conseqüentemente, da própria escola. As práticas higiênicas são convenções instituídas socialmente que servem de parâmetro para orientar o comportamento das pessoas de um dado grupo social em uma dada

época. Elas limitam e delimitam a estrutura da sociedade para manter o equilíbrio e a organização.

A partir do século XIX estas convenções encontraram respaldo na ciência, com as descobertas de Pasteur, então podemos afirmar que a ciência também institui regras que vão determinar o comportamento dos indivíduos em uma dada sociedade em uma dada época. De acordo com Silva (1999, p. 4), as demonstrações de Pasteur sobre a assepsia e suas descobertas sobre os microorganismos passaram a interferir nas atividades cotidianas das pessoas, alterando suas práticas de higiene em consonância com o imaginário que os higienistas propagavam, ou seja, a medicina e a sociedade do século XIX se renderam às descobertas científicas.

No início do século XX os médicos higienistas tiveram um papel fundamental na transmissão das práticas higiênicas, principalmente em São Paulo. Rocha (2003) faz uma análise do modelo de educação sanitária praticado pelos médicos higienistas do Instituto de Higiene de São Paulo em cooperação com a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller. Buscou compreender as representações sobre a infância e as práticas por meio das quais se procurou intervir sobre os corpos e mentes das crianças das escolas primárias na década de 20 do século XX, conferindo especial atenção ao papel atribuído à escola primária na obra de disciplinamento e conformação da infância aos imperativos da racionalidade higiênica.

Essas considerações e questionamentos nos levam a perguntar: Quais são as representações sociais de higiene corporal dos estudantes do curso de ciências biológicas? Quais são as dimensões atribuídas à higiene corporal? Discutir higiene corporal nos leva também a questionar a relação que esses futuros professores possuem com o próprio corpo, com o sujo e o limpo. A questão central merece desdobramento:

- Qual é a representação social dos estudantes no início do curso de licenciatura em ciências biológicas a respeito da higiene corporal? E no final do curso? Houve transformações relevantes? Que tipo de transformações foram evidenciadas?
- Como estas representações – as do início e do final do curso – estão estruturadas? Qual é a sua organização?

Considerando que a higiene corporal é uma prática instituída socioculturalmente, e com as evidências obtidas nos estudos pilotos realizados nesta pesquisa, no caso dos futuros professores de ciências/biologia, pressupõe-se que as

representações sociais, a respeito da higiene corporal, por eles construídas, estão associadas mais aos aspectos estéticos e aos padrões de beleza vigentes, que aos cuidados com a saúde, pois é isso que foi socialmente instituído. E nessa mesma perspectiva, a representação desses estudantes, em relação ao sujo e ao limpo, também está associada aos padrões estéticos e na relação ordem/desordem.

As representações sociais são formadas e circulam a partir das relações de comunicações que são estabelecidas nos diferentes ambientes, os quais pressupõem padrões de referências comuns aos sujeitos que formam os grupos. Nessa perspectiva, estudar as representações sociais sobre a higiene corporal nos indicará os padrões de referência do grupo estudado. Lembramos ainda que a prática pedagógica do professor é fortemente condicionada pelas representações que possuem a respeito do tema a ser ensinado, do processo de ensino e aprendizagem e da ciência com a qual ele trabalha.

A importância deste trabalho fundamenta-se, essencialmente, na crença de que a pesquisa das representações sociais da higiene corporal pode contribuir para uma reflexão sobre as práticas pedagógicas estabelecidas em cursos de formação, inicial e continuada, de professores.

Além disso, o trabalho tem relevância por ser o licenciando em ciências biológicas um importante elo na cadeia da transmissão de conhecimentos, visto que ele vai exercer a profissão de professor e trabalhar com crianças e adolescentes. Pode ainda subsidiar propostas pedagógicas de escolas para desenvolver programas de atenção à saúde, servindo também para a implementação de políticas públicas visando orientar as campanhas de combate às doenças e beneficiar grande parcela da sociedade.

Nosso trabalho foi dividido em cinco capítulos: O primeiro capítulo, intitulado *Teoria das Representações Sociais* tem como objetivo “destacar a relevância da teoria das representações sociais para a pesquisa em educação”. Nesse capítulo abordamos a origem do conceito de Representação Social, os principais representantes e suas abordagens, os conceitos mais importantes dessa teoria, destacando a importância dessa teoria para a pesquisa na área educacional. Esse capítulo traz a fundamentação teórica do trabalho e mostra a relação entre a teoria das representações sociais e a educação, com enfoque nas condições necessárias para a mudança ou manutenção das representações e a expansão do estudo das representações sociais na área educacional.

No segundo capítulo, intitulado *Resgatando o passado para entender o presente*, tem como objetivo “resgatar a história da higiene e do corpo”. Nesse capítulo abordamos os hábitos de higiene de cada época e os determinantes para a manutenção e ou as

mudanças de hábitos, além de destacarmos a percepção do corpo ao longo da história. Essa percepção do corpo se altera de acordo com o tipo de cultura e o grupo social. Ao escrever esse capítulo, recorreremos principalmente a Vigarello (1996) que faz um levantamento histórico da higiene corporal entre a Idade Média e o século XX, Rodrigues (1995, 1999, 2006) que trata do corpo, seus tabus, sua história e as práticas de higiene e Bueno (2007) que aborda a história da higiene na Europa e no Brasil.

O terceiro capítulo, intitulado *Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa*, refere-se à metodologia utilizada e fundamenta-se na teoria das representações sociais de Moscovici e na abordagem estrutural de Abric. Tem como objetivo “Descrever os instrumentos e procedimentos de análise e coleta de dados”. Nele são explicitados os procedimentos utilizados no presente estudo, os instrumentos adotados e os participantes da pesquisa.

O quarto capítulo, intitulado *A Higiene e a Representação social: resultados da pesquisa*, tem como objetivo “Relatar os resultados encontrados na coleta de dados e analisar esses dados”, no qual apresentamos a análise dos dados, ilustrada por exemplos obtidos na pesquisa. Por último, o quinto capítulo, intitulado *Considerações Finais*, têm por objetivo “destacar as conclusões e recomendações encontradas nesta pesquisa”. Este capítulo, que completa o trabalho desenvolvido, traz as conclusões encontradas e propõe sugestões para a melhoria da prática pedagógica.

O propósito deste estudo não é condenar o modelo atual do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da instituição pesquisada, nem desvalorizar as práticas e concepções de professores e alunos desse curso. O que se pretende é contribuir para uma reflexão sobre a apropriação e socialização dos conhecimentos científicos veiculados pelo curso que, juntamente com os conhecimentos do senso comum, vão ser utilizados pelos alunos na vida cotidiana.

CAPÍTULO 1

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Origem e significado do conceito de Representação Social

O termo “representação social”, segundo Sá (1993, p.19), “designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los”. Esse termo foi cunhado por Serge Moscovici, psicólogo social francês, quando analisou a apropriação dos conhecimentos científicos sobre a psicanálise: *La psychanalyse, son image et son public* (1961,1976). Com esse trabalho Moscovici pretendia renovar a psicologia social em seus conteúdos, teorias e metodologia.

Em um artigo de 1963, Moscovici critica a abordagem vigente da Psicologia Social. Para o autor, esta área do conhecimento, durante muito tempo, ficou sendo conhecida como a ciência das atitudes e que a partir da década de 1950, o interesse passou a ser as dinâmicas de grupo, a percepção e a comunicação, tendo como consequência a diminuição dos estudos sobre atitudes. Para o autor (p. 245), a atitude é um elemento das representações sociais e como tal tem o seu valor, mas não deve ser estudada isoladamente. Moscovici (p. 236) critica ainda a “atrofia do pensamento teórico” da psicologia, com a perda da continuidade e do social, preocupando-se apenas com a parte experimental.

De acordo com o autor (p. 242) só se constrói representação social quando se partilha coisas comuns e diferentes por meio das conversações, pois ela se alimenta do comum e do diverso. É essa diversidade que anima as conversações. Diz ainda que um estudo que descarta essas trocas que ocorrem durante as conversações é um estudo da técnica pela técnica e que o estudo das atitudes pretende estudar apenas o conteúdo, descartando o processo. Moscovici (p. 247) ressalta ainda que os estudiosos das atitudes expandiram tanto o conceito que o tornaram semelhante ao conceito de representação social, mas sem o aporte teórico. Afirma também (p. 240) que os estudos de atitudes não

se preocupam em romper a dicotomia sujeito-objeto e acredita que só se constrói a realidade quando se conhece o pensamento social que construiu essa realidade e que ela deve ser estudada como construtora do objeto. Para ele, a realidade subjetiva e objetiva se interperpassam.

De acordo com Sá (1993, p. 19), Moscovici, participante da vertente psicossocial da Psicologia Social, de origem européia, critica a vertente norte-americana por esta se preocupar, basicamente, com os processos psicológicos individuais, visto que acredita ser importante considerar tanto os comportamentos individuais quanto os fatos sociais em seu contexto histórico. Moscovici (1978, p. 25) então resgata o conceito de representação coletiva, proposto inicialmente por Émile Durkheim para “designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual”. O autor (2003: p. 49) afirma ainda que as representações coletivas “se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe de idéias e crenças” que precisam ser descritas e explicadas.

Para isso, Moscovici (p. 45) propõe considerar a representação como fenômeno e não como conceito e, para enfatizar essa distinção e destacar a nova abordagem proposta, propõe substituir o termo “coletivo” por “social”, por ser mais abrangente e circunscrever, com maior rigor, a noção de representação, pois

Toda representação (gráfica) é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagens, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são ou nos tornam comuns. (1978, p. 25)

O papel das representações sociais, portanto, é “modelar o que é dado do exterior” (p.26), nos relacionamentos dos indivíduos com os objetos, atos ou situações que se constituem nas interações sociais, remanejando estruturas e remodelando elementos para reconstruir o “dado no contexto dos valores, das noções e das regras, de que ele se torna doravante solidário” (p.26). Moscovici diz ainda, em poucas palavras, que a representação social é “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (p. 26).

O autor aborda também que a passagem do conhecimento do nível científico para o das representações sociais não é contínua, ocorre “um salto de um universo de pensamento e de ação a um outro” (p. 26), ruptura necessária para que ocorra o ingresso

desse conhecimento científico no universo social, dotando-o de um novo status epistemológico sob a forma de representações sociais. Considerando esse pressuposto, pretendemos verificar se o curso de Ciências Biológicas facilita ou promove essa ruptura para que o conhecimento científico, ali desenvolvido, possa ser re-elaborado, socializado e incorporado ao cotidiano dos licenciandos.

Concordando com Moscovici, Sacristán (1999, p. 118) afirma que os conteúdos do senso comum se alteram com as transformações causadas pela incorporação do conhecimento científico na vida cotidiana. Isso acontece em consequência da expansão da divulgação científica, que implica no aumento da cultura geral das pessoas. O autor diz ainda que

A contaminação do conhecimento cotidiano pessoal e social pelo conhecimento científico é um fenômeno totalmente moderno que não ocorria nas sociedades tradicionais. Seu efeito é contraditório: é fecundador, porque amplia perspectivas e aprimora a racionalidade imperfeita que nos orienta, pode destruir erros e preconceitos, liberando o conhecimento pessoal da determinação contextual e local; mas pode também deslegitimar e até destruir, a sabedoria útil do senso comum, válida para avaliar situações, bem como decisões nas ações educativas.

Heller (1977, p. 322) complementa essa ideia, ao afirmar que o conhecimento científico, ao penetrar no senso comum, não se incorpora intacta e totalmente, mas partes dele ficam englobadas e misturadas na estrutura do conhecimento cotidiano, possibilitando a integração dos conceitos científicos às estruturas preexistentes, sendo assim compartilhado por um grupo ou pela sociedade em geral. Segundo a autora, mesmo sem entender o fenômeno, as pessoas, em diversas camadas da população, por exemplo, incentivam a utilização de vitamina C, principalmente no inverno, para prevenir doenças. Esse saber, tomado da ciência, se mobiliza na vida cotidiana, mesmo sem que as pessoas saibam o que é vitamina C ou qual a sua fórmula.

As representações sociais têm uma função constitutiva da realidade, da realidade que as pessoas conhecem por meio da experiência e na qual elas circulam. Moscovici (1978, p. 27) diz que "(...) uma representação é sempre uma representação de alguém, tanto quanto de alguma coisa" e que "Representar não consiste somente em selecionar, completar um ser objetivamente determinado com um suplemento de alma subjetiva", vai mais além, é "edificar uma doutrina que facilite a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os seus atos". Almeida (2001, p. 131) esclarece que o conceito de representação social é uma forma de conhecimento do senso comum caracterizado por

três propriedades: socialmente elaborado e partilhado; orientação prática de organização, domínio do meio e orientação das condutas e da comunicação; participa do estabelecimento de uma visão de realidade comum a um dado grupo social ou cultural.

Nesse caso, Moscovici (1978, p. 28) afirma que, ao invés de impor uma experiência ou o conhecimento de outros, a representação social faz com que o conhecimento se mobilize em uma sociedade de duas maneiras: vincula-os a um sistema de valores, noções e práticas que permitem aos indivíduos se orientarem no meio social e material e dominá-lo e, também serve, aos membros dessa sociedade, como veículo de troca e de código para denominar e classificar partes do seu mundo, de sua história individual ou coletiva. Portanto,

(...) a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação. (p.28)

Enquanto a psicologia clássica concebeu a representação “como processo de mediação entre conceito e percepção” (p. 56), Moscovici (p. 57) admite que ela não é intermediária, mas sim, um processo de intercâmbio entre a percepção e o conceito:

Do conceito, ela retém o poder de organizar, de unir e de filtrar o que vai ser reintroduzido e reaprendido no domínio sensorial. Da percepção, ela conserva a aptidão para percorrer e registrar o inorganizado, o não-formado, o descontínuo. (p. 58)

Portanto, a representação de um objeto é diferente do próprio objeto. Representar um objeto é “reconstituí-lo, retocá-lo (...)”, transformando a substância concreta comum, por meio da comunicação que acontece entre o conceito e a percepção, “um penetrando no outro” (p. 58). De acordo com Moscovici (p. 63), “(...) representar um objeto é, ao mesmo tempo, conferir-lhe o *status* de um *signo*, é conhecê-lo, tornando-o significante.” E, de uma maneira particular, dominar e interiorizar o objeto, culminando “em que todas as coisas são representações de alguma coisa” (p. 64). Isso implica dizer que toda representação de um objeto se expressa por meio de uma figura (ou imagem), que tem uma significação, ou seja, tem uma face figurativa e uma face simbólica. Portanto, a representação de um objeto associa a toda figura um sentido e a todo sentido, uma figura (p. 65).

Para Abric (2001, p. 156), a representação social

É um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação. É determinada ao mesmo tempo pelo próprio sujeito (sua história, sua vivência), pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social.

De acordo com Jodelet (2001, p. 17), as representações são criadas para nos ajustar ao mundo a nossa volta e, para isso é preciso que saibamos nos comportar e “dominá-lo física e intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam”. Diz também que para compreender, administrar e enfrentar esse mundo, nós o partilhamos com os outros, muitas vezes por meio do conflito e outras, pelo consenso. Complementa ainda essa idéia ao afirmar que as representações são sociais porque são partilhadas por muitos e “nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva”.

A autora (p.25) ressalta ainda que as representações sociais devem ser estudadas integrando e articulando elementos afetivos, mentais e sociais com a cognição, a linguagem e a comunicação, levando em “consideração as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir” (p: 26).

Almeida (2001, p. 132) diz que esse tipo de conhecimento, que são as representações sociais, se fundamenta em três aspectos importantes: comunicação, (re)construção do real e domínio do mundo, os quais evidenciam o papel que as representações sociais assumem na dinâmica das relações e nas práticas sociais cotidianas.

Comunicação – porque oferecem códigos para que as pessoas possam tanto nomear e classificar partes de seu mundo, de sua história pessoal e coletiva, quanto de realizar suas trocas. Nesse caso, segundo a autora, as representações sociais atuam como reguladoras da dinâmica social, em que o conflito e o consenso se movimentam para que ocorra a mudança social.

(Re)construção do real – porque permitem aos sujeitos reconstruir a realidade cotidiana por meio da contínua dinâmica comunicação-representação. Nesse caso,

segundo a autora, as representações sociais orientam a interpretação e a organização da realidade, fornecendo elementos para que os sujeitos se posicionem diante dessa realidade e participem da sua construção, a qual só pode existir nas interações com os objetos sociais. Portanto, abandona-se a dicotomia clássica sujeito-objeto, a partir da premissa de que “não existe um corte *dato* entre o universo exterior e o universo do indivíduo (ou do grupo), que o sujeito e objeto não são absolutamente heterogêneos em seu campo comum”. (MOSCOVICI, 1978, p. 48).

Domínio do mundo – porque as representações sociais, segundo Almeida (2001, p. 132) permitem ao sujeito se situar no mundo e dominá-lo, por meio de um conjunto de conhecimentos sociais com orientação prática, ou seja, as representações sociais possuem uma dimensão mais concreta que permitem a utilidade social do conceito.

A autora ressalta ainda que esses três aspectos das representações sociais evidenciam o papel que elas podem assumir na dinâmica das relações e práticas sociais cotidianas, as quais se explicitam por meio de diferentes funções assumidas pelas representações, que são: de saber, identitária, de orientação e justificadora.

Função de saber: permitem compreender e explicar a realidade, possibilitando aos componentes de um grupo social construir conhecimentos e integrá-los ao seu cotidiano, de maneira coerente com seus valores, ou seja, facilita a comunicação social. Um novo conhecimento, ao ser integrado a saberes anteriores, possibilita ao novo ser “assimilável e compreensível”.

Função Identitária: define a identidade do grupo social e permite a proteção da especificidade desse grupo. A representação do próprio grupo sempre é marcada por uma superavaliação para garantir uma imagem positiva, podendo ser observado em processos de comparação social intergrupais. As representações que definem a identidade do grupo também servem para exercer um controle social da comunidade sobre cada um dos seus membros.

Função de orientação: guiam os comportamentos e as práticas. As representações orientam as condutas por meio de três fatores:

- a. Atuando diretamente na definição da finalidade da situação;
- b. Produzindo um sistema de antecipações e expectativas;
- c. Prescrevendo comportamentos e práticas obrigatórios.

Função justificadora: justifica, a posteriori, a tomada de posição e de comportamento: a representação pode estar associada à ação, mas também pode intervir na

avaliação da ação, permitindo aos indivíduos justificar suas condutas perante seu grupo social ou outro grupo.

Almeida (p. 133) ainda esclarece que “as representações sociais permitem aos indivíduos compreender e explicar a realidade, construindo novos conhecimentos” e que o estudo de uma representação social pressupõe investigar *o que pensam* os indivíduos sobre um determinado objeto (conteúdo), *porque pensam* (funções assumidas pelo conteúdo) e *como pensam* os indivíduos (gênese das representações sociais).

A autora (p. 136) destaca ainda que as principais correntes de pesquisa das representações sociais são coordenadas por três grandes pesquisadores: Denise Jodelet, Willem Doise e Jean-Claude Abric, todos eles discípulos de Moscovici. Jodelet trabalha com a abordagem culturalista que valoriza a articulação entre as dimensões sociais e culturais que regem as construções mentais coletivas. Ela é a responsável por dar continuidade à proposta original de Moscovici. Doise, pertencente ao grupo de Genebra, trabalha com a abordagem societal, que articula as representações com uma perspectiva sociológica, enfatizando a inserção social dos indivíduos como fonte de variação dessas representações. Abric, pertencente à escola de MIDI, trabalha com a abordagem estrutural que tem como destaque a teoria do núcleo central, a qual pressupõe que as representações sociais se organizam hierarquicamente. Tanto para Doise quanto para Abric os objetos trazem uma marca social que os identificam.

Principais conceitos

Considerando que, como afirma Moscovici (1978, p. 24), a propagação da ciência e a sua penetração no cotidiano das pessoas ocorrem por meio da comunicação que propaga o conhecimento em uma dada sociedade e que esse processo de socialização dá origem a um novo tipo de conhecimento adaptado às necessidades de um grupo social. Considerando também que o curso de licenciatura em Ciências Biológicas é uma forma de socialização do conhecimento. Espera-se que os licenciandos desse curso não se limitem a reproduzir o conhecimento científico, mas que o re-elaborem, transformando-o de acordo com o contexto social no qual eles estão inseridos. Essa transformação do saber científico se caracteriza por dois processos: ancoragem e objetivação.

Segundo Moscovici (2003, p. 61), ancorar é “classificar e dar nome a alguma coisa”, ou seja, incorporar o que é estranho, desconhecido e ameaçador a uma rede de categorias mais familiares. Portanto, a ancoragem é a transformação de algo não-familiar em familiar, inserindo-o em um sistema particular de categorias para garantir coerência entre o desconhecido e o conhecido. Quando classificamos e damos nome a alguma coisa, somos capazes de imaginá-la e representá-la, podendo, então avaliá-la e rotulá-la. Segundo o autor (p. 71), objetivar é “descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem”. A objetivação “une a idéia de não-familiaridade com a de realidade”, torna concreto e tangível o conhecimento sobre o objeto.

Moscovici (p. 78) destaca ainda que

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir das coisas já conhecidas.

O ponto de partida da teoria das representações sociais, de acordo com Moscovici (p. 79), é “a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade”. Diz ainda que o objetivo da teoria é “descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade”. Portanto, toda representação é sempre a representação de um objeto por um sujeito. Não existe representação sem objeto. Dessa forma, uma representação não pode ser compreendida enquanto processo cognitivo individual já que é produzida no intercâmbio das relações e comunicações sociais. A representação descreve as interconexões entre o sujeito e o objeto. Um não existe sem o outro, porém, cada um possui suas próprias especificidades. Moscovici (1978, p. 51) afirma ainda que as representações sociais

(...) determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das idéias presentes nas visões compartilhadas pelos grupos, e regem, subsequentemente, as condutas desejáveis ou admitidas.

O autor destaca ainda que, para transformar um conhecimento indireto em conhecimento direto, parte-se de uma realidade presumida, para depois reconstituí-la, torná-la familiar. Esse é o único meio de apropriar-se do universo exterior, o qual, ao interiorizar-se, passa a fazer parte do “mundo das conversações”, sendo partilhado e transmitido por meio das conversas coletivas, até se incorporar ao vocabulário da sociedade, com novas frases e visões de mundo. O importante, como diz Moscovici, é poder integrar o conhecimento indireto “em um quadro coerente do real ou adotar uma linguagem que permita falar daquilo de que todo mundo fala” (p. 55)

De acordo com Moscovici (1978, p. 28), é a comunicação que mobiliza os conhecimentos em uma dada sociedade. É ela que faz com que as opiniões e teoria circulem, tornando “sociais as ciências e científica a sociedade”, daí a importância do estudo das comunicações. Ressalta ainda que

(...) a comunicação jamais se reduz à transmissão de mensagens de origem ou ao transporte de informações inalteradas. Ela diferencia, traduz, interpreta e combina, assim como os grupos inventam, diferenciam ou interpretam os objetos sociais ou as representações de outros grupos (...). No processo de comunicação, acompanhamos passo a passo a gênese das imagens e dos vocabulários sociais, seu conúbio com as regras e os valores dominantes, antes que componham uma linguagem definida, a fala da sociedade. Uma fala bem feita para ser escutada, trocada e fixada na prosa do mundo (pp. 28-29).

Doise (2001, p. 190-191) relata que a segunda parte do livro de Moscovici (1961), sobre a representação social da psicanálise, demonstra claramente a distinção que ocorre entre os diferentes sistemas de comunicação que caracterizava os três setores da imprensa francesa em relação aos leitores, seu meio social e cultural:

1. A *difusão* – caracteriza-se pela indiferenciação entre a fonte e os receptores da informação. É típica da imprensa de grande circulação e “seu principal objetivo é, ao mesmo tempo, criar um saber comum e adaptar-se aos interesses de seu público”;
2. A *propagação* – típica da imprensa vinculada à Igreja Católica, caracteriza-se por produzir e propagar uma visão de mundo, procurando acomodar, seletivamente, os conteúdos de outras doutrinas ao seu próprio sistema;
3. A *propaganda* – caracteriza-se por se inscrever em relações sociais conflituosas, típica da imprensa comunista, que tem como objetivo diferenciar,

antagonicamente, os conhecimentos verdadeiros (suas próprias perspectivas) dos falsos (perspectivas de outros sistemas).

Sá (1996, p. 35) complementa afirmando que “Moscovici propôs corresponder-se tais relações de comunicação, termo a termo, a diferentes instâncias de organização cognitiva: a difusão à opinião; a propagação à atitude; a propaganda ao estereótipo”. Moscovici (p. 24) afirma também que a propagação do conhecimento é um processo criador, tendo como seu principal fenômeno a socialização desse conhecimento em seu todo ou não, que é próprio da cultura. Nesse processo não se reproduz o saber adquirido, mas se re-elabora, de acordo com as conveniências, os meios e os materiais disponíveis para formar outro tipo de conhecimento “adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, num contexto social preciso”.

Portanto, para o autor “toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas” (p. 25), as quais se constituem em “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos” (p. 26). Almeida (2001, p. 132-133) esclarece que “as representações sociais permitem aos indivíduos compreender e explicar a realidade, construindo novos conhecimentos” e que “o estudo de uma representação social pressupõe investigar o que pensam os indivíduos sobre um determinado objeto e porque pensam (...)”.

A autora (p. 156) destaca ainda que

(...) as representações sociais cumprem um papel nas práticas sociais cotidianas, exigindo que o seu estudo articule o pensar e o fazer. Os diferentes meios de comunicação permitem que estas representações transitem e invadam diferentes espaços sociais, assumindo significados e funções distintos, o que contribui para sua própria transformação.

Segundo Abric (1998, p. 30), “uma representação é constituída de um conjunto de informações, de crenças, de opiniões e de atitudes a propósito de um dado objeto social”, que se organiza em torno de um núcleo central, formado por um ou mais elementos que dão significado à representação. Esse núcleo impregna todos os elementos da representação de significação e é ele que dá estabilidade à representação, visto que é o núcleo quem mais resiste às mudanças e, quando modificado, provoca uma transformação total da representação.

Abric (p. 31) afirma ainda que, ao redor do núcleo central organizam-se os elementos periféricos, propostos por Flament (1994), que são constituídos por “componentes mais acessíveis, mais vivos e mais concretos”. Esse sistema periférico responde por três funções essenciais para a representação: 1) permitem a formulação da representação em termos concretos, compreensíveis e transmissíveis; 2) adaptam a representação às evoluções do contexto; 3) formam um sistema de defesa do núcleo central e da própria representação. Portanto, para que duas representações sejam diferentes é preciso que elas estejam organizadas em torno de núcleos centrais distintos.

De acordo com Sá (1993, p. 25), a quantidade e a diversidade de assuntos, que permeiam as relações interpessoais e demandam compreensão e explicação por parte dos membros de um grupo social, é extensa e, segundo Moscovici (1976) ‘esse conjunto de conceitos, afirmações e explicações devem ser considerados como verdadeiras “teorias” do senso comum (...)’. Essa mobilização das representações sociais ocorre a todo o momento e em todos os lugares em que grupos sociais estão engajados em conversação e esse universo de opiniões pode variar de acordo com três dimensões: 1) grau de consistência da informação sobre o assunto; 2) estruturação visualizável, unidade e hierarquização do conhecimento em um campo de representação e, 3) a atitude em relação ao objeto da representação.

Moscovici (2003, p. 49-53), admite coexistir dois tipos de universos de pensamento nas sociedades contemporâneas: os *universos reificados*: circunscrito, próprio das ciências e do pensamento erudito, com rigor lógico e metodológico, teorização abstrata, especialidades e estratificação hierárquica e os *universos consensuais*: sem limites especializados, lógica natural, onde ocorrem as atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as representações sociais. Muitas vezes, a matéria-prima para a construção das realidades consensuais, que são as representações sociais, provém dos universos reificados.

Uma educação, que leve em consideração esses dois universos, deve ter como um dos seus objetivos, a mobilização das representações sociais dos estudantes. Como a Universidade faz parte desse universo reificado, espera-se que os acadêmicos em geral, e os licenciandos em particular, acumulem saberes, mas também consigam reelaborar e resignificar esses saberes para poder aplicar o que aprenderam em situações reais, no trabalho e fora dele, por exemplo, na família e no lazer, para socializar o saber científico, mobilizando-o e tornando-o parte efetiva do cotidiano.

As representações sociais na Educação

O conceito de representação social resgatado por Moscovici (1961), reformulado e ampliado por um suporte teórico coerente e consistente tem sido um dos principais focos de estudos nas ciências humanas. As pesquisas se expandem e se aperfeiçoam, buscando compreender os fenômenos representativos dos objetos sociais. Já em 1998, Arruda (1998, p. 11) destacava a expansão do campo de ação da teoria das representações sociais por meio de instrumentos conceituais e metodológicos próprios, tornando a psicologia social interlocutora de outras áreas do saber.

Jodelet (2001, p.25) destaca que as representações sociais situam-se na interface entre o psicológico e o sociológico e têm sido estudadas “em suas relações com a ideologia, os sistemas simbólicos e as atitudes sociais refletidas pelas mentalidades”, é de interesse de todas as ciências humanas, sendo encontrada, além da psicologia, na antropologia, sociologia e história, entre outras. Afirma ainda que a “multiplicidade de relações com disciplinas próximas confere ao tratamento psicossociológico da representação um estatuto transversal que interpela e articula diversos campos de pesquisa, reclamando não uma justaposição, mas uma real coordenação de seus pontos de vista”.

O estudo das representações sociais na educação tem como fundamento a crença de que a valorização desse campo de estudo representa um avanço na área da pesquisa, contribuindo para enriquecer e aprofundar os velhos e já desgastados paradigmas das ciências humanas, além de propiciar a compreensão dos fenômenos que ocorrem nas escolas, dentro e fora das salas de aula. Da mesma maneira que em outros domínios, no âmbito da educação, as representações sociais constituem um campo integrador de significação que organiza e orienta o pensamento e a prática sociais. Isso porque na escola e na sala de aula ocorrem articulações e combinações de diferentes questões e objetos, de acordo com uma lógica própria, em uma estrutura sistematizada, para a qual contribuem informações e julgamentos valorativos, colhidos em diferentes fontes, experiências pessoais e grupais. A essa mobilização de informações, difundidas por meio das conversações, se incorporam as interpretações pessoais e históricas de cada indivíduo, em um processo de re-elaboração do conhecimento para a produção das representações sociais.

Gilly (2001, p. 322) destaca que na área educacional, a teoria das representações sociais propicia a abertura de um vasto campo de estudos para se

compreender os fenômenos macroscópicos, como as relações entre os indivíduos pertencentes a um determinado grupo social, suas atitudes e comportamentos frente à escola, a percepção do professor sobre o seu papel e também os níveis de análise mais refinados, como a comunicação pedagógica em sala de aula e a construção dos saberes. Afirma ainda que

(...) a área educacional aparece como um campo privilegiado para se observar como as representações sociais se constroem, evoluem e se transformam no interior dos grupos sociais, e para elucidar o papel dessas construções nas relações desses grupos com o objeto de sua representação.

Na escola em geral e na sala de aula em particular, os saberes são produzidos e mobilizados, mas cada indivíduo processa as informações de maneira diferente e particular porque, como destacam Costa e Almeida (s/d), embora as representações sociais se originem “nas condições sócio-estruturais e sócio-dinâmicas de um grupo, não impede que os indivíduos dêem a essas representações um toque singular”. Pois, mesmo pertencendo a um mesmo grupo social, cada pessoa traz consigo experiências e histórias de vida distintas que vai possibilitar “percepções e apreensões diferenciadas de um objeto, em relação a outros indivíduos de seu grupo”.

As autoras afirmam ainda que

(...) cada indivíduo vai formando um sistema de pensamento diferenciado e, ao mesmo tempo, coerente com o sistema de pensamento do grupo ao qual pertence. Esse sistema de pensamento é utilizado, tanto pelo indivíduo como pelo grupo, como referência para a interação positiva, ou negativa, de um novo objeto. Daí a afirmação de Jodelet de que a representação social não se inscreve numa tabula rasa, ou seja, há sempre um sistema de representação antigo, algo já pensado, latente ou manifesto, que em contato com outros sistemas de pensamento sofre seus efeitos mudando seu conteúdo e suas percepções.

Diante desses argumentos, podemos inferir que cada representação social, embora seja coerente com o pensamento coletivo, possui uma especificidade individual que reflete as crenças, valores e histórias de vida de cada sujeito pertencente a um mesmo grupo social, o que pode proporcionar diferentes percepções, podendo, então, alterar o conteúdo da representação.

Portanto, de acordo com Doise (2001, p. 200), quando as pessoas julgam condutas e crenças, esses julgamentos são atos sociais inseridos na dinâmica de um

campo social e as diferenciações existentes nesse campo social vão refletir nos julgamentos, “acentuando contrastes quando várias dinâmicas congruentes os sustentam ou diminuindo-os quando dinâmicas incongruentes se anulam”. Abric (2001: p. 156) acrescenta que “a representação é um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação”. Então, em um grupo social, a formação de uma representação pode se alterar de acordo com a história de vida e a vivência de cada sujeito, o sistema ideológico e social ao qual esse indivíduo pertence e à natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social.

Na educação, e particularmente na escola, as diferentes maneiras de pensar, de julgar e de agir de cada sujeito, influenciam e são influenciadas pela dinâmica social do grupo, por meio das interações que ocorrem, determinando as representações. Elas se manifestam por meio da linguagem que expressa o tipo de comunicação de cada grupo social. Segundo Sacramento e Ferreira (2004), “é pela comunicação que o homem expressa sentimentos, idéias, conceitos, bem como evolui como ser humano interativo que ensina e aprende em contato com o outro”. As autoras afirmam ainda que a comunicação “é permeada de um caráter problematizador que gera consciência crítica e permite a busca do compromisso de transformação da realidade”. É a linguagem e, portanto, a comunicação por meio de conversações, que fornece os subsídios para que cada um possa interagir com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

No processo de escolarização, além da aquisição de conhecimentos específicos, os estudantes desenvolvem as habilidades e competências necessárias para a sua vida pessoal e profissional, compartilhando representações e atitudes por meio do intercâmbio e da comunicação social. Nesse processo de socialização, emergem saberes compartilhados, que proporcionam modelos interpretativos da realidade.

Segundo Pozo (2002, pp. 199-200),

Os processos de socialização, além de habilidades para o intercâmbio e a comunicação social e de atitudes compartilhadas graças à conformidade, à pressão social, nos proporcionam também representações culturalmente compartilhadas, modos comuns de ver o mundo e de nos movermos nele.

Franco (2004, p. 170) afirma que as representações sociais são elementos simbólicos utilizados pelos homens para se expressar mediante o uso de palavras e de gestos. Ao utilizar a linguagem oral ou escrita,

os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem.

Nessa mesma linha de pensamento, Almeida (2001, p. 155) destaca que ao se verificar *o que pensam, como pensam e porque pensam* os sujeitos sobre um determinado objeto, obtém-se tanto o conteúdo quanto o processo de uma representação, permitindo encontrar os elementos que dão significação a essa representação, visto que no conteúdo se situam os elementos da ancoragem e o processo é a própria ancoragem. Franco (2004, p. 170) complementa que é necessário analisar e conhecer o contexto em que os indivíduos estão inseridos para poder estudar as representações estabelecidas, visto que elas são constituídas histórica e socialmente e “estão estreitamente vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos que as expressam por meio de mensagens”, e isso se reflete nas atitudes e nas práticas sociais.

Transformações das Representações Sociais

Abric (1998, pp. 35-36) afirma que foi Claude Flament quem introduziu a noção de “reversibilidade da situação”, ou seja, a transformação de uma representação varia de acordo com a percepção do sujeito em relação à reversão ou não dessa situação. Uma prática nova e contraditória pode mudar uma representação de duas maneiras: se o sujeito percebe a situação como reversível, essa prática se integra na representação e muda o sistema periférico – transformação real, embora superficial, mas quando o sujeito percebe a situação como irreversível, a transformação pode ser de três tipos: *resistente*, quando, de início, apenas o sistema periférico se transforma; *progressiva*, a transformação se efetiva sem a ruptura do núcleo central, as práticas se incorporam, gradativamente, ao núcleo central, constituindo um novo núcleo e,

portanto, uma nova representação; *brutal*, quando as novas práticas atuam diretamente no núcleo central, provocando uma transformação da representação.

Na escola, com a emergência de novas informações, ocorre uma (re)construção e reorganização do campo representacional, propiciando o aparecimento de novas atitudes e práticas sociais que podem transformar as representações sociais.

Para estudar as representações sociais dos licenciandos, no início e final do curso de ciências biológicas, a respeito da higiene corporal, partimos do pressuposto de que essas representações podem se modificar ao longo do curso de licenciatura. Para tanto, é necessário, primeiramente, esclarecer o significado de prática social, conceito importante quando se estuda as representações sociais, visto que “se as representações se modificam, as práticas também se transformam, e reciprocamente” (ROUQUETTE, 2000, p. 39). Para o autor (p. 43-44) a prática social

abrange ao menos dois aspectos, eventualmente confundidos: a realização de uma ação (conduta efetiva) e a frequência (ou, correlativamente, a familiaridade para o sujeito) dessa realização. (...) A própria ação pode ser decomposta em duas vertentes: a maneira de fazer e as conseqüências percebidas desse fazer (...). Em relação ao primeiro ponto, as práticas são técnicas no sentido amplo (...); elas podem ser descritas em termos de procedimentos e de desempenho. Em relação ao segundo ponto, elas remetem ao “cálculo” (avaliação, argumentação, decisão, correção...) (...).

Campos (2003, p. 29) destaca ainda que “a noção de prática teria como referência básica a ação, o *agir* dos grupos; e a ação comporta então, necessariamente, dois componentes, o *vivido* e o *cognitivo*”. Rouquette (2000, p. 43) complementa que “as representações estão ancoradas nas práticas”, visto que, embora não haja reciprocidade entre elas, o autor afirma que “(...) convém tomar as representações como uma *condição das práticas*, e as práticas como um *agente de transformação* das representações”.

De acordo com Guimelli (1994, p. 171-172), as representações sociais podem se transformar com o aparecimento de eventos significativos, que ameaçam comprometer a organização de um dado grupo social, constituindo um perigo para a própria sobrevivência desse grupo. Isso ocasiona a emergência de novas práticas, oriundas do exterior ou do próprio grupo, para permitir a adaptação à nova situação, afetando, então, as representações sociais relativas ao objeto. Desse modo, o grupo

social reorganiza o campo representacional, reforçando algumas relações, descartando outras e inserindo em seu lugar as novas, provocando uma transformação progressiva da representação do objeto.

Podemos, então, inferir que a transformação da representação está diretamente relacionada com as práticas novas impostas por agentes exteriores, ou pelo próprio grupo, ou ainda, àquelas ligadas a eventos particularmente significativos que podem desencadear conseqüências, negativas ou positivas, para o sujeito ou grupo. Portanto, no nosso caso, em que se estuda a representação da higiene corporal, construída por estudantes do curso de licenciatura em ciências biológicas, a transformação da representação social pode ocorrer tanto pelas novas práticas inseridas por meio do conhecimento científico adquirido ao longo do curso, como pelas práticas impostas pelo próprio grupo de licenciandos, ou ainda, por eventos que afetam não apenas o grupo de pertença do sujeito, mas toda a sociedade, como é o caso da provável epidemia da gripe A, em que as práticas de higiene foram reforçadas e realizadas com mais freqüência, cuidado e atenção.

Uma reportagem publicada no jornal Gazeta do Povo, de Curitiba, no dia 26 de setembro deste ano, na primeira página, comprova esse fato. Diz o colunista

Os cuidados da população com a gripe A (H1N1) – conhecida como gripe suína – levaram a um efeito colateral inusitado. Dados da prefeitura de Curitiba mostram que casos de doenças transmissíveis, como meningite, diarreia e conjuntivite diminuíram significativamente em razão de as pessoas terem lavado mais as mãos e tomado outras atitudes preventivas.

A reportagem alerta ainda que, com a proximidade do verão e o aumento da temperatura, as pessoas começaram a descuidar da prevenção, indicado pela diminuição do consumo de álcool gel, o que pode ocasionar novos surtos, visto que o vírus continua circulando.

Nesse caso, como a situação mostrou-se reversível, a transformação não ocorreu. Por um período, mudou o sistema periférico da representação, sem afetar o núcleo central. Quando o perigo passou, as práticas voltaram ao que eram antes.

CAPÍTULO 2

RESGATANDO O PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE

Um presente limpo com um passado sujo

"(...) as normas de limpeza não surgiram de um ponto zero. Elas têm suas âncoras e objetos, seus lugares de manifestação e seus modos de transformação. (...) Por isso, para compreender essa história, é preciso fazer silenciar nossos próprios pontos de referência e reconhecer uma limpeza em comportamentos hoje esquecidos.(...) Também é preciso alterar a hierarquia das categorias de referências: não são os higienistas, por exemplo, que ditam os critérios de limpeza no Século XVII, mas os autores de livros sobre boas maneiras; os praticantes dos costumes e não os eruditos".(VIGARELLO, 1996, p.3)

As práticas higiênicas são convenções instituídas socialmente que servem de parâmetro para orientar o comportamento das pessoas de um dado grupo social em uma dada época. A ciência, sendo considerada um empreendimento social, também institui regras de higiene que vão determinar comportamentos. Embora se saiba que a questão do saneamento básico, por exemplo, é essencial para a melhoria da qualidade de vida e a manutenção da saúde, as políticas públicas pouco fazem para reverter a situação existente no Brasil. A ausência desse serviço permite que epidemias se propaguem e deterioreem as condições de saúde de muitas regiões brasileiras.

Para entender a higiene corporal e perceber que o conceito de higiene é uma construção social, foi necessário resgatar uma parcela da história, buscando compreender os processos e as causas das mudanças de hábitos higiênicos, de atitudes e de comportamento dos indivíduos, em diferentes épocas e contextos sociais. Para tanto, pretendemos destacar as principais mudanças de hábitos higiênicos que ocorreram e os fatores que determinaram essas mudanças.

De acordo com Rodrigues (1995, p. 80), a sociedade contemporânea estabelece um sistema de categorias para poder organizar e classificar os fatos e acontecimentos do cotidiano. Esse sistema, como um mapa, permite a delimitação das fronteiras entre as categorias, determinando o que pertence a cada uma delas ou aquilo que está discrepante nessa grade conceitual. “As diferentes culturas possuem estratégias para lidar com o que escapa aos sistemas de classificação” (p.81): mudam a interpretação do fato; aniquilam ou expulsam o elemento transgressor, afastando-o do convívio. Classificam esse elemento como perigoso e passam a evitá-lo. A sujeira, hoje, simbolicamente, é um desses elementos considerados como perigosos. Ela se constitui por uma “mistura de elementos pertencentes a categorias que devam ser mantidas separadas (orgânico e inorgânico, cru e cozido, útil e inútil, privado e público, interior e exterior...)” (p.84). Mas, nem sempre foi assim.

Para estudar a história da higiene, estabelecemos, arbitrariamente, a Idade Média como referencial para o início de nosso estudo. De acordo com Rodrigues (1999, p.17) é arbitrário qualquer corte no tempo, porque todas as sociedades humanas possuem um passado anterior ao ponto de partida estabelecido. Mas, para iniciar este trabalho, vamos voltar no tempo e procurar entender qual era a representação da sujeira na Idade Média e, no período posterior a ela, já no século XVIII, o Século das Luzes. Patrick Susskind (1985, p.5), em um dos trechos do romance “*O Perfume*”, descreve como era o ambiente no século XVIII, época posterior à datação oficial da Idade Média:

(...) reinava nas cidades um fedor dificilmente concebível por nós, hoje. As ruas fediam a merda, os pátios fediam a mijó, as escadarias fediam a madeira podre e bosta de rato; as cozinhas, a couve estragada e gordura de ovelha; sem ventilação, as salas fediam a poeira, mofo; os quartos, a lençóis sebosos, a úmidos colchões de pena, impregnados do odor azedo dos penicos. Das chaminés fedia o enxofre; dos curtumes, as lixívias corrosivas; dos matadouros fedia o sangue coagulado. Os homens fediam a suor e a roupas não lavadas; sua boca fedia a dentes estragados, seu estômago fedia a cebola e, o corpo, quando já não era mais bem novo, a queijo velho, a leite azedo e a doenças infecciosas. Fediam os rios, fediam as praças, fediam as igrejas, fedia sob as pontes e dentro dos palácios. Fediam o camponês e o padre, o aprendiz e a mulher do mestre, fedia a nobreza toda, até o rei fedia como um animal de rapina, e a rainha, como uma cabra velha, tanto no verão quanto no inverno. Pois à ação desagregadora das bactérias, no século XVIII, não havia sido colocado ainda nenhum limite e, assim, não havia atividade humana, construtiva ou destrutiva, manifestação alguma de vida, a vicejar ou a fenecer, que não fosse acompanhada de fedor (...)

Rodrigues (1999, p. 62) confirma esses fatos narrados por Susskind, quando diz que, na Idade Média acreditava-se que a vida surgia por intermédio do "fedor". Zaia (2003, p. 260) relata que até o início do século XIX essa crença era sustentada pelo meio científico, visto que nessa época admitia-se que a vida podia ser originada de matéria não viva, por meio da geração espontânea ou abiogênese. Afirma ainda que

Muitos filósofos, cientistas, pensadores e mesmo qualquer pessoa culta aceitavam a existência de duas maneiras de gerar um ser vivo: através dos seus semelhantes (pais) e por geração espontânea. Esta ampla aceitação da geração espontânea pode parecer muito estranha para nós homens dos séculos XX e XXI, no entanto, eminentes pensadores, tais como Thales, Platão, Epicuro, Demócrito, São Tomás de Aquino, Paracelso, Goethe, Copérnico, Galileu, Harvey, Francis Bacon, Descartes, para citar somente alguns, não tiveram nenhum problema de ordem filosófica ou científica em aceitar a geração espontânea de seres vivos.

De acordo com essa teoria, que perdurou por cerca de 200 anos, os seres vivos podiam surgir de matéria não viva, desde que houvesse um "princípio ativo" para que essa transformação ocorresse. Foram elaboradas verdadeiras "receitas" para a obtenção de "diferentes tipos de seres vivos, desde pequenos insetos e vermes até crocodilos" (p. 260), a partir da matéria orgânica em decomposição.

Uma dessas receitas foi proposta em 1600, pelo médico fisiologista Jean-Baptiste van Helmont (1577-1644) que, apesar de ter realizado um importante estudo sobre a nutrição de plantas e ser considerado o pai da Bioquímica, realizou um experimento para a produção de ratos. Para isso, recomendava que se colocassem algumas roupas de baixo suadas em um jarro, cobrisse com trigo e em 21 dias ocorria a geração de ratos. O princípio ativo, neste caso, era o suor humano. Apenas na metade do século XIX, por meio de experimentos, Louis Pasteur comprovou, definitivamente, que qualquer organismo somente poderia ser originado de outro que o antecedeu, por um processo reprodutivo.

Portanto, na Idade Média, com esse tipo de mentalidade e sensibilidade, a ideia corrente concebia ao "fedor" o poder de gerar vida, ele seria o princípio ativo desse fenômeno e, então, a putrefação dos materiais se incorporava ao dia-a-dia das pessoas, visto que ela representava a continuidade da vida. "Tudo o que perece, assim, era incorporado, não excluído" (RODRIGUES, p. 62). Isso significa que o "lixo" de hoje, não

existia naquela época. Os restos eram depositados nas imediações e passavam a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Douglas (1976, p. 14) defende a idéia que a sujeira, denominada por ela de impureza, é um desrespeito contra a ordem e quando a eliminamos, estamos nos esforçando para organizar novamente o nosso ambiente. Vigarello (1996, p.1) complementa essa idéia quando diz que, nos séculos XVI e XVII, “o cuidado com a limpeza concentra-se mais explicitamente na roupa de baixo e no traje”. O que importa é a aparência, “o cuidado com a limpeza se faz para o olhar e o olfato” (p.2). Consideravam que a camisa branca ou roupa de baixo absorvia o suor, eliminava os resíduos e odores, purificando o corpo e substituindo o banho.

Para a sensibilidade da época, com a crença dos perigos que a água representava, "a roupa de baixo continua sendo julgada como portadora de limpeza" (VIGARELLO, 1996, p. 68) e representava um cuidado com o corpo que não existia antes. A brancura, que aparecia nos punhos e colarinhos, demonstrava a limpeza que os panos escondiam.



Traje feminino do século XVI. Disponível em:
<http://teacherwollmann.blogspot.com/2008_05_01_archive.html>
Acesso em 17 nov. 2009

A partir do século XVI, a brancura da roupa de baixo, também chamada de camisa, indicava a limpeza de quem a usava, sinalizando e representando, pela aparência, os critérios de higiene estabelecidos socialmente. O autor afirma que "com a roupa de baixo, a limpeza só fez ampliar seu valor de aparência" (p. 90). Também demonstrava o *status* social e econômico das pessoas, de acordo com a quantidade de camisas que cada um possuía e o tipo de tecido com que eram confeccionadas.



Roupa de baixo do século XVIII – disponível em:
<http://porviseu.blogs.sapo.pt/arquivo/2004_05.html> Acesso em 20 nov. 2009

De acordo com Cesconeto (2004, p.3), foi somente a partir do século XIX que a palavra higiene passou a ter significação. Vigarello (2008, p.375) complementa essa ideia quando afirma que, com o século XIX houve

(...) lento domínio dos fluxos, novas imagens do corpo, visão mais construída e mais sensível do conjunto de tegumento. O advento da limpeza contemporânea supõe a conversão de várias representações. Ela supõe também aprendizagem, difusão, instrumentação.

Portanto, enquanto a sujeira não se associou à desordem, ela não incomodou, visto que não representava perigo. Quando se vinculou a sujeira às epidemias e doenças, ela passou a ser encarada como impura e vinculada à morte. Hoje temos uma representação da sujeira como algo associado às doenças e aos micróbios. Tudo que é sujo pode conter micróbios invisíveis e causadores de doenças. Mesmo as pessoas não escolarizadas e que desconhecem o que são micróbios já incorporaram esse e outros termos ao seu vocabulário e procuram manter distância da sujeira. Também podemos

dizer que a essa representação foram incorporados aspectos estéticos, visto que ao sujeito associa-se o desleixo, o desorganizado, o desmazelo.

Na Idade Média, devido à inexistência conceitual de “lixo”, os resíduos e dejetos eram depositados nas ruas, quintais e quaisquer lugares públicos, atraindo porcos, cães, abutres, ratos e uma variedade enorme de insetos que circulavam livremente entre as pessoas. Além disso, as ruas serviam de despejo para o sangue dos animais abatidos nos matadouros, gorduras e resíduos das cozinhas das casas. E como essas casas não tinham banheiros, as excreções humanas eram também despejadas nas ruas, atitude considerada natural para a sociedade da época, embora seja repugnante em nossos dias.

Em Portugal, por exemplo, no município de Lisboa, no século XVI, foi instituída uma lei que obrigava a gritar três vezes "água vai", antes de lançar os resíduos pela janela, se não quisesse correr o risco de pagar uma multa de 60 soldos para apagar a injúria. Rodrigues (1999, p. 66) afirma que "os resíduos comportavam, portanto, a mensagem reconfortante e alegre de que tudo o que existia seria destruído para se renovar imediatamente".

Bueno (2007, p. 20) relata que na Idade Média a população das cidades ainda mantinha os hábitos da vida rural até dentro das casas, ou seja, "humanos e animais conviviam em total intimidade, e montes de excrementos eram ajuntados onde houvesse espaço". Além disso, as condições de higiene das cidades eram agravadas pelo aumento da população, pela ausência de rede de esgotos e pelo precário ou inexistente serviço de limpeza pública, o que fazia desses locais, constantes e contínuos focos de pestes e doenças. Nessa época ainda não se tinha estabelecido a relação entre a sujeira e o aparecimento de doenças.

No Brasil, com a colonização feita pelos portugueses, Bueno (2007, p. 30) diz que a situação da primeira capital não podia ser diferente. Salvador reproduzia muitas características de Lisboa – sujeira nas ruas, precárias condições sanitárias e corrupção nas repartições públicas. O abate de gado ocorria no matadouro que se localizava nas nascentes de um rio que ficou conhecido como Rio das Tripas, porque todos os resíduos das matanças eram jogados nas águas desse rio, o que provocou a sua contaminação em poucos anos. Não só o rio era poluído, as ruas de Salvador exibiam montes de lixo, dejetos e águas de esgoto. Essa situação perdurou por muito tempo fazendo com que visitantes estrangeiros, entre 1802 e 1821 declarassem que Salvador era a cidade mais suja em que eles já tinham estado.

Em 1763, com a mudança da capital para o Rio de Janeiro, a situação não melhorou – capital nova, hábitos antigos. A sujeira se espalhava por todos os lugares e "a maior parte da população ignorava as mais primárias normas de higiene pública e privada" (BUENO, 2007, p. 35). No interior das casas, os dejetos, resíduos e excrementos humanos não eram mais despejados pela janela e sim colocados em um barril, o qual era esvaziado no mar, em alguns casos todos os dias e, em outros, apenas uma vez por semana. Em dias de chuva, despejavam o conteúdo dos barris na enxurrada para ser levado para o mar. Os escravos encarregados do transporte desse material eram conhecidos como "tigres", pois viviam rajados de fezes e urina que escorriam desses barris.



Escravos "tigres" (Bueno, E. 2007, p. 39).

Quanto à higiene corporal, os hábitos desenvolvidos na Idade Média, influenciados pela cultura e crenças da época, eram bem diferentes dos que hoje praticamos. Até o século XVI, de acordo com Vigarello (1996, p. 24), existiam em muitas cidades da Europa, as estufas e as casas de banho públicas, cuja finalidade era mais

para o prazer do que para a limpeza por imersão. Segundo Ashcar (2006: p. 32) entre os séculos XI e XIII o banho passou a representar sinal de riqueza e ostentação. Era comum, como sinal de hospitalidade, oferecê-lo às visitas ou em recepções. Nessas festas, banheiras eram espalhadas pelo salão e as pessoas ficavam imersas em água morna. Dispensavam-se as roupas, mas não as jóias, acessórios e maquiagem.



Festa com banheira - Gravura do séc. XVI - Giulio di Antonio Bonasone (Ashcar, R. 2006, p. 35)

A partir do século XIV, segundo Ashcar (2006, p. 35), quando “a primeira onda da peste negra chegou à Europa, em uma epidemia que dizimaria um terço da população do continente até o século XVIII”, os estabelecimentos públicos foram fechados pelo temor de contágio, visto que a crença atribuída ao vapor e a água a abertura dos poros, facilitando a penetração das doenças. Na realidade essa doença era causada pela picada das pulgas dos ratos que infestavam as cidades, mas a população baniu o contato com a água, porque acreditava que o mal invisível da peste poderia estar em qualquer lugar, até na água. Portanto, a partir daí, a higiene corporal passou a ser feita sem a utilização da água, para não correr o risco das doenças se infiltrarem pela pele, por meio do ar pestilento que podia penetrar no corpo.

Ashcar (2006, p. 38) relata que nas cidades infectadas, como medida profilática, evitava-se o contato humano, por desconhecer a origem, a prevenção e a cura para a peste e, assim, passavam a evitar as escolas, as igrejas e os banhos. Portanto,

passaram a evitar justamente aquilo que poderia salvá-los: a higiene. Os próprios médicos recomendavam que as pessoas evitassem o contato com a água, visto que a ideia do corpo poroso fazia com que acreditassem que, pelos poros, tanto poderia sair o vigor, quanto entrar a doença. A autora (p. 39) afirma que na época acreditava-se que

O banho debilitava, causava imbecilidade, abatia as virtudes, era fonte de múltiplas fraquezas do corpo, matava os filhos no ventre das mães, era inimigo dos nervos, amolecia os ligamentos, enchia a cabeça de vapores venenosos.

Mas a falta de banho não eliminou a preocupação com a limpeza, havia um cuidado com o asseio, era uma limpeza seca. Vigarello (1996, p. 17) relata como era realizada a higiene corporal no século XVI: as regras de higiene e de saúde indicavam lavar as mãos, a boca e o rosto ao se levantar, mas no século XVII, com o aumento das epidemias, os perigos representados pela água se tornaram mais preocupantes, fazendo com que o contato com a água se restringisse apenas à lavagem das mãos e da boca. Para limpar o rosto usava-se esfregá-lo com um pano branco. Quanto ao corpo, para se considerar limpo, bastava trocar a roupa de baixo.

No século XVII, conforme afirma Vigarello (p. 90), novas representações aparecem, a limpeza adquire, agora, conotações morais, ao significar elegância, educação, distinção e ordem, mais ligada ao caráter que à saúde e higiene. As pessoas eram citadas pela sua limpeza, ainda prevalecendo a aparência percebida pelo olhar e olfato. Isso tem conseqüências nas relações sociais, pois a associação entre limpeza e distinção fez com que se agregassem outros valores e outros significados ao "ser limpo", que passou a ser equivalente a "ser bem trajado", ter roupas com corte impecável para parecer limpo.

A decência se refletia nas roupas limpas e dizia respeito aos modos e costumes. Rodrigues (1999, p. 114) concorda com Vigarello quando afirma que no século XVII a limpeza das coisas significava também limpeza da alma, além de admitir que um povo limpo, era um povo ordeiro e disciplinado, portanto a limpeza se associava com a organização e o respeito às regras. Ashcar (2006, p. 41) complementa afirmando que a roupa-branca, além de purificar o corpo, também permitia que se avaliasse a higiene da pessoa. Como distinção social, colarinhos, punhos, golas e mangas de renda passaram a ser exibidos como prova de asseio. Só importava o que era visível ao olhar.

A substituição da água pelo pó branco e pelo perfume

Segundo Ashcar (2006, p. 41), “a ilusão da aparência limpa ganhou complementos”. No século XVII, segundo Vigarello (pp.94-95), um novo costume ligado à limpeza se instalou entre os nobres europeus: o empoamento dos cabelos. O pó seca e se está seco, está limpo. De início, friccionavam os cabelos com “farelo de frumento⁴ cozido no fogão, renovando-o com frequência” ou, na hora de dormir, espalhavam nos cabelos algum pó secativo e detergente, o qual retiravam pela manhã. Essa nova estratégia permitia a manutenção dos cabelos macios e evitava lavá-los, já que a água continuava sendo evitada pelos malefícios que ela podia causar. Além disso, o pó complementava a aparência dando um ar de distinção. O empoamento dos cabelos passou a representar o mesmo papel das rendas da roupa de baixo – sua ausência demonstrava falta de limpeza, desalinho e desleixo.



Cabelos empoados – século XVII. Disponível em:

<http://obelogue.blogspot.com/2008/11/o-carteiro-what-to-wear-sculo-xviii.html>

Acesso em 20 nov. 2009

⁴ Frumento: o melhor do trigo; qualquer cereal. (Fernandes, F. et all. Dicionário Brasileiro Globo. 54 ed. São Paulo: Globo, 2001.

O pó dos cabelos trouxe, junto com ele, outro artifício para aparentar limpeza: o perfume. Tanto misturado ao pó, por maceração de ervas perfumadas, quanto em forma de essência para esfregar no corpo todo, o perfume era "ainda mais enganador por escapar às referências visíveis" (VIGARELLO, 1996, p. 97). O pó misturado com perfume era esparramado em arcas contendo as roupas brancas para conservar por mais tempo o seu frescor. Isso permitia que a troca da roupa de baixo não precisasse ser feita todos os dias.

Rodrigues (1999, p. 164) complementa as ideias de Vigarello ao afirmar que

Ao lado das vestimentas, os perfumes aparecem como instrumentos desta nova arte da aparência. Destinam-se a uma encenação enganadora que adiciona e sobrepõe à visibilidade das várias camadas de roupas. (...) busca-se saturar os armários de pós perfumados, para que a roupa (...) conserve a marca durável de seus aromas. (...) aparecem diversos sachês, que devem ser colocados sob as axilas, nos quadris, nas dobras das roupas (...) nas partes íntimas...



Frascos de perfumes – Idade Média (La Littérature Cosmétologique: traités et secrets de beauté. p. 293)

É o perfume que vai aumentar ainda mais a distância entre as classes sociais. Os perfumistas passam a desenvolver essências destinadas a públicos e finalidades diferentes: para ricos, para pobres, para fortalecer o corpo, para recompor o cérebro e, na época das pestes era comum queimar substâncias aromáticas para purificar o ar. O perfume limpava, substituindo a água, cujo uso continuava limitado.

Em meados do século XVIII, lentamente o banho com água começou a se difundir entre alguns nobres. Vigarello (1996, p.110) afirma que esse costume, gradativamente, se estabeleceu como mais um distintivo de status, já que a aristocracia providenciou a construção de quartos de banhos, mais pelo prazer do que pela saúde. O banho, "é antes de tudo refinamento suplementar para o mundano. É refinamento dos sentidos e do gosto" (p. 113). Com a mudança de hábitos e a incorporação do banho aos costumes da época, pouco a pouco foi aumentando a familiaridade com a água, de início quente e, posteriormente fria, mas ainda visando prazer ou saúde, nem tanto a higiene.

Com essas mudanças de hábitos, o empoamento dos cabelos e o uso exagerado de perfumes passaram a ser vistos como máscaras que escondiam odores indesejados e não mais como sinônimo da limpeza. O recomendado era a eliminação do mau cheiro na origem e não disfarçá-lo com a ilusão do perfume. Isso não significa que todos os perfumes foram moralmente abolidos, alguns deles, mais suaves, mais naturais, foram mantidos e usados, pois eles destacavam a limpeza do corpo, sem procurar encobrir as sujeiras. Essa nova percepção da limpeza, veiculada pelos manuais médicos, tinha mais a ver com a saúde do que no século anterior, quando estava ligada à estética e à civilidade.

Em relação a essa nova postura frente à limpeza, Vigarello (1996, p. 157) coloca que no final do século XVIII o importante passou a ser abrir os poros liberando a pele para a transpiração e a ventilação, evitando assim a formação de tumores. Era preciso retirar as crostas de sujeiras para que os poros pudessem ficar livres. Era necessário também evitar o uso de pomadas, pós e unguentos que obstruíam a pele impedindo a sua renovação. Rodrigues (1999, p. 166) concorda com Vigarello e acrescenta que a limpeza da pele passou a ser vista como um fortalecimento para o organismo, portanto era necessário retirar o cascão acumulado que entupia os poros. Embora recomendado pelos médicos, a resistência foi grande e só eventual e raramente o cascão era removido. Essas precauções, de início, nada tinham a ver com higiene, mas com a liberação da pele, para evitar outros males, estando então relacionadas com a saúde.

Portanto, o banho, a partir do final do século XVIII, passou a ter uma presença mais ativa, embora ainda não tenha se tornado familiar. Segundo Rodrigues (1999, p. 166), não bastava apenas trocar a roupa de baixo para combater a umidade da transpiração e cuidar da pele, embora por algum tempo o uso da água continuou mais ligado às normas terapêuticas e as regras de decoro e cortesia, do que propriamente higiênico.

Bueno (2007, p. 41) destaca ainda que a falta de hábitos higiênicos perdurou por muito tempo e que a corte portuguesa no Brasil, em pleno século XIX, ainda evitava o uso da água como prática de higiene. Para ilustrar, o autor relata que

(...) D. João VI sofria de várias erupções de pele. Conforme um de seus biógrafos, apresentava 'impigens nas coxas, nádegas e em outros lugares reservados, e, de quando em quando, coçava-se por detrás e por diante'. (...) o rei 'não se inibia (...) na hora de enfiar os dedos dentro da roupa e coçar onde quer que sentisse comichão'- e o fazia com a mesma mão que depois dava a beijar, na cerimônia diária (...) muito propriamente chamada de 'beija-mão'...(.)

Nesse período a resistência em se banhar ou entrar em contato com a água, para muitos ainda representava perigo e era evitado. O autor diz que após ser picado por um carrapato na perna, ocasionando uma ferida que não cicatrizava, D. João foi recomendado por seu médico a lavar a perna, o que causou protesto do enfermo e espanto de todos os seus acompanhantes, pela excentricidade do ato.

Vigarello (2008, pp. 376-377) complementa essa ideia ao afirmar que, no início do século XIX os banhos eram recomendações médicas, pouco ligadas à higiene ou bem estar, mas sim, terapêuticas e seus efeitos dependiam da temperatura da água, da mais fria a mais quente, seis categorias ao todo, cada uma delas recomendada para um tipo específico de tratamento. O banho concebido para limpeza, principalmente com água morna, deveria ser limitado a, no máximo, um por mês, porque esse tipo de banho “extenua mais o corpo do que o limpa”. Os próprios higienistas dessa época condenam o banho “sem outra necessidade que o capricho, ele relaxa, as partes que não deviam ser relaxadas e faz com que percam a tonicidade”. O autor (p. 378) afirma ainda que a resistência ao banho encontra respaldo nos pudores, visto que havia o medo de que a água quente e o isolamento da banheira pudesse despertar os maus pensamentos e o desejo sexual.

Com as descobertas de Pasteur, em meados do século XIX, segundo Vigarello (p. 390), há um deslocamento do olhar: a sujeira não se manifesta mais apenas pela aparência e pelo cheiro, mas pode ser invisível. Isso faz com que os cuidados com a higiene se intensifiquem, pois “a própria percepção não permite mais descobrir o ‘sujo’”. A limpeza torna-se a base da higiene, pois ela afasta toda a sujeira e, em consequência, todos os micróbios. Embora tenha havido uma resistência às descobertas de Pasteur, inclusive no meio científico, as representações do corpo e da limpeza se alteraram no

final do século XIX, fazendo com que novas práticas higiênicas se incorporassem no cotidiano das pessoas.

Como consequência dessa nova relação estabelecida entre microorganismos e saúde, no final do século XIX e início do século XX, algumas medidas relacionadas à higiene coletiva e à higiene pessoal foram claramente definidas e implementadas em vários países europeus, como França e Inglaterra e, na América Latina, no Brasil e na Argentina. Nesse período, a concepção dominante era de que a saúde pública deveria ser implantada nas escolas, pois se trata de um ambiente onde se agrupam os futuros cidadãos e, ao mesmo tempo, os prováveis divulgadores dos saberes relacionados à saúde. Foi nessa perspectiva que se realizou na Inglaterra, em 1903, o 1º Congresso Internacional de Higiene Escolar, no qual foram definidas algumas ações que deveriam ser adotadas.

Rocha (2008, p. 2) afirma que entre o final do século XIX e o início do século XX, a difusão do higienismo teve como principal divulgador os congressos nacionais e internacionais de higiene escolar. Esse período foi marcado por profundas transformações sociais, marcadas por “importantes reformas educativas ligadas à expansão da escolarização, pela difusão das idéias de renovação e modernização pedagógica e, ainda, pela significativa ampliação das preocupações acerca da infância, sua proteção e educação”. Esses eventos tinham como objetivo “interferir sobre a configuração dos sistemas educativos” e contavam com a participação de representantes de numerosos países.

Tais propósitos se justificam quando se tem em conta que os médicos higienistas, em seu afã de debelar as epidemias, combater a mortalidade e produzir novos modos de viver em sociedade, consideraram a escola como objeto privilegiado de intervenção, dedicando-se ao estudo dos tempos e espaços da escolarização, dos métodos e procedimentos de ensino, bem como da constituição física e intelectual dos alunos.

Com a criação do Instituto de Hygiene em São Paulo, atual Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, em 1918, de acordo com a autora (2003, pp. 40-41), “o discurso higienista passa a se articular entre o binômio educação e saúde”, propondo ações e “estratégias voltadas para a veiculação da mensagem da higiene no ambiente escolar”. Os principais objetivos dessa política sanitária era:

Eliminar *atitudes viciosas*, inculcar hábitos salutaros, desde a mais tenra idade. Criar um *sistema fundamental de hábitos higiênicos* capaz de dominar, inconscientemente, toda a existência das

crianças. Modelar, enfim, a *natureza infantil* pela aquisição de hábitos que resguardassem a infância da debilidade e das moléstias.

Portanto, segundo Rocha e Marques (2006, p. 2), nesse período “assiste-se a um processo de institucionalização e difusão da educação escolar”, visto que se atribui à educação “a capacidade de civilização dos povos, regeneração moral e profilaxia social”. Por meio desse processo pretendia-se “forjar os futuros cidadãos, desdobrando-se em dispositivos civilizatórios configurados com vistas a garantir a socialização das crianças”.

Vigarello (1996, p. 4) afirma que a história da limpeza é também uma história social, pois conforme o país e a classe social, mesmo na época atual, não existe uma prática de higiene líquida. Cada um poderá criar as suas próprias regras para o banho: diariamente, de oito em oito dias, mensalmente ou anualmente...

Para Douglas (1976, p. 19) a ideia de sujeira "é fruto do cuidado com a higiene e do respeito pela convenção (...)". Rodrigues (1995, p. 95) concorda com essa ideia ao afirmar que "a sujeira é relativa, gradativa", visto que as regras instituídas socialmente também demarcam a distância social entre as pessoas. Portanto, elas limitam e delimitam a estrutura da sociedade para manter o equilíbrio e a organização. Rodrigues (2006, p. 121) afirma ainda que elas "imunizam mais as ideias que as coisas", tanto que as regras de higiene sempre estão associadas a uma personalidade sadia. É a ideia de saúde que está sendo disseminada e compartilhada pelos membros de uma dada sociedade.

Rodrigues (p. 106) afirma que as regras de higiene também implicam posição social e poder, a partir do momento em que se incute nas pessoas um sistema de signos em que o limpo, puro, prevalece sobre o sujo, impuro. Vemos isso nas propagandas de produtos de limpeza que divulgam um modelo de vida das classes mais privilegiadas e um comportamento em relação ao corpo que nem todos os extratos sociais podem atingir.

(...) A ascensão na hierarquia está constantemente presente nos textos publicitários: no do dentífrico que tem 'gosto de vitória' e que 'faz de você um vencedor'; no do desinfetante que 'foi criado para você', porque 'ninguém gosta de limpar vasos sanitários'. (RODRIGUES, 2006, p. 107)

As propagandas fazem uso da terminologia científica, divulgando todo um aparato 'científico' que é utilizado como instrumento de persuasão, uma vez que para o

senso comum, o conhecimento científico é mais aceitável, serve de proteção à nossa saúde e no qual acreditamos. Então, as nossas práticas higiênicas, por conter essa cientificidade, são diferentes daquelas que os outros praticam. Os anúncios publicitários dos produtos de higiene trazem em seus textos alguns termos como: vírus, bactérias, micróbios, flúor, cloro, ionização, carvão ativado, entre outros, que embora não sejam entendidos por grande parte do público, são dignos de crédito, aceitos e incorporados à linguagem e utilizados nas conversações habituais dos grupos sociais.

Para ilustrar, podemos citar alguns exemplos de propagandas:

- Do **Pinho Bril**, desinfetante da Bombril - "(...) possui fórmula exclusiva com alto poder germicida e bactericida, age profundamente na limpeza do dia a dia, deixando todos os ambientes da casa limpos, desinfetados e com cheiro de limpeza por muito tempo".
- Do creme dental **Colgate Total 12**: "Colgate Total 12 oferece proteção completa. Previne 12 problemas bucais e protege por 12 horas. Ajuda a reduzir a placa bacteriana e os problemas de gengivas mesmo depois das refeições. Ajuda a reduzir o tártaro, ajuda a prevenir a cárie e auxilia na redução das bactérias formadoras do mau hálito".

Essas e outras propagandas, veiculadas por jornais, revistas e televisão, atingem todas as camadas da sociedade e os termos científicos por elas disseminados são agregados à comunicação dos grupos sociais, mesmo desconhecendo o seu significado, e induzem as pessoas a comprarem determinados produtos. Essa incorporação de termos científicos à comunicação social nos remete aos conceitos básicos das representações sociais: *ancoragem*, que consiste na integração cognitiva do objeto representado, classificando e denominando esse objeto para tirá-lo do anonimato e incluí-lo no universo conhecido e *objetivação*, que consiste em tornar concreto, tangível, o conhecimento sobre o objeto.

Quanto às regras de higiene, Rodrigues (p. 106) ainda enfatiza que, no dia a dia, sujam-se roupas de cama, de banho e pessoais, banheiros, cozinhas e outras dependências, mas a limpeza é feita por pessoas hierarquicamente inferiores e, muitas vezes, a prática dessas atividades já é símbolo de segregação e indicativo de uma baixa posição social: 'lavador de latrina', 'lixeiro', 'catador de lixo', entre outros. E é comum os próprios pais ameaçarem seus filhos, se reportando a essas atividades, como se elas representassem uma degradação, um desprestígio: – Se você não estudar, vai ser lixeiro!

O que praticamos hoje em relação às regras de higiene está calcado em toda uma trajetória social e as representações da higiene se modificaram e se modificam de acordo com o grupo social e o contexto de cada época. De acordo com Rodrigues (1999, p.16), "O passado não está apenas no passado: ele constituiu nossa sensibilidade e continua de certa forma (...) a ser presente". Associado à higiene, destaca-se a representação do corpo, sua história e sua vinculação aos hábitos higiênicos, que se alteram com o tempo, o tipo de cultura e o grupo social.

O corpo na história

(...) as melhores coisas da vida (sobretudo a própria) contêm inexoravelmente um risco de morte. Corpo fluido, que se desfaz ao mesmo tempo em que a vida o constitui. E que se constitui ao mesmo tempo em que a vida o desfaz. Tal corpo não vive. Convive. (Rodrigues, 1999, p. 102)

Para compreender os processos que ocorrem no cotidiano dos indivíduos, suas atitudes e seus comportamentos em relação ao corpo, o qual está intimamente ligado à ideia de higiene, pretendemos resgatar uma parte da história da percepção do corpo, buscando destacar as principais mudanças que ocorreram nessa percepção e os fatores que determinaram essas mudanças.

O corpo sente, se expressa, reage. Ao longo da história, a percepção sobre o corpo tem sido modificada de acordo com as mentalidades e concepções da sociedade de cada época. Ao tentar comparar e contrastar essa percepção sobre o corpo em diferentes espaços temporais, Rodrigues (1995, 1999, 2006), ao longo de suas obras defende a ideia de que *a percepção do corpo humano é cultural e socialmente constituída*. O autor (2006, p.49) afirma ainda que "a cultura dita normas em relação ao corpo" e que este, "como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e por outros intervenientes sociais e culturais". Le Breton (2006, p.26) corrobora essa tese ao afirmar que

O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. A

caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural.

Para estudar o corpo ao longo da história e defender a tese de que a percepção do corpo humano está mais ligada à estética que à saúde, a Idade Média continua sendo o nosso referencial. Um cuidado necessário ao empreender este estudo é perceber que as sensações auditiva, tátil, gustativa e visual que temos hoje foram se modificando com o tempo. Elas têm um passado e, principalmente, uma significação. O que hoje parece natural, nem sempre o foi. Os hábitos de higiene, os cuidados com a saúde e alimentação, o senso estético e outras práticas tão comuns, nem sempre existiram. Rodrigues (1999, p.16) diz que elas têm um “passado rico em detalhes e variações”.

Para o autor (p.31), a Europa Medieval Ocidental estava longe de ser um território homogêneo e sombrio como a retrataram nos séculos seguintes. O que ocorria era uma “efervescência de movimentos, migrações, batalhas, trocas e comércio (...), um continente cujo conteúdo configurava uma extraordinária diversidade cultural”, visto que cada um dos povos que ali habitava preservava e cultuava suas tradições, mitos, religiões, rituais e culinária.

Embora houvesse uma grande diversidade cultural, duas forças pressionavam a população tentando homogeneizá-la e unificá-la: o Estado e a Religião. Enquanto o Estado tentava impor, lentamente, as suas leis, a Igreja procurava, insistente e continuamente, converter os povos pagãos e bárbaros, negando e, muitas vezes, até impedindo suas crenças e rituais, substituindo-os pelos seus, tidos como verdades absolutas e únicas. Isso teve conseqüências em todos os setores da sociedade, visto que na Idade Média, fazer parte da Igreja era uma “escolha” obrigatória. Todos, independente do status social ocupado na sociedade, desde os mais humildes até os mais poderosos, temiam a possibilidade de serem afastados da Igreja, que representava o núcleo central de qualquer comunidade. Portanto, todos compartilhavam os mesmos rituais impostos pela religião, em uma mesma língua, o latim, embora existisse uma enorme variedade de dialetos, leis, moedas e padrões de comportamento.

Rodrigues (p.33) destaca que o conhecimento que temos da Idade Média, perpetuado pelas artes e literatura, é a cultura aristocrática da época, “a cultura da corte, dos nobres, da Igreja – especialmente do seu alto clero, com sua liturgia e hierarquia”. Segundo o autor (1995, p. 31), o que restou daquela época em nosso imaginário foi “a cultura oficial séria”, que se

opunha ao riso e a gargalhada, associando essas atitudes como coisas diabólicas. Essa elite aristocrática que se expandiu por toda Europa Ocidental era constituída por indivíduos que sabiam ler e escrever, falar latim – idioma obrigatório entre os intelectuais – portanto, pertencentes às altas camadas da sociedade.

O centro cultural dessa aristocracia era Paris, mas com afloramentos em muitas outras regiões da Europa, abrangendo o extrato superior da burguesia e, em parte, suas camadas médias. Nessa sociedade todos falavam a mesma língua, de início o latim e o italiano e, posteriormente, o francês. Embora diferissem em intensidade, os membros dessa elite “liam os mesmos livros, tinham os mesmos gostos, as mesmas maneiras”, submetiam-se “a uma convenção muito rígida de conduta e um controle dos modos de comportamento e gestualidade”. (RODRIGUES,1999, p.34).

Contrapondo-se a essa elite intelectualizada, existia uma outra “cultura predominantemente pagã”, distanciada do cristianismo e ligada aos ritos e aos mitos pagãos. Essa cultura dita popular era divulgada pela tradição oral, de geração a geração. Cultuava uma visão ingênua e espontânea do mundo, disseminando-se nas casas, nas ruas, nas tabernas, nos mercados, lugares onde a vida realmente acontecia, locais freqüentados pelo homem medieval comum, principalmente, os camponeses, caçadores e agricultores. Pessoas relacionadas diretamente com os animais, plantas, intempéries, astros...

De acordo com Rodrigues (p.36), essa cultura popular era a cultura de todos na Idade Média, sendo que a aristocracia também dela participava. A elite medieval era, portanto, bicultural: falava latim, mas também o dialeto regional; vivia em castelos, mas freqüentava as festas populares; convivia com os intelectuais, mas participava dos rituais folclóricos regionais. Muitas vezes um leitor culto lia em voz alta para um público analfabeto, os mesmos livros que circulavam em todos os meios sociais. Até mesmo o clero participava dos rituais pagãos, nas festas populares – era um meio eficaz para divulgar o catolicismo.

Rodrigues (1995, p. 31) afirma que essa cultura pagã, popular e descontraída era “também a cultura das festas”, do riso, que se manifestava nas comemorações em homenagem aos santos, nos carnavais de longa duração, nos casamentos e batizados, festas “quase sempre de caráter carnavalesco” (p.32). Essa era também a cultura dos bufões e bobos da corte, figuras indispensáveis nos castelos dos nobres. Essa carnavalização medieval, que atingia a tudo e a todos, não tinha fronteiras, atingia tanto as casas dos pobres, quanto os castelos dos nobres. Um exemplo desse tipo de

manifestação era “a festa dos bobos, este personagem que ridicularizava as instituições, que ironizava o sério, que fazia de tudo uma brincadeira (...)”. Nessa festa, em que se mesclava o sagrado e o profano,

(...) em lugar de incenso, os padres usavam excrementos. Em vez de benzer com água-benta, abençoava-se com urina. Terminada a missa, saía-se em uma espécie de cortejo, durante o qual os padres eram transportados em uma carroça carregada de excrementos, onde afundavam as mãos para retirar porções que atiravam sobre a população – um cometimento que alternavam com o gesto de urinar escancarada e debochadamente por cima das pessoas. (p.32)

Até o século XVI não havia oposição e nem antagonismo entre essas duas culturas. Elas se mesclavam. Por volta do século XVIII a cultura popular passou a ser segregada e indesejada, enquanto que a cultura aristocrática se fechou nos castelos, nas universidades, nas bibliotecas, nas escolas e nas catedrais. Portanto, o que sabemos desse período vem dos registros realizados por uma sociedade elitizada, que perpetuou o “o seu ponto de vista” e banuiu dos livros e do ensino oficial tudo aquilo que se referia à cultura popular. Rodrigues (2006, p.26) ressalta que

(...) a cultura se constitui como um sistema de representações, uma atividade que consiste em estabelecer as rupturas, os contrastes, e as distinções indispensáveis à constituição do sentido do mundo, das coisas e das relações sociais.

A unicidade e a dicotomia corpo/alma

Em um ambiente bicultural⁵ como a Idade Média, o espírito e a matéria não se opunham. Segundo Rodrigues (1999, p.55), nessa época valorizava-se a corporeidade em si, ou seja, corpo e alma formavam uma única unidade inseparável. Não se admitia que “os seres humanos possuíssem – por um lado, um espírito – indestrutível, transcendente e sublime” – que se opunha a uma matéria destinada à degradação e à decomposição. “O corpo medieval era o lugar simbólico em que se constituía a própria condição humana”.

⁵ Formada por uma cultura aristocrática que não se opunha à cultura popular. Ambas existiam e conviviam.

Nesse contexto histórico, também a dor tinha um sentido simbólico. Ela era associada a uma série de virtudes, tendo então uma conotação positiva. Sofrer significava: aumento da fé, purificação mística, recompensas em outra vida e desligamento das coisas mundanas. A inseparabilidade entre corpo e alma era bem representada na mentalidade e sensibilidade medieval relativa à dor. Com esse simbolismo, podemos entender as torturas praticadas nessa época, embora, nos dias atuais nos cause tanto horror. As torturas e execuções de condenados, contempladas por todos em praça pública, nada tinha de sadismo. O sofrimento, estando inserido em um sistema simbólico, fazia daquele ato uma expiação dos pecados, que poderia garantir a salvação daquele indivíduo, visto que “anteciparia, nesta vida, o pagamento de uma dívida, potencialmente reservado para a outra”. (RODRIGUES, 1999, p.57)

Em uma visão de mundo estruturada nesses princípios, a tortura medieval adquiria sentido e permitia certas atitudes que, hoje, nos pareceriam inconcebíveis: condenar à morte um cadáver, ao se descobrir, posteriormente, atos por ele praticados, passíveis de punição. Isso ocorria porque, mesmo após a morte, o corpo não perdia a sua essência, visto que não havia separação entre espírito e matéria e não se diferenciava o corpo da alma. Portanto, afirma Rodrigues (1999, p.58) “cadáveres jamais poderiam ser meramente cadáveres”. Portanto, dissecar um corpo, nessa época, era inconcebível, visto que, ao abrir o corpo, violava-se a alma, o que consistia em um sacrilégio.

Concordando com Rodrigues, Mandressi (2008, p. 411) afirma que a abertura de cadáveres humanos para o estudo de anatomia só voltou a ser realizada no final da Idade Média, embora já tivessem sido feitas dissecações humanas em Alexandria, no século III aC. Durante, aproximadamente, quinze séculos não foram realizadas dissecações. Atribui-se isso a uma proibição da Igreja, mas nada comprova esse fato, a não ser a existência de um único documento em apoio a essa tese, que é a decretal *Destantis feritatis*, emitida pelo Papa Bonifácio VIII, em 1299, que se opunha à retaliação de cadáveres. Mas, existem evidências de que elas continuaram a ser realizadas.

Para nós, hoje, parece uma incoerência – incentivava-se a prática da tortura, condenavam-se cadáveres à pena de morte e não se admitia a abertura do corpo humano. Alguns historiadores afirmam que as primeiras dissecações ocorreram no início do século XIV e eram públicas, mas dependiam de uma autorização especial do papa. As dissecações só se tornaram comuns e vistas com naturalidade, com o surgimento do dualismo de Descartes, que separou o corpo da alma.

Mais tarde, ao analisar com atenção o que eu era, e vendo que podia presumir que não possuía corpo algum e que não havia mundo algum, ou lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mesmo de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, resultava com bastante evidência e certeza que eu existia; ao passo que, se somente tivesse parado de pensar, apesar de que tudo o mais que alguma vez imaginara fosse verdadeiro, já não teria razão alguma de acreditar que eu tivesse existido; compreendi, então, que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de qualquer coisa material. **De maneira que esse eu, ou seja, a alma, por causa da qual sou o que sou, é completamente distinta do corpo** e, também, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, mesmo que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é. (DESCARTES, 1637, p. 22-23) (grifo nosso)

Com isso, iniciou-se uma luta para combater a dor, não mais vista como expiação de pecados, mas como um indicador de um “defeito” na máquina do corpo, que deveria ser “consertado” por meios técnicos, vinculados à área neurológica ou farmacológica.

Rodrigues (1999, p.60) reforça essa idéia ao afirmar que:

A invenção da dicotomia cartesiana corpo/alma constitui condição preliminar para o entendimento de que algo da existência fosse descartável. Tal dicotomia foi premissa indispensável para se chegar a conceber que alguma coisa do humano, ou mesmo qualquer fração do mundo, pudesse ser considerada como resíduo, sobra.

O autor completa ainda que, o próprio Descartes em suas *Meditations* reforça essa premissa ao afirmar que o “corpo não é senão aquilo que sobra da vida da alma”. Surge daí a idéia de resíduo, de lixo, algo para ser descartado por não ter mais utilidade, algo inexistente na Idade Média, porque a concepção medieval da unidade corpo/alma não admitia a presença de dejetos. Tudo era continuidade da vida e passível de ser aceito como natural. O homem medieval aceitava e convivia com situações que seriam insuportáveis para nós. Se não existiam restos e dejetos, visto que tudo era considerado como extensão da vida, os vivos e os mortos “se entrelaçavam em contínua e constante vizinhança (...) por ativa opção dos primeiros” (RODRIGUES, 1999, p.61).

A igreja medieval era o centro da vida comunitária. Ali se realizavam as festas regionais, os casamentos, batizados e as feiras, além de ser o local do forno comunal de

pão. Acontece que o cemitério também se localizava na igreja. Os ricos e poderosos eram enterrados dentro da igreja e, quanto maior o prestígio do morto, mais próximo do altar seria o seu túmulo. Já os cadáveres dos menos privilegiados eram enterrados em valas coletivas ao lado da igreja, as quais permaneciam semi abertas até serem totalmente preenchidas. O convívio com esses cadáveres em decomposição, fervilhando de vermes, era tido como natural.

A concepção de vida e de morte tinha outra conotação no período medieval. Não havia separação entre vivos e mortos, porque a vida continuava após a morte. Segundo Rodrigues (1999, p.62) “morrer era dormir” até o dia do “Grande Despertar” em que todos acordariam desse sono, de corpo e alma, para uma vida gloriosa junto ao Criador. A crença na “ressurreição da carne”, apregoada até hoje nas orações, impedia a profanação dos cadáveres, os quais deveriam estar completos para esse grande dia. Portanto, a putrefação dos corpos e os vermes que neles surgiam demonstrava o ressurgimento e a continuidade da vida. Qualquer resíduo como ossos e crânios eram preservados e incorporados ao cotidiano e não descartados como fazemos hoje. Atualmente, após a separação dicotômica entre corpo e alma, a crença é de que apenas a alma passa a ser imortal e o corpo, habitat da alma, é algo descartável, como o lixo e outros dejetos produzidos.

Retomando a idéia de Rodrigues colocada no início deste capítulo de que o *corpo humano é cultural e socialmente constituído*, o autor (2006, p.18) a expande dizendo que “a cultura, distintivo das sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social”. A representação social do corpo tem a sua origem nos relacionamentos dos indivíduos e nos grupos sociais, que imprimem suas preferências de acordo com as crenças e visão de mundo de cada período histórico. A cultura influencia a constituição comportamental do homem, visto que ela é um “atributo distintivo da humanidade” (p. 26) e ela

(...) instaura o que chamamos natureza do homem e tem a ver com as condições orgânicas e sociais que dialeticamente relacionadas lhe estão na base. Não há comportamento humano fora da cultura ou resultante de qualquer abstração que se faça desta. (p.25)

Segundo Rodrigues (2006, p.48), a sociedade, em qualquer época ou lugar, seleciona os atributos que determina o que o ser humano deve ser, intelectual e moralmente, sendo que esse leque de características se aplica a todos os membros de uma mesma comunidade. Desse modo, para que os atributos eleitos pela sociedade,

possam se perpetuar nas gerações seguintes, a educação tem um papel fundamental, que é o de transmitir e impor para as crianças os atributos que a sociedade deseja que elas adquiram.

(...) é a sociedade em sua globalidade e cada fragmento social em particular que decidem o ideal intelectual, afetivo, moral ou físico que a educação deve implementar nos indivíduos a socializar.

Para que uma sociedade sobreviva é preciso inculcar na mente das crianças os requisitos básicos que ela considera necessários à sua identificação e que possibilitem a comunicação entre os indivíduos. Rodrigues (p.36) afirma que a sociedade é constituída por um conjunto de regras e normas que “ultrapassam as consciências individuais”, as quais todos devem respeitar. Nesse caso, a educação funciona como um processo repressor que, direta ou indiretamente, repassa os princípios que a sociedade escolhe, como diretrizes para a formação do indivíduo considerado socializado. Poucos são aqueles que negam ou desafiam a ordem social e, quando o fazem, podem ser marginalizados. O autor (p.37) afirma ainda que

(...) uma pessoa pode ser considerada socializada quando abre mão de sua autonomia fisiológica em favor do controle social e quando se comporta a maior parte do tempo como as outras pessoas, seguindo rotinas culturalmente estabelecidas.

O corpo humano é uma representação social de valores, eleitos por uma sociedade, que lhe confere a condição de fazer parte de um estrato social para que possa se comunicar com seus pares. É, portanto, um sistema simbólico, em que o social se apresenta até nos menores gestos e ações humanas. “Indivíduos nascidos em uma sociedade e socializados em outra apresentam os costumes e os hábitos corporais da segunda” (p.89).

Na apenas o corpo como um todo é objeto de representações de valores socialmente estabelecidos, mas partes do corpo também o são. Roberto Hertz, citado por Rodrigues (2006, p. 93) e Le Breton (2006, p. 69), em artigo sobre a proeminência da mão direita, enfoca a influência cultural na representação e valores associados às partes do corpo. À mão direita estão vinculados valores como: retidão intelectual, bom senso, bom caráter, integridade moral, enquanto a esquerda fica com as idéias opostas: mau caráter, erro, esquisitice. Até hoje essa representação permanece em nosso ideário, visto que o sinônimo da palavra canhoto é sinistro, ou seja, aquele que é funesto, pernicioso, de má índole. A mão direita age, ordena, pega. A mão esquerda apenas serve de

coadjuvante, auxiliando quando necessário. Essa simbologia complica a vida dos canhotos, visto que ser canhoto representa uma marca social que estigmatiza.

Sobre esse assunto há várias opiniões antagônicas tentando justificar a predominância de destros na espécie humana, mas Hertz admite que a mais plausível é o vínculo existente entre o domínio da mão direita e o maior desenvolvimento do hemisfério esquerdo do cérebro, o qual coordena os movimentos do lado direito. Sendo assim, a maioria dos humanos “são destros de mão e canhotos de cérebro”. Muitas vezes, o uso da mão direita é obrigatório, “imposto pela coerção, garantido pela sanção”, mas nada impede que, em caso de necessidade, a mão esquerda seja treinada e adquira habilidade, força e rapidez.

O mesmo ocorre com os órgãos sensoriais. Cada sociedade tem uma visão de mundo que lhe confere diferentes percepções, sentimentos e posturas em relação ao ambiente físico e social em que vive. Cada indivíduo, de acordo com a época e o meio social, aprende a interpretar as sensações vivenciadas, em consonância com a conotação estabelecida culturalmente para a percepção dos sentidos. Segundo Rodrigues (2006, p.95), “todas as sociedades se aproveitam dos sentidos para codificar o mundo (...), entretanto, toda sociedade codifica esses próprios sentidos”. As experiências auditivas, olfativas, visuais, táteis, gustativas podem ser percebidas de maneira diferente pelas diversas sociedades humanas, porque cada indivíduo em particular e, cada sociedade em geral, estabelece códigos sensoriais especiais que não dependem apenas de causas fisiológicas, mas são influenciados pela interpretação que se dá às experiências vivenciadas.

Os órgãos dos sentidos permitem o nosso contato com o mundo de uma maneira simbólica. O olfato está associado a uma série de signos, estabelecidos socialmente: limpeza ou sujeira, saúde ou doença, saudável ou estragado. O odor emanado de corpos em decomposição nos é desagradável e repugnante, embora para outras sociedades, ou em outras épocas, era tido como natural. Pessoas que vivem próximas a indústrias que liberam gases, nem percebem o cheiro ruim, mas indivíduos que vivem em outros locais sentem o mau cheiro assim que entram em contato com esses gases. Nós, do ocidente, costumamos verificar se o alimento está estragado ou não, pela percepção olfativa – cheiramos o alimento antes de ingeri-lo. A visão também é um sentido condicionado culturalmente. De acordo com Rodrigues (2006, p.96), algumas sociedades não têm a percepção de profundidade, portanto não conseguem perceber detalhes que outros povos identificam. Há também uma simbologia relacionada às cores,

sendo atribuídos valores a cada uma delas: “preto: morte; branco: limpeza; vermelho: perigo; verde: esperança; amarelo: desespero etc.” (p.98). A visão nos permite “ver para crer” e, para não esquecer, escrevemos aquilo que ouvimos ou precisamos lembrar. Os outros órgãos dos sentidos também têm conotações diferentes, de acordo com a época e a localidade de cada sociedade.

Le Breton (2006, p.65) destaca a importância dos relacionamentos na formação da corporeidade. São as influências sociais e culturais que vão moldando o corpo de acordo com os atributos eleitos e as convivências estabelecidas, sem deixar de mencionar a enorme adaptabilidade do ser humano, que permite a sua inserção em outra sociedade. A corporeidade não deve ser vista como uma fatalidade e sim, como uma complexa rede de simbolismos construídos social e culturalmente.

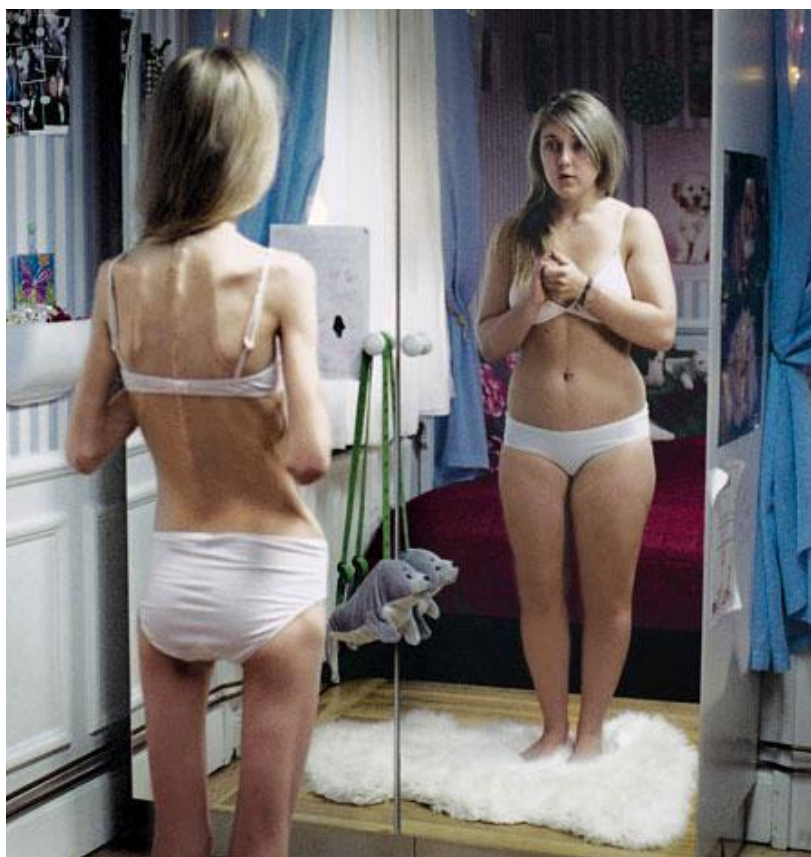
No mundo moderno, ao contrário do que ocorria na Idade Média, ao corpo humano se atribui um sistema de valores que permite a sua divisão em diferentes órgãos e funções, de acordo com cada sociedade. “O corpo é aqui visto como um outro diferente do homem que encarnara” e isso faz com que ele perca “o seu antigo valor moral e vê crescer seu valor técnico” (p. 71). O progresso da medicina e da biologia transformou o corpo humano em matéria-prima, decompondo-o em peças, cada vez mais requisitadas para suprir a demanda dos transplantes e outros procedimentos científicos. O autor afirma ainda que

A unidade humana encontra-se fragmentada, a vida toma a aparência de uma potência mecânica. O corpo, dividido em componentes, cai mais facilmente sob a lei da convertibilidade e da troca generalizada à medida que é suspensa a questão antropológica de seu estatuto. (p. 72)

De acordo com Rodrigues (2006, p. 149), há uma contradição, expressa pelas sociedades, sobre a corporeidade humana em relação à natureza do homem, visto que consideram o ser humano como um animal (um ser da natureza) ao mesmo tempo em que o definem como um ser cultural (moldado pelo social). Isso faz com que no homem haja uma ambigüidade, revelando simbolicamente duas forças antagônicas em um mesmo ser e ao mesmo tempo: aquilo que a sociedade deseja que ele seja e aquilo que ela teme que ele se torne. Com isso, a sociedade vê no homem uma dupla natureza: de um lado o enxerga como puro e limpo, quando controlado, e impuro e rebelde quando se desvia dos valores socialmente estabelecidos. Para se afirmar como ser cultural, o homem rejeita sua humanidade, esquecendo que ela se encontra “enraizada em sua natureza animal”, representada por seus processos orgânicos, muitas vezes “negados, rejeitados e odiados”.

A história da percepção do corpo pelo homem, ser cultural e social nos leva a considerar que a sociedade, a qual está inserido, tem um papel fundamental no comportamento manifestado no cotidiano e também que um outro fator contribui para a sua aceitação ou rejeição como membro ativo e atuante de um grupo social – a percepção que essa sociedade tem sobre higiene, hábitos comuns, aceitos e praticados pelos participantes do grupo. Também interfere na representação do corpo, a aparência que ele tem, visto que o valor estético do corpo é, hoje, cultuado pelos principais meios de comunicação, provocando desconforto naqueles que estão fora do padrão estabelecido.

A cultura do corpo perfeito, preconizada pelos meios de comunicação, coloca em evidência um padrão cultural e estético que nem sempre está ligado à saúde. Hoje, a mídia apresenta como modelo da saúde, corpos magérrimos que vão servir de parâmetro para uma grande camada da juventude. Esses jovens, em busca do ideal de corpo imaginário, se submetem a dietas rigorosas, ingerem complementos alimentares e freqüentam as academias, que podem prejudicar a saúde, com o surgimento de transtornos alimentares, como a bulimia e anorexia.



Transtorno alimentar – anorexia. Disponível em: <http://eduhonorato.wordpress.com/2009/01/28/> Acesso em 20 nov. 2009

Essas reflexões nos remetem à tese inicial de que “*a percepção do corpo humano está mais ligada à estética que à saúde*”, visto que a sociedade contemporânea, preocupada com a aparência, a ostentação e o desejo de bem-estar leva o homem a se desgastar física e psicologicamente em busca de um ideal social e culturalmente instituído.

No próximo capítulo vamos explicitar a metodologia a ser adotada neste trabalho, tanto para a coleta, quanto para a análise dos dados.

CAPÍTULO 3

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Explicitando os objetivos da pesquisa

O nosso objeto de estudo está centrado na representação social da higiene corporal dos licenciandos em ciências biológicas, na relação desses estudantes com o sujo e o limpo. Nesse sentido, esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de conhecer o conteúdo, a organização e a estrutura das representações sociais em questão. Para isso vamos utilizar a abordagem transversal, ou seja, verificar as representações dos licenciandos no início e no final do curso, simultaneamente, verificando também se o curso contribui para que ocorram transformações.

No entanto, conforme ressalta Almeida (2001: p. 142), não existe uma única técnica que permita o estudo, ao mesmo tempo, desses três elementos (conteúdo, organização e estrutura), visto que o estudo das representações sociais apresenta um caráter plurimetodológico devido “à necessidade imposta pela própria teoria de abarcar o objeto a partir de diferentes perspectivas” (p. 155).

Os instrumentos da pesquisa

Para realizar esta pesquisa, optou-se pela utilização de dois estudos. No primeiro deles, foram analisados os dados obtidos na associação livre de palavras e nas respostas das questões abertas do questionário. No segundo estudo, analisou-se os dados obtidos na triagem hierárquica sucessiva. Ambos os estudos foram realizados com dois grupos de estudantes: os iniciantes (Grupo I) e os concluintes (Grupo C) do curso de licenciatura em ciências biológicas. Portanto, foram utilizadas várias técnicas, incorporando a elas, métodos quantitativos e qualitativos para a coleta e análise dos dados.

1º ESTUDO

O instrumento de pesquisa utilizado, nesta etapa da pesquisa, foi o questionário, contendo a técnica associação livre de palavras e questões abertas. Esse instrumento foi utilizado para o levantamento do conteúdo das representações sociais. De acordo com Almeida (2001, p. 143), o questionário “é considerado um instrumento privilegiado no estudo das representações sociais”. Isso ocorre porque ele permite, “a partir de uma análise quantitativa, identificar a organização das respostas”. A escolha do questionário teve por objetivo possibilitar o acesso a um maior número de alunos, reduzir os riscos de uma interpretação equivocada por parte do pesquisador, além de permitir evidenciar os aspectos explicativos dos sujeitos pesquisados e situar a posição do grupo em relação ao tema proposto. Além disso, esse tipo de instrumento permite a inserção de questões abertas e fechadas, possibilitando assim que os sujeitos possam verbalizar o que pensam e como agem frente aos temas focalizados.

Para definir as questões a serem utilizadas nesse instrumento de pesquisa, no 2º semestre de 2007 foi aplicado um questionário piloto para um grupo de trinta e nove licenciandos de diferentes cursos. Esse questionário foi aperfeiçoado e aplicado novamente, ainda como piloto, no primeiro semestre de 2008, para dezoito licenciandos em Ciências Biológicas em final de curso.

O questionário aplicado (anexo 1) continha um levantamento de dados sobre a idade, sexo, estado civil, religião, cidade onde nasceu, cidade onde passou a infância e local em que mora atualmente. As três primeiras questões estavam relacionadas com a técnica de associação livre de palavras, com os termos indutores: higiene corporal, sujo e limpo, respectivamente. Essa técnica possibilita a identificação dos prováveis elementos constituintes da representação social, a partir de três indicadores: palavras mais freqüentes, palavras mais prontamente evocadas e palavras indicadas como mais importantes.

Segundo Almeida (2001, p. 153),

A técnica de associação livre consiste exatamente em apresentar a um sujeito (*alguém* que representa algo), uma palavra, frase ou expressão (*algo* que está sendo representado por alguém), que funcionará como um termo indutor, correspondendo ao objeto de representação que está sendo investigado. A partir desse termo indutor, solicita-se ao sujeito que produza, o mais rapidamente possível, pelo menos três palavras, frases ou expressões que lhe

vierem à mente (palavras induzidas, designando os elementos da representação).

Em nossa pesquisa foi solicitado aos estudantes que indicassem cinco palavras para cada termo indutor. A seguir, ele deveria indicar a mais representativa e justificar a escolha. O questionário continha ainda treze questões abertas, as quais, de acordo com Almeida (2001, p. 154) permitem que os sujeitos tenham liberdade para estruturar e desenvolver suas respostas.

2º ESTUDO

Nesta etapa da pesquisa foi utilizada a técnica da triagem hierárquica sucessiva, também conhecida como Tri-Teste. Esta técnica permite o levantamento da organização e da estrutura interna das representações. A técnica de Triagem Hierárquica Sucessiva (Tri – teste), é um complemento da técnica de associação livre de palavras. A partir do levantamento das palavras mais salientes que aparecerem na associação livre de palavras, aplica-se a um grupo de participantes (que tenham respondido o questionário), permitindo reduzir, em grande parte, a influência do pesquisador na interpretação e elaboração de significação da representação social, tornando a análise mais significativa e pertinente.

Esse método consiste em apresentar, para cada termo indutor, uma planilha contendo os trinta e dois atributos mais salientes, levantados no primeiro estudo e, solicitar ao estudante que assinale, sucessivamente, os dezesseis atributos que mais representam o termo proposto. A seguir, dos dezesseis assinalados, marcar os oito mais representativos; dos oito, selecionar quatro; dos quatro, indicar dois e, por último, selecionar apenas um. Chega-se a um único atributo que, de acordo com o estudante, mais representa o tema proposto. A seguir, o estudante justifica porque esse atributo é o mais representativo.

Para a aplicação do Tri-teste foi elaborada uma planilha (quadro 1) para cada termo indutor: “higiene corporal”, “sujo” e “limpo”. Cada planilha estava dividida em seis colunas: a primeira continha os trinta e dois atributos selecionados no primeiro estudo; as outras colunas continham os números 16, 8, 4, 2 e 1 respectivamente e, logo abaixo da planilha havia um espaço para colocar a justificativa da escolha do atributo mais significativo. Nessa justificativa, o estudante deveria indicar o significado que esse atributo tinha para ele.

Ressalta-se que para cada termo indutor foi elaborada uma planilha, portanto cada estudante realizou o Tri-teste por três vezes, uma para cada termo indutor. A aplicação do Tri-teste foi realizada por esta pesquisadora, sendo que os estudantes foram abordados individualmente e demoraram cerca de quinze minutos para concluírem suas escolhas. A seguir apresento, como exemplo, o modelo de planilha utilizada para registrar as respostas dos alunos do Grupo I (iniciantes) para o termo indutor “higiene corporal”.

QUADRO 1: Planilha para coleta de dados sobre a higiene corporal – Grupo I (iniciantes)

INICIANTE – HIGIENE CORPORAL

Instrução: Na 1ª coluna assinale os 16 atributos mais representativos da higiene corporal; na 2ª coluna assinale, dos 16 atributos marcados, os 8 que mais representam esse termo; na 3ª coluna assinale os 4; na 4ª coluna assinale os 2 e, na 5ª coluna marque apenas um atributo.

atributo	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
	esc.	esc.	esc.	esc.	esc.
	16	8	4	2	1
Água					
Asseio					
Banheiro					
Banho					
Beleza					
Bem estar					
Cabelos					
Cheiro bom					
Cotonete					
Creme					
Creme dental					
Cuidado					
Dentes					
Depilação					
Desodorante					
Educação					
Escova dental					
Escovar os dentes					
Esponja					
Estética					
Limpeza					
Limpo					
Mãos					
Organização					
Perfume					
Pés					
Prevenção					
Sabonete					
Saúde					
Unhas					
Vaidade					
Xampu					

Justifique porque o atributo da última coluna mais representa a higiene corporal. O que ele significa para você?

As outras planilhas (ver anexo 2) foram elaboradas da mesma maneira, variando apenas o termo indutor e os atributos, de acordo com as escolhas feitas pelos alunos, demonstradas nos quadros 22, 23, 24, 25, 26 e 27 (pp. 159-161).

Os participantes da pesquisa

1º ESTUDO

Tendo em vista que o objeto deste estudo são as representações sociais da higiene corporal, foram escolhidos para participar da pesquisa todos os alunos do curso de licenciatura em Ciências Biológicas que ingressaram na universidade no segundo semestre de 2008 e todos os alunos que estavam concluindo o curso nesse mesmo ano. Trata-se de uma Instituição de Ensino Superior privada do Distrito Federal. A pesquisa foi realizada com 49 (quarenta e nove) alunos iniciantes do curso e 58 (cinquenta e oito) alunos em final do curso.

2º ESTUDO

O segundo estudo foi aplicado para 16 (dezesesseis) estudantes do início do curso de licenciatura em Ciências Biológicas (Grupo I - iniciantes) e 16 (dezesesseis) estudantes do final do curso (Grupo C - concluintes), que já haviam participado do estudo anterior. Esses estudantes foram escolhidos aleatoriamente. De acordo com Sá (1998, p. 92), as técnicas aplicadas para a identificação do núcleo central das representações, embora não demandem muito tempo, devem (várias delas) ser aplicadas individualmente, fazendo com que o número de sujeitos pesquisados possa ser bem menor que aqueles pesquisados na etapa anterior. O autor (p. 93) afirma ainda que “não há exatamente uma justificativa para isso, mas algo como uma herança das origens experimentais da teoria, segundo a qual os grandes números só seriam necessários para um controle estatístico das variáveis”, que não é o caso deste estudo.

Os procedimentos de análise da pesquisa

Os questionários foram identificados com IF (iniciante feminino), IM (iniciante masculino), CF (concluinte feminino) e CM (concluinte masculino), seguidos de um número seqüencial, que corresponde ao seu protocolo para identificação. A análise dos depoimentos coletados nas questões abertas do questionário foi realizada após leituras sucessivas das respostas dos participantes e, posteriormente, foram agrupadas em eixos temáticos.

Na técnica de associação livre de palavras foi realizado um levantamento dos atributos indicados pelos estudantes, verificando o percentual de indicações na ordem em que foram evocados e o total de evocações, em seguida, essas palavras foram também agrupadas em um sistema temático. Para verificar a organização dos atributos na representação, levam-se em conta apenas os atributos que permanecem até a última escolha. São esses atributos que compõem a representação.

A técnica da Triagem Hierárquica Sucessiva, aplicada a partir da identificação dos atributos mais representativos, indicados por meio de associação livre de palavras, permitiu identificar os elementos centrais e periféricos de cada representação. Essa técnica foi aplicada para dar maior consistência na interpretação dos eixos temáticos estabelecidos. De acordo com Abric (1998, p. 31) “a centralidade de um elemento não pode ser atribuída somente por critérios quantitativos”, visto que “o núcleo central possui, antes de tudo, uma dimensão qualitativa”.

A seguir foi feita a interpretação dos eixos temáticos, comparando os resultados obtidos com os participantes do início e final do curso, para verificar se houve ou não transformação das representações sociais referentes à higiene corporal dos futuros professores de ciências e biologia, podendo, então, concluir se o curso de Ciências Biológicas contribui ou não para a transformação das representações sociais dos alunos nele matriculados.

CAPÍTULO 4

A HIGIENE E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL: RESULTADOS DA PESQUISA

Considerando que esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de conhecer o conteúdo, a organização e a estrutura da representação social da “higiene corporal”, do “sujo” e do “limpo”, construídas por licenciandos, este estudo foi realizado com a participação de dois grupos de estudantes de um curso de Ciências Biológicas (Grupo I – iniciantes e Grupo C – concluintes), com a intenção de identificar as prováveis representações sociais e se ocorreram transformações nessas representações.

Tendo em vista os instrumentos aplicados para gerar os dados, optamos por analisar, em um primeiro momento, os resultados obtidos a partir da aplicação do questionário, contendo a Associação Livre de Palavras e as questões abertas e, em um segundo momento, discutiremos os resultados da Triagem Hierárquica Sucessiva (TSH ou Tri-Teste).

1º ESTUDO

O objetivo deste estudo foi levantar os elementos constitutivos das representações sociais, construídas pelos estudantes iniciantes e concluintes do curso de licenciatura em ciências biológicas sobre a “higiene corporal”. “sujo” e “limpo”, buscando identificar os mais freqüentes e, assim, organizá-los em categorias para a posterior elaboração de outros instrumentos de coleta de dados.

PERFIL DOS PARTICIPANTES

Perfil dos participantes do Grupo I (iniciantes)

O perfil dos estudantes iniciantes do curso está descrito no quadro a seguir, que permite uma maior visualização e oferece maiores informações a respeito deles.

QUADRO 2: Perfil dos estudantes iniciantes do curso de licenciatura em ciências biológicas. (Grupo I)

SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL
Masculino = 18	17 – 20 = 26	Solteiro(a) = 45
Feminino = 31	21 – 25 = 15	Casado(a) = 01
	26 – 29 = 04	Divorciado(a) = 01
	30 – 33 = 02	Separado(a) = 02
	34 – 36 = 02	
RELIGIÃO	ESTADO EM QUE NASCEU	ESTADO QUE PASSOU A INFÂNCIA
Católica = 22	DF = 39	DF = 38
Evangélica = 08	SP = 02	SP = 02
Espírita = 04	BA = 02	BA = 02
Nenhuma = 07	MG = 02	MG = 02
Outras = 04	RS = 01	GO = 02
Não respondeu = 04	GO = 01	RJ = 02
	TO = 01	Itália = 01
	RN = 01	
	ONDE MORA?	
	Taguatinga = 13	Cruzeiro = 02
	Plano Piloto = 09	N. Bandeirante = 01
	Ceilândia = 05	Brazlândia = 01
	Água Claras = 04	Park Way = 01
	Guará = 03	Candangolândia = 01
	Riacho Fundo = 03	Goiás = 01
	Samambaia = 02	Não responderam = 03

NOTA: N = 49

A idade média dos sujeitos que participaram deste estudo era de 22 anos, sendo a menor idade de 17 anos e a maior de 36 anos. Dos 49 estudantes, 18 (36,76%) eram do sexo masculino e 31 (63,24%) do sexo feminino. Todos eles cursando o primeiro semestre do curso de licenciatura em ciências biológicas. A grande maioria 45 (91,84%) era solteira, sendo 1 (2,04%) casado, 1 (2,04%) divorciado e 2 (4,08%) separados. Dos estudantes que participaram do estudo, 22 (44,90%) declararam seguir a religião Católica, 8 (16,34%) a Evangélica, 4 (8,16%) a Espírita, 4 (8,16%) declararam seguir outras religiões, 7 (14,29%) disseram não seguir nenhuma religião e 4 (8,16%) não responderam este item da pesquisa.

Quanto ao estado de origem dos estudantes, 39 (79,59%) são do Distrito Federal. São Paulo, Bahia e Minas Gerais aparecem com 2 (4,08%) representantes cada um e os estados do Rio Grande do Sul, Goiás, Tocantins e Rio Grande do Norte com um (2,04%) representante cada um. Os participantes deste estudo passaram a infância em

vários estados, sendo que 38 (77,55%) deles passaram a infância no Distrito Federal. Nos estados de São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro 2 (4,08%) estudantes passaram a infância em cada um dos estados, enquanto que um (2,04%) estudante passou a infância na Itália.

Os estudantes deste estudo moram atualmente em diferentes regiões Administrativas do DF: 13 (26,53%) em Taguatinga, 9 (18,37%) no Plano Piloto, 5 (10,20%) em Ceilândia, 4 (8,16%) em Águas Claras, 3 (6,12%) no Guará, 3 (6,12%) no Riacho Fundo, 2 (4,08%) em Samambaia, 2 (4,08%) no Cruzeiro. As Regiões Administrativas do Núcleo Bandeirante, Brazlândia, Park Way e Candangolândia tem 1 (2,04%) estudante morando em cada uma delas. Em Goiás mora 1 (2,04%) estudante e 4 (8,16%) estudantes não responderam este item.

Perfil dos participantes do Grupo C (concluintes)

O perfil dos estudantes concluintes do curso está descrito no quadro a seguir, que permite uma maior visualização e oferece maiores informações a respeito deles.

QUADRO 3: Perfil dos estudantes concluintes do curso de licenciatura em ciências biológicas (Grupo C).

Sexo	Idade	Estado Civil
Masculino = 17	17 – 20 = 06	Solteiro(a) = 49
Feminino = 41	21 – 25 = 38	Casado(a) = 09
	26 – 29 = 10	
	30 – 33 = 02	
	34 – 36 = 00	
	37 – 40 = 02	
RELIGIÃO	ESTADO EM QUE NASCEU	ESTADO QUE PASSOU A INFÂNCIA
Católica = 35	DF = 46	DF = 47
Evangélica = 08	SP = 02	SP = 01
Espírita = 05	BA = 02	BA = 01
Nenhuma = 04	MG = 01	MG = 01
Outras = 04	PI = 01	GO = 03
Não respondeu = 02	GO = 01	CE = 02
	PA = 01	RJ = 01
	RJ = 01	PE = 01
	CE = 01	PI = 01
	RN = 01	
	PE = 01	
	ONDE MORA?	
	Taguatinga = 20	Gama = 03
	Plano Piloto = 02	Vicente Pires = 02
	Ceilândia = 08	Brazlândia = 01
	Água Claras = 04	Park Way = 01
	Guará = 04	Recanto das Emas = 03
	Riacho Fundo = 03	Sobradinho = 01
	Samambaia = 04	Não respondeu = 01
	Octogonal = 01	

NOTA: N = 58

A idade média dos sujeitos que participaram deste estudo era de 24 anos, sendo a menor idade de 19 anos e a maior de 40 anos. Dos 58 estudantes, 17 (29,31%) eram do sexo masculino e 41 (70,69%) do sexo feminino. Todos eles cursando o último semestre do curso de licenciatura em ciências biológicas. A grande maioria, 49 (84,48%) eram solteiros e os outros (15,52%) casados. Dos estudantes que participaram do estudo, 35 (60,34%) declararam seguir a religião Católica, 8 (13,79%) a Evangélica, 5 (8,62%) a Espírita, 4 (6,90%) declararam seguir outras religiões, 4 (6,90%) disseram não seguir nenhuma religião e 2 (3,45%) não responderam este item da pesquisa.

Quanto ao estado de origem dos estudantes, 46 (79,31%) são do Distrito Federal. São Paulo e Bahia aparecem com 2 (3,45%) representantes cada um e os estados de Minas Gerais, Piauí, Goiás, Pará, Rio de Janeiro, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco com 1 (1,72%) representante cada um. Os participantes deste estudo passaram a infância em vários estados, sendo que 47 (81,03%) deles passaram a infância no Distrito Federal, 3 (5,17%) em Goiás, 2 (3,45%) no Ceará. Nos estados de São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco e Piauí 1 (1,72%) estudante passou a infância em cada um dos estados.

Os estudantes deste estudo moram atualmente em diferentes regiões Administrativas do DF: 20 (34,48%) em Taguatinga, 8 (13,79%) em Ceilândia. As Regiões Administrativas de Águas Claras, Guará e Samambaia têm 4 (6,90%) estudantes morando em cada uma delas. Riacho Fundo, Gama e Recanto das Emas têm 3 (5,17%), Plano Piloto e Vicente Pires têm 2 (3,45%) e Octogonal, Brazlândia, Park Way e Sobradinho, 1 (1,72%). Um (1,72%) estudante não respondeu este item.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Análise e discussão dos dados gerados a partir da aplicação do questionário

Inicialmente cada questão do questionário foi analisada individualmente e, na sequência, foram agrupadas em três blocos temáticos: higiene corporal, sujo e limpo. Obedecendo esta ordem, para cada bloco temático serão apresentados e discutidos os

dados de cada grupo estudado para, em uma segunda fase, analisar e identificar a organização e a estrutura das representações sociais e suas prováveis transformações.

Bloco Temático: Higiene Corporal

GRUPO I (iniciantes)

Principais atributos para “higiene corporal” indicados pelos estudantes do Grupo I (iniciantes)

Na primeira questão, cujo termo indutor era “Higiene Corporal”, os estudantes indicaram as palavras ou atributos que, na percepção deles, melhor representava o termo indutor. Após a leitura das palavras evocadas, foi construído o quadro nº 3 no qual ficam evidenciados todos os atributos, o número de estudantes que citaram os mesmos e a ordem em que foram citados, com os respectivos percentuais.

Os resultados obtidos estão demonstrados no quadro a seguir, sendo que os atributos mais destacados para “Higiene Corporal”, pelos estudantes do Grupo I, foram: banho, sabonete, água, limpeza, xampu.

QUADRO 4: Indicação dos atributos de “Higiene Corporal” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo I (iniciantes)

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Água	3	6,12	2	4,08	5	10,20	4	8,16	4	8,16	18	7,35
Álcool					1	2,04					1	0,41
Alimentos			1	2,04							1	0,41
Alma							1	2,04			1	0,41
Arrumar o quarto							1	2,04			1	0,41
Asseio	1	2,04	1	2,04							2	0,82
Banheiro					1	2,04					1	1,41
Banho	24	48,98	1	2,04	1	2,04	5	10,20	1	2,04	32	13,06
Bem estar							1	2,04			1	0,41
Boca	1	2,04									1	0,41
Boca escovada									1	2,04	1	0,41
Braços			1	2,04							1	0,41
Branco					1	2,04					1	0,41
Cabelos			1	2,04	1	2,04	2	4,08	1	2,04	5	2,04
Cabelos limpos							1	2,04			1	0,41
Cabelo penteado							1	2,04	1	2,04	2	0,82
Cheiro							1	2,04			1	0,41
Cheirinho bom					1	2,04					1	0,41
Chuveiro									1	2,04	1	0,41
Conforto									1	2,04	1	0,41

Quadro 4: Indicação dos atributos de “Higiene Corporal” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo I (iniciantes) (continuação)

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Coração									1	2,04	1	0,41
Corpo			1	2,04							1	0,41
Cotonete			1	2,04	1	2,04	1	2,04			3	1,22
Creme					1	2,04	2	4,08	1	2,04	4	1,63
Creme dental			1	2,04							1	0,41
Cuidado			2	4,08	2	4,08			1	2,04	5	2,04
Dentes	2	4,08			1	2,04	3	6,12			6	2,45
Dentes limpos					1	2,04					1	0,41
Depilação			1	2,04							1	0,41
Desodorante					1	2,04			2	4,08	3	1,22
Educação			1	2,04							1	0,41
Escova			3	6,12					2	4,08	5	2,04
Escova dental					1	2,04	1	2,04	3	6,12	5	2,04
Escovação			1	2,04							1	0,41
Escovar os dentes			3	6,12	1	2,04					4	1,63
Esponja/bucha	1	2,04					2	4,08			3	1,22
Estética			1	2,04	1	2,04					2	0,82
Fio dental									1	2,04	1	0,41
Frescor							1	2,04			1	0,41
Genitália									1	2,04	1	0,41
Importante							1	2,04			1	0,41
Infra estrutura					1	2,04					1	0,41
Lavar as mãos							1	2,04	1	2,04	2	0,82
Lavar os cabelos							1	2,04			1	0,41
Leveza									1	2,04	1	0,41
Limpar as unhas					2	4,08					2	0,82
Limpeza	3	6,12	3	6,12	1	2,04	6	12,24			13	5,31
Limpeza pessoal			1	2,04							1	0,41
Limpo			1	2,04					1	2,04	2	0,82
Maciez					1	2,04					1	0,41
Mãos	2	4,08			1	2,04	1	2,04	1	2,04	5	2,04
Mendigo							1	2,04			1	0,41
Mente					1	2,04					1	0,41
Olhos							1	2,04			1	0,41
Papel higiênico			1	2,04	1	2,04	1	2,04			3	1,22
Pasta de dente	1	2,04			1	2,04			1	2,04	3	1,22
Paz									1	2,04	1	0,41
Pele									1	2,04	1	0,41
Pênis					1	2,04					1	2,04
Perfume			3	6,12			1	2,04	2	4,08	6	2,45
Pés			1	2,04					2	4,08	3	1,22
Pia			1	2,04							1	0,41
Prevenção			1	2,04							1	0,41
Rotina									1	2,04	1	0,41
Roupas limpas			1	2,04	2	4,08					3	1,22
Sabonete/sabão	7	14,29	10	20,41	5	10,20	1	2,04	1	2,04	24	9,80
Saúde	3	6,12	1	2,04	2	4,08					6	2,45
Sensação agradável					1	2,04					1	0,41
Sovaco							1	2,04			1	0,41
Sujeira					1	2,04					1	0,41
Toalha					1	2,04	2	4,08			3	1,22
Unhas			2	4,08	2	4,08			2	4,08	6	2,45
Unhas feitas									1	2,04	1	0,41
Vaidade							1	2,04			1	0,41
Xampu	1	2,04	1	2,04	4	8,16	1	2,04	5	10,20	12	4,90
Não responderam							2	4,08	6	12,24	8	3,27
TOTAL	49	100%	49	100%	49	100%	49	100%	49	100%	245	100%

Os resultados do quadro 4 permitiram identificar setenta e cinco atributos que, após análise, foram agrupados em oito categorias. As categorias não foram estabelecidas *a priori*, foram construídas no decorrer das várias leituras.

- **Produtos/equipamentos:** todos os produtos, equipamentos e utensílios que são utilizados para higiene;
- **Partes do corpo:** todas as palavras ou expressões que fazem referência a alguma parte do corpo;
- **Sensações:** impressão física causada a si mesmo e ao outro;
- **Ambientes/locais:** espaços físicos normalmente destinados à higiene ou relacionados com ela;
- **Práticas higiênicas:** ações ou atitudes relacionadas à higiene pessoal, ambiental ou coletiva;
- **Cores:** impressão visual produzida pelos corpos e objetos;
- **Estereótipo:** imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação, utilizada, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade;
- **Outros:** Aqueles atributos que não se encaixaram em nenhuma das categorias anteriores.

A seguir apresentamos o quadro de nº 5 que foi construído para melhor visualização das categorias estabelecidas com os respectivos atributos.

QUADRO 5: Categorização dos atributos de “higiene corporal” apontados estudantes do Grupo I.

Produtos Equipamentos	Partes do corpo	Sensações	Ambientes Locais	Práticas higiênicas	Cores	Estereótipos	Outros
Água	Boca	Asseio	Banheiro	Arrumar o quarto	branco	mendigo	Alimentos
Álcool	Braços	Bem estar	Infra estrutura	Banho			Alma
Chuveiro	Cabelo	Cheiro	Pia	Boca escovada			Cuidado
Cotonete	Coração	Cheirinho bom		Cabelos limpos			Educação
Creme	Corpo	Conforto		Cabelo penteado			Importante
Creme dental	Dentes	Frescor		Dentes limpos			Limpo
Desodorante	Genitália	Leveza		Depilação			Mente
Escova	Mãos	Limpeza		Escovação			Rotina
Escova dental	Olhos	Limpeza pessoal		Escovar dentes			Saúde
Esponja/bucha	Pele	Maciez		Estética			
Fio dental	Pênis	Paz		Lavar as mãos			
Papel higiênico	Pés	Sensação agradável		Lavar os cabelos			
Pasta de dente	Sovaco	Vaidade		Limpar unhas			
Perfume	Unhas	Sujeira		Prevenção			
Sabonete				Unhas feitas			
Xampu				Roupas limpas			
Toalha							
17	14	14	3	16	1	1	9

Os atributos que mais se destacaram em cada categoria foram:

Na categoria “Produtos/Equipamentos: sabonete, água e xampu;

Na categoria “Partes do corpo”: dentes, cabelos e unhas;

Na categoria “Sensações”: limpeza e asseio.

Na categoria “Ambientes/Locais”: banheiro, infra estrutura e pia apareceram com uma indicação cada um;

Na categoria “Práticas Higiênicas”: banho e escovar os dentes;

Na categoria “Outros”: saúde e cuidado.

Ainda na primeira questão foi solicitado aos estudantes que, das cinco palavras indicadas, eles selecionassem aquela que mais representava o termo indutor. As palavras indicadas como mais representativas da higiene corporal estão relacionadas no quadro 5, assim como a quantidade de estudantes que as indicaram com seus percentuais, bem como a quantidade de indicações separadas de acordo com o sexo do estudante.

QUADRO 6: Palavra que mais representa a higiene corporal na percepção dos estudantes do Grupo I

Palavra	quantidade	%	masculino	feminino
Água	5	10,20	3	2
Asseio	2	4,08		2
Banheiro	1	2,04		1
Banho	20	40,82	6	14
Creme dental	1	2,04	1	
Cuidado	3	6,12		3
Limpeza	2	4,08	1	1
Limpeza pessoal (geral)	1	2,04		1
Limpo	1	2,04		1
Mãos	2	4,08		2
Pés	1	2,04	1	
Prevenção	1	2,04	1	
Sabonete/sabão	6	12,24	3	3
Saúde	3	6,12	2	1
TOTAL	49	100%	18	31

A partir dos resultados encontrados para “higiene corporal”, detalhados nos quadros 4, 5 e 6, podemos fazer algumas análises e destacar algumas evidências. Os atributos mais salientes, encontrados por meio da técnica de associação livre de palavras (quadro 4), foram: banho e sabonete/sabão, seguidos por água, limpeza e xampu. Esses

atributos referem-se a práticas higiênicas (banho), produtos (sabonete/sabão, água, xampu) e sensações (limpeza). São atributos relacionados com os cuidados com o corpo.

Foi solicitado, ainda na primeira questão, que os estudantes, após indicarem a palavra que mais representava a higiene corporal (quadro 6), justificassem a escolha feita. A seguir apresentamos algumas justificativas:

“O banho é básico para qualquer pessoa. Esse banho inclui sabonete, xampu e creme”. (I 36F)

“Tomar banho é a forma de manter seu corpo sempre limpo e cheiroso” (I 41F)

Para reforçar essas indicações, buscamos as respostas dos estudantes do Grupo I para a questão 8 do questionário, item a (questão aberta), na qual foi perguntado: Você se considera uma pessoa limpa? Por quê? Verificamos que as respostas que mais se destacaram foram aquelas relacionadas com os cuidados com a higiene (33%), seguidas por aquelas que se referiam ao banho diário (30%).

Ao responder a questão 8, apenas dois participantes não se consideram uma pessoa limpa. O primeiro justifica, dizendo que “vem para a faculdade diretamente do trabalho, sem tomar banho” e o outro recorre aos aspectos morais: “pratico desonestidades”. Quanto aos outros participantes (47), se consideram pessoas limpas e, ao justificarem, usam argumentos gerais e amplos como higiene corporal sem, no entanto, detalhar o seu significado (17). Outros especificam destacando a prática do banho diário (7).

Vale ressaltar que um pequeno grupo (apenas 4) de participantes faz uso de aspectos morais para justificar porque se consideram pessoas limpas: “...espiritualmente também” (I 30M); “...mas também moralmente, sou uma pessoa honesta” (I 32F). Outro argumento usado, embora por poucos alunos (apenas 4), é a relação que fazem entre ser limpo e as condições de higiene ambiental. Portanto, uma pessoa limpa, na percepção da maioria desses estudantes, tem a ver com a prática do banho diário.

Buscando mais subsídios, recorreremos ao item b dessa mesma questão do questionário, que trazia a pergunta: O que te dá a sensação de limpeza? As respostas que mais se destacaram foram aquelas relacionadas ao banho (27,78%), seguidas por aquelas que se referiam ao cheiro bom (14,81%) e depois as relacionadas com as sensações e a ordem (7,41% cada). Exemplo de algumas respostas:

“Banho bem tomado e um cheiro agradável” (I 15M)

“Após o banho, uma leveza no corpo e um frescor”. (I 13M)

Ainda em relação aos cuidados com o corpo, na questão 13 do questionário (questão aberta), foi colocado para os estudantes:

Imagine que você tenha à sua disposição, gratuitamente, uma equipe médica especializada em procedimentos estéticos. a) Você alteraria alguma coisa em sua aparência? Sim ou Não.

b) O que você mudaria?

c) Justifique a sua resposta.

Dos 49 estudantes que participaram da pesquisa, 22 (44,90%) deles disseram que não mudariam nada, enquanto que 27 (55,10%) disseram querer mudar alguma coisa. Dentre as mudanças que eles gostariam de fazer, 18,18% faria lipoaspiração, porque “odeia barriga”, “tem quadril largo” ou “quer emagrecer mais”. Eis algumas respostas:

“Faria uma lipoaspiração porque odeio barriga” (I 30M)

“Faria uma aplicação de enzimas ou uma lipoaspiração e também faria tratamento contra estrias, porque tem hora que não fico satisfeita com a região abdominal porque possui algumas gordurinhas”. (I 43F)

“Faria lipoaspiração de novo para emagrecer mais” (I 44F)

Outros 18,18% dos estudantes disseram que alterariam os seios, ou diminuindo ou aumento o tamanho. Eis suas justificativas:

“Mudaria meus seios porque são grandes”. (I 5F)

“Colocaria prótese de silicone nos seios porque são pequenos”. (I 8F)

13,64% dos estudantes assinalaram que mudariam alguma coisa em seus rostos. Tirariam cicatrizes, manchas ou imperfeições. Eis suas falas:

“Tiraria uma cicatriz que tenho na face, porque acho que ela me incomoda, pois não a tinha antes de sofrer um acidente”. (I 15M)

“Tiraria as manchas no rosto, acarretadas pelo sol, porque pode aparentar sujeira da pele”. (I 27F)

“Tiraria algumas imperfeições como espinhas ou cravos, porque elas me incomodam não só em questão de beleza, mas em questão de dor”. (I 36F)

Outros estudantes indicaram que gostariam de alterar as “orelhas”, as “estrias”, o “corpo” com percentual de 9,09% cada uma das indicações. Com 4,55% das indicações, ou seja, um estudante para cada indicação apareceu “barriga”, “pênis”, “dentes” e “quadril”. Uma estudante indicou mais de uma alteração, eis sua fala:

“Mudaria o meu tamanho, dava um jeito no meu cabelo e acho que colocaria silicone, porque assim acho que a minha auto estima deixaria de ser DESAPARECIDA”. (I 22F)

Embora dois estudantes tivessem assinalado que não alterariam nada na sua aparência com o auxílio da equipe médica especializada em procedimentos estéticos, nas suas justificativas eles colocaram:

“Prefiro dieta a procedimentos cirúrgicos para reduzir o abdome”. (I 9M)

“Sou muito jovem e mesmo com descontentamento quanto a aparência, não me submeteria a procedimentos cirúrgicos só por questão estética”. (I 17F)

Para encontrar mais indícios sobre os cuidados com o corpo, buscamos as respostas da questão 14 do questionário (questão aberta) que poderiam fornecer alguns dados para auxiliar a nossa pesquisa. Nessa questão, foi colocado para os estudantes:

Você cuida do seu corpo? Como? Por quê?

Dos 49 iniciantes do curso, 41 (81,63%) estudantes disseram que sim, 3 (6,12%) disseram que não, 1 (2,04%) disse que cuida mais ou menos e 5 (10,20%) estudantes não responderam esta questão. Eis algumas respostas:

“Sim, com banho diário, hidratante no corpo, desodorante, perfume, higiene bucal, cuidado com as unhas e cabelos, porque é importante estar sempre limpa e bonita”. (I 32F)

“Não, porque não faço nenhum exercício físico e não tenho uma boa alimentação”. (I 42F)

“Às vezes sim, a maioria das vezes não, porque como muito na rua”. (I 25F)

“Sim, tomando banho, tendo minha higiene pessoal, me exercitando, porque é importante para que não venha a ter nenhuma doença ou envelhecimento precoce”. (I 21F)

Com o objetivo de buscar mais elementos que nos permita compreender a representação social do corpo, analisamos a questão 15 que trazia a seguinte pergunta:

Que parte do seu corpo você mais gosta? Por quê? 25,58% deles disseram gostar dos olhos, 16,28% gosta do rosto, 11,63% gosta da boca, com 6,98% das indicações apareceu gostar das pernas ou gostar de tudo, 4,65% deles disseram gostar do cabelo e, com uma indicação cada, apareceram pés, barriga, cabeça, cor da pele, sorriso, pênis, dentes. 4,65% deles disseram não gostar de nada e 6,98% não sabem. Será que não existe aí uma contradição, quanto à quantidade de estudantes que consideram o cabelo como a parte que mais gostam do corpo? Se analisarmos outras respostas, quando eles fazem referências aos produtos de beleza, há um destaque para produtos específicos ou ações relacionadas com o cabelo como xampu, lavar os cabelos, cabelos penteados.

Quanto às justificativas para a escolha, os estudantes disseram que gostam dos olhos por que os usam para ler, falam por eles, são lindos, são expressivos, são claros, mudam de cor, chamam a atenção, gostam da cor. Para o rosto, eles disseram que gostam porque é simétrico, transparece o que é, é bonito, é perfeito, não aparenta a idade, é o cartão de visita, é natural e uniforme. Quanto à boca, eles gostam porque é bonita ou chamativa. Gostam das pernas porque são lindas, torneadas e grossas. Os que gostam de tudo disseram que é porque o conjunto é legal, é linda, é perfeita. Gostam do cabelo porque é bonito, do pênis porque dá prazer, dos pés porque são bonitos e não têm chulé, da barriga porque é bonita, da cabeça porque é lá que fica o cérebro.

GRUPO C (concluintes)

Principais atributos para “higiene corporal” indicados pelos estudantes do Grupo C (concluintes)

Procedendo da mesma maneira que foi feito para os iniciantes, com o termo indutor “Higiene Corporal”, obtivemos os resultados demonstrados no quadro nº 7, sendo que os atributos mais destacados para “Higiene Corporal”, pelos estudantes concluintes do curso, foram: banho, sabonete, água, limpeza, xampu, saúde, perfume.

QUADRO 7: Indicação dos atributos de “Higiene Corporal” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo C (concluintes).

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Adstringente					1	1,72					1	0,34
Agradável							1	1,72	1	1,72	2	0,69
Água	4	6,90	8	13,79	6	10,34	3	5,17	3	5,17	24	8,28
Álcool							1	1,72			1	0,34
Alívio									1	1,72	1	0,34
Amor					1	1,72					1	0,34
Amor próprio									1	1,72	1	0,34
Antisséptico							1	1,72			1	0,34
Aparência									1	1,72	1	0,34
Atividade física					1	1,72					1	0,34
Auto estima					1	1,72					1	0,34
Axilas							1	1,72			1	0,34
Banheiro									1	1,72	1	0,34
Banho	21	36,21	4	6,90	3	5,17	1	1,72	2	3,45	31	10,69
Beleza	1	1,72			1	1,72	2	3,45			4	1,38
Bem estar			4	6,90	1	1,72	1	1,72	1	1,72	7	2,41
Bom hálito					1	1,72					1	0,34
Branco					2	3,45					2	0,69
Bucha					1	1,72			1	1,72	2	0,69
Cabelos	1	1,72			1	1,72	1	1,72	1	1,72	4	1,38
Cavidades					1	1,72					1	0,34
Cheiro							1	1,72	2	3,45	3	1,03
Cheiroso					1	1,72			1	1,72	2	0,69
Chuveiro	1	1,72			1	1,72	1	1,72			3	1,03
Colônia							1	1,72			1	0,34
Condicionador							1	1,72	1	1,72	2	0,69
Convívio							1	1,72	1	1,72	2	0,69
Corpo							1	1,72			1	0,34
Cotonete							1	1,72	1	1,72	2	0,69
Creme							2	3,45	2	3,45	4	1,38
Creme de barbear									1	1,72	1	0,34
Creme dental	1	1,72	1	1,72	1	1,72	1	1,72	1	1,72	5	1,72
Cuidado			1	1,72	1	1,72	1	1,72			3	1,03
Dentes			1	1,72			1	1,72	2	3,45	4	1,38
Desodorante	1	1,72	1	1,72	1	1,72			1	1,72	4	1,38
Educação			1	1,72					1	1,72	2	0,69
Escova	1	1,72	1	1,72	1	1,72					3	1,03
Escova de dente			2	3,45	2	3,45	2	3,45	1	1,72	7	2,41
Escovar os dentes			1	1,72							1	0,34
Esponja			1	1,72	1	1,72	2	3,45	3	5,17	7	2,41
Esporte									1	1,72	1	0,34
Espuma			1	1,72	2	3,45	1	1,72			4	1,38
Essencial	1	1,72							1	1,72	2	0,69
Estético			1	1,72							1	0,34
Fazer a barba					1	1,72					1	0,34
Felicidade									1	1,72	1	0,34
Fio dental					1	1,72			1	1,72	2	0,69
Frescor							1	1,72			1	0,34
Harmonia			1	1,72					1	1,72	2	0,69
Higiene bucal			1	1,72							1	0,34
Lavar					1	1,72			1	1,72	2	0,69
Leveza							1	1,72			1	0,34
Limpeza	4	6,90	3	5,17	3	5,17	7	12,07	3	5,17	20	6,90
Limpo	1	1,72			1	1,72			2	3,45	4	1,38
Mãos							1	1,72			1	0,34
Necessário					1	1,72					1	0,34
Necessidade									1	1,72	1	0,34
Odor agradável							1	1,72	1	1,72	2	0,69
Papel higiênico					1	1,72			1	1,72	2	0,69
Paz			1	1,72							1	0,34
Pensamento positivo							1	1,72			1	0,34
Penteado							1	1,72			1	0,34

QUADRO 7: Indicação dos atributos de “Higiene Corporal” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo C (concluintes). (continuação)

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Perfume	1	1,72	1	1,72	3	5,17	4	6,90	2	3,45	11	3,79
Perfumado					1	1,72					1	0,34
Pés			1	1,72							1	0,34
Princípio básico									1	1,72	1	0,34
Pureza									1	1,72	1	0,34
Quente							1	1,72			1	0,34
Roupa limpa					2	3,45			1	1,72	3	1,03
Sabonete/sabão	11	18,97	15	25,86	6	10,34	3	5,17			35	12,07
Saudável							1	1,72			1	0,34
Saúde	8	13,79	1	1,72	2	3,45			2	3,45	13	4,48
Tempo									1	1,72	1	0,34
Toalha			1	1,72	1	1,72	2	3,45	2	3,45	6	2,07
Unhas									2	3,45	2	0,69
Unhas limpas			1	1,72							1	0,34
Vida					1	1,72					1	0,34
Xampu	1	1,72	3	5,17	2	3,45	4	6,90	2	3,45	12	4,14
TOTAL	58	100%	58	100%	58	100%	58	100%	58	100%	290	100%

Os resultados do quadro 7 permitiram identificar setenta e oito atributos que, após análise, foram agrupados em dez categorias. As categorias não foram estabelecidas *a priori*, foram construídas no decorrer das várias leituras.

- **Produtos/equipamentos:** todos os produtos, equipamentos e utensílios que são utilizados para higiene;
- **Partes do corpo:** todas as palavras ou expressões que fazem referência a alguma parte do corpo;
- **Sensações:** impressão física causada a si mesmo e ao outro;
- **Ambientes/locais:** espaços físicos normalmente destinados à higiene ou relacionados com ela;
- **Práticas higiênicas:** ações ou atitudes relacionadas à higiene pessoal, ambiental ou coletiva;
- **Cores:** impressão visual produzida pelos corpos e objetos;
- **Saúde/Doença:** tudo que se relaciona ao bom (mau) funcionamento do organismo;
- **Estética:** tudo que se relaciona com o belo;
- **Odor:** tudo que se relaciona ao olfato, exalando cheiro bom ou ruim;
- **Outros:** atributos que não se encaixaram em nenhuma das categorias estabelecidas.

A seguir apresentamos o quadro de nº 8 que foi construído para melhor visualização das categorias estabelecidas com os respectivos atributos.

QUADRO 8: Categorização dos atributos de “higiene corporal” apontados pelos estudantes do grupo C.

Produtos Equipamentos	Partes do corpo	Sensações	Ambientes Locais	Práticas higiênicas	Cores	Saúde doença	Estética	Odor	Outros
Água	Axilas	Adstringente	Banheiro	Antisséptico	Branco	Saudável	Aparência	Cheiro	Cuidado
Álcool	Cabelos	Agradável		Atividade física		Saúde	Beleza	Odor agradável	Educação
Bucha	Cavidades	Alívio		Banho			Estético		Essencial
Chuveiro	Corpo	Amor		Bom hálito			Penteado		Necessário
Colônia	Dentes	Amor próprio		Escovar os dentes					Necessidade
Condicionador	Mãos	Auto estima		Fazer a barba					Pensamento positivo
Cotonete	Pés	Bem estar		Esporte					Tempo
Creme	Unhas	Cheiroso		Higiene bucal					Princípio básico
Creme barbear		Convívio		Lavar					Vida
Creme dental		Felicidade		Unhas limpas					
Desodorante		Frescor							
Escova		Harmonia							
Escova dental		Leveza							
Esponja		Limpeza							
Espuma		Limpo							
Fio dental		Paz							
Papel higiênico		Perfumado							
Perfume		Pureza							
Roupa limpa		Quente							
Sabonete									
Xampu									
Toalha									
22	8	19	1	10	1	2	4	2	9

Os atributos que mais se destacaram em cada categoria foram:

Na categoria “Produtos/Equipamentos: sabonete, água, xampu e perfume;

Na categoria “Partes do corpo”: dentes e cabelos;

Na categoria “Sensações”: limpeza e bem estar;

Na categoria “Práticas Higiênicas”: banho;

Na categoria “Saúde/Doença”: saúde;

Na categoria “Estética”: beleza;

Nas outras categorias, os atributos indicados tiveram pouco destaque.

Analisando as indicações dos estudantes para a complementação da primeira questão, as palavras indicadas por eles como mais representativas da higiene corporal estão relacionadas no quadro de nº 9, apresentado a seguir.

QUADRO 9: Palavra que mais representa a higiene corporal na percepção dos estudantes do Grupo C

Palavra	quantidade	%	masculino	feminino
Água	6	10,34	4	2
Banho	18	31,03	7	11
Beleza	1	1,72		1
Bem estar	1	1,72	1	
Cabelos	1	1,72	1	
Cavidades	1	1,72		1
Cheiro	1	1,72		1
Creme dental	1	1,72		1
Cuidado com o corpo	1	1,72		1
Escova de dente	1	1,72	1	
Espuma	1	1,72		1
Essencial	1	1,72		1
Limpeza	6	10,34	1	5
Pensamento positivo	1	1,72		1
Sabonete	7	12,07		7
Saúde	10	17,24	2	8
TOTAL	58	100%	17	41

Da mesma maneira que foi feito para o Grupo I (iniciantes), a partir dos resultados detalhados nos quadros 7, 8 e 9, fizemos algumas análises e destacamos algumas evidências. Os atributos mais salientes, encontrados por meio da técnica de associação livre de palavras (quadro 6), foram: sabonete/sabão e banho, seguidos por água, limpeza, saúde, xampu e perfume. Esses atributos referem-se a produtos

(sabonete/sabão, água, xampu, perfume), práticas higiênicas (banho), saúde e sensações (limpeza). São atributos relacionados com os cuidados com o corpo.

Seguindo mesma metodologia adotada para com o Grupo I (iniciantes), fomos buscar na primeira questão, as justificativas dos estudantes para a escolha da palavra que mais representava a higiene corporal, detalhadas no quadro 9. A seguir apresentamos algumas justificativas:

“Porque quando se toma banho, além de se sentir limpa, a pessoa se sente mais pura e leve”. (C 4F)

“Porque após o banho, por exemplo, sinto-me muito bem, uma sensação agradável, de bem estar” (C 15M)

Buscamos ainda as respostas dos estudantes do Grupo C (concluintes) para a questão 8 do questionário, item a (questão aberta), na qual era perguntado: Você se considera uma pessoa limpa? Por quê? Verificamos que as respostas que mais se destacaram foram aquelas relacionadas com a higiene pessoal (31,58%), seguidas por aquelas que se referiam aos cuidados com o corpo (12,63%), banho (9,47%) e organização (7,37%). Portanto, uma pessoa limpa, na percepção da maioria desses estudantes, tem a ver com os cuidados com o corpo e a organização.

Vale ressaltar que, ao responder a questão 8, apenas um participante não se considera uma pessoa limpa e justifica que “apesar de realizar os procedimentos básicos de higiene, acho que todo mundo, às vezes, se sente meio ‘sujo’”. Em relação aos outros participantes (57), eles se consideram pessoas limpas e justificam afirmando, de maneira geral e ampla, sem detalhar, que cuidam da higiene pessoal ou corporal (24). Outros destacam a prática do banho diário (23). Um pequeno grupo de alunos (6) utiliza como argumento os aspectos morais para justificar o fato de se considerar uma pessoa limpa: “...e também externa (com pensamentos positivos...)” (C 5F); “...pratico atitudes limpas...” (C 11M); “...conduta decente diante do próximo...” (C 30M); Outro argumento utilizado é a relação que alguns alunos (11) fazem entre ser limpo e organização.

Buscando mais subsídios, recorreremos ao item b dessa mesma questão do questionário, que trazia a pergunta: O que te dá a sensação de limpeza? As respostas que mais se destacaram foram aquelas relacionadas ao banho (19,30%), seguidas por aquelas que se referiam ao cheiro bom (10,53%) e depois as relacionadas com a ordem (9,65%). Exemplo de algumas respostas:

“Cheiro bom, aspecto arrumado e bonito” (C 2F)

“Cheiro agradável, bem estar e relação amigável com todos”. (C 27F)

“Lugares limpos e organizados”. (C 10M)

Ainda em relação aos cuidados com o corpo, buscamos as respostas dos estudantes para a questão 13 do questionário (questão aberta):

Imagine que você tenha à sua disposição, gratuitamente, uma equipe médica especializada em procedimentos estéticos. a) Você alteraria alguma coisa em sua aparência? Sim ou Não.

b) O que você mudaria?

c) Justifique a sua resposta.

Dos 58 estudantes que participaram da pesquisa, 29 (50%) deles disseram que não mudariam nada, enquanto que os outros 50% disseram querer mudar alguma coisa. Dentre as mudanças que eles gostariam de fazer, 12% fariam algum procedimento na barriga, porque “está acima do peso”, “teve filho e ficou flácida”. Eis algumas respostas:

“Tiraria um pouco de gordura da barriga e dos culotes porque não gosto de estar acima do peso”. (C 3F)

“Mudaria minha barriga porque tive filho e ela ficou parecendo um saco murcho, toda escura e com estrias”. (C 36F)

Outros 12% fariam plástica no nariz, porque “é torto”, “não gosta”, “é gordinho”. Eis algumas respostas:

“Mudaria meu nariz porque não gosto dele desde pequena”. (C 27F)

“Mudaria o nariz porque acho meu nariz gordinho. Gostaria que fosse mais fino”. (C 40F)

10% dos estudantes mudariam o cabelo, porque “está ficando calvo”, “queria cabelo liso”. Eis algumas respostas:

“Mudaria meus cabelos porque queria um cabelo liso e fácil de pentear” (C 35F)

“Mudaria o cabelo porque queria possuir um cabelo grande que chamasse a atenção. Podia ser um tipo ‘Barbie’”. (C 9F)

Outros 8% dos estudantes disseram que alterariam os seios, ou diminuindo ou aumentando o tamanho. Eis suas justificativas:

“Colocaria silicone nos seios porque amamentei e acho que meus seios não estão tão atraentes como antes”. (C 4F)

“Mudaria meus seios porque eles são grandes. (C 47F)

6% dos estudantes assinalaram que mudariam alguma coisa em seus rostos, tirando manchas ou imperfeições. Eis suas falas:

“Tiraria as manchas no rosto porque me incomoda com as manchas”. (C 50F)

“Mudaria a minha testa porque ela é projetada para frente (eu acho)”. (C 30M)

Outros estudantes indicaram que gostariam de alterar as “orelhas”, as “estrias”, o “corpo”. Alguns estudantes indicaram mais de uma alteração, eis algumas respostas:

“Mudaria o nariz, dentes, cabelo e rosto para ficar mais atraente e bonito” (C 49M)

“Mudaria a quantidade de cabelo no rosto, barriga e pernas porque é um fator desconcertante e não agradável aos olhos da maioria das pessoas” (C 18F)

Embora alguns estudantes tivessem assinalado que não alterariam nada na sua aparência com o auxílio da equipe médica especializada em procedimentos estéticos, em suas justificativas eles demonstram que não estão satisfeitos com suas aparências. Eis alguns depoimentos:

“A imperfeição do corpo faz parte do crescimento pessoal e da auto aceitação”. (C 11M)

“Apesar de não gostar de algumas coisas em mim, não me submeteria a uma cirurgia e arriscar minha vida e minha saúde por vaidade. Acho isso estupidez”. (C 7F)

Também buscamos para este grupo de estudantes as respostas da questão 14 do questionário (questão aberta), que trata dos cuidados com o corpo, para fornecer mais dados que possam auxiliar a nossa pesquisa. Nessa questão, foi colocado para os estudantes:

Você cuida do seu corpo? Como? Por quê?

Dos 58 concluintes do curso, 51 (87,93%) estudantes disseram que sim, 6 (10,34%) disseram que não e 1 (1,72%) estudante não respondeu esta questão. Eis algumas respostas:

“Sim, fazendo esportes e tendo uma boa higiene corporal para me manter saudável e agradável a outras pessoas”. (C 26F)

“Sim, faço exercícios diariamente e cuido um pouco da alimentação, não exagerando nas frituras, açúcares e carnes, por questão estética e qualidade de vida”. (C 55F)

Da mesma maneira como procedemos com o Grupo I (iniciantes), com o objetivo de encontrar mais elementos que nos permita compreender a representação do corpo, construída pelos estudantes deste grupo, como eles percebem o próprio corpo, analisamos as respostas da questão 15 que trazia a seguinte pergunta: Que parte do seu corpo você mais gosta? Por quê? 31,03% deles disseram gostar dos olhos, 20,69% gostam das pernas, 8,62% gosta da boca, 8,62% gosta das mãos, 6,90% deles disseram gostar do cabelo, 5,17% gostam do rosto, 3,15% gostam do sorriso e, com uma indicação cada, apareceram pés, barriga, dentes, costas e seios. 5,17% deles disseram gostar de tudo.

Quanto às justificativas para a escolha, os estudantes disseram que gostam dos olhos por que falam tudo, são lindos, são expressivos, são bem pretos, chamam a atenção, gostam da cor, lembram os do pai, são as janelas da alma, refletem as emoções, demonstram sinceridade, enxergam bem, revelam a personalidade, são esverdeados. Para as pernas, eles disseram que gostam porque são bonitas, bem torneadas, têm beleza estética, são fortes e definidas, são musculosas, chamam a atenção. Quanto ao rosto, eles disseram que gostam porque expressa quem ele é, expressa sentimentos, é fino e macio. Quanto à boca, eles gostam porque é bonita, é chamativa, é pequena e bem feita, chama a atenção. Os que gostam de tudo disseram que é porque o conjunto é legal, é linda, é perfeita. Gostam do cabelo porque é bonito, dos pés porque estão sempre feitos, “pintados” indicam limpeza, da barriga porque tem boa aparência, dos dentes porque dá valor a eles, das costas pelo formato delas, dos seios porque realça a imagem.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Grupo Temático: Higiene Corporal

A partir da análise do 1º grupo temático, podemos inferir que a representação social da higiene corporal dos participantes da pesquisa vincula-se mais claramente à prática diária do banho, embora pequeno número de estudantes, principalmente dos

concluintes do curso, destaque também a “higiene” da alma/espírito, fazendo referências, ora aos aspectos morais da conduta humana – “...eu pratico desonestidade” – ora se referem à “higiene mental”.

Quanto à relação que os estudantes estabelecem entre a higiene corporal e a higiene da mente/espírito poderíamos levantar a hipótese, segundo a qual a higiene associa-se ao corpo na esperança de eliminar as impurezas físicas (prática diária do banho) e as impurezas da alma (moris). Poderíamos dizer que para esses alunos não existe a separação entre corpo e alma?

A importância atribuída ao banho pode ser confirmada com as respostas dadas à questão 3, na qual os termos banho e outros a ele vinculados, como sabonete, água, xampu, espuma, são evocados, tanto para os iniciantes, quanto para os concluintes.

Como já foi dito anteriormente, a relação das pessoas com a água e com as práticas de higiene corporal têm variado ao longo da história da humanidade, por exemplo, a partir de meados do século XIX, segundo Vigarello (2006, p. 94-95), “A higiene parece descobrir mais do que nunca os efeitos particulares do banho”. Embora em uma sociedade carente de banheiras e locais específicos para o banho, este passou a ser uma prática idealizada, mesmo que a água tivesse que ser carregada manualmente. O banho, segundo o autor, despertava uma nova sensibilidade de conforto e beleza, representando não só a limpeza, mas um efeito cosmético, podendo ser estimulante ou relaxante, dependendo da temperatura e de produtos adicionados à água. O autor (1996, p. 188) afirma ainda que foi nessa época que houve uma cisão nas finalidades do banho: a limpeza, ou banho higiênico, deveria ser feita com água morna, enquanto a água fria servia para estimulação do corpo. Portanto, essas duas práticas tinham objetivos diferentes.

De acordo com Rodrigues (2006, p. 103) as práticas de higiene variam de uma sociedade para outra. “O banho diário com abundância de água e sabão” é típico em nossa sociedade, podendo ter a função de disfarçar os cheiros considerados desagradáveis. Embora a familiaridade dos indígenas brasileiros com a água tenha causado espanto nos portugueses que aqui chegaram à época do descobrimento do Brasil, visto que, segundo Bueno (2007, p. 28), “os nativos entravam na água sempre que possível, ao passo que os portugueses faziam de tudo para evitá-la”, essa prática era utilizada visando refrescar o corpo, e não como hábito de higiene.

Ashcar (2006, p. 56-57) complementa que o banho diário de chuveiro, tão comum nos dias de hoje, acompanhado de uma série de produtos de beleza, é resultado

de mudanças ocorridas nas práticas higiênicas da sociedade e dos avanços tecnológicos “que tornaram os cosméticos acessíveis e a água ao alcance de uma volta da torneira”.

A autora (p. 46-50) acrescenta que, no início do século XIX, “o conceito de banheiro, como conhecemos hoje, ainda estava na dependência do abastecimento privado da água, algo que, na França, só aconteceria em meados do século XX”. Para contornar essa ausência da água encanada, surgiu um serviço original: o banho em domicílio. Em Paris, onde esse serviço foi implantado, os carregadores levavam água filtrada (de poços ou fontes) em barris, até as casas ou apartamentos, enchendo as banheiras, as quais eram portáteis ou tinham rodinhas e, geralmente, eram colocadas na sala, entre a lareira e a porta de entrada. Após o banho, os carregadores retornavam para esvaziar a banheira e, quase sempre, jogavam a água pela janela. Os que não podiam pagar por esse serviço, utilizavam os rios para se banhar. Mas, o surgimento de espaços reservados aos banhos, nas casas francesas, se popularizou apenas na década de 1970, visto que em 1953 apenas 9% das casas tinham água encanada e banheiro interno com banheira ou chuveiro.

Ashcar (2006, p. 51) destaca que o banheiro moderno foi desenhado pelos ingleses em meados do século XIX, mas foram os Estados Unidos que acrescentaram maior funcionalidade a ele e exportaram o modelo para a Europa, no início do século XX. Esses banheiros “passaram a ser feitos para uma pessoa e não para grupos, como em outras épocas”, valorizando a privacidade (janelas pequenas e portas com trincos) e abrindo caminho para um novo banho: “individual, voltado à satisfação do próprio prazer, ao bem estar e à beleza”. “O banho tornou-se parte integral do novo estilo de vida, recuperando sentidos vividos ao longo da História: ele limpa, embeleza, protege, cura, previne, diverte, relaxa, é sensual e prazeroso, funcional e saudável” (idem).

Além do banho, os estudantes também associam a higiene corporal aos signos olfativos emitidos pelo corpo. Quanto aos odores, Andrade Lima (1996, p. 83) destaca que a partir do século XIX, a ideologia da higienização foi se instalando gradativamente, ocasionando consideráveis mudanças na sensibilidade olfativa da época, submetendo os maus cheiros a um controle cada vez mais rígido, surgindo, então, uma nova etiqueta corporal fundamentada na discriminação. Rodrigues (2006, p. 97) complementa dizendo que na “vida cotidiana damos enorme importância a determinados signos olfativos”, classificando os odores e os associando a uma série de aspectos sociais, como beleza, *status* e afirmação.

A higiene corporal também se associa, para um grupo de estudantes, com a organização. Para Douglas (1976, p. 14), a limpeza nos remete ao imaginário da organização, da arrumação, do estar tudo no seu devido lugar. Tudo isso depende do olhar do observador, é relativo e socialmente concebido. Concordando com Douglas, Rodrigues (2006, p. 125) afirma que a limpeza é a manifestação da organização e do controle, expressando, portanto, a ordem. Esta relação entre a limpeza e a organização também está presente no texto de Gauer (2005, p. 400), quando ela afirma que a ordem está diretamente vinculada à organização, visto que todas as coisas devem estar em seus devidos lugares e todos os lugares devem conservar suas coisas ordenadas e purificadas. Afirma ainda (p. 401) que

O respeito com as convenções e a higiene se constitui em duas ferramentas eficazes de controle social. A representação sobre a limpeza e a pureza pretende eliminar a entrada do grotesco, do monstruoso, do feio, do disforme, do violento, em resumo, de todos os modelos perigosos para as convenções estabelecidas pela civilização.

Os estudantes, quando associam a limpeza com a organização, justificam o que lhes dá a sensação de limpeza, com os argumentos: "...a casa arrumada" (I 22F); "precisa enxergar tudo arrumado" (C 1F). Mas, essa representação da higiene associada à ordem não é recente. No início do século XX, conforme relata Rocha (2003, p. 188) as escolas de São Paulo adotaram o discurso higienista que pregava a ordem nas salas de aula e na vida dos alunos, divulgando e controlando um conjunto de práticas que deveriam ser vivenciadas continuamente. Tais práticas referiam-se ao asseio do corpo e das roupas, além de desenvolver a capacidade de vigilância na escola e em casa.

Quanto às sensações de leveza, frescor e bem estar, apontadas pelos estudantes como consequência da higiene corporal, podemos inferir que são manifestações cultivadas por eles para a satisfação de ordem pessoal e também em relação ao que o outro percebe. O olhar do outro julga e classifica, tanto pelo visual, quanto pela aparência, incluindo aí, o aspecto olfativo, tendo então, como consequência, a aceitação no grupo de pertença.

Para Malysse (2004, p. 1)

O que é visto depende tanto de quem olha, e de como olha, quanto da pessoa olhada por ele ou por ela. O que se troca quando os olhares se cruzam? Pelo olhar expressamos ternura, raiva ou medo, sentimos atração ou indiferença... mas o papel do

olhar não se limita à expressão de emoções. Sendo ao mesmo tempo um canal e um sinal, um meio de comunicação e uma mensagem, o olhar participa de todas as situações sociais. (...) Nas trocas sociais e nos sistemas de (re)conhecimento o papel do olhar é central. Na vida cotidiana, é o olhar que nos permite interpretar as aparências do outro e nos situar na imensa rede de olhares anônimos do espaço público.

Rodrigues (2006, p. 48) ressalta que a sociedade estabelece determinados códigos e que o comportamento individual está subordinado a eles, determinando, muitas vezes, de maneira inconsciente, os modos de agir, pensar e sentir, considerados adequados. O autor (p. 36) afirma ainda que “a sociedade é um conjunto de relações que simultaneamente ultrapassam as consciências individuais e são-lhes imanentes”.

Analisando os quadros 5 e 8, em que os atributos estão distribuídos em um sistema de categorias, percebe-se, para o Grupo I (iniciantes), que as categorias que reuniram mais atributos foram as de “produtos/equipamentos” com 17 itens e “práticas higiênicas” com 16, seguidas pelas categorias “partes do corpo” e “sensações” com 14 atributos cada. Para o Grupo C (concluintes), as categorias que reuniram mais atributos foram as de “produtos/equipamentos” com 22 itens e “sensações” com 19, seguidas pelas categorias “práticas higiênicas” com 10 atributos e “outros” com 9 atributos.

A análise dos dados permite dizer que alguns atributos podem estar vinculados entre si, como xampu, sabonete, água, chuveiro e banho. O advento dos produtos de higiene e de beleza, como o sabonete e o xampu fizeram com que houvesse uma mudança nas representações do banho. Ashcar (2006, p. 52) afirma que após a Segunda Guerra Mundial, Hollywood impôs novas maneiras de “se vestir, pentear, maquiar e agir entre as mulheres de todas as idades, classes sociais e países onde houvesse um cinema”, todas elas dispostas a serem tão atraentes quanto as estrelas de cinema. Vigarello (2006, p.157) complementa essa ideia ao afirmar que a explosão de imagens do cinema impôs à sociedade em geral, os seus temas e heróis, além de difundir uma cultura que democratizava a vontade de embelezamento, “transformando a maneira de sonhar e também de ter acesso à beleza”. O cinema renovou o imaginário e os modelos de aparência, utilizando para isso, os corpos, a luz e os sentidos dos espectadores.

Foi nessa época que surgiu uma infinidade de produtos de beleza como cremes, xampus, tinturas para cabelo e, entre eles, o sabonete. Embora já conhecido e recomendado desde o século XIX, foi nesse período que o seu uso se difundiu não apenas como produto de higiene, mas “colaborou para elevar o banho a um ritual de beleza” (ASHCAR, 2006, p. 52). A autora afirma ainda que “uma das campanhas

publicitárias mais famosas de todos os tempos é justamente dele: “*Nove entre dez estrelas de cinema usam Lux*”. Vigarello (2006, p. 157) concorda com Ashcar ao afirmar que o cinema inspirou tendências e fez com que as mulheres buscassem se igualar às “estrelas” por meio do uso de cosméticos por elas recomendados.

Cabelos, unhas e pés, atributos pertencentes à categoria “partes do corpo”, indicados por ambos os grupos, podem estar relacionados ao hábito de freqüentar os salões de beleza, em que os cuidados maiores estão vinculados a esses atributos. Hoje, tanto mulheres, quanto homens, de qualquer idade ou classe social costumam freqüentar esse tipo de estabelecimento comercial, mas nem sempre foi assim. Segundo Vigarello (2006, p. 139), no início do século XX surgiu um novo tipo de comércio destinado aos “cuidados com a beleza”, os denominados “institutos de beleza”. Inicialmente esses salões ofereciam consultas e tratamentos para corrigir imperfeições do rosto e do corpo. Eram instalações luxuosas, freqüentadas pelas mulheres da alta sociedade. Hoje os salões de beleza se popularizaram, oferecendo seus produtos para todas as camadas sociais, com preços e qualidade que variam de acordo com a condição sócio econômica da clientela.

Nota-se também a relação entre a saúde e as práticas higiênicas, visto que dos atributos mais representativos para a higiene corporal, embora não indicado por todos os estudantes, “saúde” apareceu mais frequentemente no Grupo C (concluintes), com 10 indicações (quadro 8), enquanto que no Grupo I (iniciantes) aparece com apenas 3 indicações (quadro 5). De acordo com Vigarello (1996, p. 186) a partir do início do século XIX, a palavra higiene se instaura e os manuais de saúde mudam de título. “Higiene já não é o adjetivo que qualifica a saúde (*hygeinus*, em grego, significa “o que é são”), mas o conjunto de dispositivos e saberes que favorecem sua manutenção”. O autor (pp. 223-230) afirma ainda que com as descobertas de Pasteur, no final do século XIX, há um deslocamento do olhar para uma nova limpeza: eliminar “o que não se vê e nem se sente”. Os micróbios podem estar em qualquer lugar, inclusive na pele mais clara. A higiene deve ser mais cuidadosa, “a limpeza muda de definição”, passando a ser o micróbio a sua referência negativa, enquanto a assepsia passa a ser sua referência idealizada. Portanto, a prevenção contra doenças ou defesa do organismo passa a ser a nova representação da higiene.

Outra diferença entre os dois grupos estudados refere-se à categoria “estética”. Enquanto para o Grupo I a estética não apareceu (quadro 5), para o Grupo C ela aparece com 4 indicações (quadro 8). Para Vigarello (2006, pp. 184-189) os padrões de beleza da

contemporaneidade são individuais e se ajustam a um tipo de estética voltada para a plenitude e a libertação. Há o predomínio do bem estar, embora a mídia ainda tenha influência nesses padrões.

Emagrecer se torna uma obrigação e para isso surgem no mercado, os mais variados produtos (chás, cremes, cápsulas) que, muitas vezes, utilizam argumentos que parecem convencer a população. Além disso, surgiram diversos procedimentos estéticos e cirúrgicos, visando auxiliar a eliminação do sobrepeso, mas a opção continua sendo uma escolha individual, embora haja todo um processo de persuasão da mídia e da sociedade que acaba convencendo o indivíduo a tomar uma atitude. Hoje a eliminação de peso não está vinculada apenas ao padrão de beleza, mas também à saúde. O discurso médico científico e o discurso da mídia (tanto oral, quanto escrita), trata a pessoa com sobrepeso como se estivesse doente.

Lembramos ainda que, associada à higiene corporal, surgem também respostas vinculadas à higiene ambiental, como por exemplo, “Tenho preocupação em manter limpo os locais que frequento” (C 1F); “...área florestal bem cuidada” (C 11M); “Procuro manter a higiene do lugar onde moro” (I 41F), o que nos leva a inferir que para esses alunos a higiene dos ambientes, sejam eles particulares ou públicos, é importante e de nada adiantaria estar com o corpo limpo, se a pessoa frequenta um ambiente, por eles considerado sujo. Neste caso, não poderíamos deixar de comentar a gestão da higiene do público e do privado, visto que as políticas públicas, que se iniciaram no século XIX, tiveram reflexo nas representações da higiene na vida privada. Rocha (2003, p. 11) confirma essa ideia ao afirmar que, nas primeiras décadas do século XX, com a criação do Instituto de Higiene do Estado de São Paulo, houve uma intervenção saneadora e ordenadora na vida urbana. Esse modelo de intervenção privilegiou a educação como estratégia de política sanitária, por meio da disseminação de uma “cultura da higiene” nos meios populares.

Atualmente, as políticas públicas continuam influenciando a representação da higiene na vida privada. As campanhas de combate à dengue, continuamente divulgadas pela mídia, fez com que a população mudasse seus hábitos, passando a evitar o acúmulo de água em vasos, garrafas e outros materiais. Mais recentemente, com o perigo do surgimento de uma provável epidemia da gripe A, houve um sensível aumento nas práticas higiênicas como lavar as mãos, com água e sabão, várias vezes ao dia, usar álcool gel para evitar a contaminação.

A análise dos dados mostra ainda que cerca de 55% dos estudantes pesquisados no Grupo I (iniciantes) e 50% dos estudantes do grupo C (concluintes) não estão satisfeitos com o próprio corpo, querem mudar algo para melhorar a auto estima, pela aparência, pela estética, para se sentir melhor. Eco (2004, p. 426) afirma que hoje não existe um modelo único de beleza, há uma tolerância em relação à aparência. A mídia atual não divulga um ideal estético, um único padrão de beleza. Há uma mistura de estilos e aceitação pela sociedade. Concordo que não existe, atualmente, um modelo único de beleza, mas algumas características parecem ser de consenso geral: ser magro, possuir cabelos lisos, ser alto... Vigarello (2006, p. 181) ressalta que vivemos em uma era em que o indivíduo tem poder para dominar a aparência ou alterá-la, investindo na sua identidade, na sua imagem, no seu corpo. Afirma ainda (pp. 168-169) que a evolução da medicina permitiu a transformação estética ou reparadora, fazendo com que as pessoas buscassem formas mais invasivas de sanar certas imperfeições.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Bloco Temático: Sujo

GRUPO I (iniciantes)

Principais atributos para “sujo” indicados pelos estudantes do Grupo I

Na segunda questão, cujo termo indutor era “Sujo”, os estudantes indicaram as palavras ou atributos que, na percepção deles, melhor representavam o termo indutor. Após a leitura das palavras evocadas, foi construído o quadro nº 10 no qual ficam evidenciados todos os atributos, o número de estudantes que citaram os mesmos e a ordem em que foram citados, com os respectivos percentuais.

Os resultados obtidos estão demonstrados no quadro a seguir, sendo que os atributos mais destacados para “Sujo”, pelos estudantes do Grupo I (iniciantes), foram: lixo, fedor, suor, doença.

QUADRO 10: Indicação dos atributos de “Sujo” na ordem de evocação feita pelos estudantes do Grupo I (iniciantes).

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Animal					1	2,04					1	0,41
Ânsia			1	2,04							1	0,41
Ar de cidade			1	2,04							1	0,41
Areia			1	2,04							1	0,41
Bactéria	1	2,04	1	2,04							2	0,82
Bagunça			1	2,04			1	2,04			2	0,82
Banheiro	1	2,04							2	4,08	3	1,22
Barata							1	2,04			1	0,41
Barro	1	2,04			2	4,08					3	1,22
Beco					1	2,04					1	0,41
Boca			1	2,04							1	0,41
Bolsa suja									1	2,04	1	0,41
Cabelo oleoso					1	2,04	1	2,04			2	0,82
Casa suja	1	2,04									1	0,41
Cascão							1	2,04			1	0,41
Carrapato			1	2,04							1	0,41
Carro									1	2,04	1	0,41
Chão							1	2,04			1	0,41
Cheiro	1	2,04					1	2,04			2	0,82
Chulé	1	2,04			1	2,04					2	0,82
Cidade									1	2,04	1	0,41
Contaminação					1	2,04					1	0,41
Corpo							1	2,04			1	0,41
Desagradável			1	2,04					1	2,04	2	0,82
Descuido	2	4,08									2	0,82
Desleixo					1	2,04					1	0,41
Desordem/desorganização									2	4,08	2	0,82
Detritos							1	2,04			1	0,41
Dinheiro							1	2,04			1	0,41
Doença	4	8,16	1	2,04	1	2,04			1	2,04	7	2,86
Encardido			1	2,04	1	2,04					2	0,82
Escuro					1	2,04					1	0,41
Esgoto	2	4,08	2	4,08							4	1,63
EUA					1	2,04					1	0,41
Excretas					1	2,04					1	0,41
Fábrica							1	2,04			1	0,41
Falta de banho	1	2,04	1	2,04							2	0,82
Falta de higiene							1	2,04			1	0,41
Fedido	1	2,04									1	0,41
Feio	1	2,04			2	4,08			1	2,04	4	1,63
Fezes	1	2,04			1	2,04	1	2,04			3	1,22
Franceses					1	2,04					1	0,41
Fumaça					1	2,04					1	0,41
Grosso							1	2,04			1	0,41
Grudento			1	2,04							1	0,41
Ignorância humana									1	2,04	1	0,41
Imundície			1	2,04							1	0,41
Imundo									2	4,08	2	0,82
Inhaca					1	2,04					1	0,41
Insetos									1	2,04	1	0,41
Insulto									1	2,04	1	0,41
Lama	4	8,16	1	2,04					1	2,04	6	2,45
Lixo	6	12,24	5	10,20	5	10,20	3	6,12			19	7,76
Louça suja					1	2,04					1	0,41
Mau cheiro/fedor/odor	3	6,12	4	8,16	2	4,08	2	4,08	2	4,08	13	5,31
Mal estar							1	2,04			1	0,41
Mancha			1	2,04			1	2,04			2	0,82
Mãos							1	2,04	1	2,04	2	0,82
Mar de SP									1	2,04	1	0,41
Marrom	1	2,04	2	4,08					2	4,08	5	2,04
Mau cuidado					1	2,04					1	0,41
Mendigo			1	2,04	1	2,04			1	2,04	3	1,22
Micróbio									1	2,04	1	0,41

Quadro 10: Indicação dos atributos de “Sujo” na ordem de evocação feita pelos estudantes do Grupo I. (continuação)

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Miséria			1	2,04							1	0,41
Mofo					1	2,04	1	2,04			2	0,82
Morador de rua	1	2,04									1	0,41
Moscas	1	2,04					2	4,08	1	2,04	4	1,63
Mundo	1	2,04									1	0,41
Nojeira	1	2,04									1	0,41
Nojento	2	4,08	1	2,04	1	2,04					4	1,63
Nojo							1	2,04	1	2,04	2	0,82
Odor			1	2,04							1	0,41
Papel					1	2,04					1	0,41
Pele oleosa							1	2,04			1	0,41
Pés			2	4,08			1	2,04	1	2,04	4	1,63
Pessoas			1	2,04							1	0,41
Piolho	1	2,04									1	0,41
Pobreza							1	2,04			1	0,41
Poeira			1	2,04	1	2,04	1	2,04			3	1,22
Política brasileira							1	2,04			1	0,41
Poluição					1	2,04					1	0,41
Porcaria					2	4,08					2	0,82
Porco	1	2,04	1	2,04	1	2,04	1	2,04			4	1,63
Precário					1	2,04					1	0,41
Preguiça			2	4,08			1	2,04	1	2,04	4	1,63
Preto							1	2,04			1	0,41
Rally					1	2,04					1	0,41
Rato	1	2,04									1	0,41
Relaxo							1	2,04			1	0,41
Rodoviária					1	2,04					1	0,41
Repugnância									1	2,04	3	1,22
Restos/resíduos			1	2,04							1	0,41
Roupa suja	1	2,04	1	2,04	2	4,08					4	1,63
Sanitário			1	2,04								0,41
Sapato sujo					1	2,04	1	2,04			2	0,82
Saúde	1	2,04										0,41
Seborréia									1	2,04		0,41
Sujeira			2	4,08	1	2,04	1	2,04			4	1,63
Suor	1	2,04	3	6,12	2	4,08			1	2,04	7	2,86
Terra	4	8,16	1	2,04							5	2,86
Unhas							1	2,04	1	2,04	2	0,82
Unhas grandes									1	2,04		0,41
Vida							1	2,04				0,41
Não responderam			1	2,04	2	4,08	10	20,41	14	28,57	27	11,02
TOTAL	49	100%	49	100%	49	100%	49	100%	49	100%	245	100%

Esses resultados permitiram identificar cento e oito atributos que, após análise, foram agrupados em dezesseis categorias. As categorias não foram estabelecidas *a priori*, foram construídas no decorrer das várias leituras.

- **Seres Vivos:** todos os seres que têm vida;
- **Sensações:** impressão física causada a si mesmo e ao outro;
- **Ambientes/locais:** espaços físicos normalmente destinados à higiene ou relacionados com ela;
- **Detritos/Excretas:** todos os resíduos ou excreções corporais ou ambientais;
- **Organização:** tudo que se relaciona com ordem ou desordem;

- **Partes do corpo:** todas as palavras ou expressões que fazem referência a alguma parte do corpo;
- **Objetos/Coisas:** tudo que se oferece à vista ou afeta os sentidos e que não tem vida;
- **Odores:** tudo que se relaciona ao olfato, exalando cheiro bom ou ruim;
- **Saúde/Doença:** tudo que se relaciona ao bom (mau) funcionamento do organismo;
- **Estereótipo:** imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação, utilizada, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade;
- **Produtos/equipamentos:** todos os produtos, equipamentos e utensílios que são utilizados para higiene;
- **Estética:** tudo que se relaciona com o belo;
- **Situação Econômica:** tudo que se relaciona à condição financeira das pessoas ou grupos sociais;
- **Atitudes/ Ações:** normas de procedimento de pessoas ou grupos sociais em determinadas situações;
- **Cores:** impressão visual produzida pelos corpos e objetos;
- **Outros:** aqueles atributos que não se encaixaram em nenhuma das categorias estabelecidas.

A seguir apresentamos o quadro de nº 11 que foi construído para melhor visualização das categorias estabelecidas com os respectivos atributos.

QUADRO 11: Categorização dos atributos de “Sujo” apontados estudantes do Grupo I.

Seres Vivos	Sensação	Ambiente Local	Detritos Excretas	Organização	Partes do corpo	Objetos Coisas	Odores	Saúde Doença	Estereótipo	Estética	Situação Econômica	Atitudes Ações	Cor	Outros
Animal	Ânsia	Ar da cidade	Areia	Bagunça	Boca	Carro	Cheiro	Doença	Mendigo	Feio	Miséria	Descuido	Encardido	Contaminação
Bactéria	Desagradável	Banheiro	Barro	Desordem	Corpo	Dinheiro	Chulé	Saúde	Pessoas		Pobreza	Desleixo	Escuro	Poluição
Barata	Grudento	Beco	Cascão	Desorganização	Cabelo oleoso	Bolsa suja	Fedido		Franceses		Precário	Falta de banho	Mancha	Ignorância humana
Carrapato	Imundo	Casa suja	Detritos	Mal cuidado	Pele oleosa	Louça suja	Inhaca		Morador de rua			Falta de higiene	Marrom	Política brasileira
Insetos	Mal estar	Chão	Excretas	Relaxo	Mãos	Papel	Odor					Grosso	Preto	Vida
Micróbio	Nojeira	Cidade	Fezes		Pés	Sapato sujo	Mal cheiro					Insulto		
Mofo	Nojento	Esgoto	Fumaça		Unhas grandes	Roupa suja	Fedor					Preguiça		
Mosca	Nojo	EUA	Imundície		Unhas									
Piolho	Porcaria	Fábrica	Lama											
Porco	Repugnância	Mar de SP	Lixo											
Rato	Ruim	Mundo	Poeira											
		Rally	Restos											
		Rodoviária	Resíduos											
		Rua	Seborréia											
		Sanitário	Sujeira											
			Suor											
			Terra											
11	11	15	17	5	8	7	7	2	4	1	3	7	5	5

Os atributos que mais se destacaram em cada categoria foram:

Na categoria “Seres Vivos”: moscas e porco;

Na categoria “Sensação”: nojento;

Na categoria “Ambiente/Local”: esgoto;

Na categoria “Detritos/Excretas”: suor e sujeira;

Na categoria “Partes do Corpo”: pé;

Na categoria “Objetos/Coisas”: roupa suja;

Na categoria “Odores”: fedor;

Na categoria “Saúde/Doença”: doença;

Na categoria “Estética”: feio;

Na categoria “Atitudes/Ações”: preguiça;

Na categoria “Cor”: marrom;

Nas outras categorias, cada um dos atributos indicados apresentou menos de quatro indicações.

Ainda na segunda questão foi solicitado aos estudantes que, das cinco palavras indicadas, eles selecionassem aquela que mais representava o termo indutor. As palavras indicadas como mais representativas de sujo estão relacionadas no quadro 12, assim como a quantidade de estudantes que as indicaram com seus percentuais, bem como a quantidade de indicações separadas de acordo com o sexo do estudante.

QUADRO 12: Palavra que mais representa o sujo na percepção dos estudantes do Grupo I (iniciantes).

Palavra	quantidade	%	masculino	feminino
Ar da cidade	1	2,04	1	
Bactéria	1	2,04	1	
Casa suja	1	2,04		1
Descuido	1	2,04		1
Doença	3	6,12	1	2
Esgoto	3	6,12	1	2
Falta de banho	1	2,04		1
Fedor	2	4,08		2
Ignorância humana	1	2,04		1
Imundície	1	2,04		1
Lama	1	2,04		1
Lixo	9	18,37	4	5
Mau cheiro	2	4,08		2
Mãos	1	2,04		1
Mendigo	1	2,04	1	
Nojeira	1	2,04		1
Nojento	1	2,04		1
Odor	2	4,08		2
Pobreza	1	2,04	1	
Poeira	1	2,04		1
Porcaria	1	2,04		1
Rally	1	2,04	1	
Repugnância	1	2,04	1	
Resíduos	1	2,04	1	
Rodoviária	1	2,04	1	
Rua	1	2,04		1
Sujeira	1	2,04	1	
Suor	2	4,08	1	1
Unhas	1	2,04	1	
Não responderam	4	8,16	1	3
TOTAL	49	100%	18	31

A partir dos resultados encontrados para “sujo”, detalhados nos quadros 10, 11 e 12, podemos fazer algumas análises e destacar algumas evidências. Os atributos mais salientes, encontrados por meio da técnica de associação livre de palavras (quadro 10), foram: lixo e fedor, seguidos por doença, suor, marrom e terra. Esses atributos referem-se a detritos/excretas (lixo, suor, terra), cor (marrom) e odor (fedor) e doenças. Foi solicitado, ainda na segunda questão, que os estudantes, após indicarem a palavra que mais representava o sujo (quadro 12), justificassem a escolha feita. A seguir apresentamos algumas justificativas:

“O lixo é uma das coisas que mais representa a sujeira. Desde pequenos nós aprendemos que o lixo é sujo”. (I 18F)

“A sujeira é algo que não se consegue organizar ou que não está organizado. Os resíduos são restos que acumulados provocam doenças”. (I 13M)

Para fundamentar essas indicações, buscamos as respostas dos estudantes para a questão 4 do questionário (questão aberta), na qual era perguntado: a) Descreva a imagem que prontamente vem à sua mente quando se fala em sujo? b) O que você sente na presença disso? c) Por quê? Verificamos que as respostas que mais se destacaram foram aquelas relacionadas com a categoria detritos/excretas (21,05%), seguida por aquelas que se referem às sensações (12,28%) e depois apareceram as categorias ambiente/local, organização, odores, personagem de história em quadrinhos, cada uma delas com 8,77% de indicação. As categorias cor e seres vivos aparecem com 7,02%, as categorias saúde/doença, estereótipos, atitudes/ações aparecem com 3,51%. Com uma indicação cada (1,75%) aparecem as categorias partes do corpo, objetos/coisas, estética e poluição. Portanto, a sujeira, na percepção da maioria dos iniciantes do curso de ciências biológicas, tem a ver com o que é visto ou sentido por eles ou pelos outros. Há uma preocupação com o outro. Exemplo de algumas respostas:

“Uma pessoa com falta de higiene. Sinto raiva, porque podemos ser pobres, mas sujo é demais”. (I 5F)

“Algo repugnante, com mau cheiro, aspecto de bagunça. Me sinto mal e com uma certa agonia do sujo, porque o sujo dá uma ideia de que faz mal e que você pode incomodar alguém”. (I 21F)

“Um homem suado e fedido. Sinto nojo, porque ele está sujo e fedido”. (I 45F)

Com o objetivo de buscar mais informações sobre a percepção do sujo pelos estudantes deste grupo, buscamos as suas respostas para o item c da questão 8 (questão aberta). O que te dá a sensação de sujeira? Verificamos que as respostas mais freqüentes referem-se ao nojo, mau cheiro, aparência, desorganização. Eis algumas respostas:

“Desconforto, em casos extremos, nojo”. (I 12F)

“Um cheiro ruim e uma aparência que me faz afastar”. (I 47M)

“Um ambiente com odor desagradável e desorganizado”. (I 23F)

Ainda para verificar a percepção desses estudantes sobre o sujo, buscamos as respostas da questão 5 do questionário (questão aberta), na qual foi perguntado a eles: A sujeira é coisa ruim? Por quê? Dos quarenta e nove estudantes pesquisados, 41

(83,67%) responderam sim, 5 (10,20%) responderam não e 3 (6,13%) deles não responderam esta questão. Analisando as justificativas dos estudantes verifica-se que 34,69% dos estudantes disseram que a sujeira “provoca doenças” ou “prejudica a saúde”, 10,20% disseram que a sujeira “fede” ou “afasta as pessoas”. Outras justificativas foram que a sujeira tem aparência ruim, é desagradável, é feia, é nojenta. Eis algumas respostas:

“Sim, afasta as pessoas, porque estar sujo ou limpo é dizer como é a sua personalidade”. (I 44F)

“Não, porque com um bom banho ou uma boa faxina tudo fica mais bonito aos olhos”. (I 36F)

Complementando essa idéia, buscamos as respostas da questão 6 do questionário (questão aberta), cujo enunciado era: Cite uma situação em que a sujeira pode ser prejudicial. Das situações descritas pelos estudantes deste grupo, 14,89% refere-se a “transmitir de doenças”, 10,64% a “contrair doenças”, seguidas por “lixão” e “manipulação de comida” com 6,38% cada indicação. Eis algumas respostas:

“Um local sujo fica mais vulnerável à doenças e atrai animais como ratos e baratas”. (I 18F)

“O sexo: é brochante ficar com alguém sujo e que não preza pela higiene”. (I 29M)

Na questão 10 do questionário, itens a e b (questão aberta), foi solicitado aos estudantes que indicassem: a) Com qual cor você associa a sujeira? b) Por quê? 61,82% dos estudantes do Grupo I associaram a sujeira à cor marrom, 18,37% à cor preta e 8,16% às cores escuras. O restante dos estudantes associou a sujeira às cores cinza, com duas indicações, vermelho e rosa, com uma indicação cada e um estudante respondeu que a sujeira não está associada a nenhuma cor. Eis algumas respostas:

“Marrom, porque me lembra coisas estragadas”. (I 6M)

“Cores escuras, porque a olho nu, não sabemos o que pode estar escondido ali”. (I 36F)

A questão 11 do questionário, item a (questão aberta) trazia como questionamento: Qual é o aspecto da sujeira? Os estudantes responderam que a sujeira tem o aspecto fedido (12,24%), desagradável, bagunça (8,16% cada), seguido por grosseiro, grudento e feio (6,12% cada), depois apareceu áspero, barroso, ruim, rugoso,

amontoado, escuro, empoeirado (4,08% cada) e, com uma indicação cada (2,04%) repulsivo, desagradável aos sentidos, amassado, rasgado, engordurado, marrom, agoniante, sujo, lixo, cor indefinida, asqueroso. A seguir, algumas respostas:

“Grudento, engordurado”. (I 15M)

“Agoniante, de desordem”. (I 28F)

Para complementar a relação entre o sujo e os sentidos, buscamos as respostas dos estudantes deste grupo para a questão 12, item a (questão aberta) que perguntava: a) Que cheiro tem a sujeira? Para 34,72% deles a sujeira tem cheiro ruim, 8,70% deles disseram que a sujeira tem cheiro desagradável ou que é fedida, para 6,52% dos estudantes ela tem cheiro de azedo, 4,35% disseram que a sujeira cheira a esgoto ou tem cheiro de podre e, com uma indicação cada, apareceram: mau cheiro, peixe, carniça, fezes, cheiro forte, nauseante, repugnante, de decomposição, de coisas estragadas, de lixo, de urina, de enxofre.

“A sujeira tem cheiro de carniça, causa repulsa”. (I 13M)

“Depende da sujeira, algumas ruas têm cheiro de urina”. (I 41F)

Para poder saber qual é a percepção dos estudantes em relação ao sujo no corpo do outro, buscamos as respostas da questão 9 (questão aberta) que trazia o seguinte enunciado: a) Descreva uma situação em que você teve contato direto com uma pessoa que você considera suja. O que você sentiu? O que fez depois?

23,33% das respostas referiam-se a situações de contato com mendigos, em 10% das respostas foram descritas situações em que o estudante teve contato com moradores de rua ou com colegas de sala que estavam fedidos, 6,67% das situações eram relativas ao contato com bêbados fedorentos e com uma indicação cada (2,04%) apareceram as descrições de situações com a troca de camisa no final do jogo de futebol, conversar com pessoa que tem mau hálito, apertar a mão de um deputado, contato com um sem-teto, encontrar barata em uma panela, pessoa suada e com mau cheiro.

Quanto ao sentimento dos estudantes após o contato com a pessoa que consideram suja, 41,18% deles disseram sentir nojo, outros 14,71% disseram sentir pena, 8,82% sentiram um cheiro forte, 5,88% sentiram repulsa ou mal estar, com uma indicação cada (2,04%) os estudantes disseram sentir: constrangimento, tontura, náusea, vontade de estar longe, incômodo, vergonha, agonia.

Sobre o que eles fizeram depois, as respostas foram: 28,57% disseram que não fizeram nada, 17,89% disseram que lavaram as mãos, 14,29% saíram de perto, 10,71% disseram que deram conselhos, 10,71% deram uns trocados e foram embora, 7,14% disseram que tomaram banho e, com uma indicação cada, apareceram: foi para um local arejado, continuou seu caminho, chorou muito. Eis algumas respostas:

“Em sala de aula tivemos que juntar as cadeiras para reunir o grupo. Fiquei ao lado de um colega que fedia muito. Não falei nada e resisti até a aula acabar. Senti tonturas. Fui para um local arejado para me recuperar”. (I 10M)

“Mendigos no centro de Taguatinga, me cercando e querendo dinheiro. Foi horrível, fiquei com nojo. Me afastei ao máximo”. (I 34F)

GRUPO C (concluintes)

Principais atributos para “sujo” indicados pelos estudantes do Grupo C

Na segunda questão, cujo termo indutor era “Sujo”, procedemos da mesma maneira que foi feito para o Grupo I (iniciantes). Os resultados obtidos estão demonstrados no quadro nº 13, sendo que os atributos mais destacados para “sujo”, pelos estudantes concluintes do curso, foram: lixo, doenças, poeira, bactérias, mau cheiro e lama/barro.

Quadro 13: Indicação dos atributos de “Sujo” na ordem de evocação feita pelos estudantes do Grupo C (concluintes).

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Afastar							1	1,72			1	0,34
Anti higiênico							1	1,72			1	0,34
Asco							1	1,72	1	1,72	2	0,69
Bactérias	3	5,17	2	3,45	3	5,17	3	5,17			11	3,79
Bagunçado/bagunça	2	3,45	1	1,72	1	1,72	3	5,17			7	2,41
Baixa auto estima									1	1,72	1	0,34
Banheiro público			1	1,72							1	0,34
Barata					1	1,72	1	1,72			2	0,69
Cansaço			1	1,72							1	0,34
Cascão			1	1,72							1	0,34
Caspa									1	1,72	1	0,34
Chão			1	1,72	1	1,72					2	0,69
Chiqueiro			1	1,72			1	1,72			2	0,69
Chulé							1	1,72			1	0,34
Cigarro									1	1,72	1	0,34
Coceira					1	1,72					1	0,34
Contaminação			1	1,72							1	0,34
Corrupto/corrupção					1	1,72			1	1,72	2	0,69

Quadro 13: Indicação dos atributos de “Sujo” na ordem de evocação feita pelos estudantes do Grupo C (concluintes). (continuação)

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Criminoso									1	1,72	1	0,34
Dejetos							1	1,72			1	0,34
Depredação									1	1,72	1	0,34
Desagradável			2	3,45							2	0,69
Descaso							1	1,72			1	0,34
Descuido			1	1,72	1	1,72	3	5,17	1	1,72	6	2,07
Desinformado									1	1,72	1	0,34
Desleixo/desleixado	2	3,45			1	1,72	2	3,45	1	1,72	6	2,07
Desordem									1	1,72	1	0,34
Desorganização					2	3,45			1	1,72	3	1,03
Destratado			1	1,72							1	0,34
Doença	5	8,62	1	1,72			2	3,45	4	6,90	12	4,14
Doente			1	1,72							1	0,34
Empoeirado			1	1,72							1	0,34
Emporcalhado									1	1,72	1	0,34
Encardido	1	1,72	1	1,72			1	1,72			3	1,03
Entulho			2	3,45	1	1,72					3	1,03
Errado									1	1,72	1	0,34
Escuro			1	1,72	1	1,72			1	1,72	3	1,03
Esgoto			2	3,45	2	3,45					4	1,38
Falta higiene/sem higiene			2	3,45	1	1,72					3	1,03
Fedor	4	6,90	1	1,72	3	5,17	1	1,72			9	3,10
Feio			1	1,72	1	1,72	2	3,45	2	3,45	6	2,07
Fedido/fétido	2	3,45	1	1,72					3	5,17	6	2,07
Formiga									1	1,72	1	0,34
Fraqueza					1	1,72					1	0,34
Fumaça					1	1,72					1	0,34
Fungos					1	1,72					1	0,34
Germes									1	1,72	1	0,34
Gorduras							1	1,72			1	0,34
Impróprio							1	1,72			1	0,34
Impuro					1	1,72					1	0,34
Imundo	1	1,72	1	1,72	1	1,72	3	5,17	1	1,72	7	2,41
Inadimplente							1	1,72			1	0,34
Incômodo									1	1,72	1	0,34
Infeliz	1	1,72									1	0,34
Irresponsável					1	1,72					1	0,34
Lama/barro	6	10,34			4	6,90			1	1,72	11	3,79
Lavar									1	1,72	1	0,34
Limpo	1	1,72									1	0,34
Lixo	13	22,41	2	3,45	1	1,72	3	5,17	4	6,90	23	7,93
Mãos									1	1,72	1	0,34
Marrom					1	1,72	1	1,72	1	1,72	3	1,03
Mau cheiro	4	6,90	3	5,17	2	3,45	1	1,72	1	1,72	11	3,79
Mal estar					1	1,72	2	3,45			3	1,03
Mendigo					1	1,72	1	1,72			2	0,69
Micróbios			1	1,72	1	1,72					2	0,69
Microbiota			1	1,72							1	0,34
Moscas					1	1,72	1	1,72			2	0,69
Não tem cuidado consigo			1	1,72							1	0,34
Nojento			2	3,45	1	1,72					3	1,03
Nojo	2	3,45	1	1,72	2	3,45	2	3,45	1	1,72	8	2,76
Ódio							1	1,72			1	0,34
Odor	1	1,72	1	1,72	1	1,72			1	1,72	4	1,38
Opaco			1	1,72							1	0,34
Patologias			1	1,72							1	0,34
Pés							1	1,72			1	0,34
Plástico							1	1,72			1	0,34
Pobreza/pobre	1	1,72	2	3,45	2	3,45					5	1,72
Podridão/podre			1	1,72	1	1,72					2	0,69
Poeira	2	3,45	6	10,34	2	3,45			3	5,17	13	4,48

Quadro 13: Indicação dos atributos de “Sujo” na ordem de evocação feita pelos estudantes do Grupo C. (continuação)

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Política					1	1,72					1	0,34
Poluição							3	5,17	1	1,72	4	1,38
Porcaria			1	1,72	1	1,72	1	1,72			3	1,03
Porco	1	1,72	1	1,72			1	1,72	1	1,72	4	1,38
Preguiça			1	1,72	1	1,72			1	1,72	3	1,03
Preto							1	1,72			1	0,34
Rato	1	1,72	1	1,72	1	1,72					3	1,03
Rejeitado									1	1,72	1	0,34
Relaxado	1	1,72									1	0,34
Repúdio					1	1,72					1	0,34
Rodoviária do Plano									1	1,72	1	0,34
Roupa									2	3,45	2	0,69
Rua					1	1,72					1	0,34
Ruim					1	1,72			1	1,72	2	0,69
Sacos			1	1,72							1	0,34
Saneamento							1	1,72			1	0,34
Sujeira	1	1,72	1	1,72	1	1,72					3	1,03
Suor/suado	1	1,72	1	1,72			2	3,45			4	1,38
Tapete							1	1,72			1	0,34
Trapaceiro	1	1,72									1	0,34
Terra	1	1,72			1	1,72	2	3,45			4	1,38
Tristeza									1	1,72	1	0,34
Úmido									1	1,72	1	0,34
Unhas					1	1,72					1	0,34
Vassoura									1	1,72	1	0,34
Não responderam							1	1,72	3	5,17	4	1,38
TOTAL	58	100%	58	100%	58	100%	58	100%	58	100%	290	100%

Os resultados do quadro 13 permitiram identificar cento e três atributos que, após análise, foram agrupados em quinze categorias. As categorias não foram estabelecidas *a priori*, foram construídas no decorrer das várias leituras.

- **Seres Vivos:** todos os seres que têm vida;
- **Sensações:** impressão física causada a si mesmo e ao outro;
- **Ambientes/locais:** espaços físicos normalmente destinados à higiene ou relacionados com ela;
- **Detritos/Excretas:** todos os resíduos ou excreções corporais ou ambientais;
- **Organização:** tudo que se relaciona com ordem ou desordem;
- **Partes do corpo:** todas as palavras ou expressões que fazem referência a alguma parte do corpo;
- **Objetos/Coisas:** tudo que se oferece à vista ou afeta os sentidos e que não tem vida;
- **Odores:** tudo que se relaciona ao olfato, exalando cheiro bom ou ruim;
- **Saúde/Doença:** tudo que se relaciona ao bom (mau) funcionamento do organismo;

- **Estereótipo:** imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação, utilizada, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade;
- **Estética:** tudo que se relaciona com o belo;
- **Situação Econômica:** tudo que se relaciona à condição financeira das pessoas ou grupos sociais;
- **Atitudes/ Ações:** normas de procedimento de pessoas ou grupos sociais em determinadas situações;
- **Cores:** impressão visual produzida pelos corpos e objetos;
- **Outros:** aqueles atributos que não se encaixaram em nenhuma das categorias estabelecidas.

A seguir apresentamos o quadro de nº 14 que foi construído para melhor visualização das categorias estabelecidas com os respectivos atributos.

Quadro 14: Categorização dos atributos de “sujo” apontados pelos estudantes do Grupo C (concluintes)

Seres Vivos	Sensação	Ambiente Local	Detritos Excretas	Organização	Partes do corpo	Objetos Coisas	Odores	Saúde Doença	Estereótipo	Estética	Situação Econômica	Atitudes Ações	Cor	Outros
Bactérias	Baixa autoestima	Banheiro público	Cascão	Emporcalhado	Mãos	Cigarro	Mau cheiro	Doença	Corrupto	Feio	Pobreza	Sem higiene	Encardido	Anti higiênico
Barata	Asco	Chão	Caspa	Saneamento	Pés	Plástico	Chulé	Doente	Criminoso		Pobre	Errado	Escuro	Contaminação
Formiga	Cansaço	Chiqueiro	Dejetos	Desordem	Unhas	Roupa	Fedido	Patologias	Mendigo			Lavar	Marrom	Depredação
Fungos	Coceira	Esgoto	Entulho	Empoeirado		Sacos	Fedor		Política			Limpo	Opaco	Desinformado
Germes	Desagradável	Rodoviária	Fumaça	Afastar		Tapete	Odor		Trapaceiro				Preto	Inadimplente
Micróbios	Descaso	Rua	Gordura	Bagunça		Vassoura								Sem cuidado
Microbiota	Descuido		Lama											Poluição
Mosca	Desleixo		Lixo											Rejeitado
Porco	Fraqueza		Podridão											Relaxado
Rato	Impuro		Poeira											Úmido
	Imundo		Porcaria											Destratado
	Incômodo		Sujeira											Impróprio
	Infeliz		Suor											
	Irresponsável		Terra											
	Mal estar													
	Nojo													
	Nojento													
	Ódio													
	Preguiça													
	Repúdio													
	Ruim													
	Tristeza													
10	22	6	14	6	3	6	4	3	5	1	2	4	5	12

Os atributos que mais se destacaram em cada categoria foram:

Na categoria Seres Vivos: bactérias e porco;

Na categoria Sensação: nojo, descuido, desleixo, imundo;

Na categoria Ambiente/local: esgoto;

Na categoria Detritos/excretas: lixo, lama, poeira, suor, terra;

Na categoria Odores: mau cheiro, fedido, fedor, odor;

Na categoria doença;

Na categoria Estética: feio;

Na categoria Situação econômica: pobreza, pobre;

Na categoria Outros: poluição,

Nas outras categorias, cada um dos atributos indicados apresentou menos de quatro indicações.

Procedendo da mesma maneira que no Grupo I (iniciantes), fomos buscar, ainda na segunda questão, a palavra selecionada pelos estudantes como a mais representativa do termo indutor. As palavras indicadas como mais representativas de sujo estão relacionadas no quadro 15, assim como a quantidade de estudantes que as indicaram com seus percentuais, bem como a quantidade de indicações separadas de acordo com o sexo do estudante.

QUADRO 15: Palavra que mais representa o sujo na percepção dos estudantes do Grupo C (concluintes)

Palavra	quantidade	%	masculino	feminino
Bactérias	4	6,90%	1	3
Barata	1	1,72%		1
Cansaço	1	1,72%		1
Cheiro ruim/fedor/fedido/odor/mau cheiro	11	18,97%	5	6
Desagradável	1	1,72%		1
Descaso	1	1,72%		1
Descuido	3	3,45%	1	2
Doenças	7	12,07%	3	4
Encardido	1	1,72%		1
Escuro	1	1,72%		1
Feio	2	3,45%	1	1
Gorduras	1	1,72%	1	
Imundo	3	3,45%	1	2
Inadimplente	1	1,72%	1	
Incômodo	1	1,72%		1
Lixo	9	15,52%	2	7
Nojento/nojo	2	3,45%		2
Pobreza/pobre	2	3,45%		2
Poeira	2	3,45%		2
Rejeitado	1	1,72%	1	
Relaxado	1	1,72%		1
Sem higiene	1	1,72%		1
Em branco	1	1,72%		1
TOTAL	58	100%	17	41

A partir dos resultados encontrados para “sujo”, detalhados nos quadros 13, 14 e 15, podemos fazer algumas análises e destacar algumas evidências. Os atributos mais salientes, encontrados por meio da técnica de associação livre de palavras (quadro 13), foram: lixo, poeira e doença, seguidos por bactérias, lama/barro e mau cheiro. Esses atributos referem-se a detritos/excretas (lixo, poeira, lama/barro), doenças, seres vivos (bactérias) e odor (mau cheiro).

Foi solicitado, ainda na segunda questão, que os estudantes, após indicarem a palavra que mais representava o sujo (quadro 15), justificassem a escolha feita. A seguir apresentamos algumas justificativas:

“O sujo sempre está associado a algo feio, o que não é bom de se ver”. (C 47F)

“Uma pessoa imunda é aquela que não tem uma boa imagem social, a partir de critérios que envolvem dinheiro e posição social”. (C 8M)

“Relaxado é uma pessoa que sofre de uma doença chamada preguiça e vive como um mendigo, fedendo. Por isso é um porco e vive na porcaria”. (C 2F)

Buscamos também as respostas dos estudantes deste grupo para a questão 4 do questionário (questão aberta), na qual era perguntado: a) Descreva a imagem que prontamente vem à sua mente quando se fala em sujo? b) O que você sente na presença disso? c) Por quê? As respostas que mais se destacaram foram aquelas relacionadas com a categoria detritos/excretas (31,58%), seguida por aquelas que se referem a sensações (18,42%) e odor (15,79%), depois apareceram as categorias ambiente/local (14,47%), seres vivos (10,53%), organização (6,58%) e objeto/coisa (3,95%). As estereótipos, partes do corpo e situação econômica aparecem com uma indicação cada (1,32%). Portanto, a sujeira, na percepção da maioria dos concluintes do curso de ciências biológicas, tem a ver com o que é visto ou sentido por eles ou pelos outros. Exemplo de algumas respostas:

“Um cara com cabelos grandes, sujos, barba grande, mau hálito, unhas grandes e sujas, roupas sujas e muita caspa caindo na camisa. Sinto nojo e dependendo do grau de sujeira, sinto até vontade de vomitar, porque não gosto de sujeira, me sinto mal perto de pessoas ou coisas que são ou estão sujas”. (C 3F)

“Esgoto a céu aberto e lixo espalhado na rua. Sinto mal estar, porque parece que o ambiente está desorganizado. Isso também está associado ao mau cheiro, a má aparência, entre outras sensações de repulsa”. (C 40F)

Para complementar essa argumentação, buscamos ainda as respostas dos estudantes para o item c da questão 8 (questão aberta). O que te dá a sensação de sujeira? Verificamos que as respostas mais frequentes referem-se ao suor, mau cheiro, desorganização, falta de banho. Eis algumas respostas:

“Odor das axilas transpirando, depois de uma semana sem usar desodorante”. (C 3F)

“Suor, deixar as coisas bagunçadas ao meu redor, mau cheiro, material estagnado e sem uso”. (C 40F)

Utilizando o mesmo procedimento usado para o Grupo I (iniciantes), buscamos as respostas dos estudantes para a questão 5 do questionário (questão aberta), que dizia: A sujeira é coisa ruim? Por quê? Dos cinquenta e oito estudantes pesquisados, 55 (94,83%) responderam sim e 3 (5,17%) responderam não. Analisando as justificativas dos estudantes verifica-se que os estudantes disseram que a sujeira “provoca doenças”(27,63%), “prejudica a saúde” (15,79%), “junta moscas, baratas, insetos nojentos” (7,89%) e “transmite uma imagem ruim” (5,26%). Outras justificativas foram que

a sujeira é desagradável, demonstra desleixo, afasta as pessoas, causa má impressão. Eis algumas respostas:

“Sim, porque a sujeira impede o progresso, a harmonia e o desenvolvimento de tudo que está em volta. Atrai outras coisas sujas e produz sensação de abandono”. (C 44F)

“Sim, porque, geralmente, a sujeira é acompanhada de mau cheiro ou desorganização, podendo até estar vinculada à falta de higiene, o que pode fazer mal à saúde e, assim, não é vista como uma coisa muito boa”. (C 57M)

Para complementar essa idéia, buscamos as respostas da questão 6 do questionário (questão aberta), cujo enunciado era: Cite uma situação em que a sujeira pode ser prejudicial. Das situações descritas pelos estudantes do Grupo C, as principais foram: “transmissão de doenças” (24,00%), “atrair insetos e ratos” (14,67%), seguidas por “lixo espalhado” (12,00%), “no ambiente profissional” (8,00%) e “mãos sujas(6,67%)”. Eis algumas respostas:

“Quando se chega no trabalho com a roupa suja e mal arrumado, num contexto onde você é o diferente, onde todas as pessoas estão limpas”. (C 8M)

“Se você deixar lixo esparramado por muito tempo, atrairá moscas, ratos, baratas, que podiam estar em esgotos, em contato com fezes e, conseqüentemente, trazer doenças”. (C 28F)

Do mesmo modo que fizemos para o Grupo I (iniciantes), buscamos as respostas dos estudantes deste grupo para a questão 10 do questionário, itens a e b (questão aberta), na qual foi solicitado que eles indicassem: a) Com qual cor você associa a sujeira? b) Por quê? 62,12% dos estudantes do Grupo C (concluintes) associaram a sujeira à cor marrom, 18,87% à cor preta e 6,06% às cores escuras. O restante dos estudantes associou a sujeira às cores cinza (4,55%), bege (3,03%), branco, amarelo e roxo apareceram com uma indicação cada e um estudante respondeu que a sujeira não está associada a todas as cores. Eis algumas respostas:

“Marrom, porque a sujeira corporal está quase sempre associada com a poeira, impregnada com suor na pele ou nas roupas”. (C 15M)

“Cores escuras, porque a maioria das coisas que considero como sujas apresentam-se nesses tons”. (C 39F)

Buscamos ainda as respostas dos estudantes para a questão 11 do questionário, item a (questão aberta), que trazia como questionamento: Qual é o aspecto

da sujeira? Os estudantes do Grupo C responderam que a sujeira tem o aspecto escuro (13,64%), fedido (11,36%), desorganizado, feio (10,23% cada), seguido por grudento e desagradável (6,82% cada), depois apareceu nojento, horrível, grosseiro, áspero (3,41% cada), energia negativa, poluído, preguiça, tristeza, úmido, impuro (2,27% cada) e, com uma indicação cada (1,14%) apareceram: abandono, repugnante, ruim, asqueroso, frio, líquido, pobreza, desânimo, ignorante. A seguir, algumas respostas:

“Aspecto de ambiente impuro e cheio de contaminação”. (C 54F)

“O aspecto da sujeira é feio, desagradável e impuro”. (C 18F)

Para complementar a relação entre o sujo e os signos sensoriais, buscamos as respostas dos estudantes deste grupo para a questão 12, item a (questão aberta) que perguntava: a) Que cheiro tem a sujeira? Para 21,54% deles a sujeira tem cheiro ruim, 18,46% deles disse que a sujeira tem cheiro desagradável, para 16,92% dos estudantes ela tem cheiro de podre, 6,15% disseram que a sujeira cheira a lixo, a fezes e urina ou tem cheiro de suor, 3,08% disseram que cheira carniça ou esgoto e, com uma indicação cada, apareceu cheiro de chorume, rabujo de cachorro, mofo, chulé, banheiro público, mau hálito, azedo, amargo, ruim ao nariz e aos olhos. Dois estudantes disseram que a sujeira não tem cheiro. Algumas respostas:

“A sujeira tem cheiro de lixo, coisa podre, estragada”. (C 43F)

“A sujeira tem cheiro ruim, associaria a podre, mofo ou lixo”. (C 6F)

Buscamos também as respostas dos estudantes do Grupo C da questão 9 (questão aberta) do questionário para saber sobre a percepção deles em relação ao sujo no corpo do outro, Essa questão trazia o seguinte enunciado: a) Descreva uma situação em que você teve contato direto com uma pessoa que você considera suja. O que você sentiu? O que fez depois?

23,73% das respostas referiam-se a situações de contato com mendigos ou morador de rua fedorentos e sujos, em 11,86% das respostas foram descritas situações em que o estudante teve contato com pessoas que fediam, 8,47% das situações eram relativas ao contato com pessoas fedidas dentro de ônibus, 5,08% descreveram situações em que estiveram em casas sujas com lixo espalhado, outros (3, 39% cada) descreveram situações envolvendo colegas de sala que fedem, pessoas carentes sujas e fedidas, alimentos mal lavados, pessoas com piolhos, bêbados fedorentos ou locais sujos e com desordem e, com uma indicação cada (1,69%) apareceram as descrições de situações em que tiveram contato com crianças sujas em creches, com pessoas

pessimistas, menino pobre, sujo e fedendo, colegas de sala que não escova os dentes, com pessoas de invasões que são sujas, apertaram a mão de desconhecido, conversaram com pessoa que tem mau hálito, paciente de hospital que não toma banho. Três estudantes não responderam esta questão.

Quanto ao sentimento dos estudantes após o contato com a pessoa que consideram suja, 30,16% deles disseram sentir nojo, outros 15,87% disseram sentir pena, 9,52% sentiram desconforto, 6,35% deles sentiram agonia, 4,76% sentiram um raiva ou vontade de se afastar, 3,17% sentiram medo, mau cheiro, vergonha, tristeza, ou asco e, com uma indicação cada (1,59%), os estudantes disseram sentir: repugnância, curiosidade, descaso, fraqueza, desânimo, incômodo ou vontade de vomitar. Um estudante disse que nada sentiu e três estudantes não responderam esta questão.

No item c desta questão, buscamos o que os estudantes fizeram após o contato com uma pessoa suja, descrito no primeiro item. Suas respostas foram: 26,23% disseram não ter feito nada, 16,39% disseram que se afastaram da pessoa, 9,84% disseram que tomaram banho ou aconselharam a pessoa a se limpar, 8,20% disseram que lavaram as mãos, 3,28% não comeram o alimento oferecido pela pessoa e, com uma indicação cada, apareceram: passou a evitar a pessoa, ficou se cheirando para ver se também estava fedendo, esqueceu o que aconteceu, passou álcool na mesa e limpou o chão onde a pessoa pisou, escovou os dentes, deu banho na pessoa. Eis algumas respostas:

“Um senhor, morador de rua, foi agredido em frente a minha casa e desci para ajudá-lo, pois estava desmaiado. Levei luvas de procedimento. Senti nojo, asco, mau cheiro. Depois joguei as luvas e lavei bem as mãos”. (C 38F)

“Tive contato com uma pessoa que tinha mau hálito e a pele muito oleosa. Conversamos e ela me passou a impressão de sujeira. Tive nojo e depois escovei os dentes”. (C 43F)

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Grupo Temático: Sujo

Como se observa, a percepção dos estudantes para o sujo, tanto os do Grupo I (iniciantes), como os do Grupo C (concluintes), está vinculada ao que eles veem ou sentem na presença do que consideram como sujeira, destacando-se como atributos mais salientes o “lixo”, o “mau cheiro”, o “suor”, as “doenças”.

Douglas (1976, p. 50-51) afirma que a sujeira, que ela denomina de impureza, é constituída de elementos repelidos pelos sistemas ordenados pela sociedade. Ela nunca é um fenômeno único, isolado. Está sempre acompanhada de um sistema de organização, de ordem simbólica, que classifica e condena qualquer objeto, ideia ou pessoa que contradiz a ordem estabelecida. Afirma ainda que, somente a partir de meados do século XIX, após a descoberta das bactérias patogênicas, a sujeira se associou às doenças. Para a autora (p. 93) a sujeira “é uma questão de estética, de higiene ou de etiqueta; não é grave desde que não provoque qualquer embaraço social”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Rodrigues (1995, p. 84) nos lembra que a sujeira, simbolicamente, representa perigo, devendo, portanto, ser evitada. Ela representa “uma mistura de elementos pertencentes a categorias” que deveriam ser mantidas isoladas para evitar a contaminação. A sujeira é algo que destoa em um sistema de classificação estabelecido culturalmente, visto que ela desorganiza o ambiente, dando a impressão de que as coisas estão fora do lugar. Portanto, eliminar a sujeira é colocar cada coisa em seu devido lugar. Como consequência, os limites dessa classificação são considerados sujos e, por isso, as roupas, as mãos, os pés e os orifícios corporais merecem uma atenção especial.

O lixo, nesse sistema de classificação, segundo o autor (p. 104), é formado por materiais descartados. “São pedaços em decomposição. São restos do que foi útil...” Mas, ele deixa de representar perigo, ou seja, perde a sua identidade, “quando é queimado e se transforma em fumaça, quando volta a ser terra, quando é reciclado e adquire vida nova...” Para os participantes da pesquisa o lixo representa o sujo, aquilo que escapa ao sistema de classificação, representando perigo e ameaça à saúde. Para tanto, precisa ser isolado, longe da visão e do olfato, por isso é colocado na periferia, nos limites das linhas classificatórias.

Outros resíduos, segundo os estudantes dos dois grupos, que também representam perigo e ameaçam a ordem são as secreções produzidas pelo corpo humano: suor, fezes e urina. Jodelet (2005, p. 303) comprovou isso em sua pesquisa sobre a representação social da loucura, em que há uma nítida separação das águas destinadas aos doentes, das águas utilizadas pelas hospedeiras, por medo do contágio, visto que acreditavam que as secreções emanadas pelos corpos dos doentes poderiam transmitir a loucura às pessoas sadias. O doente aparece como fonte de poluição, pois ao ter contato com a água pode deixar nela a sujeira das suas secreções.

Vale ressaltar que ao serem questionados se eles consideravam a sujeira como algo ruim, pelo menos sete alunos responderam negativamente. Ao justificarem as respostas, fazem uso de argumentos que evidenciam o conhecimento biológico das interações entre os seres vivos. Exemplo:

“Não, porque graças a ela nós temos um controle no ecossistema. Só o excesso dela que é sim”. (I 16M)

“Não, porque tem seres que dependem do sujo para sobreviver, enquanto outros não conseguem”. (I 14M)

Faz sentido quando os alunos associam sujeira com doença, visto que em algumas situações, um ambiente sujo pode ser uma fonte de contaminação. Por outro lado, os estudantes parecem esquecer que determinadas doenças podem ser adquiridas em ambientes, por eles considerados, limpos. Como exemplo temos a gripe, a dengue, o sarampo, entre outras.

Alguns participantes da pesquisa, por exemplo, ao associarem bactérias/microorganismos à sujeira, parecem esquecer que esses seres vivos são encontrados no corpo, mesmo após o banho. Purves et al (2002, p. 902) destacam que dentro do intestino humano vivem populações imensas de bactérias, sendo uma delas a *Escherichia coli*, que vive na matéria não digerível pelos humanos. Essas bactérias sintetizam vitamina K e biotina, que são absorvidas pelas paredes do intestino. Os autores ressaltam ainda (p. 356) que bactérias e fungos, normalmente, vivem e se reproduzem em grandes números nas superfícies do nosso corpo sem causar doenças, sendo denominadas de flora normal. “Esses ocupantes naturais de nossos corpos competem com patógenos por espaços e por nutrientes, e assim a flora normal é um tipo de defesa inata”.

Embora não tenha dados para evidenciar as representações de saúde e doença, poderíamos nos perguntar se a relação que esses estudantes estabelecem entre sujeira e doença não pode ter implicações na sua relação com uma pessoa doente, da família ou fora dela?

Quanto às sensações manifestadas pelos estudantes dos dois grupos, quando em presença do sujo, são, principalmente, àquelas ligadas aos órgãos sensoriais. Segundo Rodrigues (2006, p. 95), essas sensações são “mensagens percebidas por intermédio dos sentidos”, as quais precisam ser decodificadas. O autor (p. 96) afirma ainda que cada sociedade atribui aos sentidos uma percepção específica, que pode variar de um povo para outro. Os povos do Ocidente utilizam o olfato para perceber se algo está ou não estragado (por isso cheiram os alimentos antes de comer), enquanto outros povos verificam pelo aspecto visual ou paladar.

De acordo com Wosny et al (2008, p. 4), o olfato pode provocar reações de caráter afetivo e terapêutico (humor, depressão, euforia, irritação, repulsa, sedução), dependendo da “interpretação da memória olfativa do indivíduo”. Um cheiro pode ativar lembranças de situações vivenciadas, as quais podem ser positivas ou negativas, fazendo com que o indivíduo aceite ou rejeite aquele odor. Para Rodrigues (2006, p. 97), na vida cotidiana, os signos olfativos estão presentes nas práticas sociais, podendo representar desconfiança, suspeita ou insegurança, expressas em nosso vocabulário: “isto não me cheira bem”, “estou sentindo cheiro de confusão”, “isto está cheirando mal”, entre outros.

Outro sentido, presente nas práticas sociais, e também impregnado de significado cultural é a visão. Segundo Vigarello (1996, p. 249)

É possível compreender esse privilégio antigo e duradouro do visível. A visão é, decerto, o alvo mais intuitivo, o que é mais ‘naturalmente’ convincente, o que pode ser submetido também às normas mais facilmente formuláveis. Com elas, os padrões de limpeza se enunciam e se definem em algumas palavras. Os preceitos parecem “límpidos”. Basta olhar.

Rodrigues (2006, p. 98-99) complementa essa ideia afirmando que a visão é a principal ferramenta de apropriação do mundo. É por meio dela que também associamos significados às cores, como por exemplo: preto: morte; branco: pureza; vermelho: paixão (ou perigo); verde: esperança; amarelo: desespero. A visão também está ligada à aparência, o que é visto pela própria pessoa ou pelo outro. Os estudantes, em sua maioria, 61,82% dos iniciantes e 62,12% dos concluintes, associaram a sujeira à cor

marrom. Isso mostra que a cor marrom da terra, das fezes, simbolicamente, pode estar relacionada à sujeira.

Outra sensação, percebida pelos estudantes frente ao sujo, é o nojo. De acordo com Rodrigues (2006, p. 118),

No corpo a ordem fisiológica material se une à ordem ideológica moral, como signos nos quais se encontram e se reúnem o sensível e o inteligível, o significante e o significado. Os fenômenos e processos fisiológicos se erigem em significantes, cujos significados são fenômenos e processos sociológicos. Em um mesmo e único signo se reúnem as duas modalidades de existência do homem, estabelecendo-se um diálogo do ser com o dever ser – um diálogo em que nenhum dos interlocutores deixará de se matizar pelo outro. A reação do nojo é exatamente o produto dessa troca de qualidades entre o sensível e o inteligível.

Segundo o autor (p. 126), o nojo representa perigo, transgredir a ordem, destoa, ameaça a integridade física de quem entra em contato com a pessoa ou objeto que causou essa sensação. Gera insegurança simbólica, visto que representa um rompimento com ordem natural da vida cotidiana e deve ser tratado, simbolicamente, por ritos de purificação. É por isso que as pessoas lavam as mãos ou tomam banho após entrar em contato com o que consideram nojento. Isso pode ser percebido nas respostas dos participantes da pesquisa, em que 41,18% dos iniciantes e 30,16% dos concluintes disseram sentir nojo ao ter contato com pessoas que consideram sujas (questão 9 do questionário). Nessa mesma questão, uma parte dos estudantes afirmou ter tomado banho ou lavado as mãos após o contato com a sujeira.

Em nosso primeiro estudo piloto trabalhamos também com a higiene alimentar, além da higiene corporal, mas após a análise dos dados, preferimos ficar apenas com a higiene corporal, devido ao acúmulo de dados que poderia gerar o trabalho em duas vertentes distintas. Nesse estudo inicial, uma das questões colocadas, inspirada em Rodrigues (2006, p. 67) foi:

“Um povo de certo país costuma ingerir pela manhã, num estranho ritual, a secreção de uma glândula de um determinado animal, ao qual misturam um líquido de uma cor terrivelmente escura; ingere ainda nessa tétrica cerimônia, uma gosma que certos insetos vomitam, células reprodutoras de aves e algumas pastas gordurosas. Se você visitasse esse país e lhe oferecessem esse cardápio, você comeria?” Sim () Não () Por quê? O que sentiria na presença desses alimentos? Justifique.

Os dados obtidos nesse estudo piloto corroboram os estudos de Rodrigues, pois dos trinta e nove estudantes que participaram da pesquisa, apenas doze deles responderam que sim e, desses, somente dois deles reconheceram que os alimentos citados fazem parte de uma refeição matinal, ao estilo americano: leite, café, mel, ovos, manteiga, requeijão e queijo. O mais interessante é que esses dois alunos, ambos do sexo masculino, um deles cursava licenciatura em física e o outro, licenciatura em química. Dos dezessete alunos do curso de biologia, participantes da pesquisa, nenhum identificou os alimentos citados, embora já tivessem aprendido esses conceitos relacionados a esse tema. Os outros alunos, que também responderam sim, justificaram a resposta, dizendo: *“Para saber qual é o gosto”*; *“Comeria em respeito da cultura desse povo, embora ficaria receosa”*; *“Porque se eles comem e não morrem então eu experimentaria”*.

Dezoito participantes disseram que sentiriam nojo ou náusea na presença desses alimentos. Rodrigues (2006, p. 67) afirma que o nojo, o asco, “o mal estar explica-se pela inversão total dos termos”, substituindo aqueles conhecidos culturalmente, por outros desconhecidos da maioria das pessoas.

Quanto ao aspecto da sujeira, os estudantes disseram que ela é fedida, desorganizada, grudenta, feia. Novamente o olfato aparece para classificar e ordenar aquilo que destoa dos padrões estabelecidos. Segundo Douglas (1976, p. 53), “o viscoso fica a meio caminho entre o sólido e o líquido”. O grudento faz com que a sensação percebida seja de diluição do “eu”, diferente da água, em que o “eu” permanece sólido.

Concordando com Douglas, Rodrigues (2006, p. 137) afirma que as “coisas ‘pastosas’, ‘melosas’, ‘gosmentas’, ‘viscosas’, ‘lamacentas’, ‘pegajosas’, ‘moles’, ‘molengas’, ‘cerosas’, ‘geleosas’, ‘cremosas’, ‘gordurosas’, ‘sebosas’”, são características “de um estado ambíguo e indefinido da configuração material” das coisas consideradas nojentas, que nos remete à desordem, à confusão, à bagunça, à indefinição. Para o autor, “o sujo é a manifestação do desorganizado e do incontrolado. É a expressão da desordem” (p. 125). Seguindo esse raciocínio, o “feio”, que apareceu nas respostas, é outro padrão cultural e socialmente concebido e pode estar associado ao ruim, ao perigo, que ameaça a ordem.

Ao relatar uma situação em que tiveram contato com uma pessoa que consideram como suja (questão 9), os estudantes (13 iniciantes e 11 concluintes) disseram que isso ocorreu quando se encontraram com mendigos ou moradores de rua. Aqui aparece um aspecto ideológico, em que o outro é visto por meio de um estereótipo

que classifica as pessoas de acordo com os padrões determinados pela sociedade. Ao estudar as representações sobre as pessoas em situação de rua, Mattos e Ferreira (2004, p. 48), oferecem respaldo para as representações sociais sobre o mendigo e morador de rua. Essas representações reforçam a identidade construída a partir de valores negativos, socialmente estabelecidos. Eles escapam às grades de classificação e destoam da maioria das pessoas, por isso devem ser evitados e, se possível, descartados ou afastados da visão.

Todos nós já interagimos com moradores de rua e mendigos, porém ao refletirmos sobre a qualidade dessas interações, conforme destacam os autores, verificamos que costumamos observar essas pessoas de longe, com medo de ser abordados por elas. Algumas pessoas as consideram vagabundas, sujas e mal cheirosas. Outros sentem pena e, alguns chegam a agredi-las verbal ou fisicamente. Isso denota, segundo os autores, falta de sensibilidade “em relação à sua condição (sub) humana”, pois já nos acostumamos com suas presenças.

Analisando os quadros 11 e 14, no qual se evidenciam os atributos distribuídos em um sistema de categorias, destaca-se que para o Grupo I (iniciantes), as categorias que reuniram mais atributos foram as de “detritos/excretas” com 17 itens e “ambiente/local” com 15, seguidas pelas categorias “seres vivos” e “sensações” com 11 atributos cada. Para o Grupo C (concluintes), as categorias que reuniram mais atributos foram as de “sensações” com 22 itens e “detritos/excretas” com 14, seguidas pelas categorias “outros” com 12 e “seres vivos” com 10 atributos.

Nota-se também que dos atributos mais representativos para sujo, indicados pelos estudantes, “lixo” apareceu, tanto no Grupo I (iniciantes) como no Grupo C (concluintes), com 9 indicações (quadros 11 e 14). Rodrigues (1995, p. 29) confirma esses dados quando afirma que, na Idade Média

Espírito e matéria, corpo e alma não se separavam. A invenção dessa dicotomia é a condição preliminar para a suposição de que algo seja dejetado: algo do corpo ou algo do mundo passa a poder ser considerado resíduo. (...) de certa forma, o lixo é aquilo que sobra da vida dos objetos, assim como o cadáver é o que sobra da vida do espírito. Dejetado dos objetos e lixo do espírito têm relação de parentesco.

Culturalmente a sociedade rejeita aquilo que destoa dos padrões estabelecidos, que causa desordem. O lixo está associado ao perigo e, portanto, deve ser afastado, assim como os cemitérios, por isso ambos se localizam na periferia das cidades.

Uma diferença entre os dois grupos estudados refere-se à categoria “odor”. Enquanto que para os iniciantes o fedor apareceu com 2 indicações (quadro 12), para os concluintes ele apareceu com 11 indicações (quadro 15). A evitação dos odores teve início no final do século XVIII, conforme afirma Vigarello (1996, p. 121), quando o mau cheiro do corpo passou a ser representativo de descuido ou desleixo. Os odores deveriam ser eliminados porque poderiam penetrar no corpo e causar danos, além de se espalhar pelo ambiente ao redor, causando mal estar aos outros.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Bloco Temático: Limpo

GRUPO I (iniciantes)

Principais atributos para “limpo” indicados pelos estudantes do Grupo I (iniciantes)

Na terceira questão, cujo termo indutor era “Limpo”, os estudantes indicaram as palavras ou atributos que, na percepção deles, melhor representavam o termo indutor. Após a leitura das palavras evocadas, foi construído o quadro nº 16 no qual ficam evidenciados todos os atributos, o número de estudantes que citaram os mesmos e a ordem em que foram citados, com os respectivos percentuais.

Os resultados obtidos estão demonstrados no quadro a seguir, sendo que os atributos mais destacados para “Limpo”, pelos estudantes do Grupo I, foram: branco, água, sabonete/sabão, brilhante e cheiroso.

Quadro 16: Indicação dos atributos de “Limpo” na ordem de evocação feita pelos estudantes do Grupo I (iniciantes).

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Agradável	2	4,08			1	2,04	1	2,04	1	2,04	5	2,04
Água	4	8,16	1	2,04	1	2,04	3	6,12			9	3,67
Alvejante					1	2,04						0,41
Arejado									1	2,04		0,41
Arrumação							1	2,04				0,41
Arrumar							1	2,04				0,41
Asseio	1	2,04	1	2,04							2	0,82
Banheiro									1	2,04		0,41
Banho	4	8,16	1	2,04	1	2,04	1	2,04			7	2,86
Belo/beleza			1	2,04			1	2,04			2	0,82
Bem	1	2,04							1	2,04	2	0,82
Bem estar			2	4,08			1	2,04	1	2,04	4	1,63
Boa aparência							1	2,04				0,41
Boca			1	2,04								0,41
Bom			1	2,04	1	2,04						0,41
Bom demais					1	2,04						0,41
Bonito	1	2,04			2	4,08			1	2,04	4	1,63
Branco	6	12,24	1	2,04	1	2,04	1	2,04	2	4,08	11	4,49
Brilhante	1	2,04	2	4,08	2	4,08	2	4,08	1	2,04	8	3,27
Brilho	1	2,04										0,41
Cabelos			2	4,08							2	0,82
Carpinteiro					1	2,04						0,41
Casa	1	2,04					1	2,04			2	0,82
Céu					1	2,04	1	2,04			2	0,82
Chão de casa	1	2,04										0,41
cheirinho							1	2,04				0,41
Cheiro			1	2,04	1	2,04	2	4,08			4	1,63
Cheiroso	1	2,04	5	10,20			1	2,04	1	2,04	8	3,27
Cheiro agradável/bom	1	2,04	2	4,08							3	1,22
Clareza			1	2,04								0,41
Claro					1	2,04						0,41
Comida					1	2,04	1	2,04	1	2,04	3	1,22
Compromisso									1	2,04		0,41
Consciência					1	2,04						0,41
Corpo	1	2,04			1	2,04					2	0,82
Corpo após banho									1	2,04		0,41
Cuidado					2	4,08					2	0,82
Desodorante			1	2,04								0,41
Dignidade							1	2,04				0,41
Domesticar					1	2,04						0,41
Educação							1	2,04				0,41
Escova/bucha							2	4,08			2	0,82
Escova de dente					1	2,04						0,41
Espuma			1	2,04								0,41
Estado de espírito					1	2,04						0,41
Executivo							1	2,04				0,41
Floresta			1	2,04								0,41
Frescor			1	2,04	1	2,04	1	2,04	1	2,04	4	1,63
Gelo									1	2,04		0,41
Higiene	3	4,08							2	4,08	4	1,63
Higiênico							1	2,04				0,41
Honesto			1	2,04								0,41
Hospital	1	2,04										0,41
Jaca							1	2,04				0,41
Laboratório					1	2,04						0,41
Lavar	1	2,04										0,41
Leveza									1	2,04		0,41
Limpar			1	2,04								0,41
Limpeza	3	6,12	1	2,04	2	4,08					6	2,45
Liso							1	2,04				0,41
Louça									1	2,04		0,41

Quadro 16: Indicação dos atributos de “Limpo” na ordem de evocação feita pelos estudantes do Grupo I (iniciantes). (continuação)

Louça sem resto de comida			1	2,04								0,41
Macio/maciez					1	2,04	1	2,04			2	0,82
Mãos	1	2,04			1	2,04					2	0,82
Mente							1	2,04	1	2,04	2	0,82
Natureza					1	2,04						0,41
Novo									1	2,04		0,41
OMO									1	2,04		0,41
Organização	1	2,04			1	2,04					2	0,82
Organizar									1	2,04		0,41
Panos			1	2,04								0,41
Perfume	2	4,08	2	4,08	1	2,04					5	2,04
Perfumado			1	2,04								0,41
Prazer									1	2,04		0,41
Pureza	3	6,12									3	1,22
Puro					1	2,04						0,41
Restaurante			1	2,04								0,41
Roupa					1	2,04			1	2,04	2	0,82
Roupa lavada					1	2,04						0,41
Sabonete/sabão	3	6,12	1	2,04	2	4,08	1	2,04	2	4,08	9	3,67
Sapatos							1	2,04				0,41
Satisfação									1	2,04		0,41
Saudável									1	2,04		0,41
Saúde	1	2,04	3	6,12					1	2,04	5	2,04
Toalhas			1	2,04								0,41
Tranquilidade									1	2,04		0,41
Transparente							1	2,04				0,41
Vidro							1	2,04				0,41
Vontade									1	2,04		0,41
Xampu					1	2,04						0,41
Não responderam	5	10,20	9	18,37	11	22,45	14	28,57	16	32,65	55	22,45
TOTAL	49	100%	49	100%	49	100%	49	100%	49	100%	245	100%

Esses resultados permitiram identificar cento e três atributos que, após análise, foram agrupados em dezessete categorias. As categorias não foram estabelecidas a priori, foram construídas no decorrer das várias leituras.

- **Produtos/ Equipamentos:** todos os produtos e equipamentos utilizados para higiene pessoal, coletiva ou ambiental;
- **Sensações:** impressão física causada a si mesmo e ao outro;
- **Ambientes/locais:** espaços físicos normalmente destinados à higiene ou relacionados com ela;
- **Práticas Higiênicas:** ações ou atitudes relacionadas à higiene pessoal, ambiental ou coletiva;
- **Organização:** tudo que se relaciona com ordem ou desordem;
- **Partes do corpo:** todas as palavras ou expressões que fazem referência a alguma parte do corpo;
- **Objetos/Coisas:** tudo que se oferece à vista ou afeta os sentidos e que não tem vida;

- **Odores:** tudo que se relaciona ao olfato, exalando cheiro bom ou ruim;
- **Saúde/Doença:** tudo que se relaciona ao bom (mau) funcionamento do organismo;
- **Pessoas:** seres humanos;
- **Estética:** tudo que se relaciona com o belo;
- **Aspecto Moral:** tudo que se relaciona aos costumes ou deveres do homem para com seus semelhantes e consigo mesmo;
- **Detritos/Excretas:** todos os resíduos ou excreções corporais ou ambientais;
- **Estereótipo:** imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação, utilizada, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade.
- **Atitudes/ Ações:** normas de procedimento de pessoas ou grupos sociais em determinadas situações;
- **Cores:** impressão visual produzida pelos corpos e objetos;
- **Outros:** aqueles atributos que não se encaixaram em nenhuma das categorias estabelecidas

A seguir apresentamos o quadro de nº 17 que foi construído para melhor visualização das categorias estabelecidas com os respectivos atributos.

Quadro 17: Categorização dos atributos de “limpo” apontados pelos estudantes do Grupo I (iniciantes).

Produtos equipamentos	Sensação	Ambiente Local	Práticas higiênicas	Organização	Partes do corpo	Objetos Coisas	Odores	Saúde Doença	Pessoas	Estética	Aspecto moral	Atitudes Ações	Cor	Outros
Água	Agradável	Banheiro	Arrumar	Arrumação	Boca	Comida	Cheirinho	Saudável	Carpinteiro	Bem	Dignidade	Compromisso	branco	Jaca
Escova dental	Perfumado	Casa	Banho	Organização	Cabelos	Louça sem comida	Cheiro bom	Saúde	Executivo	Boa aparência	Honesto	Consciência	Brilhante	Arejado
Desodorante	Bem estar	Chão de casa	Corpo após banho		Corpo	Roupa lavada	Cheiroso			Bom demais			Brilho	Cuidado
Alvejante	Clareza	Céu	Organizar		Mãos	Gelo	Cheiro			Belo				Domesticar
Bucha	Claro	Floresta	Higiene			Panos				Beleza				Educação
Escova	Frescor	Hospital	Lavar			Louça				Bonito				Liso
Espuma	Higiênico	Laboratório	Limpar			Roupa				Bom				Mente
OMO	Leveza	Natureza				Sapatos								Novo
Perfume	Limpeza	Restaurante				Vidro								
Sabonete	Maciez													
Sabão	Asseio													
Xampu	Prazer													
Toalhas	Pureza													
	Puro													
	Satisfação													
	Tranquilidade													
	Transparente													
	Vontade													
13	18	9	7	2	4	9	4	2	2	7	2	2	1	8

Os atributos que mais se destacaram em cada categoria foram:

Na categoria “Produtos/Equipamentos”: água, perfume e sabonete;

Na categoria “Sensação”: bem estar, frescor, limpeza e pureza;

Na categoria “Práticas Higiênicas”: banho e higiene;

Na categoria “Objetos/Coisas”: comida;

Na categoria “Odores”: cheiro, cheiroso e cheiro agradável;

Na categoria “Saúde/Doença”: saúde;

Na categoria “Estética”: bonito;

Na categoria “Cor”: branco e brilhante;

Nas outras categorias: Organização, Partes do Corpo, Pessoas, Aspecto Moral, Atitudes/Ações e Outros, os atributos indicados foram pouco destacados.

Ainda na terceira questão foi solicitado aos estudantes que, das cinco palavras indicadas, eles selecionassem aquela que mais representava o termo indutor. As palavras indicadas como mais representativas de limpo estão relacionadas no quadro 18, assim como a quantidade de estudantes que as indicaram com seus percentuais, bem como a quantidade de indicações separadas de acordo com o sexo do estudante.

QUADRO 18: Palavra que mais representa o limpo na percepção dos estudantes do Grupo I 9iniciantes).

Palavra	quantidade	%	masculino	feminino
Agradável	2	4,08		2
Água	3	6,12	2	1
Asseio	1	2,04		1
Banho	2	4,08	1	1
Bem estar	1	2,04		1
Bom demais	1	2,04		1
Bonito	1	2,04	1	
Branco	4	8,16		4
Bucha	1	2,04		1
Casa	1	2,04		1
Céu	1	2,04	1	
Cheiro	1	2,04	1	
Cheiroso	2	4,08	1	1
Cheiro agradável	2	4,08		2
Clareza	1	2,04		1
Corpo	1	2,04		1
Corpo após banho	1	2,04	1	
Dignidade	1	2,04	1	
Estado de espírito	1	2,04	1	
Higiênico	1	2,04	1	
Leveza	1	2,04		1
Limpeza	3	6,12	3	
Mente	1	2,04		1
Natureza	1	2,04	1	
Pureza	1	2,04		1
Sabonete/sabão	1	2,04		1
Satisfação	1	2,04		1
Saúde	2	4,08	1	1
Não responderam	9	18,37	2	7
TOTAL	49	100%	18	31

Ao analisar os quadros 16, 17 e 18, alguns elementos podem ser evidenciados. Como por exemplo, no quadro 16, os atributos mais salientes foram: branco, seguidos por sabonete/sabão, água, brilhante e cheiroso. Esses atributos referem-se a cor (branco, brilhante), produtos/equipamentos (sabonete/sabão, água) e odor (cheiroso).

“Qualquer pessoa ou lugar cheiroso dá a impressão de limpo”. (I 41F)

“Quando há limpeza, não só da sujeira, uma pessoa passa a ser dignamente limpa”. (I 37M)

“Branco é a cor do banheiro, hospital, médicos”. (I 46F)

Buscamos mais informações na questão 7 do questionário (questão aberta), na qual era perguntado: a) Descreva a imagem que prontamente vem à sua mente quando

se fala em limpo? b) O que você sente na presença disso? c) Por quê? No item a, as respostas que mais se destacaram foram: casa limpa (10,91%), seguida por cheiro bom, brilhante, hospital e branco (9,09% cada) e depois apareceu banho (7,27%), mãos limpas e puro/pureza (5,45% cada), mar, laboratório, organização, pessoa saudável, céu sem nuvens (3,64% cada) e, com uma indicação cada (1,82%) apareceram leveza, unhas curtas, pés limpos, bem estar, bonito, frescor, dentes limpos, água fresca, transparente. Portanto, a limpeza, na percepção da maioria dos iniciantes do curso de ciências biológicas, tem a ver com a aparência, o que é visto ou sentido por eles ou pelos outros.

No item b, sobre a sensação que tiveram na presença do limpo, as respostas foram: bem estar (32,56%), tranquilidade (9,30%), segurança, sensação agradável, confortável, satisfação (6,98% cada), paz (4,65%), felicidade, pureza, admiração, afinidade, aconchego, higiênica, cheiro bom (2,33% cada). 6,98% deles disseram não ter sentido nada e 2,33% se sentiram normal. Quanto à justificativa que os estudantes apresentaram no item c, diziam respeito ao bem estar físico e mental, por saber que não pegaria doença, por ser um lugar seguro, por que o aspecto limpo remete a carinho e cuidado, por que é agradável e causa bem estar, entre outras. Exemplo de algumas respostas:

“Um pano completamente branco, brilhante e cheiroso. Me sinto bem, me sinto confortável, porque o aspecto limpo remete a carinho e cuidado”. (I 12F)

“O chão da casa brilhando. Sinto satisfação, porque me deixa mais sereno e mais à vontade”. (I 39M)

“Quando uma pessoa chega em casa, após trabalhar ou praticar esportes e vai tomar banho. Sinto uma afinidade melhor, porque a pessoa fica mais apresentável”. (I 15M)

Para complementar essa argumentação, buscamos as respostas dos estudantes para os itens a e b da questão 8 (questão aberta). a) Você se considera uma pessoa limpa? Por quê? b) O que te dá a sensação de limpeza? No item a, dos 49 estudantes, 43 responderam sim, 2 responderam não e 5 não responderam este item. As justificativas dos participantes da pesquisa, ainda no item a, referem-se à higiene pessoal (32,08%), cuida do corpo, toma banho (13,21% cada), cuida do ambiente onde mora, escova os dentes, limpa a casa (5,66% cada), mantém a roupa limpa, lava as mãos (3,77% cada) e, com uma indicação cada, apareceram não joga lixo na rua, não desperdiça energia, gosta de se sentir limpo, gosta de lugares limpos, se limpa moralmente, se limpa espiritualmente, cuida da aparência, foi criada assim, não cheira mal. Um estudante

respondeu que sim, mas justificou que higienicamente sim, mas por dentro não. Dos dois que responderam não, um deles afirmou que trabalha o dia todo e vai para a faculdade sem banho e, o outro disse que pratica desonestidade.

Quanto ao item b, o que dá a sensação de limpeza aos estudantes, 27,12% respondeu que é o banho, 18,64% que é o cheiro bom, seguidos por bem estar, organização, frescor com 6,78% cada, depois apareceu visual bom, casa arrumada, casa limpa, escovar os dentes com 3,39% cada e, com uma indicação cada, apareceu cheiro de produtos de limpeza, higiene pessoal, lugar arejado, leveza, estar na água, tranquilidade, coisas limpas, cortar as unhas, ambiente sem lixo, passar álcool, aparência agradável e branco. Eis algumas repostas:

“Sim, porque sempre tomo banho e não cheiro mal. O que me dá a sensação de limpeza é o cheiro bom e uma aparência agradável”. (I 47M)

“Sim, quarto sempre arrumado, casa limpa, banho no mínimo duas vezes ao dia, escovo os dentes após as refeições. O que me dá a sensação de limpeza é o banho”. (I 29M)

“Sim, porque faço minha higiene corretamente. A limpeza dá uma sensação de bem estar”. (I 26F)

Buscamos também as respostas dos estudantes do Grupo I (iniciantes) para a questão 10, itens c e d (questão aberta), que perguntava: b) Com qual cor você associa a limpeza? c) Por quê? Os iniciantes do curso associaram a limpeza às cores: branco (88,89%), cores claras (4,44%), incolor, azul, nenhuma (2,22% cada). No item c, em que os estudantes justificaram a escolha, para o branco, apareceram as opções: evidencia a sujeira (25%), é claro, representa pureza, é a cor das coisas limpas (12,50% cada), indica transparência, é límpido, dá a sensação de limpeza, é a cor das roupas do pessoal do hospital, por causa das propagandas da TV (5% cada) e, com uma indicação cada uma, apareceram: lembra a água, é uma cor neutra, transmite sensação de paz, é uma cor fria, não sabe. Para as cores claras a justificativa foi que dá a sensação de limpeza e é agradável aos olhos. O aluno que disse que não associava a limpeza a cores justificou que estar limpo não depende de cor alguma. Eis algumas repostas:

“Branco, porque é a cor em que a sujeira fica mais visível”. (I 19M)

“Branco, porque com ele tudo fica mais puro”. (I 5F)

A questão 11 do questionário, item b (questão aberta) trazia como questionamento: Qual é o aspecto da limpeza? Os estudantes responderam que a

limpeza tem o aspecto cheiroso (13,46%), agradável (11,54%), seguido por branco, liso, claro (9,62%), depois apareceu organizado (7,69%), bonito (5,77%), suave, bom, causa bem estar (3,85% cada) e, com uma indicação cada, seco, aconchegante, leve, essência, bem cuidado, inodoro, saudável, brilhante, tranqüilo, prazeroso. A seguir, algumas respostas:

“A limpeza é bonita, cheirosa, prazerosa”. (I 30M)

“A limpeza é agradável aos sentidos em geral. Causa bem estar”. (I 11F)

Para completar a relação entre o limpo e os órgãos sensoriais, buscamos as respostas dos estudantes deste grupo para a questão 12, item b (questão aberta) que perguntava: a) Que cheiro tem a limpeza? Para 30,77% deles a limpeza tem cheiro bom, 17,95% deles disseram que a limpeza tem cheiro agradável, para 10,26% dos estudantes ela tem cheiro de perfume, 7,69% disseram que a limpeza cheira a flores, 5,13% deles disseram que a limpeza tem cheiro suave e, com uma indicação cada apareceu que a limpeza tem cheiro de perfume de bebê, de coisa nova, de lavanda, de produtos de limpeza, de sabão, cheiro doce, frescor, vários cheiros, é neutra. Um aluno disse que não sabe e dois disseram que ela não tem cheiro. Eis algumas respostas:

“A limpeza tem odor agradável que faz a pessoa se sentir bem”. (I 11F)

“A limpeza tem cheiro de flores do campo”. (I 36F)

GRUPO C (concluintes)

Principais atributos para “limpo” indicados pelos estudantes do Grupo C (concluintes)

Procedendo da mesma maneira que foi feito para o Grupo I (iniciantes), com o termo indutor “limpo”, obtivemos os resultados demonstrados no quadro nº 19, sendo que os atributos mais destacados para “limpo”, pelos estudantes concluintes do curso, foram: cheiroso, água, branco, brilhante, bonito.

QUADRO 19: Indicação dos atributos de “limpo” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo C (concluintes).

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Afeto									1	1,72	1	0,34
Agradável	2	3,45	2	3,45	3	5,17	4	6,90	1	1,72	12	4,14
Água	4	6,90	2	3,45	2	3,45	5	8,62	6	10,34	19	6,55
Água sanitária	1	1,72									1	0,34
Alcool	1	1,72			1	1,72			1	1,72	3	1,03
Alívio									1	1,72	1	0,34
Alma							1	1,72	1	1,72	2	0,69
Alta auto estima					1	1,72					1	0,34
Alvo	1	1,72	1	1,72							2	0,69
Amoroso									1	1,72	1	0,34
Ar	1	1,72					1	1,72			2	0,69
Aroma					1	1,72					1	0,34
Arrumado					1	1,72					1	0,34
Asseio	2	3,45	1	1,72	1	1,72					4	1,38
Assepsia									1	1,72	1	0,34
Banho	1	1,72	1	1,72	1	1,72	1	1,72	1	1,72	5	1,72
Beleza	1	1,72			1	1,72					2	0,69
Bem estar	2	3,45	4	6,90			1	1,72	3	5,17	10	3,45
Boa aparência	1	1,72									1	0,34
Boas condições									1	1,72	1	0,34
Bom									3	5,17	3	1,03
Bom convívio					1	1,72					1	0,34
Bonito/belo	4	6,90	1	1,72	3	5,17	3	5,17	2	3,45	13	4,48
Branco	7	12,07	4	6,90	2	3,45	2	3,45			15	5,17
Brilhante	2	3,45	3	5,17	4	6,90	3	5,17	2	3,45	14	4,83
Calma							1	1,72			1	0,34
Cama							1	1,72			1	0,34
Casa							2	3,45			2	0,69
Centro cirúrgico									1	1,72	1	0,34
Certo							1	1,72	1	1,72	2	0,69
Céu			1	1,72							1	0,34
Cheirinho			1	1,72							1	0,34
Cheiroso	10	17,24	11	18,97	6	10,34	2	3,45	3	5,17	32	11,03
Clareza/claro	3	5,17	4	6,90	1	1,72	3	5,17			11	3,79
Comprometido					1	1,72					1	0,34
Conforto					1	1,72			1	1,72	2	0,69
Consultório odontologia							1	1,72			1	0,34
Cuidado			1	1,72	2	3,45	1	1,72			4	1,38
Descontaminado									1	1,72	1	0,34
Desejável					1	1,72					1	0,34
Desinfetado			1	1,72							1	0,34
Desinfetante					1	1,72	1	1,72			2	0,69
Detergente			1	1,72			2	3,45	1	1,72	4	1,38
Educação	1	1,72	1	1,72	1	1,72					3	1,03
Em dia					1	1,72					1	0,34
Escova									1	1,72	1	0,34
Essencial	1	1,72									1	0,34
Esterilizar									1	1,72	1	0,34
Felicidade			1	1,72	1	1,72					2	0,69
Frescor									1	1,72	1	0,34
Harmonia			1	1,72			1	1,72	1	1,72	3	1,03
Higiene	1	1,72	1	1,72	4	6,90	2	3,45	2	3,45	10	3,45
Higiene bucal									1	1,72	1	0,34
Hipoclorito de sódio			1	1,72							1	0,34
Honestidade					1	1,72					1	0,34
Ideal									1	1,72	1	0,34
Laboratório patologia					1	1,72					1	0,34
Lavar/lavado					1	1,72	1	1,72			2	0,69
Leveza/leve	1	1,72			1	1,72			2	3,45	4	1,38
Limpeza							1	1,72	1	1,72	2	0,69
Limpo									1	1,72	1	0,34
Liso					1	1,72			1	1,72	2	0,69

Quadro 19: Indicação dos atributos de “Limpo” na ordem de evocação feita pelos alunos do Grupo C (concluintes). (continuação)

atributo	1ª ev.	%	2ª ev.	%	3ª ev.	%	4ª ev.	%	5ª ev.	%	Total	%
Livre					1	1,72					1	0,34
Lugar									1	1,72	1	0,34
Mãe					1	1,72					1	0,34
Meu quarto	1	1,72									1	0,34
Nascente de água			1	1,72							1	0,34
Necessário									1	1,72	1	0,34
Novo							2	3,45			2	0,69
Ordem							1	1,72			1	0,34
Organização	2	3,45	2	3,45	1	1,72					5	1,72
Pano			1	1,72							1	0,34
Paz			1	1,72	1	1,72	1	1,72			3	1,03
Perfume	1	1,72	1	1,72	1	1,72	2	3,45	1	1,72	6	2,07
Pés			1	1,72							1	0,34
Prazer					2	3,45	1	1,72			3	1,03
Pureza	3	5,17	1	1,72							4	1,38
Responsável			1	1,72							1	0,34
Riqueza			1	1,72							1	0,34
Roupa			1	1,72							1	0,34
Sabão	1	1,72					1	1,72	2	3,45	4	1,38
Saudável			1	1,72	1	1,72	1	1,72	1	1,72	4	1,38
Saúde	1	1,72	2	3,45			1	1,72	3	5,17	7	2,41
Sem mancha							1	1,72			1	0,34
Sincero	1	1,72									1	0,34
Suave							2	3,45			2	0,69
Sujo	1	1,72									1	0,34
Tranquilo/tranquilidade					1	1,72	1	1,72			2	0,69
Vassoura					1	1,72	1	1,72			2	0,69
Vazio									1	1,72	1	0,34
Vida					1	1,72			1	1,72	2	0,69
Não responderam							2	3,45	1	1,72	3	1,03
TOTAL	58	100%	58	100%	58	100%	58	100%	58	100%	290	100%

Os resultados do quadro 19 permitiram identificar noventa e dois atributos que, após análise, foram agrupados em quatorze categorias. As categorias não foram estabelecidas *a priori*, foram construídas no decorrer das várias leituras.

- **Produtos/ Equipamentos:** todos os produtos e equipamentos utilizados para higiene pessoal, coletiva ou ambiental;
- **Sensações:** impressão física causada a si mesmo e ao outro;
- **Ambientes/locais:** espaços físicos normalmente destinados à higiene ou relacionados com ela;
- **Práticas Higiênicas:** ações ou atitudes relacionadas à higiene pessoal, ambiental ou coletiva;
- **Organização:** tudo que se relaciona com ordem ou desordem;
- **Partes do corpo:** todas as palavras ou expressões que fazem referência a alguma parte do corpo;
- **Objetos/Coisas:** tudo que se oferece à vista ou afeta os sentidos e que não tem vida;

- **Odores:** tudo que se relaciona ao olfato, exalando cheiro bom ou ruim;
- **Saúde/Doença:** tudo que se relaciona ao bom (mau) funcionamento do organismo;
- **Estética:** tudo que se relaciona com o belo;
- **Aspecto Moral:** tudo que se relaciona aos costumes ou deveres do homem para com seus semelhantes e consigo mesmo;
- **Atitudes/ Ações:** normas de procedimento de pessoas ou grupos sociais em determinadas situações;
- **Cores:** impressão visual produzida pelos corpos e objetos;
- **Outros:** aqueles atributos que não se encaixaram em nenhuma das categorias estabelecidas.

A seguir apresentamos o quadro de nº 20 que foi construído para melhor visualização das categorias estabelecidas com os respectivos atributos.

Quadro 20: Categorização dos atributos de “limpo” apontados pelos estudantes do Grupo C (concluintes).

Produtos equipamentos	Sensa-ção	Ambiente Local	Práticas higiênicas	Organi-zação	Partes do corpo	Objetos Coisas	Odores	Saúde Doença	Estética	Aspecto moral	Atitudes Ações	Cor	Outros
Água	Alívio	Ar	Asseio	Arrumado	Pés	Pano	Aroma	Saudável	Beleza	Honestidade	Afeto	Alvo	Alma
Álcool	Agradável	Cama	Assepsia	Ordem		Roupa	Cheirinho	Saúde	Bonito	Responsável	Certo	Branco	Educação
Água sanitária	Alta autoestima	Consultório odontológico	Higiene bucal	Organi-zação			Cheiroso		Boas condições	Sincero	Compro-metido	Brilhante	Em dia
Desinfe-tante	Amoroso	Centro cirúrgico	Desconta-minado						Boa aparência			Sem mancha	Essencial
Detergente	Bem estar	Casa	Desinfetado						Lindo			Claro	Ideal
Escova	Bom	Céu	Esterilizar										Liso
Hipoclorito de sódio	Bom convívio	Laboratório de patologia	Higiene										Necessário
Perfume	Calma	Lugar	Banho										Novo
Sabão	Clareza	Meu quarto	Lavar										Riqueza
Vassoura	Tranqui-lidade	Nascente de água	Limpeza										Sujo
	Conforto												Vazio
	Bem cuidado												Vida
	Desejável												Mãe
	Felicidade												
	Frescor												
	Harmonia												
	Leveza												
	Livre												
	Paz												
	Prazer												
	Pureza												
	Suave												
10	22	10	10	3	1	2	3	2	5	3	3	5	13

Os atributos que mais se destacaram em cada categoria foram:

Na categoria “Produtos/Equipamentos”: água, perfume, sabão, detergente;

Na categoria “Sensações”: bem estar, bem cuidado, leveza, pureza;

Na categoria “Práticas Higiênicas”: asseio, banho, higiene;

Na categoria “Organização”: organização;

Na categoria “Odores”: cheiroso;

Na categoria “Saúde/Doença”: saúde, saudável;

Na categoria “Estética”: bonito;

Na categoria “Cor”: branco, brilhante, claro

Nas outras categorias, os atributos indicados tiveram menos de quatro indicações.

Analisando as indicações dos estudantes para a complementação da primeira questão, as palavras indicadas por eles como mais representativas de limpo estão relacionadas no quadro de nº 21, apresentado a seguir.

QUADRO 21: Palavra que mais representa a limpo na percepção dos estudantes do Grupo C (concluintes).

Palavra	quantidade	%	masculino	feminino
Agradável	6	10,34	1	5
Água	3	5,17		3
Alta auto estima	1	1,72		1
Asseio/asseado	3	5,17	1	2
Banho	2	3,45		2
Bem estar	3	5,17	1	2
Bonito	1	1,72		1
Branco	3	5,17	1	2
Brilho	1	1,72	1	
Calma	1	1,72		1
Céu	1	1,72	1	
Cheiroso/cheiro bom	11	18,97	4	7
Consultório odontológico	1	1,72		1
Desejável	1	1,72		1
Desinfetado	1	1,72		1
Detergente	1	1,72	1	
Educação	1	1,72	1	
Esterilizar	1	1,72		1
Felicidade	1	1,72		1
Harmonia	1	1,72		1
Higiene/higiênico	5	8,62	3	2
Lavado	1	1,72		1
Limpeza	2	3,45	1	1
Organizado	1	1,72		1
Perfume	2	3,45	1	1
Puro	1	1,72		1
Saúde	2	3,45		2
TOTAL	58	100%	17	41

Da mesma maneira que foi feito para o Grupo I (iniciantes), a partir dos resultados detalhados nos quadros 19, 20 e 21, fizemos algumas análises e destacamos algumas evidências. Os atributos mais salientes, encontrados por meio da técnica de associação livre de palavras (quadro 19), foram: cheiroso, seguidos por água, branco, brilhante e bonito. Percebe-se que esses atributos referem-se a odores (cheiroso), produtos (água), cor (branco, brilhante), estética (bonito). Esses atributos, do mesmo modo que no Grupo I, estão ligados aos sentidos da visão e do olfato, que afetam a percepção do próprio indivíduo e também do que o outro vê ou sente.

Foi solicitado, ainda na terceira questão, que os estudantes, após indicarem a palavra que mais representava o limpo (quadro 21), justificassem a escolha feita. A seguir apresentamos algumas justificativas:

“Uma pessoa que está limpa, estará cheirosa”. (C 26M)

O termo limpo engloba toda uma situação, um local limpo ou mesmo a limpeza pessoal, sugere uma pessoa organizada”. (C 27F)

“A educação possui uma ligação subjetiva com o limpo, a limpeza. Aquele que possui educação pode ser considerado uma pessoa limpa”. (C 11M)

Para fundamentar essas indicações, buscamos as respostas dos estudantes para a questão 7 do questionário (questão aberta), na qual era perguntado: a) Descreva a imagem que prontamente vem à sua mente quando se fala em limpo? b) O que você sente na presença disso? c) Por quê? No item a, as respostas que mais se destacaram foram: casa limpa (16,18%), seguida por cheiro bom (14,71%) e depois apareceu ambiente organizado (8,82%), brilhante (5,88%), banho, roupa limpa e ambiente saudável (4,41% cada), beleza, floresta cuidada, branco, claro, banheiro limpo, cachoeira, felicidade, água (2,94% cada) e, com uma indicação cada (1,47%) apareceram jardim, liso, pessoa sadia, agradável, confortável, lugar limpo, segurança, consultório odontológico, local arejado, vidro polido, tranqüilidade e harmonia. Portanto, a limpeza, na percepção da maioria dos concluintes do curso de ciências biológicas, também tem a ver com a aparência, o que é visto ou sentido por eles ou pelos outros.

No item b, sobre a sensação que tiveram na presença do limpo, as respostas foram: bem estar (26,47%), tranqüilidade (13,24%), conforto, paz (10,29% cada), leveza, sensação agradável, prazer (5,88% cada), calma (4,41%), harmonia, alegria, relaxamento (2,94% cada). Com uma indicação cada apareceram confiança, segurança, muito bem, felicidade. Um estudante disse não ter sentido nada. Quanto à justificativa que os estudantes apresentaram no item c, diziam respeito ao bem estar físico, segurança por saber que não pegariam doença, porque o aspecto limpo lembra saúde e cuidado, por que é agradável e dá prazer, entre outras. Exemplo de algumas respostas:

“O branco é o que nos dá a idéia de limpeza ou se for um lugar, seria a organização do local. Me sinto bem à vontade, pois sei que onde estou ou o que estou vestindo me dá confiança. Acho que sou muito preocupada com a aparência e estar limpa é fundamental para mim”. (C 12F)

“Uma casa limpa e organizada me dá paz e tranqüilidade porque a limpeza traz uma sensação de pureza”. (C 27F)

Também para o Grupo C, buscamos as respostas dos estudantes para os itens a e b da questão 8 (questão aberta). a) Você se considera uma pessoa limpa? Por quê?

b) O que te dá a sensação de limpeza? No item a, dos 58 estudantes, 57 responderam sim e 1 respondeu não. As justificativas dos participantes da pesquisa, ainda no item a, referem-se a higiene pessoal (31,17%), toma banho diariamente (14,29%), cuida do ambiente onde mora (7,79%), cuida do corpo, usa roupas limpas, cuida do espírito e da mente, gosta das coisas organizadas (5,19% cada), escova os dentes, se preocupa com a saúde, se as regras (3,90% cada), se perfuma, lava sempre as mãos (2,60% cada) e, com uma indicação cada, apareceram lava bem as partes íntimas, preocupa-se com a aparência, faz boas ações, tem atitudes limpas, tem uma conduta decente. O estudante que respondeu não afirmou que realiza os procedimentos básicos de higiene, mas às vezes, se sente meio sujo.

Quanto ao item b, o que dá a sensação de limpeza aos estudantes, 28,25% respondeu que é o banho, 14,10% disse que é a organização, 8,87% que é o cheiro bom, casa limpa (6,41%), seguidos roupa limpa, conforto, prazer com 3,85% cada, depois apareceu escovar os dentes, leveza, bem estar, paz, frescor, lavar as mãos com 2,56% cada e, com uma indicação cada, apareceu pureza, chão brilhando, aspecto bonito, roupa cheirosa, higiene, aparência boa, alegria, disposição, dever cumprido, honestidade, saúde, usar perfume. Eis algumas repostas:

Sim, cuido de mim e também me preocupo com o bem estar do outro. O que me dá sensação de limpeza é o cheiro, a cor e a organização”. (C 23F)

“Sim, porque procuro me manter organizada e cuido do meu corpo. O que me dá a sensação de limpeza é um lugar harmônico e cheiroso”. (C 50F)

Buscamos também as respostas dos estudantes do Grupo C para a questão 10, itens c e d (questão aberta), que perguntava: b) Com qual cor você associa a limpeza? c) Por quê? Os concluintes do curso associaram a limpeza às cores: branco (77,85%), azul (11,48%), cores claras (4,92%), verde (3,28%), amarelo e prata (1,64% cada). No item c, em que os estudantes justificaram a escolha, para o branco, apareceram as opções: evidencia a sujeira (33,33%), é a cor da limpeza (16,67%), representa pureza (13,33%), dá tranquilidade (10%), transmite sensação de paz, é a cor da saúde, é suave, transmite leveza (6,67%). Para as cores claras a justificativa foi que dá a sensação de leveza, o amarelo é alegre, o azul é a cor da água. Eis algumas repostas:

“Branco, porque é uma cor leve e clara, traz tranquilidade”. (C 5F)

“Azul, porque transmite tranquilidade e lembra desinfetante e água”. (C 44F)

Também fomos buscar as respostas dos estudantes para a questão 11 do questionário, item b (questão aberta), que trazia o questionamento: Qual é o aspecto da limpeza? Os estudantes responderam que a limpeza tem o aspecto organizado (14,74%), cheiroso (12,63%), brilhante (9,47%), bonito (8,42%), agradável, claro (7,37% cada), transparente, puro (4,21% cada), bom (3,16%), seguido por branco, alegre, suave, leve (2,11%), e, com uma indicação cada, apareceu seco, macio, harmonioso, confortável, educado, imaculado, liso, limpo, elegante, aconchegante, chamativo, seguro, acolhedor, higiênico, sensível. Dois estudantes disseram não saber o aspecto da limpeza. A seguir, algumas respostas:

“A limpeza é ordenada, cheirosa, imaculada”. (C 30M)

“A limpeza tem aspecto lindo, brilhante e cheiroso”. (C 45F)

Para completar a relação entre o limpo e os órgãos sensoriais, também buscamos as respostas dos estudantes deste grupo para a questão 12, item b (questão aberta) que perguntava: a) Que cheiro tem a limpeza? Para 17,81% deles a limpeza tem cheiro bom, 15,07% deles disseram que a limpeza tem cheiro agradável, para 13,70% dos estudantes ela tem cheiro de perfume, 8,22% disseram que a limpeza cheira a flores, 5,48% deles disseram que a limpeza tem cheiro de desinfetante, 4,11% deles disseram que tem cheiro de detergente, 2,74% disseram que a limpeza tem cheiro de eucalipto, de amaciante, cheiro gostoso, de lavanda, cheiro suave, cheiro de pinho sol, de colônia de bebê, de sabonete e, com uma indicação cada apareceu que a limpeza tem cheiro de produtos de limpeza, de coisas naturais, de água com sabão, de frutas, de hortelã, de menta. Três estudantes disseram que a limpeza não tem cheiro e um deles disse que depende do cheiro. Eis algumas respostas:

“A limpeza tem cheiro bom, agradável ao nariz e aos olhos”. (C 23F)

“Depende da limpeza...Cheiro de chão limpo é diferente de cheiro de pessoa de banho tomado”. (C 57M)

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Bloco Temático: Limpo

De acordo com os quadros 16 e 19, dos atributos mais evocados pelos estudantes dos dois grupos estudados, são comuns cheiroso, branco, água e brilhante. Para o Grupo I (iniciantes) apareceu ainda sabonete/sabão e para o Grupo C (concluintes) apareceu o atributo bonito. Verifica-se para os concluintes (quadro 19) que sabonete/sabão aparece com 4 indicações, enquanto que para os iniciantes (quadro 16) esse atributo aparece com 9 indicações. Já o atributo bonito aparece para concluintes com 13 indicações e para os iniciantes, com 4 indicações.

De acordo com Le Breton (2006, p. 55), é preciso considerar, não apenas as ações do corpo, mas também o campo sensorial, o qual varia de uma cultura para outra e até de uma classe social para outra. Há uma diferença na maneira de interpretar sensorialmente o mundo, visto que a configuração dos sentidos “são de natureza não somente fisiológica, mas também social”. O autor enfatiza ainda que cada sociedade “elabora seu próprio repertório sensorial como universo de sentido”, com isso, certos sinais corporais fogem totalmente do controle ou da vontade do indivíduo, visto que pertencem à dimensão social e cultural. “A cada instante decodificamos sensorialmente o mundo transformando-o em informações visuais, auditivas, olfativas ou gustativas”, as quais variam “de acordo a sensibilidade e os acontecimentos que marcaram a história pessoal” de cada um.

Rodrigues (2006, p. 98) complementa essa ideia ao afirmar que em nossa sociedade enfatizamos mais o sentido da visão, visto que “precisamos ver para crer”, escrever para não esquecer o que ouvimos e utilizamos expressões como “visionário” e “vidente” quando nos referimos às pessoas arrojadas; dizemos que os olhos são as janelas da alma; chamamos os sábios de “iluminados”; quando nos despedimos de alguém dizemos “até a vista”; quando gostamos de alguém, essa pessoa é “bem vista”. Também utilizamos “visão de mundo”, “pontos de vista”, um caso pode ser “obscuro”, uma solução pode ser “brilhante”.

Para Malysse (2000, p. 18), a eficácia simbólica da prática do olhar pode explicar até que ponto a experiência da percepção do mundo torna-se uma normatização influenciada pelos padrões impostos pela sociedade. “A imagem que mais obceca o

homem é a do seu corpo. O corpo e suas imagens dependem do olhar do outro”. O autor (2004, p. 2) afirma ainda que

Atualmente a função cognitiva do olhar é tão importante que pode nos levar a esquecer o fato de que olhar alguém implica num engajamento corporal. Às vezes o impacto do olhar pode ser o mesmo do contato físico: o olhar é uma forma de contato, ele toca o Outro. Se cada sociedade codifica de maneira diferente os possíveis usos do olhar, como via de acesso ao outro, parece claro que em certas culturas de contato caracterizadas pela grande proximidade física entre os indivíduos, o fluxo da troca de olhares é mais intenso do que nas sociedades européias.

Segundo Vigarello (1996, p. 252) essa predominância da visão sobre os outros sentidos não é recente. Já no século XVII, embora a rejeição pela água predominasse, a limpeza referia-se “às zonas escondidas do corpo”, o que parece paradoxal, visto que isso aumentava o papel do olhar, da aparência. O visível era representado pela troca da roupa branca, a qual substituía o banho. Portanto, a limpeza valorizava o visível. Nos séculos seguintes, a representação da limpeza foi sendo modificada, com a emergência de outros valores, como a saúde e o vigor.

Nessa mesma linha de pensamento, Silva (1999, p. 9) afirma que

Em uma sociedade que se mostra altamente racional e, ainda, alicerçada em um certo dualismo com predomínio das atividades mentais, é intrigante a presença de um interesse por tudo o que diz respeito ao corpo e, mais, por tudo o que diz respeito à aparência a ser apresentada em público. É possível encontrar, ao longo da história da civilização ocidental, muitos indicadores que vão constituindo uma trama, uma urdidura capaz de fornecer algumas luzes sobre a construção desse indivíduo e dessa sociedade que assim se apresentam.

No século XIX, com a descoberta dos micróbios, Vigarello (1996, p. 252) destaca que a limpeza se torna menos “palpável”, visto que se tratava de uma limpeza do “invisível”. Essas mudanças no padrão de limpeza, vagarosamente construídas, “dão ao corpo uma vigilância eminentemente social”. Para a Silva (1999, p. 4), as demonstrações de Pasteur “sobre a assepsia, passaram a interferir nas atividades cotidianas das pessoas, alterando suas práticas corporais concomitantemente com o imaginário higienista que se propagava: a medicina e a expectativa corporal do século XIX se rendem à lógica dos laboratórios”.

A autora destaca ainda (p. 24) que

A disciplina do corpo, parte do processo de secularização e do novo ordenamento social, não prescindia do controle de nenhuma de suas dimensões: o controle sobre o alimento e o sexo é exemplar. Os médicos e higienistas traçam regimes de vida extensos não mais para atingir o desenvolvimento harmônico tal como na Grécia antiga, mas para obter indivíduos mais servis. (...) No interior das escolas, o processo higiênico iniciava pelo ordenamento do espaço e do tempo para agir, centralmente, no controle dos corpos infantis, conferindo a tudo uma dimensão utilitarista: evitar a ociosidade era fundamental nesse tempo.

Atualmente, segundo Bueno (2007, p. 76) “os brasileiros adoram tomar banho”. Com isso o mercado de produtos de higiene pessoal tem crescido nas últimas décadas, fazendo com que no Brasil (segundo pesquisa do Ibope em 2001) o sabonete está presente em 98% dos lares, o xampu em 80% e o desodorante em 63%. Essa pesquisa ainda mostrou que o Brasil é “o segundo consumidor mundial de desodorante, o terceiro em produtos para o cabelo e o quarto em pastas de dentes”.

Segundo o autor (p. 77), embora uma pesquisa realizada pelo Datafolha (maio de 1996) tenha indicado que 97% da população brasileira toma banho todos os dias, 2% se banhem de quatro a seis vezes por semana e 1% toma de um a três banhos a cada sete dias, não se pode afirmar que o brasileiro é o povo mais asseado do mundo. Isso porque, “apesar do hábito do banho estar enraizado na cultura e no comportamento nacionais, urinar nas ruas, não lavar as mãos antes das refeições e depois de ir ao banheiro, também constituem costumes genuinamente brasileiros”.

A grande maioria dos estudantes pesquisados, tanto os do grupo I (iniciantes), como os do grupo C (concluintes), associam a limpeza à cor branca. Essa associação não é recente, visto que já no século XVII, segundo Vigarello (1996, p. 70), a brancura da roupa de baixo indicava a limpeza de quem a usava. O branco indicava uma limpeza do interior, permitindo evocar o mais íntimo da pessoa. Para o autor, o branco “torna parcialmente visível aquilo que não se vê”. Em uma época em que a água era evitada, a brancura da roupa de baixo tinha um duplo significado: o de evitar a presença da transpiração e o do olhar do outro que avalia pelo brancor dessa roupa.

Rodrigues (2006, p. 106) complementa essa ideia ao afirmar que a cor branca, tradicionalmente, está associada à limpeza, por isso ela aparece nos banheiros, hospitais, consultórios, utensílios de cozinha. Só muito recentemente que se começou a substituir o branco por outras cores “que sujam menos”. Na realidade, a sujeira é a

mesma, independente da cor, visto que os microorganismos podem se alojar em qualquer cor, mas simbolicamente, no branco eles aparecem mais. À medida que se substitui a cor branca por outras cores, a atenção para com a limpeza diminui, pois se as cores “sujam menos”, não é preciso limpar constantemente.

Outro atributo indicado, para representar o limpo, foi o bonito. Vigarello (2006, p. 171-172) ressalta que nos anos 1950-1960, o hedonismo e o lazer sobressaíram, alavancando o consumo de produtos do universo estético, com modelos mais acessíveis e mais concretizáveis. O corpo se tornou o “mais belo objeto de consumo”, alicerçado na dinâmica da igualdade, permitindo que todos tivessem acesso a esses produtos. Essa generalização da beleza provocou uma revisão na representação do corpo. As estrelas de cinema do pós Segunda Guerra serviram de modelo para a renovação do registro estético, tanto no vestuário quanto no comportamento, fazendo com que as mulheres, ao usarem os produtos indicados pelas estrelas, também tivessem a sensação de liberdade.

A partir de 1960, com o aumento da publicidade nas revistas, o peso do visual se ampliou, conforme afirma o autor (p. 173-174). “Com a profusão da imagem, a cultura generalizada das revistas”, impôs um outro personagem: o manequim ou modelo fotográfico, que passa a ditar os rumos da beleza. Com essa massificação, as vendas de produtos de beleza na França, quadruplicaram de 1965 a 1985, a dos cosméticos duplicaram de 1990 a 2000 e o número de salões de beleza sextuplicou de 1971 a 2001. Esse crescimento nas vendas de produtos e serviços, ligados à estética, teve como consequência uma revolução nas aparências, visto que encobriu a visibilidade das distâncias sociais. Com o uso dos cosméticos ao alcance de todas, “o luxo se democratiza” e já não é mais possível reconhecer a mulher do povo, que passou a comprar produtos de beleza, a se maquiar e a se cuidar tanto quanto as mulheres da elite.

Quanto às sensações provocadas pela limpeza, são comuns aos dois grupos o bem estar e a pureza. Para Vigarello (2006, pp. 184-186) o bem estar tornou-se, na atualidade, princípio de embelezamento. O mercado da estética busca oferecer produtos que façam com que as pessoas se sintam bem e em harmonia com o próprio corpo. Buss (2000, p. 174) complementa que para “a nova concepção de saúde importa uma visão afirmativa, que a identifica com bem-estar e qualidade de vida, e não simplesmente com ausência de doença”.

Rosa (2006, p. 4-5) afirma que “a modernidade disciplinou o homem fazendo com que ele aceitasse e buscasse os ideais de beleza, limpeza e de ordem”. A autora

ainda complementa que a ideia de ordem está diretamente ligada à pureza, limpeza e higiene.

Uma 'ordem' que fornece estabilidade num universo pensado em termos de projeto e progresso. Num universo linear, a "ordem" pode garantir certa proteção contra o acaso e mantém a fé nas probabilidades. Uma ideia – 'ordem' – que sempre existiu nas sociedades em todas as épocas. Contudo, aliada ao universo linear e progressivo da modernidade, passou a ocupar um lugar de destaque nesse mundo disciplinar (...)

Enquanto arrumamos a casa, organizamos os livros na estante ou limpamos o ambiente ao nosso redor, estamos tentando manter um padrão que garante a nossa identidade na sociedade, a qual classifica e ordena, continuamente, os seus elementos.

A maioria dos estudantes, 87,75% do Grupo I (iniciantes) e 98,27% do Grupo C (concluintes), considera-se limpos. As principais justificativas fornecidas por eles foram: são limpos porque fazem a higiene pessoal regularmente, tomam banho, cuidam do ambiente onde moram e cuidam do corpo. Verifica-se que as respostas demonstram cuidados com o corpo e com o ambiente. Para Silva (1999, p. 9) é paradoxal que, em uma sociedade altamente racional, onde ainda predominam as atividades mentais, haja um grande interesse por tudo que diz respeito ao corpo, principalmente "à aparência a ser apresentada em público". Concordando com essa ideia, Le Breton (2006, p. 87) afirma que "a preocupação com a aparência, a ostentação, o desejo de bem estar" faz com que as pessoas se empenhem nos cuidados com a alimentação e a saúde.

Ao analisar os dados dos quadros 17 e 20, nos quais se evidenciam os atributos distribuídos em categorias, destacamos que, tanto para o Grupo I (iniciantes) quanto para o Grupo C (concluintes), a categoria que reuniu mais atributos foi a de "sensações" (18 indicações pelos iniciantes e 22 pelos concluintes). Em seguida, a categoria "produtos/equipamentos" apareceu com 13 indicações para o Grupo I e, para o Grupo C, a categoria "outros" apareceu com 13 indicações. Analisando os atributos da categoria "sensações", verifica-se que eles referem-se aos cuidados com o corpo, visando o bem estar, o conforto e a aparência.

2º ESTUDO

TRIAGEM HIERÁRQUICA SUCESSIVA

Identificando a estrutura e a organização da representação social da “higiene corporal”, “sujo” e “limpo” construídas por estudantes do curso de licenciatura em ciências biológicas.

Este estudo teve como objetivos:

1. Conhecer qual o significado, atribuído pelos estudantes, para o conceito de “higiene corporal”, “sujo” e “limpo”;
2. Verificar como os elementos constitutivos da representação de “higiene corporal”, “sujo” e “limpo” identificados no estudo 1, se estruturam e se organizam, de forma hierárquica.

O principal interesse desta pesquisa era, portanto, identificar o núcleo central e o sistema periférico da representação. De acordo com Abric (2001, p. 163), o núcleo central é formado por um ou alguns elementos que conferem estabilidade e organização à representação, dando-lhe significado e resistência às mudanças. Ao seu redor, segundo o autor (1998, p. 31), organiza-se o sistema periférico, cujos elementos são “mais acessíveis, mais vivos e mais concretos”.

Abric (1998, p. 31) afirma ainda que não é a quantidade (frequência) que determina a centralidade de um elemento, mas sim a sua dimensão qualitativa, visto que são os elementos do núcleo central que dão significado à representação. Portanto, não basta conhecer o conteúdo de uma representação social, mas é preciso saber como esses elementos estão estruturados e organizados, para poder identificar os elementos mais estáveis da representação (núcleo central) e os elementos mais flexíveis (sistema periférico). O autor (p. 31) destaca também que “(...) duas representações definidas por um mesmo conteúdo podem ser radicalmente diferentes caso a organização destes elementos, portanto a sua centralidade, seja diferente”.

Almeida (2001, p. 139-140) complementa afirmando que o núcleo central, formado por um ou mais elementos, seria o elemento que dá significado à representação social, sendo, portanto, seus elementos “mais estáveis, coerentes, consensuais e

historicamente definidos”, enquanto que o sistema periférico, localizado ao redor do núcleo, tem um importante papel no funcionamento da representação. Os elementos do sistema periférico “são menos estáveis e mais permeáveis ao contexto imediato e, por isso mesmo, são eles que vão permitir as variações ou modulações individuais”.

A partir dos resultados obtidos nos quadros 4, 7, 10, 13, 16 e 19, para cada um dos termos indutores: “higiene corporal”, “sujo” e “limpo”, foram selecionados os trinta e dois atributos, que mais se destacaram em cada grupo pesquisado, para serem utilizados na Triagem Hierárquica Sucessiva.

Os critérios adotados para a escolha dos atributos foram:

- Os atributos informados pelos alunos como os mais importantes (quadros 6, 9, 12, 15, 18 e 21);
- Os atributos que foram indicados por mais de um aluno.

A seguir apresentamos os quadros contendo os trinta e dois atributos selecionados pelos estudantes, para cada bloco temático.

BLOCO TEMÁTICO: HIGIENE CORPORAL

QUADRO 22: Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “higiene corporal”, de acordo com estudantes do grupo I (iniciantes).

Banho	Cuidado	Cheiro bom	Cotonete
Água	Mãos	Depilação	Dentes
Limpeza	Limpo	Estética	Desodorante
Sabonete	Pés	Vaidade	Escova dental
Perfume	Prevenção	Educação	Unhas
Xampu	Saúde	Creme	Creme dental
Banheiro	Asseio	Organização	Escovar os dentes
Beleza	Bem estar	Cabelos	Esponja

QUADRO 23: Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “higiene corporal” de acordo com os estudantes do grupo C (concluintes).

Banho	Cuidado	Creme	Cotonete
Água	Agradável	Educação	Dentes
Limpeza	Beleza	Estética	Desodorante
Sabonete	Branco	Essencial	Escova dental
Perfume	Cabelos	Esponja	Pureza
Xampu	Cheiroso	Creme	Creme dental
Saúde	Chuveiro	Espuma	Aparência
Bem estar	Convívio	Harmonia	Roupa limpa

BLOCO TEMÁTICO: SUJO

QUADRO 24: Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “sujo” de acordo com estudantes do Grupo I (iniciantes).

Lixo	Preguiça	Casa suja	Mãos
Fedor	Porco	Descuido	Morador de rua
Doença	Nojento	Esgoto	Ruim
Feio	Moscas	Pobreza	Nojo
Lama	Mendigo	Poeira	Miséria
Suor	Marrom	Repugnância	Grudento
Terra	Pés	Desordem	Falta de banho
Roupa suja	Bactéria	Restos	Fezes

QUADRO 25: Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “sujo” de acordo com estudantes do grupo C (concluintes).

Bactérias	Fedor	Suor	Relaxado
Doença	Feio	Bagunça	Sem higiene
Lixo	Fedido	Barata	Desagradável
Mau cheiro	Imundo	Cansaço	Gorduras
Poeira	Lama	Feio	Nojento
Bagunça	Nojo	Encardido	Inadimplente
Descuido	Pobreza	Escuro	Incômodo
Desleixo	Terra	Rejeitado	Corrupto

BLOCO TEMÁTICO: LIMPO

QUADRO 26: Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “limpo” de acordo com os iniciantes do curso de ciências biológicas.

Branco	Bonito	Corpo	Saúde
Brilhante	Frescor	Dignidade	Céu
Cheiroso	Higiene	Leveza	Frescor
Água	Asseio	Estado de espírito	Honesto
Banho	Bom	Pureza	Natureza
Limpeza	Bucha	Sabonete	Organização
Agradável	Casa	Mente	Beleza
Bem estar	Clareza	Satisfação	Cuidado

QUADRO 27: Os trinta e dois atributos que mais se destacaram para “limpo” de acordo com os concluintes do curso de ciências biológicas.

Agradável	Higiene	Consultório odontológico	Lavado
Água	Saúde	Desejável	Limpeza
Bem estar	Organização	Desinfetado	Organizado
Bonito	Banho	Detergente	Perfume
Branco	Alta auto estima	Educação	Pureza
Brilhante	Asseio	Esterilizar	Bom
Cheiro bom	Calma	Felicidade	Cuidado
Clareza	Céu	Harmonia	Honestidade

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

BLOCO TEMÁTICO: HIGIENE CORPORAL

GRUPO I (iniciantes)

O quadro 28, a seguir apresentado, mostra as freqüências absolutas e relativas com que cada um dos atributos relativos à higiene corporal, anteriormente definidos (quadro 22), foram selecionados pelos estudantes do Grupo I (iniciantes). As freqüências

correspondem ao número de indicações de cada atributo, em cada uma das etapas (16, 8, 4, 2 e 1). As porcentagens representam o resultado da divisão do número de indicações do atributo, em cada fase, pelo total de sujeitos.

QUADRO 28: Atributos de higiene corporal, segundo estudantes do Grupo I (iniciantes), em frequência simples e porcentagens.

Atributo (32)	1ª escolha (16)		2ª escolha (8)		3ª escolha (4)		4ª escolha (2)		5ª escolha (1)		Σ	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Água	16	100,00	11	68,75	5	31,25	4	25,00	1	6,25	37	46,25
Asseio	9	56,25	4	25,00	2	12,50	1	6,25	1	6,25	17	21,25
Banheiro	9	56,25	3	18,75							12	15,00
Banho	15	93,75	14	87,50	11	68,75	7	43,75	4	25,00	51	63,75
Bem estar	7	43,75	6	37,50	3	18,75	1	6,25	1	6,25	18	22,50
Cabelos	7	43,75	2	12,50	1	6,25					10	12,50
Cheiro bom	10	62,50	4	25,00	4	25,00	1	6,25			19	23,75
Cotonete	10	62,50	6	37,50	2	12,50					18	22,50
Creme	2	12,50									2	2,50
Creme dental	8	50,00	2	12,50							10	12,50
Beleza	2	12,50	1	6,25							3	3,75
Cuidado	9	56,25	6	37,50	4	25,00	1	6,25	1	6,25	21	26,25
Dentes	10	62,50	2	12,50	1	6,25					13	16,25
Depilação	6	37,50	5	31,25	1	6,25					12	15,00
Desodorante	9	56,25	5	31,25	4	25,00	1	6,25			19	23,75
Educação	7	43,75	5	31,25	3	18,75	2	12,50	2	12,50	19	23,75
Escova dental	6	37,50									6	7,50
Escovar dentes	14	87,50	10	62,50	7	43,75	4	25,00	1	6,25	36	45,00
Esponja	2	12,50	1	6,25	1	6,25	1	6,25			5	6,25
Estética	4	25,00	1	6,25							5	6,25
Limpeza	11	68,75	9	56,25	6	37,50	4	25,00	2	12,50	32	40,00
Limpo	8	50,00	4	25,00							12	15,00
Mãos	7	43,75	2	12,50	1	6,25					10	12,50
Organização	3	18,75									3	
Perfume	6	37,50	1	6,25	1	6,25					8	10,00
Pés	6	37,50	4	25,00							10	12,50
Prevenção	8	50,00	6	37,50	1	6,25					15	18,75
Sabonete	14	87,50	4	25,00	2	12,50	2	12,50	1	6,25	23	28,75
Saúde	10	62,50	5	31,25	3	18,75	3	18,75	2	12,50	23	28,75
Unhas	12	75,00	2	12,50							14	17,50
Vaidade	1	6,25									1	1,25
Xampu	8	50,00	3	18,75	1	6,25					12	15,00
TOTAL	256		128		64		32		16		496	

(N = 16)

Os atributos que permaneceram até a última escolha foram: água, asseio, banho, bem estar, cuidado, educação, escovar os dentes, limpeza, sabonete e saúde, sendo dois deles da categoria produtos/equipamentos: água e sabonete; dois da categoria práticas higiênicas: banho e escovar os dentes, três na categoria sensações: asseio, bem estar e limpeza; três na categoria outros: cuidado, educação e saúde.

Esse quadro também aponta que, na somatória das indicações, os estudantes do Grupo I (iniciantes) priorizam como atributos de “higiene corporal”, o “banho”, com indicação de 63,75% dos entrevistados, seguido por “água” com 46,25% das indicações, “escovar os dentes”, com 45% das indicações e limpeza com 40%.

Ao analisar os dados é possível verificar que os estudantes valorizam os atributos de práticas higiênicas (banho, escovar os dentes), de sensações (limpeza) e de produtos/equipamentos (água). Embora os atributos saúde e educação tenham permanecido até o final, eles não apresentaram valor expressivo, visto que totalizaram menos de 30% das indicações. Verifica-se também que os atributos “cheiro bom” e “desodorante”, embora tivessem recebido 19 indicações (23,75%), não permaneceram até o final.

Quanto às justificativas pela escolha do atributo mais representativo da higiene corporal, elas reforçam os atributos já destacados no 1º estudo. A transcrição das justificativas dos atributos mais valorizados confirma essa afirmação.

BANHO

“O banho é necessidade básica de higiene corporal”.

“Quando se toma banho, higieniza-se mais partes do corpo, ou seja, não é tão específico como escovar os dentes”.

“É a melhor forma de se manter a higiene corporal”.

“Além de, por eliminação, ter sido escolhido ‘banho’, este é a prática que mais representa a higiene corporal”.

ÁGUA

“Porque sem ela a higiene corporal não fica completa”.

“Porque ela é essencial para uma boa higiene corporal”.

ESCOVAR OS DENTES

“Por opinião pessoal, o que mais me incomoda é estar com os dentes sujos.”

LIMPEZA

“Porque a limpeza é sinônimo de higiene corporal. Para haver higiene corporal tem que ter limpeza”.

Acho que uma pessoa que tem uma boa higiene corporal, geralmente está limpa”.

GRUPO C (concluintes)

O quadro 29, a seguir apresentado, mostra as freqüências absolutas e relativas com que cada um dos atributos relativos à higiene corporal, anteriormente definidos

(quadro 23), foram selecionados pelos estudantes do Grupo C (concluintes). As freqüências correspondem ao número de indicações de cada atributo, em cada uma das etapas (16, 8, 4, 2 e 1). As porcentagens representam o resultado da divisão do número de indicações do atributo, em cada fase, pelo total de sujeitos.

Quadro 29: Atributos de higiene corporal, segundo estudantes do Grupo C (concluintes), em freqüência simples e porcentagens.

Atributo (32)	1ª escolha		2ª escolha		3ª escolha		4ª escolha		5ª escolha		Σ	
	(16)		(8)		(4)		(2)		(1)			
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Agradável	10	62,50	2	12,50	1	6,25	1	6,25			14	17,50
Água	12	75,00	10	62,50	8	50,00	3	18,75	1	6,25	34	42,50
Aparência	5	31,25	2	12,50	2	12,50	1	6,25			10	12,50
Asseio	7	43,75	4	25,00	1	6,25	1	6,25	1	6,25	14	17,50
Banho	14	87,50	8	50,00	8	50,00	5	31,25	3	18,75	38	47,50
Beleza	4	25,00	2	12,50							6	7,50
Bem estar	13	81,25	10	62,50	4	25,00	2	12,50			29	36,25
Branco	1	6,25									1	1,25
Cabelos	2	12,50	1	6,25							3	3,75
Cheiroso	11	68,75	5	31,25	1	6,25					17	21,25
Chuveiro	5	31,25	2	12,50							7	8,75
Convívio	8	50,00	3	18,75							11	13,75
Cotonete	5	31,25	1	6,25							6	7,50
Creme	2	12,50	1	6,25							3	3,75
Creme dental	13	81,25	4	25,00	1	6,25					18	22,50
Cuidado	12	75,00	7	43,75	3	18,75					22	27,50
Dentes	7	43,75	2	12,50	2	12,50	1	6,25	1	6,25	13	16,25
Desodorante	8	50,00	2	12,50	1	6,25					11	13,75
Educação	10	62,50	4	25,00	3	18,75	2	12,50	1	6,25	20	25,00
Escova dental	13	81,25	6	37,50	2	12,50	1	6,25			22	27,50
Espanja	8	50,00	2	12,50							10	12,50
Espuma	1	6,25									1	1,25
Essencial	7	43,75	3	18,75	1	6,25	1	6,25	1	6,25	13	16,25
Estética	2	12,50									2	2,50
Harmonia	8	50,00	4	25,00	3	18,75	1	6,25			16	20,00
Limpeza	15	93,75	13	81,25	6	37,50	3	18,75	3	18,75	40	50,00
Perfume	6	37,50	2	12,50							8	10,00
Pureza	5	31,25	2	12,50							7	8,75
Roupa limpa	13	81,25	8	50,00	5	31,25					26	32,50
Sabonete	10	62,50	5	31,25	3	18,75	1	6,25	1	6,25	20	25,00
Saúde	14	87,50	12	56,25	9	56,25	9	56,25	4	25,00	48	60,00
Xampu	5	31,25	1	6,25							6	7,50
TOTAL	256		128		64		32		16		496	

(N = 16)

Os atributos que permaneceram até o final foram: água, asseio, banho, dentes, educação, essencial, limpeza, sabonete e saúde, sendo dois deles da categoria produtos/equipamentos: água e sabonete; um da categoria práticas higiênicas: banho, dois na categoria sensações: asseio e limpeza; um na categoria partes do corpo: dentes, três na categoria outros: essencial, educação e saúde.

Esse quadro também aponta que, na somatória das indicações, os estudantes do Grupo C priorizam como atributos de “higiene corporal”, a “saúde” com indicação de 60% dos entrevistados, seguido de “limpeza” com 50%, “banho” com 47,50% e “água” com 42,50% das indicações.

Os estudantes valorizam a saúde, práticas higiênicas (banho), sensações (limpeza) e de produtos/equipamentos (água). Embora os atributos asseio, dentes, educação, essencial e sabonete tenham permanecido até o final, eles não apresentaram valor expressivo, visto que totalizaram menos de 30% das indicações. Verifica-se também que os atributos “bem estar” e “roupa limpa”, embora tivessem recebido indicações acima de 30%, eles não permaneceram até a última indicação.

Quanto às justificativas pela escolha do atributo mais representativo da higiene corporal, elas reforçam os atributos já destacados no 1º estudo. A transcrição das justificativas dos atributos mais valorizados confirma essa afirmação.

SAÚDE

“Eu relaciono saúde com higiene corporal porque se uma pessoa qualquer estiver com alguma enfermidade, logo iria pensar que, em algum momento da sua vida, ela deixou de ter cuidado com a higiene”.

“Porque a palavra saúde é mais completa”.

“Pois é essencial, para que se tenha saúde, o exercício da higiene corporal”.

“Acima de todos os outros fatores, a saúde é fundamental, pois sem ela os outros atributos não possuem objetividade alguma”.

LIMPEZA

“Porque a limpeza é a característica mais geral da higiene corporal, uma vez que limpeza está ligada a todos os outros itens da lista, sendo como consequência ou causa da mesma. Portanto, o atributo limpeza é o item mais representativo da mesma.

“Limpeza é o que mais representa a higiene corporal, pois é esse o item básico para se conseguir um corpo limpo”.

“Porque representa um cuidado individual que todos devem ter”.

BANHO

“Porque através do banho se tem os cuidados básicos com a higiene de todo o corpo, exceto os dentes”.

“Porque é a ação mais básica que o indivíduo deve realizar para ter o mínimo de higiene corporal. Além disso, o banho representa (na minha opinião) quase 90% da higiene corporal (lava-se as mucosas, os membros inferiores e superiores, os cabelos, as orelhas) só faltando itens como higiene oral e outros”.

“Na minha opinião o banho é o cuidado básico necessário para a higiene corporal, apenas após ele vem todos os outros”.

ÁGUA

“Pois é um item fundamental para a manutenção do nosso organismo e da nossa saúde, tanto interior quanto exterior, sendo fundamental também na nossa higiene corporal”.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Bloco Temático: Higiene Corporal

Os resultados do Tri-teste, referente à higiene corporal, tanto para os iniciantes do curso (16), como para os concluintes (16), mostram que os atributos que permaneceram até o final das indicações, apontam as representações sociais construídas por esses estudantes, que representam o grupo de pertença dos sujeitos desta pesquisa.

Essas representações da higiene corporal estão vinculadas aos cuidados com o corpo e com a prevenção à saúde. Essa representação está relacionada, segundo Vigarello (1996, pp. 253-254), ao discurso científico que, a partir do século XIX, dão ao corpo um papel eminentemente social, visto que se prioriza a limpeza “invisível”, a qual se manifesta pela caça aos micróbios. Para o autor

Um tal discurso científico, predominante no século XIX apesar de suas implicações ao mesmo tempo limitadas e vacilantes, desempenha pelo menos um papel: conferir uma utilidade “palpável” a uma limpeza que se vê cada vez menos, atribuir um sentido funcional a exigências totalmente interiorizadas, ainda mais difíceis de serem formuladas dado que seu objeto se torna “ínfimo”. (...) Seja como for, a essa ciência não falta verdade. Seu papel está ligado também a descobertas muito reais e, além do mais, importantes. Mas as táticas de convencimento das quais ela participa sublinham o quanto essa limpeza cada vez mais ligada ao íntimo, teve primeiro de buscar para si razões edificantes, antes de se tornar um hábito.(...) A limpeza não só torna “resistente”, ela garante uma “ordem”. Ela aumenta as virtudes. A limpeza da pele, a disciplina da lavagem teriam suas correspondências psicológicas: resultado fisicamente invisível, decerto, mas moralmente eficaz.

Para melhor visualização e comparação entre os dois grupos, apresentamos um quadro síntese dos atributos que permaneceram até o final das escolhas dos dois grupos pesquisados.

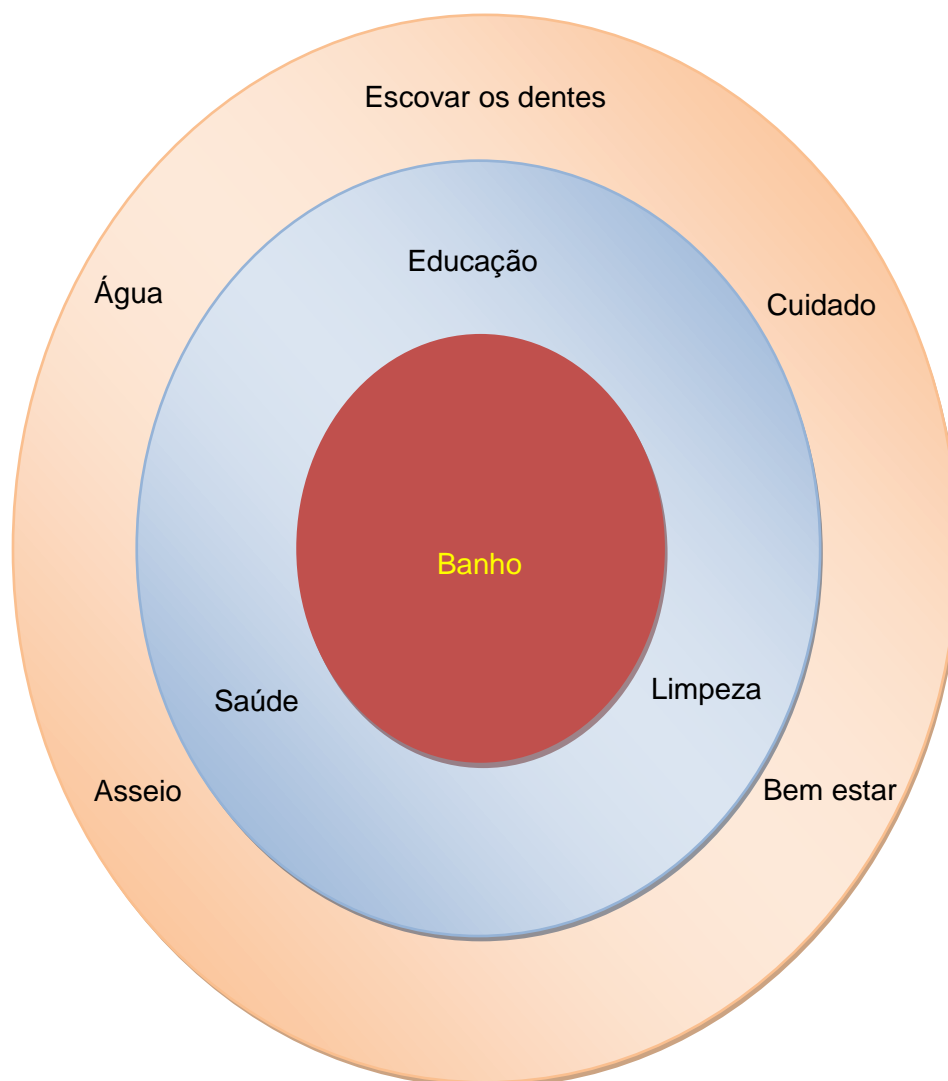
Quadro 30: Quadro comparativo dos atributos mais destacados pelos estudantes do Grupo I (iniciantes) e C (concluintes) para higiene corporal, obtidos no Tri-teste.

Grupo I (N=16)			Grupo C (N=16)		
Atributos	Freq.	%	Atributos	Freq.	%
Água	37	46,25	Água	34	42,50
Asseio	17	21,25	Asseio	14	17,50
Banho	51	63,75	Banho	38	47,50
Bem estar	18	22,50	Dentes	13	16,25
Cuidado	21	26,25	Educação	20	25,00
Educação	19	23,75	Essencial	13	16,25
Escovar os dentes	36	45,00	Limpeza	40	50,00
Limpeza	31	38,75	Sabonete	20	32,50
Sabonete	23	28,75	Saúde	48	60,00
Saúde	23	28,75			

São comuns aos dois grupos, os atributos: água, asseio, banho, educação, limpeza, sabonete e saúde. Diferem quanto aos atributos: bem estar, cuidado e escovar os dentes, apontados pelo Grupo I (iniciantes) e, dentes e essencial, apontados pelo Grupo C (concluintes).

Embora os dois grupos tenham atributos comuns, estes diferem em frequência de indicações. Enquanto que para os iniciantes, o atributo mais representativo da higiene corporal é o banho (63,75%), para os concluintes esse atributo foi indicado por 47,50% dos participantes. Já para o Grupo C (concluintes), o atributo mais representativo da higiene corporal é a saúde (60%), enquanto que para os iniciantes, esse atributo teve 28,75% das indicações. Portanto, podemos inferir que a representação social da higiene corporal, para esses dois grupos de estudantes, possui praticamente os mesmos elementos, mas eles se organizam a partir de elementos centrais diferentes, então elas são distintas. Isso fica evidente se representarmos o resultado final do tri-teste, de cada grupo, por meio de figuras, como fazemos a seguir:

Figura 1: Estrutura e organização da representação social da HIGIENE CORPORAL, na opinião de 16 estudantes do Grupo I (iniciantes) que participaram do Tri-teste



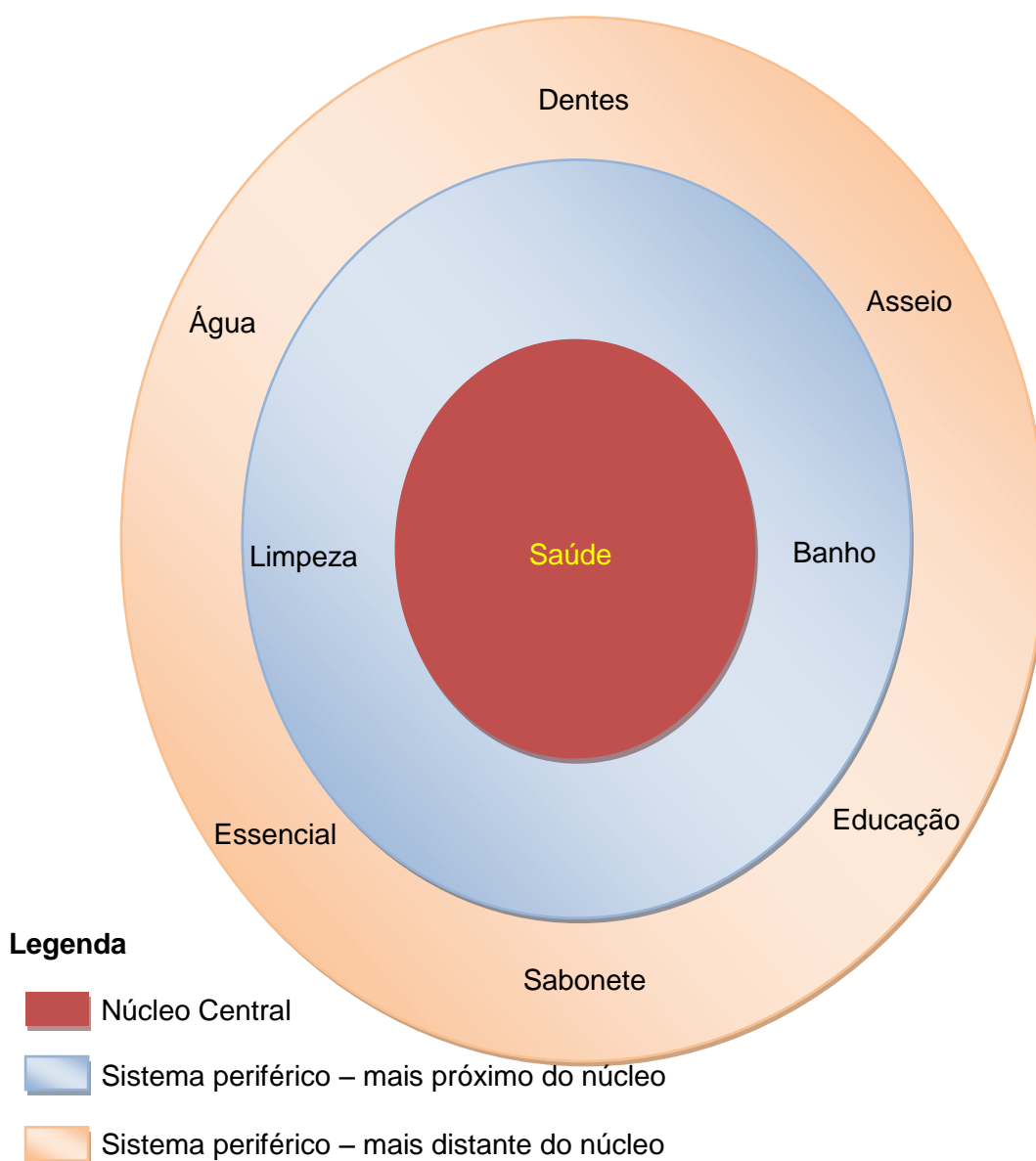
Legenda

- Núcleo Central
- Sistema periférico – mais próximo do núcleo
- Sistema periférico – mais distante do núcleo

Os atributos que aparecem na Figura 1 são referentes àqueles que permaneceram até a última seleção do Tri-teste (Quadro 28): no centro, o atributo indicado por quatro sujeitos (25%): banho. A seguir, os indicados por dois sujeitos (12,50%): saúde, limpeza, educação e, finalmente, aqueles indicados por apenas um sujeito (6,25%): água, asseio, cuidado, bem estar, escovar os dentes.

Poderíamos dizer que, para os iniciantes do curso, o banho, estando no núcleo central, ele é quem dá significação para a representação da higiene corporal, portanto isso evidencia uma preocupação com os aspectos externos do corpo, com aquilo que é visível, com a estética. No sistema periférico aparecem os outros atributos: limpeza, saúde, educação, seguidos por escovar os dentes, cuidado, bem estar, sabonete, asseio, água.

Figura 2: Estrutura e organização da representação social da HIGIENE CORPORAL, na opinião de 16 estudantes do Grupo C (concluintes) que participaram do Tri-teste



Os atributos que aparecem na Figura 2 são referentes àqueles que permaneceram até a última seleção do Tri-teste (Quadro 29): no centro, o atributo indicado por quatro sujeitos (25%): saúde. A seguir, os indicados por três sujeitos

(18,75%): limpeza, banho e finalmente aqueles indicados por apenas um sujeito (6,25%): sabonete, essencial, educação, água, dentes, asseio.

Os resultados indicam que, para os concluintes do curso, a representação social da higiene corporal tem a saúde no núcleo central e, no sistema periférico aparecem os outros atributos: banho, limpeza, seguidos por dentes, asseio, educação, sabonete, essencial, água.

Embora a maioria dos atributos selecionados pelos estudantes dos dois grupos pesquisados sejam os mesmos, eles se organizam de maneira diferente, portanto isso denota que eles têm representações sociais diferentes para higiene corporal, visto que o núcleo central dessas representações é distinto, portanto pode evidenciar uma transformação ocorrida ao longo do curso.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

GRUPO TEMÁTICO: SUJO

GRUPO I (iniciantes)

O quadro 31, a seguir apresentado, mostra as freqüências absolutas e relativas com que cada um dos atributos relativos ao sujo, anteriormente definidos (quadro 24), foram selecionados pelos estudantes do Grupo I (iniciantes). As freqüências correspondem ao número de indicações de cada atributo, em cada uma das etapas (16, 8, 4, 2 e 1). As porcentagens representam o resultado da divisão do número de indicações do atributo, em cada fase, pelo total de sujeitos.

Quadro 31: Atributos de sujo, segundo estudantes do Grupo I (iniciantes), em frequência simples e porcentagens. (N = 16)

Atributo (32)	1ª escolha		2ª escolha		3ª escolha		4ª escolha		5ª escolha		Σ	
	(16)		(8)		(4)		(2)		(1)			
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Bactéria	6	37,50	2	12,50	1	6,25					9	11,25
Casa suja	15	93,75	11	68,75	7	43,75	3	18,75	1	6,25	37	46,25
Descuido	14	87,50	9	56,25	6	37,50	5	31,25	4	25,00	38	47,50
Desordem	9	56,25	6	37,50	3	18,75	1	6,25			19	23,75
Doença	6	37,50	3	18,75	3	18,75	2	12,50	1	6,25	15	18,75
Esgoto	13	81,25	10	62,50	6	37,50	4	25,00	4	25,00	37	46,25
Falta de banho	16	100,00	13	81,25	11	68,75	7	43,75	1	6,25	48	60,00
Fedor	16	100,00	10	62,50	5	31,25	2	12,50	2	12,50	35	43,75
Feio	2	12,50	1	6,25	1	6,25					4	5,00
Fezes	7	43,75	3	18,75	1	6,25	1	6,25			12	15,00
Grudento	11	68,75	8	50,00							19	23,75
Lama	5	31,25	3	18,75							8	10,00
Lixo	15	93,75	8	50,00	2	12,50	2	12,50	1	6,25	28	35,00
Mãos	1	6,25									1	1,25
Marrom											0	0,00
Mendigo	3	18,75	1	6,25							4	5,00
Miséria	4	25,00	2	12,50	1	6,25					7	8,75
Morador de rua	4	25,00									4	5,00
Moscas	13	81,25	5	31,25	3	18,75	1	6,25			22	27,50
Nojento	11	68,75	5	31,25	2	12,50	1	6,25	1	6,25	20	25,00
Nojo	8	50,00									8	10,00
Pés	3	18,75									3	3,75
Pobreza	2	12,50									2	2,50
Poeira	11	68,75	4	25,00	1	6,25					16	20,00
Porco	8	50,00									8	10,00
Preguiça	5	31,25	4	25,00	3	18,75	3	18,75	1	6,25	16	20,00
Repugnância	7	43,75	1	6,25							8	10,00
Restos	10	62,50	2	12,50							12	15,00
Roupa suja	13	81,25	10	62,50	2	12,50					25	31,25
Ruim	5	31,25	1	6,25	1	6,25					7	8,75
Suor	11	68,75	6	37,50	5	31,25					22	27,50
Terra	2	12,50									2	2,50
TOTAL	256		128		64		32		16		496	

Os atributos que permaneceram até a última escolha foram: casa suja, descuido, doença, esgoto, falta de banho, fedor, lixo, nojento e preguiça, sendo dois deles da categoria ambiente/local: casa suja e esgoto; três da categoria atitudes/ações: falta de banho, preguiça e descuido, um na categoria sensações: nojento; um na categoria odor: fedor, um na categoria detritos/excretas: lixo e um na categoria saúde/doença: doença.

Esse quadro também aponta que, na somatória das indicações, os estudantes do Grupo I (iniciantes) priorizam como atributos de “sujo”, a “falta de banho”, com indicação de 60% dos pesquisados, seguido por “descuido” com 47,50% das indicações, “casa suja” e “esgoto”, com 46,25% das indicações, fedor com 43,75% e lixo com 35% das indicações.

De acordo com os resultados, os estudantes valorizam os atributos de atitudes/ações (falta de banho, descuido), de ambiente/local (casa suja, esgoto), detritos/excretas (lixo) e de odores (fedor). Embora os atributos doença, nojento e

preguiça tenham permanecido até o final, eles não apresentaram valor expressivo, visto que totalizaram menos de 30% das indicações. Verifica-se também que o atributo “roupa suja” com 31,25% das indicações, não permaneceu até a última escolha.

Quanto às justificativas pela escolha do atributo mais representativo de sujo, elas reforçam os atributos já destacados no 1º estudo. A transcrição das justificativas dos atributos mais valorizados confirma essa afirmação.

FALTA DE BANHO

“Por eliminação, foi escolhido ‘falta de banho’. Mas se o banho representa a higiene corporal, a falta dele representa o oposto”.

DESCUIDO

“Porque uma pessoa que procura cuidar de sua higiene e da higiene em sua volta, sempre estará tentando manter limpo, já uma pessoa que não se im porta com a sujeira, não fará esforços para manter limpo”.

“Quando se tem cuidado é mais difícil de ver a sujeira”.

“Porque o descuido leva a muitos dos atributos e todos que envolve o termo sujo”.

“Pois há descuido das pessoas quando se demonstram ‘sujos’ para com elas mesmas”.

CASA SUJA

“Acredito que se alguém não consegue se importar com a própria casa onde mora para mantê-la limpa, esta pessoa é suja, mesmo que possa disfarçar muito bem. Manter limpo o ambiente onde se mora independe de classe social ou econômica, é questão de bom senso e dedicação diária”.

ESGOTO

“Me passa a ideia de um lugar sem o menor saneamento básico”.

“É muito sujo, cheio de diversas coisas que são despejadas e mandadas pelo encanamento. É muito difícil que alguém faça a limpeza do esgoto”.

“É o que mais lembra a sujeira, o que mais traz incômodo relacionado ao assunto”.

“A palavra esgoto é a que mais representa a palavra sujo. Quando pensamos em esgoto, lembramos que é onde corre água suja, fedorenta, com ratos e baratas”.

FEDOR

“O fedor nunca é agradável independente da onde ele esteja. O descuido, a falta de banho e as moscas são o início do processo para chegar no resultado do fedor”.

“A consequência do fedor é de algo ou alguém que não tem a higienização precisa. Fedor é desagradável independentemente de onde ele esteja”.

LIXO

“Porque onde tem lixo, tem sujeira”.

GRUPO C (concluintes)

O quadro 32, a seguir apresentado, mostra as frequências absolutas e relativas com que cada um dos atributos relativos ao sujo, anteriormente definidos (quadro 25), foram selecionados pelos estudantes do Grupo C. As frequências correspondem ao número de indicações de cada atributo, em cada uma das etapas (16, 8, 4, 2 e 1). As porcentagens representam o resultado da divisão do número de indicações do atributo, em cada fase, pelo total de sujeitos.

Quadro 32: Atributos de sujo, segundo estudantes do Grupo C, em frequência simples e porcentagens. N = 16

Atributo (32)	1ª escolha (16)		2ª escolha (8)		3ª escolha (4)		4ª escolha (2)		5ª escolha (1)		Σ	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
	Bactérias	11	68,75	7	43,75	4	25,00	1	6,25	1	6,25	24
Bagunça	10	62,50	6	37,50	4	25,00	3	18,75	1	6,25	24	30,00
Barata	9	56,25	4	25,00	1	6,25	1	6,25			15	18,75
Cansaço	1	6,25									1	1,25
Corrupto	5	31,25	4	25,00	2	12,50	2	12,50	1	6,25	14	17,50
Desagradável	12	75,00	10	62,50	6	37,50	3	18,75			31	38,75
Descuido	12	75,00	3	18,75	1	6,25					16	20,00
Desleixo	11	68,75	5	31,25	3	18,75	1	6,25			20	25,00
Doença	9	56,25	7	43,75	4	25,00	2	12,50	1	6,25	23	28,75
Encardido	11	68,75	2	12,50	1	6,25	1	6,25	1	6,25	16	20,00
Escuro	2	12,50	1	6,25							3	3,75
Fedido	13	81,25	4	25,00	1	6,25					18	22,50
Fedor	10	62,50	5	31,25	2	12,50	1	6,25	1	6,25	19	23,75
Feio	8	50,00	1	6,25							9	11,25
Gorduras	5	31,25	2	12,50	1	6,25					8	10,00
Imundo	14	87,50	8	50,00	2	12,50	1	6,25			25	31,25
Inadimplente	1	6,25	1	6,25							2	2,50
Incômodo	11	67,75	5	31,25	2	12,50					18	22,50
Lama	7	43,75	1	6,25							8	10,00
Lixo	14	87,50	11	68,75	6	37,50	4	25,00	2	12,50	37	46,25
Mau cheiro	13	81,25	10	62,50	6	37,50	3	18,75	1	6,25	33	41,25
Mendigo	2	12,50									2	2,50
Morador de rua	2	12,50									2	2,50
Nojento	10	62,50	7	43,75	4	25,00					21	26,25
Nojo	7	43,75	2	12,50	1	6,25	1	6,25	1	6,25	12	15,00
Pobreza	3	18,75	1	6,25							4	5,00
Poeira	9	56,25	4	25,00	3	18,75					16	20,00
Rejeitado	4	25,00	1	6,25							5	6,25
Relaxado	8	50,00	3	18,75	1	6,25					12	15,00
Sem higiene	14	87,50	12	75,00	9	56,25	8	50,00	6	37,50	49	61,25
Suor	8	50,00	1	6,25							9	11,25
Terra											0	0,00
TOTAL	256		128		64		32		16		496	

Os atributos que permaneceram até a última escolha foram: bactérias, bagunça, corrupto, doença, encardido, fedor, lixo, mau cheiro, nojo e sem higiene, sendo um deles da categoria seres vivos: bactérias; um da categoria organização: bagunça, um da categoria estereótipo: corrupto, um da categoria atitudes/ações: sem higiene, um na categoria sensações: nojo; dois na categoria odor: fedor e mau cheiro, um na categoria detritos/excretas: lixo, um da categoria cor: encardido e um na categoria saúde/doença: doença.

Esse quadro também aponta que, na somatória das indicações, os estudantes do Grupo C (concluintes) priorizam como atributos de sujo, “sem higiene”, com 61,25% das indicações, seguido por “lixo” com 46,25% das indicações, “mau cheiro” com 41,25% das indicações, “bactérias” e “bagunça” com 30% das indicações.

Os estudantes valorizam os atributos de atitudes/ações (sem higiene), de detritos/excretas (lixo), de odores (mau cheiro), de sensações (desagradável, imundo), de seres vivos (bactérias) e de organização (bagunça). Embora os atributos corrupto, doença, encardido, fedor e nojo tenham permanecido até o final, eles não apresentaram valor expressivo, visto que totalizaram menos de 30% do total das indicações. Verifica-se também que, embora os atributos “desagradável” com 38,75% e “imundo” com 31,25% das indicações, eles não permaneceram até a última escolha.

Quanto às justificativas pela escolha do atributo mais representativo de sujo, elas reforçam os atributos já destacados no 1º estudo. A transcrição das justificativas dos atributos mais valorizados confirma essa afirmação.

SEM HIGIENE

“As coisas sem higiene representam sujeira. Quando não há higiene, objetos e corpos tornam-se sujos”.

“A falta de higiene representa vários outros atributos”.

“Sem higiene representa o sujo, pois a falta de higiene o caracteriza”.

“Sem higiene porque acredito que essa seja a causa e os outros fatores, a consequência”.

“Porque é o termo mais geral relativo a sujo, que está diretamente relacionado à maioria dos outros itens da lista”.

“Sem higiene é algo sujo. Pois a sujeira é o oposto da higiene. Para que se tenha higiene é necessário retirar a sujeira”.

LIXO

“Pois um ambiente onde haja acúmulo de lixo, gera doenças patogênicas prejudicando a sociedade”.

“Acredito que o lixo é a melhor representação de qualquer tipo de sujeira, de sujo”.

MAU CHEIRO

“O mau cheiro, na minha opinião, é o resultado de uma série de falta de cuidados com a higiene pessoal e do meio em que se vive”.

BACTÉRIAS

“Porque a sujeira, normalmente, está associada à bactérias”.

BAGUNÇA

“Porque a bagunça deixa o ambiente com aparência de sujo”.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Bloco Temático: Sujo

Os resultados do Tri-teste, referente a sujo, tanto para os iniciantes, como para os concluintes, mostram que os atributos que permaneceram até o final das indicações, apontam as representações sociais construídas por esses estudantes, que representam o grupo de pertença dos sujeitos desta pesquisa.

Essas representações do sujo estão vinculadas ao que é visto ou sentido por eles ou pelos outros. Para Rodrigues, (1995, pp. 95-109), “a sujeira é relativa” e socialmente concebida, visto que as práticas de higiene têm ligação com “a marcação de distâncias sociais entre as pessoas”, que partilham objetos pessoais como pente, toalhas, escova de cabelo, apenas por pessoas da sua intimidade. As regras de higiene são implantadas para todos, mas praticadas de maneira distinta se há outras pessoas no local.

Para melhor visualização e comparação entre os dois grupos, apresentamos um quadro síntese dos atributos que permaneceram até o final das escolhas dos dois grupos pesquisados.

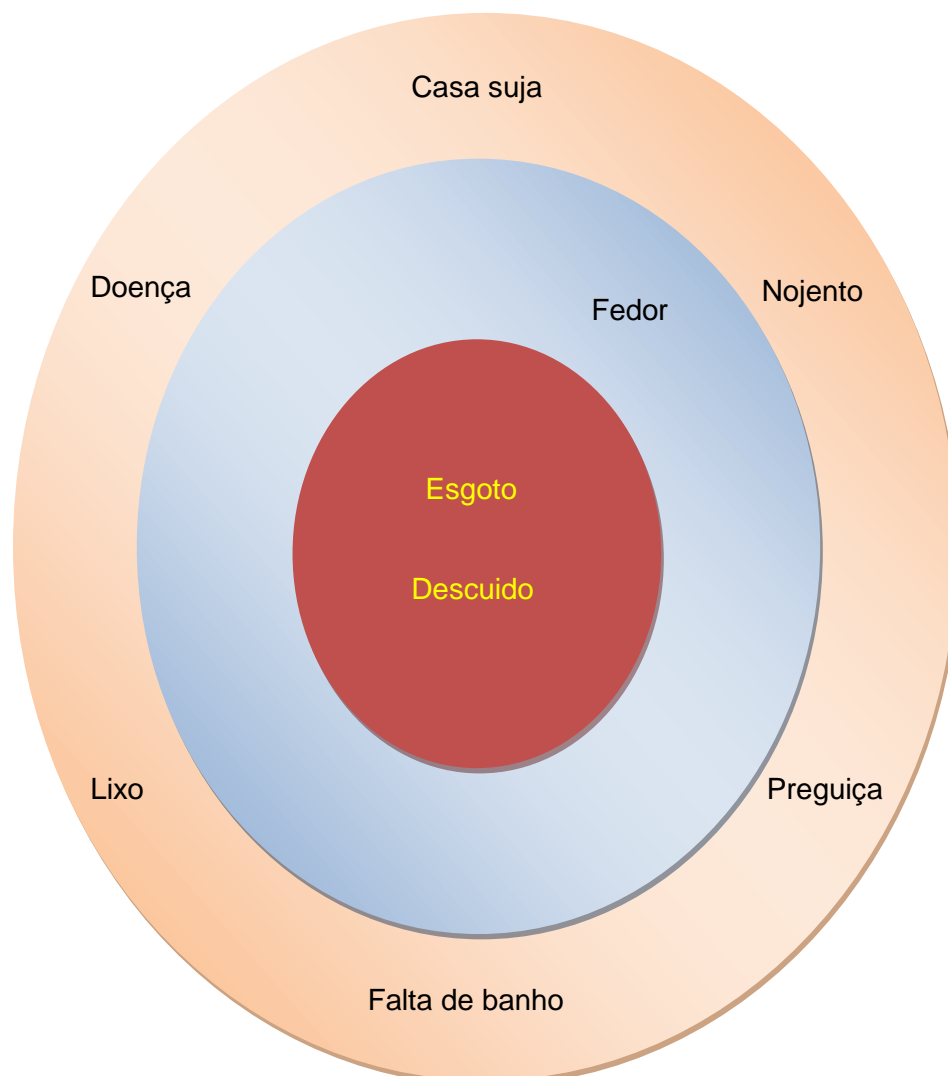
Quadro 33: Quadro comparativo dos atributos mais destacados no Tri-teste pelos estudantes do Grupo I (iniciantes) e C (concluintes).

Grupo I (N=16)			Grupo C (N=16)		
Atributos	Freq.	%	Atributos	Freq.	%
Casa suja	37	46,25	Bactérias	24	30,00
Descuido	38	47,50	Bagunça	24	30,00
Doença	15	18,75	Corrupto	14	17,50
Esgoto	37	46,25	Doença	23	38,75
Falta de banho	48	60,00	Encardido	16	20,00
Fedor	35	43,75	Fedor	19	23,75
Lixo	28	35,00	Lixo	37	46,25
Nojento	20	25,00	Mau cheiro	33	41,25
Preguiça	16	20,00	Nojo	12	15,00
			Sem higiene	49	61,25

São comuns aos dois grupos, os atributos: doença, fedor e lixo, embora podemos associar também nojento com nojo e fedor com mau cheiro. Diferem quanto aos atributos: casa suja, descuido, esgoto, falta de banho e preguiça, apontados pelos iniciantes e, bactérias, corrupto, encardido e sem higiene, apontados pelos concluintes.

Embora os dois grupos tenham atributos comuns, estes diferem em quantidade de indicações. Enquanto que para o Grupo I (iniciantes), o atributo mais representativo de sujo é a falta de banho (60%), para o Grupo C (concluintes) esse atributo não apareceu. Já para os concluintes, o atributo mais representativo de sujo é sem higiene (61,25%), para os iniciantes ele não apareceu. Portanto, podemos inferir que, para esses dois grupos de estudantes, a representação social de sujo é diferente, pois elas se organizam de maneira distinta. Isso fica evidente se representarmos o resultado final do tri-teste, de cada grupo, por meio de figuras, como representadas a seguir:

Figura 3: Estrutura e organização da representação social de SUJO, na opinião de 16 estudantes do Grupo I (iniciantes) que participaram do Tri-teste



Legenda

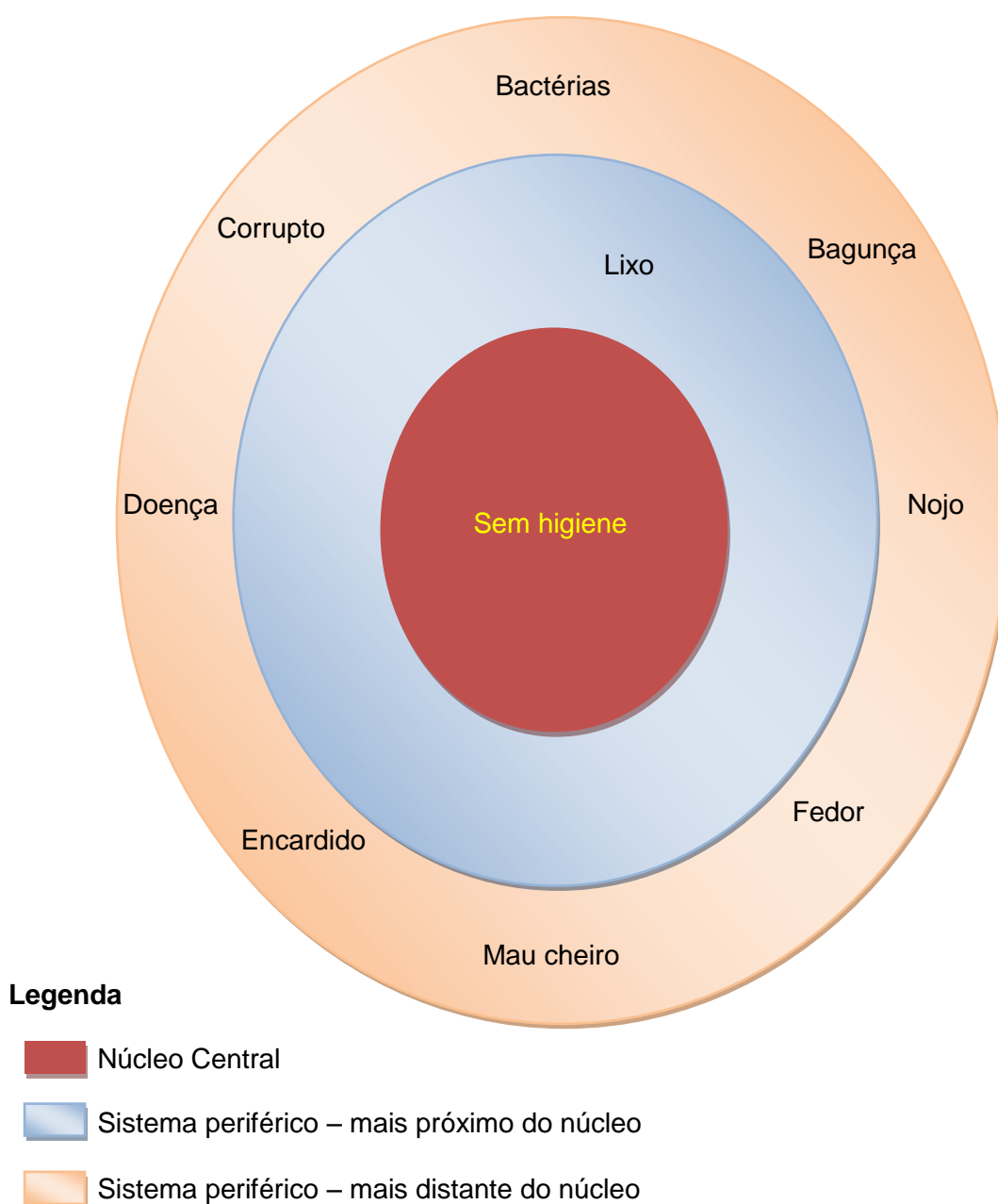
- Núcleo Central
- Sistema periférico – mais próximo do núcleo
- Sistema periférico – mais distante do núcleo

Os atributos que aparecem na Figura 3 são referentes àqueles que permaneceram até a última seleção do Tri-teste (Quadro 31): no centro, os atributos indicados por quatro sujeitos (25%): esgoto, descuido. A seguir, o indicado por dois

sujeitos (12,50%): fedor e, finalmente, aqueles indicados por um sujeito (6,25%): lixo, preguiça, falta de banho, doença, casa suja, nojento.

Pelos resultados pode-se perceber que, para os estudantes do Grupo I (iniciantes), a representação social de sujo tem o esgoto e o descuido no núcleo central e, no sistema periférico aparecem os outros atributos: fedor, seguido por casa suja, nojento, preguiça, falta de banho, lixo, doença.

Figura 4: Estrutura e organização da representação social do SUJO, na opinião de 16 estudantes do Grupo C (concluintes) que participaram do Tri-teste



Os atributos que aparecem na Figura 4 são referentes àqueles que permaneceram até a última seleção do Tri-teste (Quadro 32): no centro, o atributo indicado por seis sujeitos (37,50%): sem higiene. A seguir, o indicado por dois sujeitos (12,50%): lixo e, finalmente, aqueles indicados por um sujeito (6,25%): corrupto, bactérias, mau cheiro, doenças, encardido, mau cheiro, bagunça, nojo.

Pelos resultados pode-se perceber que, para os estudantes do Grupo C (concluintes), a representação social de sujo tem “sem higiene” no núcleo central e, no sistema periférico aparecem os outros atributos: lixo, seguido por mau cheiro, fedor, doença, encardido, corrupto, bactérias, bagunça e nojo.

Os estudantes de ambos os grupos têm representações sociais diferentes para sujo, visto que o núcleo central das representações é distinto, portanto, mesmo tendo alguns atributos em comum, a organização se faz de maneira diferente. Convém ressaltar que, embora esse grupo tenha no núcleo central um elemento referente ao saneamento básico (esgoto), em suas justificativas eles se preocupam com os aspectos visíveis desse componente.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

BLOCO TEMÁTICO: LIMPO

GRUPO I (iniciantes)

O quadro 34 a seguir apresentado, mostra as freqüências absolutas e relativas com que cada um dos atributos relativos ao limpo, anteriormente definidos (quadro 26), foram selecionados pelos estudantes do Grupo I (iniciantes). As freqüências correspondem ao número de indicações de cada atributo, em cada uma das etapas (16, 8, 4, 2 e 1). As porcentagens representam o resultado da divisão do número de indicações do atributo, em cada fase, pelo total de sujeitos.

Quadro 34: Atributos de limpo, segundo estudantes do Grupo I (iniciantes), em frequência simples e porcentagens.

Atributo (32)	1ª escolha (16)		2ª escolha (8)		3ª escolha (4)		4ª escolha (2)		5ª escolha (1)		Σ	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
	Agradável	15	93,75	9	56,25	3	18,75	3	18,75	2	12,50	32
Água	14	87,50	8	50,00	6	37,50	3	18,75			33	41,25
Asseio	13	81,25	7	43,75	5	31,25	3	18,75			28	35,00
Banho	15	93,75	12	75,00	5	31,25	2	12,50			34	42,50
Beleza	2	12,50	1	6,25							3	3,75
Bem estar	13	81,25	9	56,25	4	25,00	2	12,50			28	35,00
Bom	4	25,00	1	6,25							5	6,25
Bonito	6	37,50	2	12,50							8	10,00
Branco	4	25,00	1	6,25							5	6,25
Brilhante	6	37,50	2	12,50							8	10,00
Bucha	3	18,75									3	3,75
Casa	5	31,25	2	12,50	2	12,50	1	6,25	1	6,25	11	13,75
Céu	2	12,50									2	2,50
Cheiroso	14	87,50	8	50,00	1	6,25	1	6,25			24	30,00
Clareza	4	25,00	2	12,50	1	6,25					7	8,75
Corpo	7	43,75	1	6,25							8	10,00
Cuidado	13	81,25	6	37,50	3	18,75	2	12,50	1	6,25	25	31,25
Dignidade	2	12,50									2	2,50
Estado de espírito	7	43,75	3	18,75	3	18,75					13	16,25
Frescor	8		2	12,50	2	12,50					12	15,00
Saudável	5	31,25	2	12,50	1		1	6,25			9	11,25
Higiene	14	87,50	11		6	37,50	6	37,50	6	37,50	42	52,50
Honesto	2	12,50	1	6,25							3	3,75
Leveza	3	18,75									3	3,75
Limpeza	14	87,50	10	62,50	6	37,50	1	6,25	1	6,25	33	41,25
Mente	5	31,25	2	12,50							7	8,75
Natureza	8	50,00	4	25,00	2	12,50	1		1	6,25	16	20,00
Organização	9	56,25	6	37,50	2	12,50	2	12,50			19	23,75
Pureza	9	56,25	3	18,75	2	12,50	1	6,25	1	6,25	16	20,00
Sabonete	9	56,25	3	18,75	2	12,50					14	17,50
Satisfação	7	43,75									7	8,75
Saúde	14	87,50	10	62,50	8	50,00	3	18,75	1	6,25	36	45,00
TOTAL	256		128		64		32		16		496	

(N = 16)

Os atributos que permaneceram até o final foram: agradável, casa, cuidado, higiene, limpeza, natureza, pureza e saúde, sendo dois deles da categoria ambiente/local: casa e natureza; um da categoria práticas higiênicas: higiene, três na categoria sensações: agradável, limpeza e pureza; um da categoria saúde/doença: saúde e um da categoria outros: cuidado.

Esse quadro também aponta que, na somatória das indicações, os estudantes do Grupo I priorizam como atributos de limpo, a “higiene”, com 52,50% das indicações, seguido de “saúde” com 45% das indicações, “limpeza” e “água” com 41,25% das indicações, “agradável”, com 40% das indicações e “cuidado” com 31,25% das indicações.

Percebe-se que os estudantes valorizam os atributos de práticas higiênicas (higiene), de sensações (limpeza, agradável), de produtos/equipamentos (água), de

saúde/doença (saúde) e de outros (cuidado). Embora os atributos casa, natureza e pureza tenham permanecido até o final, eles não apresentaram valor expressivo, visto que totalizaram menos de 30% das indicações. Verifica-se também que os atributos “banho” (42,50%), “asseio” e “bem estar” (35% cada) e “cheiroso” (30%), embora tivessem recebido indicações expressivas, não permaneceram até a última escolha.

Quanto às justificativas pela escolha do atributo mais representativo de limpo, elas reforçam os atributos já destacados no 1º estudo. A transcrição das justificativas dos atributos mais valorizados confirma essa afirmação.

HIGIENE

“A palavra limpo me passa a ideia de higiene, coisas agradáveis de tocar, cheirar, degustar, etc.

“Porque quando se higieniza alguma coisa procura-se limpá-la”.

“Por eliminação, foi escolhido higiene. Uma coisa limpa, seja ela qual for, representa a preocupação com a higiene de quem a limpou”.

“Acredito que a palavra higiene representa bem a palavra limpo, pois quando pensamos em higiene, pensamos em limpeza, asseio, bem estar”.

“Ser higiênico significa estar limpo, estar organizado, ser cuidadoso consigo mesmo e com o ambiente onde se vive”.

“Pois se há higiene, o indivíduo se torna limpo”.

SAÚDE

“A pessoa que tem hábitos saudáveis e de higiene tanto física quanto mental, expressa um bom estado de espírito e o resultados é saúde, vitalidade”

LIMPEZA

“Porque resume todos os outros atributos”.

ÁGUA

“Porque para algo ficar limpo é preciso de água (quase sempre)”.

“Esse atributo foi escolhido porque ele é um essencial elemento para se estar limpo, e como dito nas outras questões, ele envolve os atributos como saúde, bem estar, etc”.

AGRADÁVEL

“É sempre um prazer você chegar a algum lugar limpo. É agradável você conviver com pessoas limpas e também é sempre bom você, depois de um dia de trabalho, chegar e encontrar sua casa limpa. Seu estado de espírito melhora só por isso”.

“É a sensação que tenho quando as coisas que estão ao meu redor estão limpas”.

CUIDADO

“Se você tem cuidado com as coisas, se preocupa, faz a sua parte para manter as coisas limpas e organizadas, de certa forma o seu estado de espírito fica bem e limpo”.

GRUPO C (concluintes)

O quadro 35, a seguir apresentado, mostra as frequências absolutas e relativas com que cada um dos atributos relativos ao limpo, anteriormente definidos (quadro 20), foram selecionados pelos estudantes do Grupo C (concluintes). As frequências correspondem ao número de indicações de cada atributo, em cada uma das etapas (16, 8, 4, 2 e 1). As porcentagens representam o resultado da divisão do número de indicações do atributo, em cada fase, pelo total de sujeitos.

Quadro 35: Atributos de limpo, segundo estudantes do Grupo C (concluintes), em frequência simples e porcentagens.

Atributo (32)	1ª escolha		2ª escolha		3ª escolha		4ª escolha		5ª escolha		Σ	
	(16)		(8)		(4)		(2)		(1)			
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Agradável	13	81,25	7	43,75	5	31,25	2	12,50	1	6,25	28	35,00
Água	12	75,00	10	62,50	4	25,00	4	25,00	1	6,25	31	38,75
Alta autoestima	5	31,25									5	6,25
Asseio	9	56,25	6	37,50	3	31,25	2	12,50			20	25,00
Banho	14	87,50	9	56,25	6	37,50	1	6,25			30	37,50
Bem estar	12	75,00	5	31,25	4	25,00	1	6,25	1	6,25	23	28,75
Bom	5	31,25	2	12,50							7	8,75
Bonito	5	31,25	1	6,25							6	7,50
Branco	3	31,25	3	31,25	1	6,25					7	8,75
Brilhante	3	31,25	2	12,50	1	6,25	1	6,25			7	8,75
Calma	5	31,25	1	6,25							6	7,50
Céu	1	6,25									1	1,25
Cheiro bom	13	81,25	8	50,00	3	31,25	1	6,25	1	6,25	26	32,50
Clareza	6	37,50	2	12,50	1	6,25					9	11,25
Consultório odontológico	4	25,00	1	6,25	1	6,25					6	7,50
Cuidado	10	62,50	9	56,25	1	6,25	1	6,25	1	6,25	22	27,50
Desejável	6	37,50	3	31,25	2		1	6,25			12	15,00
Desinfetado	9	56,25	3	31,25	1	6,25					13	16,25
Detergente	4	25,00	2	12,50	1	6,25	1	6,25			8	10,00
Educação	8	50,00	7	43,75	2	12,50	2	12,50	2	12,50	21	26,25
Esterilizar	11	68,75	4	25,00	2	12,50	1	6,25	1	6,25	19	23,75
Felicidade	4	25,00	1	6,25	1	6,25	1	6,25			7	8,75
Harmonia	7	43,75	2	12,50	1	6,25					10	12,50
Higiene	15	93,75	9	56,25	6	37,50	2	12,50	2	12,50	34	42,50
Honestidade	3	31,25	2	12,50	1	6,25					6	7,50
Lavado	11	68,75	3	31,25	1	6,25	1	6,25			16	20,00
Limpeza	15	93,75	9	56,25	6	37,50	3	31,25	3	31,25	36	45,00
Organização	5	31,25	1	6,25							6	7,50
Organizado	8	50,00	1	6,25							9	11,25
Perfume	8	50,00	4	25,00	2	12,50					14	17,50
Pureza	9	56,25	2	12,50	1	6,25	1	6,25	1	6,25	14	17,50
Saúde	13	81,25	9	56,25	7	43,75	6	37,50	2	12,50	37	46,25
TOTAL	256		128		64		32		16		496	

(N = 16)

Os atributos que permaneceram até o final foram: agradável, água, bem estar, cheiro bom, cuidado, educação, esterilizar, higiene, limpeza, pureza e saúde, sendo um deles da categoria produtos/equipamentos: água; três da categoria práticas higiênicas: esterilizar, higiene, limpeza, cinco na categoria sensações: agradável, bem estar, cuidado, pureza, limpeza; um na categoria odores: cheiro bom; um na categoria saúde/doença: saúde; um na categoria outros: educação.

Esse quadro também aponta que, na somatória das indicações, os estudantes do Grupo C priorizam como atributos de limpo, a “saúde” com 46,25% das indicações, seguido de “limpeza” com 45%, “higiene” com 42,50%, “água” com 38,75%, “agradável” com 35% e “cheiro bom” com 32,50% das indicações.

Percebe-se que os estudantes valorizam a saúde, práticas higiênicas (limpeza, higiene), sensações (agradável), odor (cheiro bom) e produtos/equipamentos (água).

Embora os atributos bem estar, cuidado, educação, esterilizar e pureza tenham permanecido até o final, eles não apresentaram valor expressivo, visto que totalizaram menos de 30% das indicações. Verifica-se também que o atributo “banho”, embora tivessem recebido indicações acima de 30%, não permaneceu até a última escolha.

Quanto às justificativas pela escolha do atributo mais representativo de limpo, elas reforçam os atributos já destacados no 1º estudo. A transcrição das justificativas dos atributos mais valorizados confirma essa afirmação.

SAÚDE

“Porque a saúde está associada à higiene e à limpeza”.

LIMPEZA

“Porque é uma palavra que traz à mente um conjunto de idéias relacionadas a coisas limpas”.

“Limpeza, pois caracteriza o limpo”.

“O limpo é consequência da limpeza, por isso para mim, o atributo limpeza é o mais significativo”.

HIGIENE

“Quanto mais limpo, mais agradável se torna o indivíduo ou coisa”.

“Pois para se ter higiene é necessário estar limpo. É necessário ter limpeza”.

ÁGUA

“Pois, mais uma vez, para a manutenção do nosso corpo, da vida, higiene e saúde do mundo”.

AGRADÁVEL

“Pois é agradável estar limpo”.

CHEIRO BOM

“Se eu sentir um cheiro bom, logo penso que algo está limpo e sinto que esse local é bom para que eu permaneça nele”.

“Porque eu tenho uma boa saúde, consigo manter o atributo limpo”.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Bloco Temático: Limpo

Os resultados do Tri-teste, referente ao limpo, tanto dos estudantes do Grupo I (iniciantes), como os do Grupo C (concluintes), mostram que os atributos que permaneceram até o final das escolhas, apontam as representações sociais construídas por esses estudantes, que representam o grupo de pertença dos sujeitos desta pesquisa.

Essas representações do limpo estão vinculadas aos cuidados com o corpo, à higiene corporal, à prevenção à saúde e às sensações. Rodrigues (2006, p. 121) aponta que as práticas higiênicas e as crenças fixam modelos que deverão ser seguidos pelas pessoas e, com isso, impedem que elas ultrapassem os limites estabelecidos para não desorganizarem a ordem simbólica. Diz ainda que “a própria assepsia corporal é também uma profilaxia simbólica” (p. 120), visto que os micróbios ameaçam não apenas a vida orgânica, mas também a vida social.

Para melhor visualização e comparação entre os dois grupos, apresentamos um quadro síntese dos atributos que permaneceram até o final das escolhas dos dois grupos pesquisados.

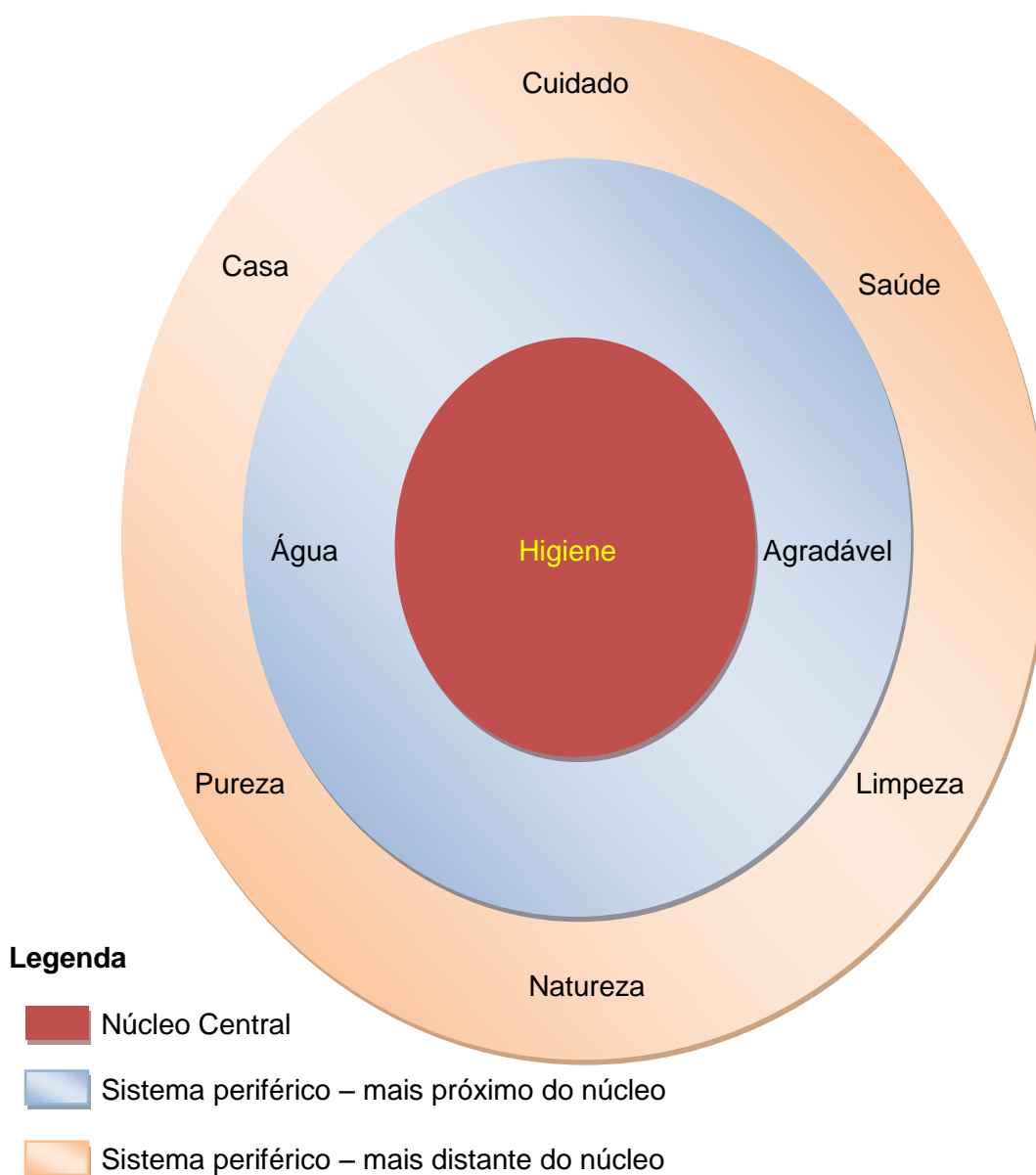
Quadro 36: Quadro comparativo dos atributos mais destacados no Tri-teste pelos estudantes do Grupo I (iniciantes) e C (concluintes).

Grupo I (N=16)			Grupo C (N=16)		
Atributos	Freq.	%	Atributos	Freq.	%
Agradável	32	40,00	Agradável	28	35,00
Água	33	41,25	Água	31	38,75
Casa	11	13,75	Bem estar	23	28,75
Cuidado	25	31,25	Cheiro bom	26	32,50
Higiene	42	52,50	Cuidado	22	27,50
Limpeza	33	41,25	Educação	21	26,25
Natureza	16	20,00	Esterilizar	19	23,75
Pureza	16	20,00	Higiene	34	42,50
Saúde	36	45,00	Limpeza	36	45,00
			Pureza	14	17,50
			Saúde	37	46,25

São comuns aos dois grupos, os atributos: agradável, água, cuidado, higiene, limpeza, pureza e saúde. Diferem quanto aos atributos: casa e natureza, apontados pelo Grupo I (iniciantes) e, bem estar, cheiro bom, educação e esterilização, apontados pelo Grupo C (concluintes).

Embora os dois grupos tenham atributos comuns, estes diferem em quantidade de indicações. Enquanto que para os iniciantes, no total das indicações, o atributo mais representativo de limpo é a higiene (52,50%), para os concluintes esse atributo teve 42,50% das indicações. Já para o Grupo C (concluintes), o atributo mais representativo de limpo é a saúde (46,25%), enquanto que para o Grupo I (iniciantes), esse atributo teve 45% das indicações. Isso fica evidente se representarmos o resultado final do tri-teste, de cada grupo, por meio de figuras, representadas a seguir:

Figura 5: Estrutura e organização da representação social de limpo, na opinião de 16 estudantes do Grupo I (iniciantes) que participaram do Tri-teste

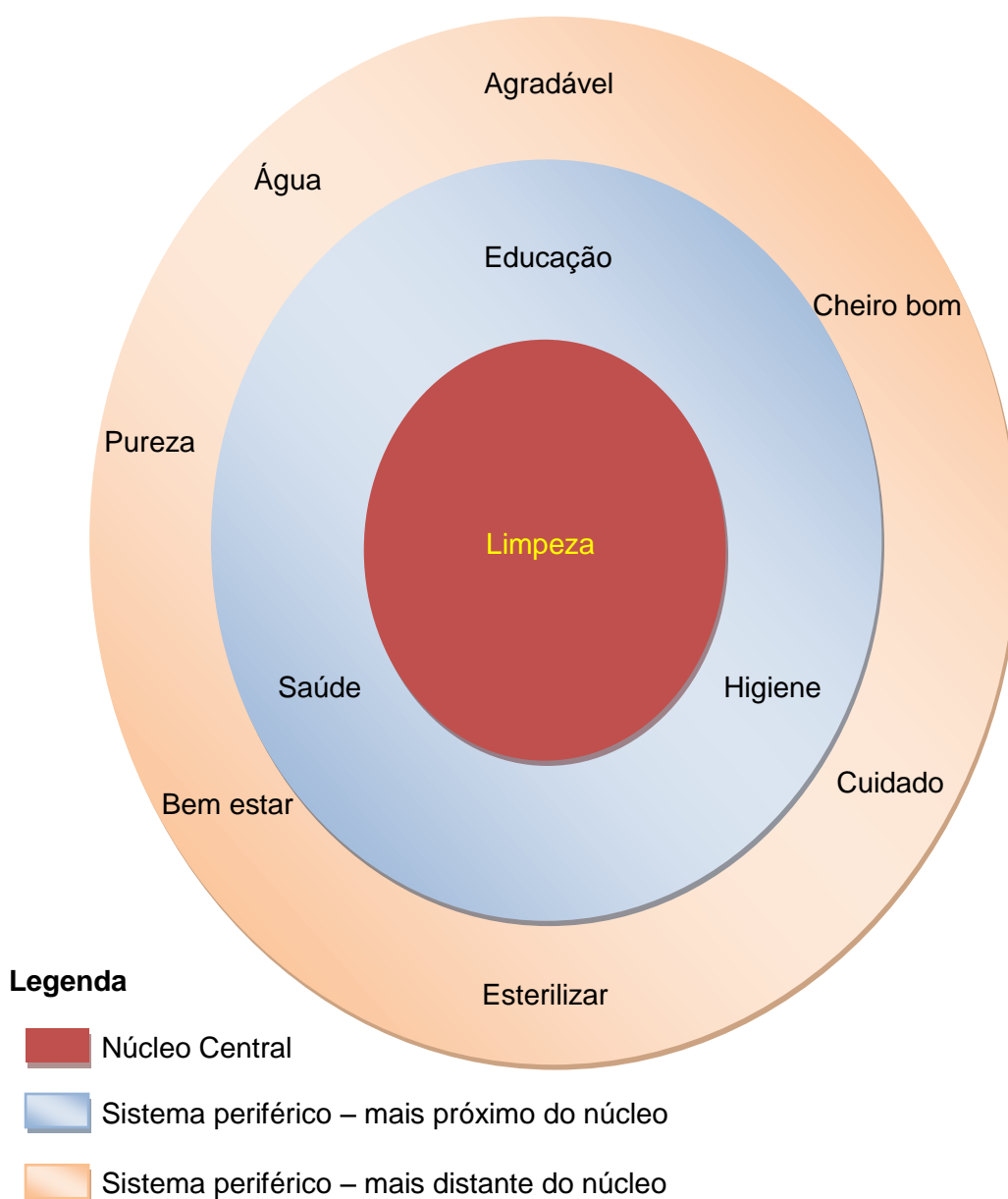


Os atributos que aparecem na Figura 5 são referentes àqueles que permaneceram até a última seleção do Tri-teste (Quadro 34): no centro, o atributo

indicado por seis sujeitos (37,50%): higiene. A seguir, os indicados por dois sujeitos (12,50%): água e agradável e, finalmente, aqueles indicados por um sujeito (6,25%): natureza, limpeza, pureza, casa, cuidado e saúde.

Os resultados indicam que, para os estudantes do Grupo I (iniciantes), a representação social do limpo tem a higiene no núcleo central e, no sistema periférico aparecem os outros atributos: agradável, água, seguidos de cuidado, saúde, limpeza, natureza, pureza, casa.

Figura 6: Estrutura e organização da representação social do limpo, na opinião de 16 estudantes do Grupo C (concluintes) que participaram do Tri-teste



Os atributos que aparecem na Figura 6 são referentes àqueles que permaneceram até a última seleção do Tri-teste (Quadro 35): no centro, o atributo indicado por três sujeitos (18,75%): limpeza. A seguir, os indicados por dois sujeitos (12,50%): saúde, higiene e educação e, finalmente, aqueles indicados por um sujeito (6,25%): bem estar, cuidado, esterilizar, pureza, água, agradável e cheiro bom.

Os resultados mostram que, para os estudantes do Grupo C (concluintes), a representação social do limpo tem a limpeza no núcleo central e, no sistema periférico aparecem os outros atributos: educação, saúde, higiene, seguidos por agradável, cheiro bom, cuidado, esterilizar, bem estar, pureza, água.

Embora as representações sociais de limpo, construídas pelos estudantes dos grupos I (iniciantes) e C (concluintes), têm atributos diferentes no núcleo central, “Higiene” para os iniciantes e “Limpeza” para os concluintes, de acordo com as justificativas apresentadas por eles, esses atributos são considerados como sinônimos, então podemos inferir que essas representações são semelhantes.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da higiene e do corpo nos mostra que as práticas de higiene se modificam de acordo com a época, o local e o contexto histórico. Da mesma forma, a percepção do corpo também se altera através dos tempos, de acordo com os interesses sociais. Assim, a percepção da higiene corporal passou (e passará) por inúmeras reformulações. Não se pode negar, no entanto, que esse processo de mudança, muitas vezes, foi acelerado em função de epidemias ou descobertas científicas que modificaram os hábitos higiênicos das pessoas e, conseqüentemente, a percepção que elas tinham da higiene e do corpo. Isso demonstra que a concepção de sujeira e limpeza são convenções instituídas cultural e socialmente e, portanto, as expectativas quanto à percepção dos futuros professores de ciências e biologia em relação à higiene corporal também passaram (e passarão) por inúmeras reformulações.

Estudos dessa natureza precisam e devem ser realizados, tendo em vista que os princípios básicos da teoria das representações sociais afirmam que “o conhecimento se transforma quando circula para além de seu próprio contexto de produção, em função da forma e dos meios como o mesmo é difundido” (COSTA, 1998: p. 165). Para Moscovici (1978: p. 26) as representações sociais, ao invés de impor uma experiência ou o conhecimento de outros, faz com que o conhecimento se mobilize em uma sociedade. Dessa maneira, a mobilização do conhecimento científico no universo social pode ocorrer de duas maneiras: vinculando-se a um sistema de valores, noções e práticas que permitem aos indivíduos se orientarem no meio social e material para, assim, dominá-lo ou também serve, aos membros dessa sociedade, como veículo de troca e de código para denominar e classificar partes do seu mundo, de sua história individual ou coletiva.

Ao longo deste estudo procuramos conhecer qual é a representação social da higiene corporal, construída pelos estudantes de licenciatura do curso de ciências biológicas. Para tanto, foi preciso verificar qual é a percepção de sujo e limpo que esses estudantes têm, visto que a higiene corporal está diretamente relacionada a esses

termos. Também foi possível identificar a concepção de corpo que os estudantes elaboram, do seu próprio corpo e do corpo do outro.

Procuramos mostrar também que a higiene corporal tem um caráter polissêmico, visto que pode assumir diferentes significados, ora se refere às práticas higiênicas, ora a aspectos morais, ora a traços de personalidade, podendo, ainda, sofrer transformações com o passar dos tempos. Isso ocorre porque as práticas de higiene são cultural e socialmente concebidas, variando, portanto, de acordo com a época, mentalidade e sensibilidade dos povos, eventos emergenciais, e outros fatores que possam desencadear mudanças na representação.

Podemos perceber, por exemplo, que ao longo do século XX, e no atual, foi sendo construída uma concepção de corpo em que se evidencia, por meio de imagens, da mídia (oral e escrita), da medicina, dos comportamentos, uma valorização do “eu”, ou seja, cada indivíduo tem em mãos a opção de escolha sobre o próprio corpo, embora ele possa ser influenciado pelo poder de persuasão dos meios de comunicação. Em uma época em que o corpo é visto por partes, devido aos transplantes e doação de órgãos, ainda assim, a decisão do que fazer com o seu corpo ou partes dele, está na mão de cada um.

Nesta pesquisa consideramos que as representações sociais dos licenciandos em ciências biológicas, a respeito da higiene corporal, por eles construídas, estão associadas mais aos aspectos estéticos e aos padrões de beleza vigentes, que aos cuidados com a saúde, pois é isso que foi socialmente instituído. E nessa mesma perspectiva, a representação desses estudantes, em relação ao sujo e ao limpo, também está associada aos padrões estéticos e na relação ordem/desordem. Essa suposição foi parcialmente confirmada, visto que, para os iniciantes do curso o “banho” se localiza no núcleo central da representação social de higiene corporal, dando assim significado à representação. Mas, para os concluintes do curso, quem se localiza no núcleo central da representação é “saúde”, embora na representação do “sujo” e do “limpo”, para esses estudantes, volta a prevalecer o aspecto visível: “sem higiene” e “limpeza”, respectivamente.

Neste estudo ficou evidenciado que, na percepção dos estudantes, a limpeza está relacionada com a organização. Esta relação entre limpeza e organização se faz presente nas respostas dos participantes da pesquisa, quando destacam como exemplo de algo limpo, um quarto ou casa arrumados e a organização dos espaços que freqüentam. Também destacam como exemplo do sujo, a bagunça e a desordem. Para

os estudantes pesquisados, a representação da sujeira e da limpeza pode assumir diferentes significados: ora eles se referem a aspectos morais, ora a traços de personalidade e ora ao ambiente. Aqui podemos ressaltar que apenas sete estudantes (quatro iniciantes e três concluintes) relacionam a higiene do corpo com as condições de higiene ambiental.

Uma outra relação, estabelecida pelos estudantes no 1º estudo, foi entre a higiene e a saúde. Essa vinculação da higiene corporal com a saúde e uma vida saudável pode estar relacionada aos cuidados com o corpo e à prevenção contra doenças. A perspectiva de uma vida saudável implica a existência de saneamento básico e manutenção das práticas de higiene pessoal. Isso está demonstrado no 2º estudo em que a saúde aparece entre os trinta e dois atributos mais salientes, tanto para higiene corporal (quadros 22 e 23), quanto para limpo (quadros 26 e 27), nos dois grupos de estudantes, embora com frequências distintas. Mas, quando se organizam essas representações (figuras 1, 2, 5 e 6), verifica-se que elas, apesar de estarem presentes nas representações desses sujeitos, se localizam em posições distintas.

Em relação à higiene corporal, para os concluintes do curso, a saúde está no núcleo central, enquanto que para os iniciantes, ela se localiza no sistema periférico mais interno da representação. Quanto ao limpo, para os concluintes do curso, a saúde se localiza no sistema periférico mais interno e, para os iniciantes, no sistema periférico mais externo, abrindo, portanto, a possibilidade de mudanças dessa representação.

Como essa parte do estudo foi aplicada aos alunos entre maio (iniciantes) e junho (concluintes) do presente ano e, em junho começaram a surgir os primeiros casos de mortes causadas pela gripe A. Nos perguntamos, será que os estudantes do Grupo C (concluintes) não foram contaminados pela euforia causada pela divulgação dessa possível epidemia e pela insistência dos meios de comunicação em ressaltar as práticas higiênicas a serem adotadas para evitar o contágio, principalmente a lavagem das mãos várias vezes ao dia?

Um outro dado interessante, observado na análise dos dados do estudo 1, foi a associação entre higiene corporal e os cabelos, mãos, unhas e pés, estabelecida pelos estudantes. Será que essa preocupação com os cabelos, os pés, as mãos e as unhas, por estarem na extremidade do corpo, não se vinculam ao imaginário de que as extremidades são sujas, requerendo, portanto, um cuidado especial? Como já foi comentado na introdução deste trabalho, Rodrigues (1995, p. 84) afirma que a sociedade estabelece categorias para classificar as pessoas e as coisas, sendo que tudo aquilo que

se localiza nos limites dessas categorias ou nas extremidades são sujos por definição, merecendo um cuidado maior. Então, será que a representação, construídas por eles sobre o sujo, o limpo e mesmo sobre o corpo, não estaria relacionada à idéia de eliminação do que é feio, disforme, violento, distante dos modelos convencionais estabelecidos pela sociedade?

Nesse sentido, uma outra constatação é que, em relação à concepção de corpo, ficou evidenciada a preocupação dos estudantes em relação os cuidados com o aspecto externo. Para o grupo de participantes da pesquisa, o corpo significa, entre outros, um “objeto” que merece cuidados, centrado, principalmente, nos aspectos externos. Isso é válido para os iniciantes do curso.

Podemos citar como exemplo, a questão aberta em que se questiona se eles fariam alguma alteração em seus corpos, por meio de procedimentos estéticos, dos 49 iniciantes, 27 deles disseram sim e, dos 22 que disseram não querer mudar nada em seus corpos, 13 deles são do sexo masculino. Dos 58 concluintes, 29 disseram sim e 29 disseram não, desses 11 são do sexo masculino. Portanto, dos 35 participantes da pesquisa (de ambos os grupos) do sexo masculino, 24 (68,5%) deles estão satisfeitos com os seus corpos, enquanto que dos 72 participantes do sexo feminino, 27 (37,5%) não querem mudar nada. Será que as mulheres não estão sendo influenciadas por padrões estéticos veiculados pela mídia, e com isso estão insatisfeitas com o próprio corpo?

Merece ressaltar também que, no 1º estudo, dos quarenta e nove estudantes do Grupo I (iniciantes), participantes desta pesquisa, apenas um rapaz indicou o pênis como 3ª evocação para a higiene corporal. Esse mesmo rapaz também indicou “genitália” como 5ª evocação. No grupo C (concluintes), ninguém mencionou os órgãos genitais. Será que a não indicação da “higiene íntima”, pela quase totalidade dos estudantes, não está ligada aos tabus que o sexo ainda representa?

Ao longo desta pesquisa procuramos mostrar que a higiene corporal, o sujo e o limpo são objetos do campo sócio cultural, por isso assumem significados distintos de acordo com o grupo, espaço e tempo em que se processa o estudo. Portanto, a percepção desses objetos sofre transformações tanto no universo reificado da ciência, quanto no universo consensual em que os sujeitos estão inseridos. No universo consensual, onde ocorrem as representações, estas se modificam de acordo com os grupos e com a penetração das informações advindas do meio científico.

Os resultados obtidos neste estudo indicam que para os licenciandos do curso de ciências biológicas, as representações de higiene corporal, sujo e limpo estão mais centradas nos aspectos visíveis e sentidos por eles e no que os outros percebem, do que nos aspectos relacionados à saúde individual ou coletiva. A presença de elementos que expressam aspectos morais, ideológicos e traços de personalidade indica que os termos sujo e limpo, são polissêmicos, visto que permitem distintas significações, dependendo da história de vida de cada sujeito e das informações veiculadas no meio social em que eles estão inseridos.

Este trabalho mostrou ainda que a Teoria das Representações Sociais possibilita a compreensão da dinâmica das interações entre os sujeitos e o meio social, além de permitir a verificação do significado das representações dos sujeitos em relação aos objetos estudados. Portanto, a utilização da Teoria das Representações Sociais, em estudos deste tipo, é válida e importante, visto que ela permite conhecer e analisar as representações que ocorrem nesse grupo social, para poder orientar e auxiliar esses estudantes quanto a aquisição de novos conhecimentos, ou mesmo, mobilizar os conhecimentos já adquiridos. Este trabalho não finaliza um estudo, mas abre possibilidades para outras pesquisas que queiram aprofundar os temas estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, J-C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In: A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (Orgs). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Editora. pp. 27-38.
- _____. (2001) O estudo experimental das representações sociais. In: D. Jodelet (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. pp. 155-171.
- ADAMETES, C. M. (2004). Trajetória de uma associação de catadores(as) de lixo no Brasil: em busca do lugar social. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Portugal: Coimbra.
- ALMEIDA, A.M.O. (2001). A pesquisa em representações sociais: fundamentos teórico metodológicos. **Ser social**, 9. pp. 129-158.
- ALMEIDA, A.R.S. (1991). **A emoção na sala de aula**. Campinas, São Paulo: Papirus.
- ANDRADE LIMA, T. (1996). Humores e Odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos II (3). Rio de Janeiro. Nov. 1995 – fev. 1996. pp. 44-96
- ARAGÃO, R.M.R.; CERRI, Y.L.N.S.; SCHNETZLER, R.P. (Orgs.). (2000). **Modelos de ensino: corpo humano, célula, reações de combustão**. Piracicaba: UNIMEP/CAPES/PROIN. 235 p.
- ARRUDA, A. (1998). **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes. 161 p.
- ASHCAR, R. (2006). **Banho: histórias e rituais**. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais. 104p.
- ASSMANN, Hugo. (1998). **Reencantar a Educação: Rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BASSINELLO, G.A.H. (2004). A saúde nos parâmetros curriculares nacionais: considerações a partir dos manuais de higiene. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.6, n.1, p.34-48, dez.
- BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais /Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 138p.

BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: saúde** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. 42p.

BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. 436p.

BUENO, E. (2007). **Passado a limpo: história da higiene pessoal no Brasil.** São Paulo: Gabarito. 79p.

BUSS, P.M. (2000). Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro. v. 5, n 1, pp. 163-177.

CAMPOS, P. H. F., (2003). A abordagem estrutural e o estudo das relações entre práticas e representações sociais. In: Pedro Humberto Faria Campos, Marcos Corrêa da Silva Loureiro (Orgs.). **Representações sociais e práticas educativas.** Goiânia: Ed. da UCG.

CESCONETO, E. A. (2004). Catadores de lixo: uma experiência da modernidade no oeste paranaense (Toledo, 1980/1999). In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.** Publicação online. Disponível na Internet: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/eugeniaCesconeto1.pdf>. Acesso em 20 agos. 2007.

CORREA, M.S. (2003). Limpeza e higiene através dos tempos. **Informativo da Escola da Nutrição** – UF de Ouro Preto – Minas Gerais (online) – nov. Publicação online. Disponível em: <http://www.enut.ufop.br/nutline/artigos/artigo07/artigo07.html>. Acesso em 9 nov. 2007.

COSTA, W. A. (1998). **A construção social do conceito de bom professor.** Dissertação de Mestrado. Cuiabá, UFMT. 300p.

COSTA, W. A., ALMEIDA, A.M.O. (s/d). **Teoria das Representações Sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais.** Publicação online. Disponível online em: http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/as_teorias_das_repres.html. Acesso em 9 nov. 2007.

COSTALAT- FOUNEAU, A.M., PICOT, M.C., HAUCHARD, D., KLIMEKOVA, M., FAVIER, F. (2002). Représentations du corps et de l'alimentation chez une population de femmes de plus de 75 ans. **Textes sur les représentation sociales**, v. 11, p. 4.1-4.11.

DEMO, P. (2004). **Universidade, aprendizagem e avaliação**: horizontes reconstrutivos. Porto Alegre: Mediação. 158 p.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. (1637). Trad. Enrico Corvisieri. Digitalizado pelos membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Versão eletrônica do livro. Disponível online em: <http://br.egroups.com/group/acropolis>. Acesso em 2 dez. 2007

DOISE, W. (2001). Atitudes e representações. In: D. Jodelet (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. pp. 187-204.

DOUGLAS, M. (1976). **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva. 213p.

_____. (1992). La pureté du corps. **Opus Corpus**: Anthropologie des Apparences Corporelles. Terrain, n 18.

ECO, H. (2004). **História da beleza**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record. 438 p.

FERNANDES, F., LUFT, C.P., GUIMARÃES, F.M. **Dicionário Brasileiro Globo**. 54 ed. São Paulo: Globo, 2001.

FRANCO, M.L.P.B. (2004) Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, jan./abr. pp. 170-186.

GAUER, R.M.C. (2005). Da diferença perigosa ao perigo da igualdade: Reflexões em torno do paradoxo moderno. **Civitas**: Porto Alegre, v. 5 n. 2 jul.-dez. pp. 399-413.

GILLY, M. (2001). As representações sociais no campo da educação. In: D. Jodelet (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. pp. 321-341.

GUIMELLI, C. (1994). Transformação das representações sociais, novas práticas e esquemas cognitivos de base. In: C. Guimelli. **Structures et transformations des représentations sociales**. Lausanne: Delachaux et Niestlé. Tradução de José Delfino da Silva Lima, com colaboração de Maria do Socorro Martins Lima, revisado por Ângela Maria de Oliveira Almeida. pp. 171-198.

HELLER, A. **Sociología de la vida cotidiana**. (1977). Barcelona, Península. 418 p.

JODELET, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. Jodelet (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. pp. 17-19.

_____. (2005). **Loucuras e representações sociais**. Prefácio de Serge Moscovici. Tradução de Lucy Magalhães, Petrópolis, RJ: Vozes. 391p.

LE BRETON, D. (2006). **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M.S.Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes. 101p.

LEFÈVRE, A.M.C., RIBEIRO, A.F., MARQUES, G.R.A.M., SERPA, L.L.N. & LEFÈVRE, F. (2007). Representações sobre dengue, seu vetor e ações de controle por moradores do Município de São Sebastião, Litoral Norte do Estado de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23(7):1696-1706, jul.

LIMA, M. L. J. P. (1993). Atitudes. In: J. Vala & M.B.Monteiro (coord.) **Psicologia Social**. Lisboa: Calouste Gulbekian. pp. 167-199.

MALYSSE, S. R. G. (2000). Um véu nos olhos: reflexões do outro lado das imagens do corpo. **Omnes Urbes**, www.cfh.ufsc.br, v. Ano 2, n. 2.

_____. (2004). Trocando olhares: normas e interações visuais. **Opus Corpus**, v. 1, pp. 1-10.

MANDRESSI, R. (2008). Dissecções e Anatomia. In. Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello (orgs). **História do Corpo: da Renascença às Luzes**. Tradução de Lúcia M. E. Orth. v. 1. Petrópolis, RJ: Vozes. pp. 411-440.

MARANHÃO, D.G. (2000). O processo saúde-doença e os cuidados com a saúde na perspectiva dos educadores infantis. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 16(4):1143-1148, out-dez.

MATTOS, R.M., FERREIRA, R.F. (2004). Quem vocês pensam que (elas) são? – Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociologia**. Porto Alegre, v.16 n.2. pp. 47-58. maio/ago.

MENASCHE, R. (2004) Alimentos transgênicos: no meu prato, não? **DEMOCRACIA VIVA** Nº 26

MINTZ, S. W. (2001). Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira Ciências Sociais**. v.16, n.47, São Paulo. Oct.

MORIAU, D. (1977). Le corps medicalise. **Quel corps?** Paris: Les Editions de La Passion. p. 128-145.

MOSCOVICI, S. (1963). Attitudes and opinions. **Annual Review of Psychology**, n. 14. pp. 231-269.

_____. (1978). **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. 291 p.

_____. (2003). **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes. 404 p.

NUNES, A.L.B.P., CUNHA, A.M.O. Coletores de lixo e enteroparasitoses: o papel das representações sociais em suas atitudes preventivas. **Ciência e Educação**, v. 12, n. 1, pp. 25-38.

PAIXÃO, L. P. (2005). Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 124, pp. 141-170. jan./abr.

PERRENOUD, F. (2002). **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed. 231 p.

POZO, J.I. (2002). **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed. 296 p.

PURVES, W.K.; SADAIVA, D.; ORIANIS, G.H.; HELLER, H.C. (2002). **Vida**: a ciência da biologia. Trad. Anapaula Somer Vinagre...[et al]. 6 ed. Porto Alegre: Artmed. 1126 p.

QUINTELA, M.M. (2003). Banhos que curam: práticas termais em Portugal e no Brasil. **Etnográfica**, v. VII (1), pp. 171-185.

ROCHA. H.H.P. (2003). Educação escolar e higienização da infância. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 39-56, abril 2003. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> . Acesso em 15 set. 2009.

_____. (2008). Educação escolar no debate internacional. Cultura Escolar Migrações e Cidadania. In: **Actas do VII Congresso LUSOBRASILEIRO de História da Educação**. 20 23 Junho 2008, Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto). pp. 1-13.

ROCHA, H. H. P.; MARQUES, V. R. B. (2006). A produção do aluno higienizado. In: **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, Uberlândia. pp. 1-9.

RODRIGUES, J. C. (1995). **Higiene e ilusão**. Rio de Janeiro. NAU. 112p.

_____. (1999). **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 197p.

_____. (2006). **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 154p.

ROSA, S.O. (2006). Da violência, da pureza e da ordem. **Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar** (Cesim-MT/DCS/UEM), Maringá, PR, n. 9, abr./mai./jun./jul.

ROUQUETTE, M-L. (2000). Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. In: Antonia Silva Paredes Moreira, Denize Cristina de Oliveira (Orgs). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2 ed. Goiânia: AB. 328 p.

SÁ, C. P. (1993). Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: M. J. Spink (org.) **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense. pp. 19-45.

_____. (1996). O campo de estudos das representações sociais. In: C. P. Sá. **Núcleo Central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, pp. 13-50.

_____. (1998). **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 110 p.

SACRAMENTO, M.H. & FERRERIA, S.M.B. (2004) O educador e a linguagem: interação e aprendizado. **Revista Humanidades**, Brasília, v. I, n. 2 - Novembro - ISSN 1807-538X. Publicação online. Disponível em www.humanidades.ucb.br. Acesso em 10 jun. 2007.

SACRISTÁN, J. G. (1999). **Poderes Instáveis em Educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 287 p.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SHIMAMOTO, D.F., LIMA, E.F. (2006). As representações sociais dos professores de ciências sobre o corpo humano. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 147-165, Abril.

SILVA, A.M. (1999). Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Cadernos CEDES**, vol.19, n.48, Campinas, SP: Agosto.

SOARES, J.L. (1999). **Biologia no terceiro milênio 3: seres vivos, evolução, ecologia**. São Paulo: Scipione. 504 p.

SOUZA, N.G.S.; CAMARGO, T.S. (2009). O corpo no ensino de ciências: serão possíveis outras abordagens? In: VII **Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências**, UFSC: VII ENPEC, 8 a 13 nov. Disponível em: <http://www.foco.fae.ufmg.br/conferencia/index.php/enpec/viiienpec/paper/viewFile/671/319> Acesso em 15 nov. 2009.

SÜSKIND, P. (1985). **O perfume**. Tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Record/Altaya. 255p.

TALAMONI, A.C.B.; BERTOLLI FILHO, C. (2005). Representações sociais do corpo humano: desafios e implicações para o ensino de ciências. In: **V Encontro Nacional de**

Pesquisas em Educação em Ciências, 2005, Bauru. Atas do V ENPEC. Bauru : ENPEC, 2005. v. 1. p. 1-12.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. (2008). **Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Biológicas**: Licenciatura e Bacharelado. Brasília. 96p.

VIVENTE, M.X. (2009). Gripe A diminui casos de outras doenças contagiosas em Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 set. Caderno Saúde. Disponível em: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/gripea/conteudo.phtml?id=927934> Acesso em 13 nov. 2009.

VIGARELLO, G. (1996). **O limpo e o sujo**: uma história de higiene corporal. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes. 297p.

_____. (2006). **História da beleza**. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro. 247 p.

_____. (2008). Higiene do Corpo e Trabalho das Aparências. In. Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello (Orgs). **História do Corpo**: da Revolução à Grande Guerra. Tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen. v. 2. Petrópolis, RJ: Vozes. pp. 375-392.

ZAIA, D. A. M. (2003). Da geração espontânea à química prebiótica. **Revista Química Nova**, Londrina, Universidade Estadual de Londrina, v. 26, n. 2, pp. 260-264.

WOSNY, A.M.; ERDMAN, A.L.; BELLI FILHO, P.; LEITE, J.L. (2008). Estética dos odores: o sentido do olfato e a enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, 2008. Disponível em:

http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000200023&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 19 Out. 2009.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

Este material **não** é um teste, portanto, não há respostas certas ou erradas para os itens apresentados. Por favor, responda da forma mais completa e honesta possível. Coloque a sua resposta em **todos** os itens do instrumento e não precisa se identificar. Agradeço a colaboração.

Mercia Helena Sacramento

DADOS PESSOAIS

Indique os seguintes dados referentes a **você**:

Sexo		Masculino	Idade	anos	Religião	
		Feminino	Estado civil		Semestre que está cursando	
Estado nasceu	em	que		Estado em que passou a infância		
Região Administrativa que mora atualmente						
Seu peso				Sua altura		

1. a) Escreva 5 (cinco) palavras que lhe vêm à mente quando você pensa em “higiene corporal”.

--	--	--	--	--

b) Escolha uma das palavras acima que mais representa a expressão “higiene corporal”.

c) Justifique a sua escolha: _____

2. a) Escreva 5 (cinco) palavras que lhe vêm à mente quando você ouve o termo “sujo”.

--	--	--	--	--

d) Escolha uma das palavras acima que mais representa o termo “sujo”. _____

e) Justifique a sua escolha: _____

3. a) Escreva 5 (cinco) palavras que lhe vêm à mente quando você ouve o termo “limpo”.

--	--	--	--	--

b) Escolha uma das palavras acima que mais representa o termo “limpo”. _____

c) Justifique a sua escolha: _____

4. a) Descreva a imagem que prontamente vem à sua mente quando se fala em sujo. _____

b) O que você sente na presença disso? _____

c) Por quê? _____

5. A sujeira é uma coisa ruim? Sim () Não () Por quê? _____

6. Cite uma situação em que a sujeira pode ser prejudicial. _____

7. a) Descreva a imagem que prontamente vem à sua mente quando se fala em limpo. _____

b) O que você sente na presença disso? _____

c) Por quê? _____

8. a) Você se considera uma pessoa limpa? Sim () Não () Por quê? _____

b) O que te dá a sensação de limpeza? _____

c) E a de sujeira? _____

9.a) Descreva uma situação em que você teve contato direto com uma pessoa que você considera suja.

b) O que você sentiu? _____

c) O que fez depois? _____

10. a) Com qual cor você associa a sujeira? _____

b) Por quê? _____

c) Com qual cor você associa a limpeza? _____

d) Por quê? _____

11.a) Qual é o aspecto da sujeira? _____

b) Qual é o aspecto da limpeza? _____

12. a) Que cheiro tem a sujeira? _____

b) Que cheiro tem a limpeza? _____

13. Imagine que você tenha à sua disposição, gratuitamente, uma equipe médica especializada em procedimentos estéticos. Você alteraria alguma coisa em sua aparência?

a) Sim () Não ()

b) O que você mudaria? _____

c) Justifique a sua resposta _____

14. Quais os cuidados que você tem com o seu corpo? _____

Muito Obrigada!

ANEXO 2:

Planilhas para coleta de dados para utilização no Tri-teste

GRUPO I – SUJO

atributo	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
	esc.	esc.	esc.	esc.	esc.
	16	8	4	2	1
Bactéria					
Casa suja					
Descuido					
Desordem					
Doença					
Esgoto					
Falta de banho					
Fedor					
Feio					
Fezes					
Grudento					
Lama					
Lixo					
Mãos					
Marrom					
Mendigo					
Miséria					
Morador de rua					
Moscas					
Nojento					
Nojo					
Pés					
Pobreza					
Poeira					
Porco					
Preguiça					
Repugnância					
Restos					
Roupa suja					
Ruim					
Suor					
Terra					

Justifique porque o atributo da última coluna mais representa o sujo. O que ele significa para você?

GRUPO I – LIMPO

atributo	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
	esc.	esc.	esc.	esc.	esc.
	16	8	4	2	1
Agradável					
Água					
Asseio					
Banho					
Beleza					
Bem estar					
Bom					
Bonito					
Branco					
Brilhante					
Bucha					
Casa					
Céu					
Cheiroso					
Clareza					
Corpo					
Cuidado					
Dignidade					
Estado de espírito					
Frescor					
Higiene					
Honesto					
Leveza					
Limpeza					
Mente					
Natureza					
Organização					
Pureza					
Sabonete					
Satisfação					
Saudável					
Saúde					

Justifique porque o atributo da última coluna mais representa o limpo. O que ele significa para você?

GRUPO C – HIGIENE CORPORAL

atributo	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	
	esc.	esc.	esc.	esc.	esc.	
	16	8	4	2	1	
Agradável						
Água						
Aparência						
Asseio						
Banho						
Beleza						
Bem estar						
Branco						
Cabelos						
Cheiroso						
Chuveiro						
Convívio						
Cotonete						
Creme						
Creme dental						
Cuidado						
Dentes						
Desodorante						
Educação						
Escova dental						
Espanja						
Espuma						
Essencial						
Estética						
Harmonia						
Limpeza						
Perfume						
Pureza						
Roupa limpa						
Sabonete						
Saúde						
Xampu						

Justifique porque o atributo da última coluna mais representa a higiene corporal.
O que ele significa para você?

GRUPO C – SUJO

atributo	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	
	esc.	esc.	esc.	esc.	esc.	
	16	8	4	2	1	
Bactérias						
Bagunça						
Barata						
Cansaço						
Corrupto						
Desagradável						
Descuido						
Desleixo						
Doença						
Encardido						
Escuro						
Fedido						
Fedor						
Feio						
Gorduras						
Imundo						
Inadimplente						
Incômodo						
Lama						
Lixo						
Mau cheiro						
Mendigo						
Morador de rua						
Nojento						
Nojo						
Pobreza						
Poeira						
Rejeitado						
Relaxado						
Sem higiene						
Suor						
Terra						

Justifique porque o atributo da última coluna mais representa o sujo. O que ele significa para você?

GRUPO C – LIMPO

atributo	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
	esc.	esc.	esc.	esc.	esc.
	16	8	4	2	1
Agradável					
Água					
Alta auto estima					
Asseio					
Banho					
Bem estar					
Bom					
Bonito					
Branco					
Brilhante					
Calma					
Céu					
Cheiro bom					
Clareza					
Consultório odontológico					
Cuidado					
Desejável					
Desinfetado					
Detergente					
Educação					
Esterilizar					
Felicidade					
Harmonia					
Higiene					
Honestidade					
Lavado					
Limpeza					
Organização					
Organizado					
Perfume					
Pureza					
Saúde					

Justifique porque o atributo da última coluna mais representa a higiene corporal.
O que ele significa para você?
